

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

JOÉLIO FARIAS MAIA

**O PAMPA GAÚCHO E A CONTRIBUIÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA
FAMILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

Santana do Livramento

2022

JOÉLIO FARIAS MAIA

**O PAMPA GAÚCHO E A CONTRIBUIÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA
FAMILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração, linha de pesquisa Organizações e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Troian

(FOLHA PARA FICHA CATALOGRÁFICA)

JOÉLIO FARIAS MAIA

**O PAMPA GAÚCHO E A CONTRIBUIÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA
FAMILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Administração, linha de pesquisa Organizações e Desenvolvimento.

Orientadora: Prof.^a Dra. Alessandra Troian

Dissertação defendida em: 23 de junho de 2022.

Banca examinadora:

Dr.^a Alessandra Troian
Orientadora
PPGA/Unipampa

Dr. João Garibaldi Viana
PPGA/Unipampa

Dr. Márcio Zamboni Neske
PPGAS/UERGS

“Dedico este trabalho primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por ter me dado a persistência, talvez a minha melhor qualidade. Ao meu Pai Joel e minha Mãe Fátima, por tudo que sempre fizeram por mim. Pela criação, educação, caráter e valores, os quais tenho muito apreço. Às minhas irmãs Aline e Alice, minhas grandes incentivadoras e exemplos de determinação. À pequena Giovanna, minha sobrinha, que é a pureza e beleza em forma de bebê. Mas acima de tudo, a todos eles, pela compreensão, por saber que nunca estive só! Todos sem nunca medir esforços para que eu chegasse até esta etapa de minha vida, e se essa vida assim desejar, irei mais longe, sempre. Dedico também aos meus avós e amigos, e que todos possam desfrutar dessa vitória, a qual me enche de orgulho e gratidão”.

AGRADECIMENTOS

A experiência que vivi durante a realização do mestrado, foi intensa, marcante e muito gratificante. Foi uma jornada de muita dedicação, empenho e esforço fora do comum para conseguir atingir o objetivo, ser Mestre em Administração. Por muitas vezes pensei que não conseguiria, pois a carga era grande, afinal tive que me dividir dia a dia, ao curso de mestrado, à minha família e ao meu trabalho. E ninguém, ninguém sabe o quanto isso foi difícil e o preço que custou. Mas, foi sim um tempo muito bom em minha vida, imergi fortemente em estudos, teorias, desafios e por aí vai. Tive muitas convicções confirmadas durante minha pesquisa, à qual me proporcionou uma experiência incrível, pois as noções e conceitos teóricos foram extrapolados e vivenciados em sua plenitude.

Agradeço à minha orientadora Prof. Dra. Alessandra Troian, que sem medir esforços aceitou esse desafio, o qual teve que se dedicar além de sua rotina e seus horários. Pelos ensinamentos, pela paciência, pela compreensão. Aprendi muito contigo Alessandra, sobre estudos, sobre pesquisa, sobre a dissertação e sobre a vida. Tenha certeza, que essa nossa convivência foi muito importante para mim, muito marcante e gratificante. És uma amizade que cultivarei daqui para frente.

Agradeço à Universidade Federal do Pampa e ao Programa de Pós-Graduação em Administração – PPGA, pela oportunidade de realização do curso de mestrado. Agradeço aos demais professores do Programa de Pós-Graduação em Administração, por toda dedicação e empenho durante o curso, observando ainda, todas as peculiaridades do tempo vivenciado durante a pandemia de Covid-19. Reconheço aqui o esforço e dedicação dos docentes e coordenadores do curso. Agradeço às minhas amigas e companheiras desta caminhada acadêmica: Geise Loreto Laus Viega e Mitali Daian Alves Maciel, pela ajuda, parceria e amizade durante esse breve tempo.

Agradeço à minha família, em especial a meu Pai Joel, minha Mãe Fátima e minhas Irmãs Aline e Alice, que são a base de tudo em minha vida e criaram todas as condições para eu chegar até aqui. Por todo incentivo, companheirismo e dedicação. Mas acima de tudo, pela compreensão sobre o momento que vivenciei, por saber que muitas vezes tive que priorizar ficar ao lado de meu computador do que ao lado deles. Esse preço é alto, pois é cobrado em tempo.

Agradeço aos meus grandes amigos, Profa. Dra. Shirley Grazieli da Silva Nascimento e Prof. Dr. Daniel Hanke, que foram grandes incentivadores e contribuíram para que eu ingressasse no mestrado. Foram meus mestres e orientadores na graduação e na especialização,

e sempre me incentivaram e apoiaram para que seguisse a jornada acadêmica, eles sempre disseram que só dependia de mim.

Agradeço aos agricultores e aos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho, os quais foram muito receptivos e calorosos durante minhas visitas. Eles foram imprescindíveis para a realização desse estudo.

Por fim, aos amigos, colegas de curso e demais pessoas que de uma forma ou de outra colaboraram para que tudo desse certo, exatamente como era pra ser!

“Não sabendo que era impossível, foi lá e fez.”

Jean Cocteau

RESUMO

O PAMPA GAÚCHO E A CONTRIBUIÇÃO DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA FAMILIAR NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL

O Pampa Gaúcho é um vasto território carregado de características materiais e imateriais, que se consolidam como potencialidades e oportunidades para a agricultura e pecuária familiar agroecológica. Entretanto, o território vem sofrendo transformações ambientais, causadas principalmente pela inserção da agricultura moderna. Nesse sentido, torna-se fundamental a busca por modelos de desenvolvimento que respeitem a dinâmica local e revelem potencialidades inerentes ao Pampa Gaúcho, ou seja, o desenvolvimento territorial. Diante disso, a presente proposta de estudo tem o intuito de analisar a contribuição da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no processo de desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho. De forma específica, buscou-se: a) caracterizar os agricultores e pecuaristas familiares e as unidades familiares de produção agroecológica; b) identificar os aspectos materiais e imateriais presentes na agricultura e pecuária familiar agroecológica; e c) averiguar as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no desenvolvimento territorial. Metodologicamente, a pesquisa tem abordagem qualitativa, de caráter exploratório e como método de estudo de caso. Quanto à elaboração, se deu a partir das seguintes técnicas de coletas de dados: entrevistas semiestruturadas e observação não-participante, combinadas com a utilização da travessia e do diário de campo. Foram realizadas 15 entrevistas semiestruturadas a partir de roteiros elaborados previamente, quatro entrevistas com agentes de desenvolvimento e onze entrevistas com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos. Os participantes da pesquisa foram selecionados por conveniência ou através de indicações. A coleta de dados se deu entre outubro de 2021 e fevereiro de 2022. O material produzido durante a coleta de dados foi averiguado com o uso da análise de conteúdo, a qual possibilitou a identificação de categorias, sendo que o conteúdo resultante foi agrupado sem prévia determinação. Fez-se uso ainda, da triangulação dos métodos para análise do material. Os resultados identificam que há contribuições ao desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho, tanto pela agricultura, quanto pela pecuária familiar agroecológica. De forma geral, a agricultura familiar agroecológica está mais relacionada com os atributos materiais do território, e desses fatores pautando seus modos de vida e de produção no Pampa Gaúcho. Já a pecuária familiar agroecológica, está relacionada aos atributos materiais do território, a partir da adaptação aos recursos naturais disponíveis, porém mais atrelada ao contexto dos atributos imateriais, fazendo dessa combinação de fatores um modo de vida. Sobre os movimentos territoriais no Pampa Gaúcho, a pecuária familiar agroecológica está mais próxima da territorialização e territorialidade, fenômenos consolidadores do território, em seu estado original. A agricultura familiar agroecológica, por sua vez, está mais relacionada ao que pode se aproximar dos movimentos de desterritorialização e reterritorialização, no sentido de provocar um novo contexto de vida, mas sem desconsiderar atributos materiais e imateriais do território.

Palavras chaves: Agroecologia; Atributos materiais; Atributos imateriais; Território.

ABSTRACT

THE *PAMPA GAÚCHO* AND THE CONTRIBUTION OF FAMILY AGRICULTURE AND FAMILY CATTLE BREEDERS TO THE TERRITORIAL DEVELOPMENT PROCESS

The *Pampa Gaúcho* is a vast territory loaded with material and immaterial characteristics, which are consolidated as potentialities and opportunities for agroecological family agriculture and cattle ranching. However, the territory has been undergoing environmental transformations, caused by the insertion of modern agriculture. In this sense, the search for development models that respect the local dynamics and reveal the inherent potentialities of the *Pampa Gaúcho*, that is, territorial development, becomes fundamental. Therefore, this study aims to analyze the contribution of agro-ecological family agriculture and family cattle breeders in the process of territorial development in *Pampa Gaúcho*. Specifically, we sought a) to characterize family farmers and family cattle breeder's units of agro-ecological production; b) to identify the material and immaterial aspects present in agro-ecological family agriculture and family cattle breeders; and c) to investigate the contributions of agro-ecological family agriculture and family cattle breeders in territorial development. Methodologically, the research has a qualitative approach, of exploratory character and the case study method. As for the elaboration, it was based on the following data collection techniques: semi-structured interviews and non-participant observation, combined with the use of the traverse and the field diary. Fifteen semi-structured interviews were carried out based on previously developed scripts, four interviews with development agents, and eleven interviews with agro-ecological family farmers and family cattle breeders. The research participants were selected by convenience or through indications. Data collection took place between october 2021 and february 2022. The material produced during data collection was verified using content analysis, which allowed the identification of categories, and the resulting content was grouped without previous determination. Triangulation of methods was also used to analyze the material. The results identify that there are contributions to the territorial development of the *Pampa Gaúcho*, both through agriculture and through agro-ecological family cattle breeders. In general, agro-ecological family agriculture is more related to the material attributes of the territory, and these factors guide their way of life and production in the *Pampa Gaúcho*. Agro-ecological family cattle breeders livestock farming, on the other hand, is related to the material attributes of the territory, based on the adaptation to the available natural resources, but more tied to the context of the intangible attributes, making this combination of factors a way of life. Regarding territorial movements in *Pampa Gaúcho*, agro-ecological family cattle breeders is closer to territorialization and territoriality, consolidating phenomena of territory in its original state. Agro-ecological family farming, in turn, is more related to what may come close to the movements of deterritorialization and reterritorialization, in the sense of provoking a new context for living, but without disregarding material and immaterial attributes of the territory.

Keywords: Agroecology; Material attributes; Immaterial attributes; Territory.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa de localização dos participantes do estudo no Pampa Gaúcho.....	60
Figura 2 – Desenho da Pesquisa.....	66
Figura 3 – Esquema sobre a inserção dos participantes do estudo no Pampa Gaúcho.....	78

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Cultivos olerícolas praticados pelos agricultores familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	85
Imagem 2 - Cultivos frutíferos praticados pelos agricultores familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	86
Imagem 3 – Cultivos praticados pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	86
Imagem 4 - Atividades pecuárias destinadas a comercialização praticadas por agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	87
Imagem 5 – Outras atividades pecuárias destinadas a comercialização praticadas por agricultores e por pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	88
Imagem 6 – Criações pecuárias para o consumo interno dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	89
Imagem 7 - Produções agroindustriais e artesanais combinadas com alimentos <i>innatura</i> produzidas por agricultores familiares agroecológicos no Pampa Gaúcho.....	90
Imagem 8 – Artigos para vestuário em lã ovina produzidos por artesãos do Pampa Gaúcho..	90
Imagem 9 - Sistemas de cultivos agroecológicos em estufas no Pampa Gaúcho.....	97
Imagem 10 - Sistemas Agroflorestais agroecológicos em uso de agricultores e de pecuaristas familiares agroecológicos no Pampa Gaúcho.....	98
Imagem 11 – Atributos materiais voltados ao aspecto produtivo no Pampa Gaúcho.....	115
Imagem 12 - Atributos materiais de maior abrangência no Pampa Gaúcho.....	116
Imagem 13 – O campo e os animais, pastando sobre o campo nativo no Distrito de Palmas, Bagé/RS.....	117
Imagem 14 – Residência construída pelo próprio agricultor familiar na Lagoa do Forno, em Dom Pedrito/RS.....	119
Imagem 15 – Aliando produção ao território na Vigia, em Santana do Livramento/RS.....	121
Imagem 16 – O gado no Pampa Gaúcho, de coxilha, pasto e pedras na Sanga Preta em Dom Pedrito/RS.....	123
Imagem 17 – Vaca e terneiro no campo nativo no Passo da Pedra em Lavras do Sul/RS.....	126
Imagem 18 – A imaterialidade presente nos objetos cotidianos e nos galpões nas Três Picadas, Serra do Caverá em Rosário do Sul/RS.....	129
Imagem 19 – A imaterialidade presente na natureza: um dourado pôr do sol em Santa Maria Chico, Dom Pedrito/RS.....	130

Imagem 20 – A imaterialidade presente no conhecimento passado entre as gerações: plantio de morangos na Lagoa do Forno em Dom Pedrito/RS.....	132
Imagem 21 – O Gaúcho e o cavalo: pecuarista familiar nas Palmas em Bagé/RS.....	134
Imagem 22 – Atributos imateriais aplicados à produção de alface e tomate, juntamente com formas de preservação do ambiente natural na Sesmaria dos Vasconcelos em Quaraí/RS.....	135
Imagem 23 – A simplicidade do cotidiano: O companheirismo do chimarrão e do rádio no Passo da Pedra em Lavras do Sul/RS.....	136
Imagem 24 – O imaterial expresso nos valores aplicados à produção agroecológica no Saladeiro em Quaraí/RS.....	137
Imagem 25 – Campo nativo e caraguatás, ao fundo a modernização da agricultura tomando forma em Santa Maria Chico, Dom Pedrito/RS.....	139
Imagem 26 – Paisagem de campo nativo no Segundo de Lavras em Lavras do Sul/RS.....	142

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Principais características de território e desenvolvimento territorial.....	33
Quadro 2 – Diferenças entre agricultura patronal e agricultura familiar.....	35
Quadro 3 – Comparação entre as tecnologias da Revolução Verde e da Agroecologia.....	48
Quadro 4 – Categorias resultantes da análise de conteúdo.....	62
Quadro 5 – Caracterização dos agricultores e pecuaristas familiares participantes da pesquisa.....	68
Quadro 6 – Origem dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa....	73
Quadro 7 – Caracterização das unidades familiares de produção agroecológicas do Pampa Gaúcho.....	81
Quadro 8 – Cultivos e criações praticados por agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	84
Quadro 9 - Formas de comercialização utilizadas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	91
Quadro 10 - Formas de cultivos dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.....	96

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Caracterização e duração das entrevistas com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos.....	58
Tabela 2 – Trajetória percorrida na coleta de dados empíricos no Pampa Gaúcho.....	58
Tabela 3 – Detalhamento das entrevistas com Agentes de Desenvolvimento.....	59

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

ABAF – Anuário Brasileiro da Agricultura Familiar

ATER – Assistência Técnica e Extensão Rural

CTG – Centro de Tradições Gaúchas

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

EMATER – Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural

EMBRAPA – Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária

FARSUL – Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul

FLD – Fundação Luterana de Diaconia

MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

PAA – Programa de Aquisição de Alimentos

PECFAM – Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar

PNAE – Programa Nacional de Alimentação Escolar

PRONAF – Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar

PTG – Piquete de Tradições Gaúchas

TDR – Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização

UERGS – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul

UFP – Unidade Familiar de Produção

UNIPAMPA – Universidade Federal do Pampa

UTEC – Universidad Tecnológica del Uruguay

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	18
1.1 Objetivos	23
1.1.1 <i>Objetivo Geral</i>	23
1.1.2 <i>Objetivos Específicos</i>	23
1.2 Justificativa	24
1.3 Estrutura do estudo	26
2 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E AGROECOLOGIA: A AGRICULTURA E A PECUÁRIA FAMILIAR NO PAMPA GAÚCHO	28
2.1 Território e desenvolvimento: do uso e ocupação à construção social, revelando recursos e potencialidades	28
2.1.1 <i>Territorialização, desterritorialização e reterritorialização</i>	31
2.2 Agricultura familiar: um modo de vida pautado em aspectos sociais, econômicos e ambientais	34
2.3 Pecuária familiar no Pampa Gaúcho: o reconhecimento e a emergência da categoria ..	39
2.4 Agroecologia e suas múltiplas dimensões: noções e concepções	44
2.5 O movimento da agropecuária familiar no Pampa Gaúcho: da pecuária como forma de ocupação à agroecologia como possibilidade de promover o desenvolvimento territorial ..	49
3 METODOLOGIA	55
3.1 Pesquisa: abordagem, caráter e método	55
3.2 Técnicas de coleta e análise dos dados	56
4 O TERRITÓRIO PAMPA GAÚCHO: EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA FAMILIAR	68
4.1 As experiências agroecológicas: caracterização dos agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho.....	68
4.1.1 <i>Origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares e suas relações com o Pampa Gaúcho</i>	72
4.2 Experiências agroecológicas do Pampa Gaúcho: caracterização das unidades familiares de produção (UFP)	80
4.3 Dimensões agroecológicas: as práticas dos agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho.....	95

5 O PAMPA GAÚCHO EM ATRIBUTOS MATERIAIS E IMATERIAIS: A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO ATRAVÉS DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA FAMILIAR AGROECOLÓGICA	113
5.1 Atributos físicos: as interações homem e ambiente	113
5.2 Atributos imateriais do território: o Pampa Gaúcho nas questões simbólicas	128
5.3 Perspectivas sobre as transformações no Pampa Gaúcho.....	138
5.4 O sentir no Pampa: as relações e o desenvolvimento territorial	143
5.5 As contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica ao território Pampa Gaúcho.....	150
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
REFERÊNCIAS.....	160
APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas para agentes de desenvolvimento.....	169
APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas a agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos	171
APÊNDICE C – Diário de Campo	173

1 INTRODUÇÃO

Nas décadas iniciais do século XXI questões sobre território vêm ganhando novos contornos enquanto perspectiva de análise, de modo a se libertar de aspectos puramente geográficos ou representações de lugares, passando a considerar de forma geral o contexto social e toda a carga que cada território carrega e transborda à sociedade. A mudança na lente teórica emergiu a partir da reorganização conceitual junto à geografia, dando novos ares ao território e suas noções.

O território historicamente foi vinculado ao espaço físico e geográfico. Entretanto, segundo Souza (2005), a partir dos anos 1970, o geógrafo Milton Santos agrega relevantes considerações as noções de território, inserindo a ação humana em forma de uso e ocupação, onde tal espaço não é definido pelo limites físicos e geográficos, mas sim, pelo uso e formas de ocupação através de seus recursos e potencialidades, trazendo novas discussões, às quais devem ser acrescidas diferentes dimensões. Assim, o uso do território é o que caracteriza o espaço como objeto de análise social e não apenas o território em si (SANTOS, 2005).

Diante de tal reorganização, assume-se que o território é caracterizado pelo uso e ocupação social, a partir de uma perspectiva multidimensional, que além de aspectos geográficos, é carregado de múltiplas características e peculiaridades. Tais fatores assumem caráter material constituído por fatores físicos como relevo, fauna, flora, clima, recursos naturais, paisagens, populações, dentre outros e caráter imaterial como sociedades, cultura, tradições, crenças, modo de vida, saber-fazer, dentre outros (SANTOS, 2005; SCHNEIDER, 2009; SAQUET, 2011; OLIVEIRA, 2020).

Ao abordar sobre território, Schneider (2009) expõe paradigmas que compõem tal noção, inerentes à essa interrelação de fatores materiais e imateriais, a partir da relação entre espaço e humanos, as relações existentes nas dimensões imateriais com os espaços e a abordagem do território em perspectivas econômicas, de planejamento e geografia do desenvolvimento. O autor sustenta as definições ao pensar sobre territórios como espaços de formação, a partir de escalas locais e regionais, considerando que os fatores de desenvolvimento necessitam abarcar fatores de ordem culturais, sociais e ambientais, além de questões econômicas, produtivas e tecnológicas, pois o produto de todos os elementos que compõem o território, é a sua especificidade.

O produto da relação entre os fatores materiais e imateriais é uma construção social. De acordo com Saquet (2011) uma construção social resulta no território, que por sua vez é carregado de uma infinidade de características e propriedades inerentes a um espaço

específico, com base nas diferentes formas de uso, bem como apropriações de um determinado espaço geográfico. O conjunto de fatores e características compõem e dá suporte para a definição de território e esse, por sua vez, se dá por relações históricas, multiformes e multidimensionais, formado inclusive por relações de poder.

Assim, tendo em vista as noções de território, através do uso e ocupação, bem como fatores materiais e imateriais inerentes a tal contexto, cabe usar dessas perspectivas ao relacioná-las com o Pampa Gaúcho. O Pampa é um amplo espaço de vida estabelecido a partir de uma particular relação entre ambiente natural e a interação com a sociedade. Tal ambiente foi formado através do uso e ocupação do território, apresentando uma forte ligação entre os aspectos materiais e imateriais, que em conjunto dão consolidação ao movimento territorial.

A dinâmica resultante da inter-relação entre os aspectos materiais (ambiente natural) e os aspectos imateriais (modo de vida) no Pampa Gaúcho designa formas de um território, a partir do uso e ocupação (SANTOS, 2005). Assim tem-se o entendimento de território, composto de forma multidimensional, para além de limites geográficos, tendo como elementos vitais, além dos fatores naturais, as questões sociais, econômicas, políticas, antropológicas, dentre outras (OLIVEIRA, 2020).

Nesse sentido, o presente estudo se apropria do entendimento sobre o território como definido pelo seu uso, ocupação e construção social, considerando ainda fatores materiais e imateriais (SANTOS, 2005; SAQUET, 2011). Assim, no que se refere ao Pampa e seu aspecto de formação, cabe salientar que esse território passou por diversas transformações classificadas em ciclos por Cruz e Guadagnin (2012). Dentre esses ciclos, cabe destacar o ciclo de formação do Pampa, que começa nas décadas finais do século XX. Segundo os autores, esse ciclo é originado na ruptura da atividade pecuária e no surgimento da agricultura moderna, que com o passar dos anos, torna-se produção de escala industrial, provocando mudanças significativas no ambiente natural, que podem atingir proporções irreversíveis no Pampa. Os autores destacam ainda, que esse processo em movimento no Pampa pode resultar no desaparecimento do ambiente de campos naturais.

Tal modelo de exploração agrícola que se encontra em ampliação e reprodução no Pampa desconsidera as características existentes no território. Cruz e Guadagnin (2012), assim como Matei e Filippi (2012) e Maia e Troian (2020) discorrem sobre a mudança que a agricultura moderna (modelo convencional) provoca no Pampa, convertendo o ambiente natural em lavoura de grãos, causando diversos efeitos no cenário rural, como transformações socioeconômicas e ambientais. O objetivo do modelo convencional de agricultura, não é contribuir para a alimentação humana, tão pouco prevê a valorização de aspectos culturais e

sociais do espaço, mas sim promover e assegurar ganhos financeiros nas operações de troca de mercadorias (produtos agrícolas) ao decorrer de suas cadeias produtivas, acessando ainda mercados globais para esse escoamento (DAL SOGLIO, 2016).

Na vanguarda desse movimento de produção agrícola em escala industrial, tem-se a produção de soja, que em poucas décadas ocupou rapidamente uma extensa área de campos naturais no Pampa Gaúcho, promovendo repentinas transformações no espaço, em seu aspecto ambiental, social e econômico. Somente no período entre os anos 2000 e 2015, o aumento da área plantada de soja em municípios do Pampa Gaúcho, superou 188,5%, sendo que 8,2% deste aumento se deu em áreas preservadas de campo nativo. Desta forma, o avanço da soja no Pampa Gaúcho, ocorre sobre áreas tradicionais de cultivos pecuários e áreas de formação natural e preservação do bioma, sinalizando a necessidade de planejamento quanto às questões de conservação e manejo de campos nativos no Sul do Brasil (KUPLICH; CAPOANE; COSTA, 2018).

O modelo convencional de agricultura, pautado na intensificação produtiva através da adoção de pacotes tecnológicos, causa diversos efeitos. Os principais efeitos estão ligados as questões ambientais, colocando em risco a conservação do meio ambiente e dos recursos naturais disponíveis no território. Como consequência dessa forma de agricultura, a conservação do Pampa Gaúcho é ameaçada pelo modelo mercadológico em reprodução no cenário rural (PEREIRA, 2014).

Outra consequência da inserção da agricultura moderna no Pampa Gaúcho é a constituição de novas relações sociais no meio rural, bem como a introdução de novos elementos ao território, influenciando na dinâmica e no contexto de vida social existente até então no espaço. As novas relações desconsideram as características do território, causando impactos no modo de vida e nas relações de trabalho entre o homem, como habitante e o Pampa, como ambiente natural (NETTO; DE VARGAS, 2019).

Dentre os diversos efeitos provocados pela dinâmica da agricultura moderna no Pampa Gaúcho, as questões rurais são as mais evidenciadas: conversão de campos nativos e substituição da tradicional pecuária por lavouras de grãos, diminuição do número de propriedades rurais, concentração de terras em poucos produtores, esvaziamento demográfico e empobrecimento das zonas rurais que deixam de ser atrativas ao contexto de vida moderno, além da degradação ambiental a partir do uso inadequado dos recursos naturais. Ainda, está associada à modernização na agricultura a especialização produtiva. Essa seria a condição ideal para a eficiência econômica, o que vai de encontro às questões de sustentabilidade de um sistema (DAL SOGLIO, 2016).

Diante das dinâmicas apresentadas no território Pampa Gaúcho, cabe a aproximação às noções descritas por Haesbaert (2004; 2005) e Chelotti (2013) referente aos processos de Territorialização (T), Desterritorialização (D) e Reterritorialização (R) (TDR). O movimento de TDR se constitui quando a dinâmica pré-existente de um determinado espaço (territorialização) é quebrada a partir não valorização dos recursos e o contexto de vida social modificado (desterritorialização). Na sequência tem-se o processo de reterritorialização, que tem base na substituição do até então contexto de vida, provocando uma nova dinâmica do espaço. Na finalização de tal processo é constituída uma nova territorialização, onde o que outrora foi base na dinâmica do espaço, seja essa social, econômica ou ambiental, já não tem a mesma expressão de valor e é então substituída por um novo contexto (HAESBAERT, 2005).

Os fatores resultantes do movimento de TDR previstos por Haesbaert (2005) e Chelotti (2013), se constituem em uma mudança de contexto no Pampa Gaúcho. Tal cenário causa impacto sobre a dinâmica de vida tradicional do território, em especial aos agricultores e pecuaristas familiares, por ter sua reprodução socioeconômica pautada nos elementos culturais encontrados na sócio biodiversidade do território (NETTO, DE VARGAS, 2019).

Entretanto, cabe considerar a busca por modelos alternativos ao convencional de agricultura, que carreguem em suas raízes a sustentabilidade, a valorização do território e tudo que nele inclui como a biodiversidade de fauna e flora, a sociedade e povos do campo e que vise formas mais equilibradas de economia, de modo a ter uma melhor distribuição de renda e consequentemente, melhor qualidade de vida aos agricultores. Dessa forma, ao abordar sobre o Pampa Gaúcho e sua relação com a agricultura e a pecuária, é necessário o entendimento do amplo sentido ao qual denota essas atividades, como a relação entre o campo e o homem, bem como a inter-relação resultante deste processo.

Nesse sentido, ao tratar sobre agricultura e pecuária, é preciso ir além do aspecto produtivo, pois tal termo abrange a alimentação, assim como a gestão do ambiente ao qual está inserido e a cultura humana entrelaçada no território. Relações presentes entre o homem e o ambiente, grifando as plantas, os animais, de onde provêm os alimentos, e apresentam uma dinâmica estabelecida há longo tempo, associadas além de fatores econômicos, mas sim fatores culturais como costumes, hábitos ou modo de vida (DAL SOGLIO, 2016). Essa reprodução, pautada em um modo tradicional de agricultura, pode ser observada em diversas regiões do mundo, chamando a atenção à representatividade em número de agricultores que utilizam tais práticas tradicionais de agricultura, mesmo estando em territórios de uso indiscriminado do modelo convencional ou moderno de agricultura (PLOEG, 2008; DAL SOGLIO, 2016). Esses

preceitos e movimentos inerentes à agricultura familiar, são aplicados na mesma medida à pecuária familiar, pelas similaridades e aproximações entre as categorias sociais.

Nesse sentido, como forma de contra movimento ao processo de desterritorialização no Pampa Gaúcho provocado pelo uso e intensificação da agricultura moderna, é possível identificar na agricultura e na pecuária familiar, categorias de representações social com base em seus preceitos e definições, traços de movimentos que podem contribuir com o processo de desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho. Tem-se na agricultura familiar o cumprimento de um papel estratégico na socio economia, principalmente na produção de alimentos voltados para o consumo da população, através da legitimação social, política e acadêmica junto ao contexto rural brasileiro visando o desenvolvimento territorial (BECKER; SACCO DOS ANJOS, 2010). Definições aplicadas à pecuária familiar.

A pecuária familiar está assentada em seu modo de vida e na adaptação e uso dos recursos inerentes ao território (RIBEIRO, 2018). Esses preceitos apresentam potencialidade de contribuir e incrementar fatores produtivos, sociais e ambientais, a partir das práticas, saberes e conhecimentos locais embasados em carga sociocultural tendo em vista os fenômenos e dinâmicas que ocorrem no cenário rural. Assim, através da pecuária familiar, passa-se a enxergar o campo como um amplo e complexo ecossistema e espaço de vida (NETTO; AZEVEDO, 2009). Esses fatores vão ao encontro dos preceitos e noções de território expostos por Santos (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020), dentre outros.

Assim, considerando a relação que a agricultura e a pecuária familiar podem apresentar junto ao seu ambiente de reprodução, bem como à utilização dos recursos disponíveis, tem-se nessas categorias, potenciais de uso dos preceitos da agroecologia. A agroecologia serve de base entre a transição de modelos convencionais para modelos sustentáveis de agricultura, pecuária e de desenvolvimento, de forma a reorientar processos produtivos ampliando fatores de inclusão social e redução de danos ambientais, impactando ainda na oferta de alimentos saudáveis para o consumo da população (CAPORAL; COSTABEBER, 2002; CAPORAL, 2008).

Dessa forma, é possível perceber na agroecologia uma das alternativas de produção com potencial em cumprir os preceitos da sustentabilidade, especialmente para a agricultura e pecuária familiar pertencente a regiões com ecossistemas frágeis e com peculiaridades no aspecto ambiental, como é o caso do Pampa (ROCHA; AREND, 2017). Isso porque, a agroecologia visa a construção de um conjunto de conhecimentos e práticas que permitam formas corretas de utilização dos recursos naturais, aliados à reprodução dos diferentes segmentos inerentes à categoria agricultura familiar (CAPORAL; COSTABEBER, 2000).

A agroecologia, principalmente através da agricultura familiar, trata-se de uma maneira

de retroceder ou dificultar aspectos de degradação no Pampa, evitando assim que sua diversidade seja substituída por formas de explorações agropecuárias de curto prazo na questão de resultados, mas que por sua vez, podem causar impactos no ambiente, sociedade e econômica do Pampa (MATEI; FILIPPI, 2012). Possibilitando ainda uma maior interação ecológica com espécies da fauna e flora de maneira sustentável (NASCIMENTO et al., 2018).

Diante da explanação sobre o Pampa Gaúcho, tendo em vista as transformações recentes que o território vem sofrendo através de uma forma de exploração agrícola que negligencia os recursos disponíveis e desrespeita a dinâmica social, ambiental e econômica até então em atividade, tendo em vista ainda, que a agricultura e a pecuária familiar agroecológica podem contribuir para o desenvolvimento territorial, a partir de seus preceitos pautados em seus modos de vida e em uma melhor utilização dos recursos disponíveis, é formada a seguinte indagação: *De que forma atributos materiais e imateriais da agricultura e da pecuária familiar agroecológica se relacionam com o desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho?* Para tanto, na seção seguinte são apresentados os objetivos da pesquisa.

1.1 Objetivos

Diante do exposto na seção anterior, considerando a relação com a questão de pesquisa, são apresentados os seguintes objetivos:

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar a contribuição da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no processo de desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho.

1.1.2 Objetivos Específicos

- i) Caracterizar os agricultores e os pecuaristas familiares e as unidades familiares de produção agroecológicas;
- ii) Identificar os aspectos materiais e imateriais presentes na agricultura e na pecuária familiar agroecológica;
- iii) Averiguar as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no desenvolvimento territorial.

1.2 Justificativa

As recentes transformações no cenário rural do Pampa Gaúcho, provocadas pela inserção da agricultura moderna, têm ocupado um lugar de destaque no que tange às discussões sobre desenvolvimento ou a falta dele. Desta forma, essas mudanças acabam por negligenciar importantes fatores sociais, ambientais e econômicos inerentes ao território.

Assim tem-se a necessidade de pesquisas e estudos no direcionamento de reduzir impactos ambientais das atividades econômicas no Pampa Gaúcho. Neste sentido, há demanda por pesquisas sobre modelos de desenvolvimento com práticas agroecológicas de forma a articular forças na construção de conhecimento objetivando o desenvolvimento do Pampa Gaúcho. (MATEI; FILIPPI, 2012; MOREIRA; CARMO, 2007).

Dessa forma, justifica-se o esforço em estudar meios de aliar a produção de alimentos e reprodução da agricultura e da pecuária familiar agroecológica, junto ao aspecto sustentável e socioeconômico no Pampa Gaúcho. Outros fatores merecem ser observados, como as desigualdades sociais e econômicas da população existentes na região, além das transformações no ambiente no que diz respeito à impactos negativos na biodiversidade, como por exemplo, alterações no solo e na água, causados por problemas de contaminação e/ou má utilização dos recursos disponíveis (MATEI; FILIPPI, 2012, p. 14).

Nessa discussão, cabe destacar a importância da agricultura familiar na produção de alimentos e em aspectos socioeconômicos no Brasil. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Agricultura Familiar – ABAF (2019), mais de 70% da alimentação básica da população brasileira é oriunda da agricultura familiar. A importância da agricultura familiar é confirmada através da geração de renda e empregos, fornecendo oportunidade de trabalho a mais de dez milhões de indivíduos, ou 67% do total de trabalhadores do campo (IBGE, 2019).

A agricultura familiar obteve reconhecimento nas últimas décadas por parte da academia e do Estado, no direcionamento de identificar e quantificar a atuação da agricultura familiar em questões socioeconômicas no Brasil (TROIAN; BREITENBACH, 2018). Entretanto, segundo Maia et al. (2019), a falta de incentivo via políticas públicas direcionadas para a agricultura familiar, é outro fator representativo para o atual modelo agrícola praticado no Pampa Gaúcho, pois carece de uma visão sistêmica da importância da agricultura sustentável. Tais características e peculiaridades inerentes ao contexto de reprodução da agricultura familiar agroecológica, evocam fatores territoriais no Pampa Gaúcho.

De maneira equivalente, é a importância da pecuária familiar, identificada no Brasil, Argentina e Uruguai, a qual é definidora de um modo de vida específico e muito adaptado

aos recursos disponíveis no território. De acordo com Ribeiro (2018), a pecuária familiar é de extrema relevância ao Rio Grande do Sul, pois a categoria representa aproximadamente 60 mil famílias que vivem da atividade, as quais ocupam cerca de cinco milhões de hectares, criando três milhões de bovinos e um número muito significativo de ovinos. A pecuária familiar é responsável ainda por 40% da produção de carneiros de corte.

A pecuária familiar teve sua legitimação social a partir de uma série de estudos, que identificaram a existência de uma categoria social muito específica no Rio Grande do Sul. Entretanto, cabe ressaltar que a pecuária familiar sempre esteve presente no território (WAQUIL et al., 2016; BORBA, 2016; RIBEIRO, 2018). Assim, os até então classificados como pequenos produtores, passam a despertar interesses ao âmbito acadêmico, no que tange às questões rurais, de forma a abordar outros aspectos e processos de maneira multidimensional dentro da ampla realidade rural (WAQUIL et al., 2016).

Azevedo e Fialho (2016) consideram que a pecuária familiar é alicerçada em seu modo de vida, garantindo o fluxo contínuo de bens tendo em vista a utilização dos recursos disponíveis na natureza, de forma abrangente, aliando preservação e reprodução. Para Neske, Marques e Borba (2014) a categoria apresenta potencialidades de gerar estratégias de direcionamentos ao desenvolvimento rural, questões estendidas ao território. Essas questões fazem com que a pecuária familiar, seja vista e reconhecida através de seus preceitos e potencialidades de desenvolvimento territorial, principalmente no que diz respeito ao Pampa Gaúcho.

Assim, ao fazer uso dos preceitos do desenvolvimento territorial, pode-se contribuir efetivamente como um aporte ferramental para a produção de conhecimento em relação à dinâmica de vida social no Pampa Gaúcho, através da valorização dos recursos inerentes ao território. Isso com base na agricultura e na pecuária familiar agroecológica, a partir de seus modos de vida e utilização dos recursos disponíveis.

A presente pesquisa torna-se relevante por entender que o desenvolvimento territorial contempla uma gama de fatores que são percebidos e que representam relevantes questões de interesse sobre a dimensão espacial socioeconômica. Esse entendimento passa por diversos esforços para explicar o desenvolvimento (econômico e social) de um espaço social (SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004).

Diante do exposto, justifica-se a busca pelo desenvolvimento territorial através da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no Pampa Gaúcho. De acordo com Caporal e Costabeber (2002), a agroecologia dá suporte e possibilita a promoção de estilos de agricultura aliados à processos de desenvolvimento territorial, visando garantir a preservação ambiental.

Tais preceitos são entendidos no presente estudo como uma alternativa de desenvolver de forma sustentável a agricultura familiar no território Pampa Gaúcho. Esses conceitos são estendidos à pecuária familiar, pelas similaridades e aproximações existentes com a agricultura familiar.

Cabe destacar ainda, a relevância do estudo para a área da administração, considerando que a proposta de pesquisa é elaborada junto a um Programa de Pós-Graduação em Administração e pertence à linha de pesquisa de Organizações e Desenvolvimento. A relevância está assentada justamente porque se propõe a estudar questões sobre desenvolvimento territorial no contexto pertencente ao Pampa Gaúcho, no que diz respeito às organizações rurais de caráter familiar. Segundo Reichert (1998) para que uma organização rural possa executar suas atividades, deve ter planejamento, organização, direção e controle, ou seja, fazer uso dos princípios básicos da administração, aplicados à gestão agrícola, onde tal responsabilidade fica à cargo, neste caso, dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos. Tem-se aqui uma ligação entre a administração e a agricultura familiar, por fatores já apresentados anteriormente.

Desta forma, de acordo com o autor, a gestão agrícola aplicada à uma organização rural, pode representar a realidade de unidade familiar de produção, destacando que neste caso, que o lucro não é o objetivo principal, mas sim a reprodução da família, bem como das relações sociais e culturais, que extrapolam meras questões financeiras e econômicas (REICHERT, 1998). Cabe ainda à tal contexto, a reprodução de um território como o Pampa Gaúcho, onde através da administração pode-se resultar em desenvolvimento territorial.

Destarte, a presente pesquisa justifica-se ainda pelo interesse pessoal do autor. A proposta de pesquisa possibilita a união entre a academia e a vida do pesquisador, no que diz respeito ao questionamento sobre as dinâmicas presentes no cenário rural do Pampa Gaúcho. Assim, através de estudos sobre desenvolvimento territorial, agricultura e pecuária familiar, e agroecologia, pode ser possível construir conhecimento e bases para fatores de desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho. Território este, ao qual o autor tem grande apreço e sentimento de pertencimento.

1.3 Estrutura do estudo

O estudo encontra-se dividido em seis capítulos, a começar por essa introdução que além contextualizar a temática de estudo, apresenta a problemática, os objetivos e a justificativa da pesquisa. O segundo capítulo expõe a revisão de literatura, contendo cinco

seções: território e desenvolvimento territorial, agricultura familiar, pecuária familiar, agroecologia e o movimento das categorias sociais no Pampa Gaúcho. Já o terceiro capítulo, descreve a metodologia utilizada no estudo. Essas são as bases teóricas-analíticas do estudo.

As contribuições acadêmicas do estudo, são apresentadas a partir do quarto capítulo, que caracteriza os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos e as unidades familiares de produção agroecológica. O quinto capítulo versa sobre a identificação dos atributos materiais e imateriais presentes na agricultura e na pecuária familiar agroecológica e averiguar as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no desenvolvimento territorial. Já o sexto capítulo apresenta as considerações finais do estudo, seguido das referências e apêndices. Assim, o próximo capítulo apresenta o referencial teórico utilizado no estudo.

2 DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E AGROECOLOGIA: A AGRICULTURA E A PECUÁRIA FAMILIAR NO PAMPA GAÚCHO

O capítulo tem como propósito subsidiar teoricamente o desenvolvimento do presente estudo. O referencial teórico aqui apresentado contempla três grandes eixos temáticos: território e desenvolvimento territorial, agricultura e pecuária familiar, e agroecologia. A seguir apresenta-se a primeira seção que trata sobre origens e noções de território e desenvolvimento territorial.

2.1 Território e desenvolvimento: do uso e ocupação à construção social, revelando recursos e potencialidades

A noção de território vem sendo amplamente discutida, seja na academia ou na elaboração de políticas públicas. O espaço que antes remetia a uma simples delimitação física e geográfica tem passado por mudanças e vem incorporando as relações humanas, a interação do homem com o meio. Nesse sentido, diversas são as noções dentro da perspectiva teórica, para Schneider (2009, p. 3) “o conceito de território é ubíquo e amplo”.

O território para os geógrafos se relaciona com espaço, local; para biólogos e ecólogos o território é um recurso para análise de habitat, ecossistemas e biomas; para antropólogos serve para descrever e/ou delimitar o espaço das relações e interações dos grupos sociais; para os economistas o território serve para entender os recursos das atividades produtivas e a influência ou não na formação de preços dos produtos (SCHNEIDER, 2009). Essas diferenciações são possíveis para classificar diferentes perspectivas que fazem uso do território para explicar determinados fenômenos.

Todavia, as perspectivas conceituais sobre território começam a ser compreendidas de outra maneira a partir dos anos 1970, quando o geógrafo Milton Santos agrega considerações relevantes ao tema, ou seja, às noções de território, que por sua vez usado se constitui como uma categoria essencial para a elaboração sobre o futuro. Cabe destacar que o uso do território ocorre na dinâmica dos lugares, entendendo o lugar como o espaço do acontecer social e solidário, gerando valores de múltiplas naturezas, como por exemplo: culturais, econômicos, antropológicos, sociais, dentre outros (SOUZA, 2005).

O território é caracterizado a partir de sua utilização e não por ser uma região ou ainda um lugar (SANTOS, 2005). Assim, é o entendimento multidimensional de território, ao qual questões de geografia e limites são um dos inúmeros fatores inerentes à construção territorial,

mas de forma alguma são os fatores determinantes, incluindo à esta soma de elementos, fatores sociais, econômicos, políticos, antropológicos, dentre outros (OLIVEIRA, 2020).

Importante salientar o exposto por Santos (2005, p. 255), “o território são formas, mas o território usado são objetos e ações, sinônimo de espaço humano, espaço habitado”. A partir desta colocação, o autor evidencia que os novos recortes em relação à realidade do termo território extrapolam a síntese região. Assim, entende-se que o território é um espaço delimitado e/ou definido por relações de poder, como por exemplo, fatores políticos, econômicos e a ação de atores sociais. “O território é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, portanto, o território é o trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida” (OLIVEIRA, 2020, p. 43).

Assim, destaca-se o exposto por Oliveira (2020), que discorre sobre a imaterialidade que habita o território, ou seja, hábitos, costumes, tradições, valores, enfim, características, produz a noção de pertencer a um determinado contexto ou conjunto de práticas simbólicas e materiais. O autor argumenta que a imaterialidade propicia a consolidação do território, que não deve ser vinculado à posse ou propriedade da terra, mas sim ao ato de tornar próprio o espaço ou o espaço usado. Essas colocações corroboram com as discussões apresentadas por Santos (2005), que diz que além da questão natural e de recursos, o território é o pertencimento, o exercer da vida, é o produto resultante das relações sociais no espaço, sua história, cultura e identidade local.

Desta forma, reproduz-se a definição de território como o “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence” (OLIVEIRA, 2020, p. 59). Assim, as discussões sobre território e sua visão múltipla das dimensões rurais contribuem para questões de desenvolvimento, pois abordam as complexidades e dinâmicas rurais, sem desconsiderar as relações sociais nestes espaços existentes (ROCHA; PAULA, 2006; SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004). Saquet (2011) descreve território como resultado de uma construção social, carregado de uma infinidade de características e propriedades inerentes a um espaço específico, com base nas diferentes formas de uso, bem como apropriações de um determinado espaço geográfico.

O território pode também ser definido como um pedaço de terra apropriado. Albagli (2004) e Saquet (2011), consideram a multiplicidade ou múltiplas perspectivas de fatores que interagem em forma de uma construção social e as relações que ocorrem num determinado território. À essas definições incluem-se a discussão sobre fatores como: lugar, condições edafoclimáticas, fauna, flora, geografia, relevo, entre outras tantas características físicas e materiais, que vão conviver no mesmo espaço-tempo com fatores imateriais, tais como: a sociedade local, costumes, hábitos, tradições, saberes locais, experiências e uma infinidade de

outros recursos intangíveis, indo ao encontro das definições conceituais apresentadas (SAQUET,2013; HAESBAERT; RAMOS,2004).

O produto da interação desses fatores citados (dentre outros) irão constituir o que se denomina território. Nesse sentido, Albagli (2004) discorre sobre a importância do território e territorialidade em sua amplitude conceitual e nas dimensões que estes abrangem: social, política, econômica e cultural. Entretanto, a autora faz uma distinção entre território e espaço, entendendo que o espaço é representado por um nível de abstração elevado, já o território é produto de ação social de um (ou mais) atores sobre um determinado espaço.

Desta forma, um conjunto de fatores e características compõe e dá suporte para a definição de território e este por sua vez se dá por relações históricas, multiformes e multidimensionais, formando inclusive vias relações de poder (SAQUET, 2011). Considerando essa definição, tendo em vista os movimentos conceituais de território, são crescentes as discussões que abordam a temática e incluem-se a estas, questões como ruralidade, territorialidade e desenvolvimento (SCHNEIDER, 2009).

Conforme Schneider (2009), as ultrapassadas visões e definições de campo ou rural como ligado exclusivamente à produção e trabalho, perdem valor, pois através da ruralidade, tem-se a autonomia do campo, colocando-o como um espaço de vida e de natureza não apenas agrícola, mas de um viver social. Assim, territórios são espaços de formação, uso de escalas locais e regionais, onde as questões sobre desenvolvimento necessitam em primeiro plano, considerar além de fatores econômicos, produtivos e tecnológicos, mas incluir à tal perspectiva, fatores culturais, sociais e ambientais, pois a soma destes elementos compõe cada território de forma específica.

Diante do exposto, Schneider (2009) apresenta três paradigmas conceituais sobre território: i) definição de território a partir da interação dos humanos com o espaço; ii) o pensamento de território a partir das relações entre as dimensões imateriais, culturais e simbólicas com os espaços; e iii) a inserção de território no amplo campo dos estudos de economia, do planejamento e da geografia do desenvolvimento. Cabe ainda destacar, fatores intrínsecos ao conceito de ruralidade, que discorrem sobre a ampliação da definição de campo voltado à produção, para o rural como um espaço de vida e sociedade, enfatizando assim a multifuncionalidade dos espaços rurais, dando importância para atividades não agrícolas (uma infinidade delas) que culminam na manutenção de padrões culturais e modos de vida no cenário rural (SCHNEIDER, 2009).

Nesse sentido, a partir do desenvolvimento territorial tem-se a revelação do território, entendendo-o como mais do que um espaço físico, mas sim como uma construção a partir das

formas de uso e ocupação, bem como a inter-relação das características materiais e imateriais, tendo em vista as interações sociais, culturais, econômicas e ambientais que se desdobram em um espaço multidimensional (SANTOS, 2005; SAQUET, 2011; OLIVEIRA, 2020). Assim, “a abordagem territorial aparece como uma noção que permitiria explicar o papel do contexto e do espaço social como fator de desenvolvimento” (SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004, p. 2). Cabe considerar que o desenvolvimento está ligado ao território como forma de melhor exploração de suas potencialidades locais e conservação dos recursos naturais, para alcance e utilização por parte de sua sociedade (SAQUET, 2011).

Dessa forma, o desenvolvimento territorial compõe um processo que mobiliza os atores e o uso dos recursos, via identificação coletiva e construção social (PECQUEUR, 2005). A abordagem do desenvolvimento territorial tem origem a partir de uma lacuna de enfoque notada na questão rural, especialmente no que diz respeito às questões de sustentabilidade ambiental e social junto à atuação dos atores. A partir desse entendimento, teve-se a proposição de que o desenvolvimento deveria focalizar no território e suas dinâmicas, que envolve ainda perspectivas sociais, políticas, econômicas e institucionais (SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004).

Por fim, tem-se o território como uma construção e uso social, carregado de uma infinidade de fatores e características materiais e imateriais que consolidam tal dinâmica territorial a partir do movimento de elementos sociais, econômicos, políticos, ambientais e antropológicos. Em relação ao desenvolvimento territorial, o presente estudo parte do pressuposto que este é um processo, a partir da mobilização dos atores aliados ao aspecto imaterial, bem como o uso dos recursos disponíveis ligados aos aspectos materiais, em formas estratégicas através de identificação coletiva e construção social, ou seja, o uso do próprio território. Neste sentido, a próxima subseção apresenta três movimentos inerentes ao território, que podem resultar ou ao menos explicar o processo de desenvolvimento territorial, ou ainda, a falta deste junto à um território.

2.1.1 Territorialização, desterritorialização e reterritorialização

Diante das definições apresentadas na seção anterior sobre as noções de território, como uma construção ou uso, a territorialidade é o ato de pertencer, de identidade, de relação entre grupos e espaços, regidos através da dominação e apropriação, cabe analisar alguns movimentos que são inerentes ao território. Haesbaert (2004) discorre sobre território em aspectos geográficos, que são providos de movimentos ou processos contínuos. Neste movimento, há

relações e inter-relações que envolvem fatores de domínio (político-econômicos) e de apropriação (simbólico-culturais) que ocorrem dentro do território. Pode-se destacar três movimentos: territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

A territorialidade está relacionada com a expressão de sentimento, do pertencer, do modo de agir no âmbito de um determinado espaço geográfico, por um indivíduo ou grupo social. Assim, conforme Saquet (2007) as territorialidades são representações através de interações entre atores e lugares, são suas conexões formando espaços multidimensionais sustentados pelas redes sociais. Ainda sobre territorialidade, Haesbaert e Ramos (2004) citam fatores de domínio e apropriação, ou seja, questões políticas-econômicas e simbólicas-culturais, respectivamente, de um espaço por parte dos grupos humanos.

Ao tratar sobre territorialidade, Albagli (2004) argumenta que este conceito está além de questões jurídicas e de Estado. Entretanto, Albagli (2004) argumenta sobre o papel da globalização, que trouxe juntamente com uma transformação de questões técnicas-produtivas, fatores de revalorização do território, bem como de dinamismo, competitividade e diferenciação ligados a territorialidade, no sentimento de provocar outras racionalidades ou irracionalidades.

Já ao tratar sobre desterritorialização, Haesbaert e Ramos (2004) a definem como precarização dos aglomerados humanos, principalmente dos grupos minoritários, no que os autores colocam como luta pelo território mínimo. Segundo os autores esse processo refere-se a problemas no contexto intrínseco a um território e seu movimento de organização.

Haesbaert (2005) destaca uma dupla conotação de território: material e simbólico (imaterial), assim como Saquet (2007), e discorre sobre a necessidade de compreensão do potencial inovador (principalmente em uma perspectiva política) em relação aos processos de multiterritorialidade. Entretanto, ao raciocinar sobre o tema desterritorialidade, considera-se como o ato de desprover de território, ou seja, subtrair as territorialidades, os fatores que ligam e servem como base para a construção de um território. Segundo Haesbaert (2004) tal processo refere-se a contrariedades intrínsecas ao território, a partir da debilidade e fragilidade de uma determinada sociedade que já não dispõe mais de seu abrigo.

Para Haesbaert (2004), a desterritorialização é encarada como um mito, onde este ilustra o homem sem seu território, ou que a sociedade pode ser separada de um espaço. Assim pode-se relacionar multiterritorialidade e desterritorialização, ao processo conhecido por reterritorialização, ou seja, a construção de territórios múltiplos e complexos, porém, sem a capacidade de reconhecimento do impacto deste movimento na vida de uma sociedade (HAESBAERT, 2005). Dessa forma, o fenômeno da reterritorialização é espacialmente descontínuo e complexo, uma sequência da multiterritorialidade/desterritorialização.

Nesse sentido, para Haesbaert (2004; 2005) ao desterritorializar, tira-se o contexto de vida social, embora este movimento seja seguido de um processo de (re) territorialização, ou seja, a construção de um novo território, com suas materialidades e imaterialidades, de uma nova territorialização, com seus domínios e apropriações, e a sequência de ciclo desenraizador de múltiplos territórios. Conforme Haesbaert (2005), tal movimento é conceituado como Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização (TDR). Chelotti (2013) corrobora com essas definições, remindo territorialização em apropriação do espaço tornando-o território, desterritorialização como a perda do território e reterritorialização como a criação de novo território. O Quadro 1 resume as principais noções e características sobre território e desenvolvimento territorial.

Quadro 1 – Principais características de território e desenvolvimento territorial

Noções sobre território	Descrição das características	Fontes
Território	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço usado e habitado; - Espaço de acontecer social; - Fatores geográficos, sociais, políticos, econômicos, antropológicos; - Relações de poder; - Sentimento de pertencimento; - Fatores materiais e imateriais; - Múltiplas dimensões rurais; - Pedaco de terra apropriado. 	<ul style="list-style-type: none"> Santos (2005) Souza (2005) Oliveira (2020) Rocha e Paula (2006) Schneider e Tartaruga (2004) Saquet (2011; 2013) Albagli (2004) Schneider (2009)
Territorialidade	<ul style="list-style-type: none"> - Abordagem social, política, econômica e cultural; - Relações de poder, históricas e multiformes; - Ato de pertencer, de identidade e relação. 	<ul style="list-style-type: none"> - Albagli (2004) - Schneider (2009)
Territorialização	<ul style="list-style-type: none"> - Expressão de sentimento, do pertencer, do modo de agir; - Interação entre atores e lugares; - Domínio e apropriação do espaço; - Sentimento de pertencimento. 	<ul style="list-style-type: none"> - Saquet (2007) - Haesbaert e Ramos (2004) - Albagli (2004) - Chelotti (2013)
Desterritorialização	<ul style="list-style-type: none"> - Tirar o contexto de vida social; - Desprover de território; - Subtrair as territorialidades; - Perda do território; - Precarização dos recursos humanos. 	<ul style="list-style-type: none"> - Haesbaert e Ramos (2004) - Haesbaert (2004; 2005) - Chelotti (2013)
Reterritorialização	<ul style="list-style-type: none"> - Territórios múltiplos e complexos; - Espacialmente contínuo e complexo; - Criação de um novo território. 	<ul style="list-style-type: none"> - Haesbaert (2004; 2005) - Chelotti (2013)
Desenvolvimento territorial	<ul style="list-style-type: none"> - Revelação do território; - Compreende o contexto e o espaço local; - Mobilização de atores e uso dos recursos; - Melhor utilização das potencialidades; - Conservação dos recursos naturais. 	<ul style="list-style-type: none"> - Santos (2005) - Saquet (2011) - Oliveira (2020) - Schneider e Tartaruga (2004) - Pecqueur (2005)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base na revisão de literatura (2021).

Destarte, a partir do entendimento sobre o território e desenvolvimento territorial, bem como de movimentos inerentes a esse contexto, como territorialização, desterritorialização e

reterritorialização, cujos resumos foram apresentados no Quadro 1, estes fatores podem ser abordados junto ao contexto da agricultura familiar e sua forma de reprodução social. Assim, ao reconhecer e estabelecer uma ligação entre o território e a agricultura familiar, bem como a aproximação destes com o desenvolvimento territorial, a próxima seção trata sobre a agricultura familiar, suas origens e conceitos.

2.2 Agricultura familiar: um modo de vida pautado em aspectos sociais, econômicos e ambientais

No Brasil, ocorreram importantes mudanças no que tange ao cenário rural nas últimas décadas. Dentre elas tem-se o reconhecimento da agricultura familiar como uma categoria social e analítica. A agricultura familiar abarca uma série de transformações no campo e apresenta potencialidade de repercussão em aspectos sociais, econômicos e ambientais. Através de seus preceitos e noções, a agricultura familiar ocupa importante papel na produção de alimentos, bem como na geração de emprego e renda à população, o que a configura como uma importante categoria no que tange à aspectos socioeconômicos do Brasil.

A agricultura familiar é entendida como “aquela em que a família, ao mesmo tempo em que é proprietária dos meios de produção, assume o trabalho no estabelecimento produtivo” (WANDERLEY, 1996, p. 2). Todavia, é importante destacar que a caracterização familiar vai além de um simples detalhe descritivo e teórico, associando a estrutura produtiva familiar a consequências de suas ações sociais e econômicas. Assim, tem-se na agricultura familiar um importante papel na sociedade brasileira:

Esta forma de agricultura guarda ainda muito dos seus traços camponeses, tanto porque ainda tem que “enfrentar” os velhos problemas, nunca resolvidos, como porque, fragilizada, nas condições da modernização brasileira, continua a contar, na maioria dos casos, com suas próprias forças (WANDERLEY, 1996, p. 15).

Wanderley (1996) discorre sobre a combinação entre propriedade e trabalho, e, que esta relação assume no tempo e no espaço, uma ampla gama de diversidades de formas sociais. Como forma de distinguir as atividades desenvolvidas por categorias inerentes ao cenário rural, Veiga (1996) destaca vantagens da agricultura familiar em relação à agricultura patronal, onde tais benefícios se dão pela ênfase na diversificação produtiva e na flexibilidade de seus processos decisórios. O Quadro 2 apresenta uma diferenciação entre os modelos de agricultura.

Quadro 2 – Diferenças entre agricultura patronal e agricultura familiar

Modelo agricultura patronal	Modelo agricultura familiar
Separação completa entre gestão e trabalho.	Relação direta entre trabalho e gestão.
Organização centralizada do processo produtivo.	Os proprietários asseguram a direção do processo produtivo.
Ênfase na especialização produtiva.	Ênfase na diversificação produtiva.
Ênfase em práticas agrícolas padronizáveis.	Ênfase na durabilidade dos recursos naturais e na qualidade de vida.
Trabalho assalariado é predominante.	Trabalho assalariado é complementar.
Tecnologias dirigidas à eliminação das decisões de terreno e de momento.	Decisões imediatas, adequadas ao alto grau de imprevisibilidade do processo produtivo.
Tecnologias direcionadas à redução de necessidades de mão de obra.	Tomada de decisões <i>in loco</i> , considerando as especificidades do processo produtivo.
Alta dependência de insumos externos (comprados).	Ênfase no uso de insumos internos.

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Veiga (1996).

As características elencadas no Quadro 2, fazem jus à diferenciação entre os modelos de agricultura, ressaltando os preceitos da agricultura familiar. Veiga (1996) discorre sobre o papel da família na atividade, que é responsável pelo trabalho na produção, bem como a gestão e melhor utilização dos recursos disponíveis. O autor destaca também, as ênfases inerentes ao contexto da agricultura familiar, como por exemplo, o foco na diversificação produtiva, mão de obra familiar, tomadas de decisões *in loco* e utilização de recursos internos. Esses atributos consideram as especificidades do processo produtivo, bem como, se contrapõem às características da agricultura patronal apresentadas no Quadro 2.

Em se tratando de agricultura e questões rurais no Brasil, de acordo com Schneider (2006) criou-se um estereótipo, caracterizando o cenário rural em uma perspectiva especificamente produtiva. Essa rotulação de agricultura considera fatores como o tamanho da área cultivada, o maquinário e tecnologia que o produtor utiliza em suas atividades, além de caracterizar o cenário rural como um lugar estritamente de produção, uma indústria a céu aberto, desconsiderando todo o contexto de vida no meio rural. Já outra percepção sobre o meio rural brasileiro, leva a considerar que agricultores e trabalhadores rurais que se encontram à margem do modelo de agricultura, ao reivindicarem acesso à terra são considerados como conflitos sociais, de forma a não colaborar com o processo agrícola.

Para Schneider (2006, p. 217) essas duas perspectivas foram atribuídas erroneamente no que diz respeito à agricultura e são ilustradas de forma equivocada: “o que vem à cabeça das

peessoas são as imagens da televisão que reproduz cenas de grandes máquinas colhendo enormes lavouras de soja e cana-de-açúcar ou, pelo lado contrário, contingentes de trabalhadores protestando em nome da reforma agrária”. Para o autor os questionamentos que fogem a tal processo, criado a partir desta ilustração de agricultura, ainda são poucos e resultantes de uma espécie de desconhecimento do senso comum sobre determinadas categorias sociais, neste caso a agricultura familiar.

Quanto ao fortalecimento da agricultura familiar como uma categoria social de representatividade no meio rural brasileiro, Schneider (2003) destaca que nos anos de 1990 ocorreram dois eventos que causaram impactos sociais e políticos: de um lado, no campo político, a adoção da expressão agricultura familiar pelos movimentos sociais do campo. De outro lado, a partir da afirmação da agricultura familiar junto ao cenário social e político do Brasil relacionada à legitimação do Estado.

No campo político, segundo Schneider (2006), a expressão do termo agricultura familiar surge como uma nova categoria-síntese junto aos movimentos sociais do campo, que nos anos 1990 vivia uma efervescência. Ainda segundo o autor, a agricultura familiar mostrava-se como guardida a um conjunto diversos de grupos tais como, assentados, arrendatários, parceiros de agroindústrias, entre outros, que segundo o autor, já não seriam mais identificados como simplesmente trabalhadores rurais ou pequenos produtores.

Já sobre a legitimação do Estado, a agricultura familiar teve afirmação no cenário social e político do Brasil com a criação do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF - no ano de 1996, que pôde dar respostas aos movimentos sociais, promovendo crédito e apoio aos até então excluídos produtores ou trabalhadores rurais, que passaram a ser reconhecidos como agricultores familiares, em forma de uma categoria social, legitimada pelo Estado e pela sociedade (SCHNEIDER, 2006).

Entretanto, existe um terceiro elemento que pode ser considerado, o qual tem ação a partir de uma “reorientação dos debates acadêmicos sobre a ruralidade” (SCHNEIDER, 2003, p. 100). Segundo o autor, surge assim uma retomada nos estudos sobre questões agrárias e rurais no Brasil, que até então não despertavam tanto interesse aos pesquisadores, voltando a abordar aspectos do rural *lato sensu* ou de forma ampla, principalmente aos estudiosos das Ciências Sociais, ao invés de apenas agricultura e produção agrícola no campo.

No que tange às origens da agricultura familiar no Brasil, Altafin (2007) baseado em pesquisas históricas, resume tal origem em cinco grupos: índios, escravos africanos, mestiços, brancos não herdeiros e imigrantes europeus. Anteriormente, a estes atores sociais da categoria agricultura familiar eram atribuídas nomenclaturas como pequenos agricultores ou produtores

de subsistência, ou ainda, nomenclaturas de cunho pejorativo como por exemplo: roceiro, caipira, caboclo, dentre outras (SCHNEIDER, 2006; ALTAFIN, 2007).

Ainda sobre a discussão no que se refere às denominações feitas aos agricultores familiares, como por exemplo pequeno agricultor, Schneider (2006) expõe que esse é outro fator interessante a ser observado e que merece destaque. O autor afirma que não é o tamanho da propriedade, mas sim a forma com que estas pequenas unidades familiares de produção são organizadas no cenário rural brasileiro, e qual a contribuição dessas para com a melhoria das condições de vida e seus reflexos na população em geral do Brasil.

Todos esses movimentos e fatos em forma de pressões sociais e políticas, resultam na criação de uma legislação específica sobre a agricultura familiar. A Lei Nº 11.326/2006, criada em 2006, estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Rurais (BRASIL, 2006). Segundo Grisa e Schneider (2014) a lei passou a reconhecer a agricultura familiar, como uma categoria social, e definiu sua estrutura, balizando ainda políticas públicas destinadas à tal categoria. Para efeitos da lei, é considerado agricultor familiar e empreendedor familiar rural, aquele que exerça atividades no meio rural, e que atenda aos requisitos descritos no Artigo 3º da Lei Nº 11.326/2006:

I - Não detenha, a qualquer título, área maior do que 4 (quatro) módulos fiscais; II - utilize predominantemente mão-de-obra da própria família nas atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento; III - tenha percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, na forma definida pelo Poder Executivo; IV - dirija seu estabelecimento ou empreendimento com sua família (BRASIL, 2006, p. 1).

Transpondo a questão legal e burocrática, Becker e Sacco dos Anjos (2010) destacam o papel da agricultura familiar, em forma de um setor estratégico na produção de alimentos direcionados, principalmente, ao consumo da população. Essa atribuição consolida a agricultura familiar em vias de legitimidade social, política e acadêmica no contexto rural do Brasil, no que tange às questões de desenvolvimento territorial (ZAMITH; ALBUQUERQUE, 2016). Cabe ressaltar que a importância da agricultura familiar em se tratando de geração de renda, não pode ser confundida com geração de lucros ou riqueza.

Todavia, “no que concerne à agricultura e ao mundo rural, há um reconhecimento e legitimidade crescentes em relação à diversificação como *modus operandi* da produção e das formas sociais de trabalho” (SCHNEIDER, 2010, p. 88). O autor cita importantes estudos internacionais que avaliam em seus relatórios que “o futuro da agricultura e do mundo rural será determinado pelo modo como os agrupamentos humanos serão capazes de gerir a

diversidade das espécies (biodiversidade), dos solos e dos ecossistemas em que vivem” (SCHNEIDER, 2010, p. 89).

Ploeg (2014) corrobora com a definição da agricultura familiar exposta por Wanderley (1996) e vai além para definir o que é agricultura familiar: “é a forma com que as pessoas cultivam e vivem. É por isso que a agricultura familiar também é considerada uma forma de vida”. Em se tratando das principais características pressentidas na agricultura familiar, são apresentadas questões que dizem respeito à “unificação entre o trabalho manual e a atividade mental, entre o trabalho e a vida, bem como entre a produção e o desenvolvimento” (PLOEG, 2014, p. 11).

Para Mattei (2014) é de fundamental importância destacar o papel que a agricultura familiar desempenha no cenário rural, que ultrapassa as questões produtivas. “Em regiões em que predomina este tipo de agricultura são gritantes as diferenças, comparativamente às áreas dominadas pelo agronegócio, cujo centro dinâmico é dado pelas commodities produzidas em larga escala e voltadas aos mercados internacionais” (MATTEI, 2014, p. 78). Entretanto, existem ainda, duas diferenças citadas pelo autor no que diz respeito à agricultura familiar em relação ao agronegócio: a primeira se refere à maior preservação dos recursos naturais e a segunda trata da ocupação do espaço físico por pessoas, indivíduos e famílias.

Nesse sentido, Ploeg (2014, p. 7) chama a atenção sobre um fato importante no que diz respeito à categoria, argumentando que a agricultura familiar “se contrapõe à concepção burocrática, aos protocolos formalizados e à lógica industrial que dominam cada vez mais nossas sociedades”. O autor coloca que uma consequência dessa visão, é a rotulação da agricultura familiar como um processo arcaico, ultrapassado ou anárquico, entretanto, ao mesmo tempo podendo emergir como um fator novo, atrativo e sedutor às questões rurais:

A agricultura familiar carrega a promessa de criar práticas agrícolas altamente produtivas, sustentáveis, simples, flexíveis, inovadoras e dinâmicas. Tendo em conta todas essas características, a agricultura familiar pode contribuir significativamente para a soberania e segurança alimentar e nutricional. Ela pode fortalecer o desenvolvimento econômico de diversas maneiras, criando empregos e gerando renda (PLOEG, 2014, p. 11).

Assim, a agricultura familiar pode exercer importantes papéis no que tange a questões de desenvolvimento, inclusive num direcionamento territorial. Dentre tais papéis cabíveis à agricultura familiar, pode-se citar processos como resiliência econômica, ecológica e social das comunidades rurais, geração de empregos atrativos à sociedade, emancipação de parcelas oprimidas, manutenção das paisagens e da biodiversidade, dentre outros (PLOEG, 2014).

Dessa forma, percebe-se que a agricultura familiar apresenta compatibilidade com estratégias e preceitos de práticas sustentáveis na agropecuária, assim como os preceitos da agroecologia, no direcionamento da sustentabilidade para o meio rural. Através de práticas agroecológicas e sustentáveis, tem-se a permanência das famílias no cenário rural, a partir do manejo do solo, conservação dos recursos naturais, independência dos agricultores em relação à comercialização de seus produtos e valorização dos saberes locais, todos estes elementos de forma sustentável, valorizando ainda o território (SANTOS et al., 2014).

Nesse sentido, a categoria social agricultura familiar constitui papel fundamental nas atividades produtivas, econômicas e de preservação do meio ambiente, devido a práticas e manejos utilizados nos processos produtivos, que dizem respeito ao atendimento dos preceitos da sustentabilidade e do equilíbrio do ambiente como um todo (ZAMITH; ALBUQUERQUE, 2016). Ainda sobre a importância da agricultura familiar, atrelada às questões de desenvolvimento, o destaque também está na notabilidade de fatores socioeconômicos no Brasil. Segundo dados do Anuário Brasileiro de Agricultura Familiar – ABAF (2019), a capacidade de produção de alimentos da agricultura familiar compunha mais de 70% da alimentação básica destinada à população brasileira.

Em se tratando de questões socioeconômicas, cabe discutir ainda geração de emprego e renda. Segundo dados do Censo Agropecuário 2017, são mais de dez milhões de pessoas empregadas, ou seja, ocupadas pelo trabalho gerado na categoria, números equivalentes à 67% do total de trabalhadores do campo no Brasil (IBGE, 2019). Outro fator que evidencia a importância da agricultura familiar no Brasil, é o número de propriedades rurais utilizadas na atividade da categoria, que chegam há 3,9 milhões ou 77% dos estabelecimentos rurais, ocupando uma área superior a 80 milhões de hectares com atividade agrícola familiar (IBGE, 2019).

Assim, ao findar a seção, faz-se a conexão entre agricultura, como o cultivo de produtos agrícolas, junto à pecuária, como a criação de animais, que constituem importantes setores da socio economia e das realidades rurais. Nesse sentido, a próxima seção apresenta a pecuária familiar como categoria social.

2.3 Pecuária familiar no Pampa Gaúcho: o reconhecimento e a emergência da categoria

A pecuária familiar é identificada no Brasil, no Uruguai e na Argentina, países que apresentam as mesmas características dentro do Pampa. No Rio Grande do Sul, é significativo o número de pecuaristas que se enquadram na categoria, bem como o número de

estabelecimentos rurais ocupados com a atividade de produção pecuária, sendo responsáveis por 40% da produção de carneiros de corte no estado (RIBEIRO, 2018). Outra importante questão abordada por Ribeiro (2018), trata a respeito da representatividade da pecuária familiar quanto à área de terras e ao número de pessoas que são ocupados com a atividade. No Rio Grande do Sul são aproximadamente 60 mil famílias, que utilizam cerca de 5 milhões de hectares para criar três milhões de bovinos e ainda uma boa quantidade de ovinos.

Assim, toma-se o entendimento apresentado por Ribeiro (2009), no qual os pecuaristas familiares são um tipo específico de agricultores familiares, oriundos de diferentes formações e construções a partir da ocupação da terra, pautado no seu modo de vida e relação particular com a natureza, bem como, para com os recursos provenientes desta, na qual determinada categoria apresenta potencial de efetuar importantes contribuições no que tange à questão ambiental e social do Pampa, ou seja, questões que norteiam o desenvolvimento territorial.

No que tange às origens, foi durante o início do Século XXI que diversos estudos identificaram a existência de uma categoria social no Rio Grande do Sul, a pecuária familiar, que na verdade sempre esteve presente no território, mas que até então era invisível às questões políticas (governo), acadêmicas (pesquisas) e sociedade (representação social), estando à margem dos processos de desenvolvimento (WAQUIL et al., 2016; BORBA, 2016; RIBEIRO, 2018).

Segundo Waquil et al. (2016) a partir dos anos 2000, os até então chamados pequenos produtores, e que se dedicavam à pecuária, passam a despertar interesses acadêmicos no que tange às questões rurais, de forma a inserir e abordar outros aspectos e processos em uma esfera multidimensional dessa ampla realidade rural.

Ainda de acordo com Waquil et al. (2016), a partir de uma série de estudos iniciais, foi possível relevar três aspectos importantes sobre a pecuária familiar: i) a desmitificação de que a pecuária era realizada apenas por grandes produtores no Rio Grande do Sul; ii) A pecuária como atividade diversa no contexto socioeconômico, produtivo e ambiental; e iii) a representação social e política por parte dos pecuaristas familiares. A partir desses fatores, mesmo com algumas restrições, a pecuária familiar, assim como os pecuaristas familiares, passam a ser reconhecidos pelos gestores de governos e pelas entidades de classes, o que legitima o reconhecimento da categoria social.

A pecuária familiar caracteriza-se como um grupo de indivíduos que possui características peculiares, como manter o modo de produção e de trabalho no campo com base familiar, a partir da criação de bovinos de corte e/ou ovinos como principal atividade produtiva,

bem como, uma relação de dependência para com a natureza, essa última como principal característica (WAQUIL et al., 2016; RIBEIRO, 2018).

De acordo com a EMATER (2003) o pecuarista familiar caracteriza-se por ser um tipo pertinente de agricultor familiar, mas que, entretanto, possui traços singulares no que diz respeito às práticas de sistemas produtivos extensivos. Os sistemas praticados pelos pecuaristas familiares são baseados na criação de animais, bovinos de corte e ovinocultura, e que tem por objetivos assegurar a reprodução familiar e de sua propriedade, efetuando ainda outras atividades, chamadas de pluriatividades, para reforçar ou complementar a renda da família. Dentre as atividades complementares, pode-se destacar a prestação de serviço ou venda de mão de obra, a troca de serviços com vizinhos, a transformação de maneira artesanal de produtos agrícolas, além de rendas de aposentadoria e outras diversas (EMATER, 2003; TORRES, 2003).

Ribeiro (2009) ao abordar sobre o modo de vida do pecuarista familiar, explica que tal condição contempla diferentes dimensões em sua própria concepção. Ou seja, para o autor, a atividade não é pautada em uma lógica mercantilista ou econômica, por assim definir, mas sim em uma inserção ampla e complexa sobre as formas como são conduzidos os processos, guiados por uma realidade peculiar onde os valores materiais e imateriais são tão ou mais importantes quanto a busca pelo lucro e produtividade, explica o autor.

Cabe salientar, de acordo com Ribeiro (2009), que há uma trajetória e que esse movimento precisa ser explicado. Na tentativa de superar entraves causados pela modificação advinda da modernização da agricultura, inclusas no processo produtivo, os pecuaristas familiares buscaram maneiras de se reproduzir ou sobreviver com base na criação de bovinos de corte, mesmo estando à margem dos processos modernos de produção e inserção no mercado. Isso explica o que o autor chama de processos atrasados ou marginais, que na verdade, fazem jus à adaptação racional ao modo de vida particular e aos recursos naturais disponíveis ao pecuarista familiar, ou seja, a maneira que estes atores encontram para sobreviver e reproduzir seu modo de vida. No que tange à caracterização do pecuarista familiar, esta é descrita quanto à forma de organização de vida, conforme Ribeiro (2018, p. 22):

[...] os pecuaristas familiares, na sua maior parte, possuem famílias pequenas sendo o chefe da família de mais idade, tem alguma dificuldade na sucessão familiar além de terem pouca ou nenhuma habilitação formal (treinamentos e capacitação). Na sua maioria herdaram a terra de seus pais e utilizam a mão de obra da família. Isto acaba definindo o tamanho da atividade e do negócio e as limitações para a diversificação de atividades. Além disso, têm na bovinocultura de corte a sua principal atividade que pode ser associada, ou não, à ovinocultura dependendo das condições de solo, de mão de obra disponível e da ocorrência de abigeato.

Conforme Ribeiro (2018), o modo de vida dos pecuaristas familiares é definido através dos sistemas de produção da atividade, elegendo como características marcantes: i) os sistemas de cria; ii) o gado como mercadoria de reserva; iii) produção à base de campo natural; e iv) baixa utilização de insumos químicos externos. Para o autor o entendimento sobre tais características permite compreender a estruturada, a lógica produtiva, sendo possível ainda, identificar maneiras de potencializar o trabalho dos pecuaristas familiares.

No que diz respeito à legitimação do estado sobre a categoria pecuária familiar, a Lei Nº 13.515/2010 instituiu o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar (PECFAM), visando promover e coordenar ações de forma integrada, para promoção do desenvolvimento rural sustentável, que seja, economicamente viável, com justiça social e respeito ao ambiente (RIO GRANDE DO SUL, 2010). O artigo 4º da Lei Nº 13.515/2010, apresenta uma definição de pecuarista familiar:

I - produção de bovinos e/ou caprinos e/ou bubalinos de corte e/ou ovinos; II - produção predominantemente familiar, podendo utilizar mão de obra contratada até 120 (cento e vinte) dias ao ano; III - posse, a qualquer título, de propriedades rurais com área não superior a 300 ha (trezentos hectares), contínua ou não; IV - residência na propriedade ou em local próximo; V - obtenção de, no mínimo, 70% (setenta por cento) da renda provinda da atividade pecuária e não agropecuária do estabelecimento, excluídos os benefícios sociais e os proventos previdenciários decorrentes de atividades rurais (RIO GRANDE DO SUL, 2010, p. 2).

Entretanto, é importante ressaltar que essa definição apresentada na legislação, diz respeito ao enquadramento no PECFAM, não excluindo da pecuária familiar aqueles indivíduos que não atendam totalmente a tais características, pois o conceito está em movimento, compreendido em um amplo e complexo entendimento teórico e prático. Nesse sentido, torna-se importante destacar uma característica apontada por Ribeiro (2018), que além das definições descritas na legislação, faz uma observação quanto à área de campo destinada para a atividade, que segue se caracterizando como pequenas áreas, mas que podem chegar até 500 hectares por família, segundo o autor.

Nesse direcionamento, Waquil et al. (2016) ao abordar em um sentido mais amplo a categoria, discorrem que para compreender a pecuária familiar, tendo em vista suas características e especificidades, é necessário construir o pecuarista familiar em forma de um ator social, que por sua vez se constitui como diferenciado em fatores étnicos e culturais, ligados ainda à fenômenos históricos de sua formação. Desta forma, os autores sugerem um rompimento de vinculações desse sujeito tradicional em razão da ótica de tempos passados, para assim perceber na atualidade, os pecuaristas familiares como “sujeitos detentores de

interesses legítimos e direitos e, como tal, protagonistas que compõem, de forma singular, o tecido sociocultural e produtivo do estado do Rio Grande do Sul” (WAQUIL et al., 2016, p. 12).

Assim, ao observar o exposto por Ribeiro (2009), de que a pecuária familiar se caracteriza em uma relação para com o meio ambiente por contingência, que por sua vez se deu pela necessidade de subsistência, mais ligados à ecologia do que a economia, propriamente dita, essas peculiaridades fazem com que o pecuarista familiar tenha seu próprio modo de vida. Para Azevedo e Fialho (2016), tais características, fazem com que a pecuária familiar se alicerce em um modo de sobrevivência, garantindo fluxo contínuo de bens, energia e matérias ao fazer uso dos recursos disponíveis na natureza de uma forma abrangente e amistosa, preservando e mantendo fatores materiais como os recursos naturais e paisagens.

Ainda segundo Azevedo e Fialho (2016), a forma de produção utilizada pela pecuária familiar, é considerada de baixo impacto e por isso capaz de promover serviços ecossistêmicos de grande relevância para a atividade, tornando-se assim fatores estratégicos no que diz respeito à preservação de fatores imateriais como cultura, tradição e modo de vida, tudo isso em ecossistemas únicos e singulares. Nesse contexto, a forma com a qual os pecuaristas familiares se apropriam ou fazem uso da natureza, em todos os sentidos, contribui para a preservação e manutenção do bioma Pampa.

Entretanto, a maior contribuição está no fortalecimento e desenvolvimento do Pampa Gaúcho, como forma de expressão de uma cultura única, dotada de particularidades e peculiaridades, de maneira a cooperar para a promoção de desenvolvimento territorial sustentável, ao utilizar de forma responsável os recursos disponíveis no território (AZEVEDO; FIALHO, 2016). Borba (2016, p. 190) ressalta condições de ecologização da pecuária familiar, devido à Concepções inerentes à pecuária familiar na Região da Campanha do RS:

- i) são complexos por depender fundamentalmente das relações e interações ecossistêmicas e dos conhecimentos locais para seu manejo;
- ii) apresentam baixa dependência externa (insumos) para seu funcionamento. Ainda que isso possa configurar um baixo nível tecnológico, representa excelente oportunidade para se estabelecer sistemas mais autônomos e capazes de gerar produtos com qualidade diferenciada;
- iii) provocam impactos ambientais negativos, especialmente sobre a vegetação, porém, todos são impactos moderados e totalmente reversíveis;
- iv) são altamente sustentáveis do ponto de vista ambiental, em função de apresentar índices de renovação superiores a 80% ainda que de forma geral, os sistemas pecuários familiares têm graves problemas de geração de renda, mesmo porque a lógica de seu funcionamento lhe atribui um papel muito mais de poupança que de uma atividade comercial visando lucro.

Para Neske, Marques e Borba (2014), a pecuária familiar, nesse caso especificamente situada no Alto Camaquã, é responsável por produzir novidades que fogem ou se desviam de lógicas ou trajetórias mais atuais no que diz respeito às questões técnicas e/ou produtivas que são inerentes ao contexto construído e sustentado pela modernização da agricultura. Para Neske, Marques e Borba (2014), tem-se nesse movimento, um dos potenciais pressentidos na pecuária familiar, o de criar possibilidades gerando estratégias próprias de desenvolvimento rural, estendendo-as ao território. Isso para os autores, diz respeito à uma oposição ou um direcionamento contrário ao processo social e tecnológico dominante e hegemônico de propriedade da agricultura moderna. E esse fator faz com que a pecuária familiar, seja vista e reconhecida através de seus preceitos e potencialidades de desenvolvimento territorial, principal no que diz respeito ao Pampa Gaúcho.

Assim, ao fazer uso dos preceitos e concepções inerentes à categoria social pecuária familiar, o estudo aproxima tais características aos preceitos e movimentos pautados na agroecologia, como forma de promover o desenvolvimento territorial, no presente estudo, no Pampa Gaúcho. Destarte, é possível estabelecer uma ligação entre a agroecologia junto à agricultura e pecuária familiar, pautada na relação entre o ambiente de reprodução das categorias junto à utilização dos recursos disponíveis.

Essa aproximação pode promover modelos sustentáveis de agricultura, reorientando processos produtivos e refletindo no contexto socioeconômico e ambiental do Pampa Gaúcho. Diante da conexão apresentada entre agricultura e pecuária familiar para com a agroecologia, através de suas práticas e preceitos, a próxima seção apresenta a agroecologia, seus princípios e noções.

2.4 Agroecologia e suas múltiplas dimensões: noções e concepções

O termo agroecologia tem origem no século XX, mais precisamente nos anos 1930, resultando de uma espécie de cruzamento entre a ecologia e a agronomia, a partir do desenvolvimento e aplicação da ecologia junto à agricultura. Um produto da fusão entre as duas áreas de conhecimento, é a consideração do agroecossistema como uma unidade de análise, representada por um local de produção, unidade produtiva, uma propriedade, ou ainda um ecossistema. “O conceito de agroecossistemas possibilita analisar os sistemas de produção de alimentos no seu conjunto, incluindo os insumos e as interações entre as partes que o compõem” (GLIESSMAN, 2005, p. 61).

Nos anos 1960 e 1970, tem-se o aumento da importância sobre questões ambientais, bem como dos impactos da atividade agrícola pautada no modelo convencional, ocorrendo a valorização das perspectivas ecológicas, solidificando assim as bases da agroecologia. Na década de 1980, a agroecologia aflora como uma base conceitual e uma metodologia para subsidiar investigações inerentes aos agroecossistemas. Feiden (2005) explica que a agroecologia passou de um elemento da contracultura dos anos 1970, para uma disciplina acadêmica subsidiada por resultados gerados em diferentes linhas de pesquisa, resultando em ganhos e aumento de respeitabilidade na sociedade como um todo.

A partir dessa evolução, Gliessman (2005) destaca que a agroecologia permitiu a análise de sistemas tradicionais de produção, possibilitando assim, a compreensão de fenômenos como: a importância do conhecimento e cultura local das populações tradicionais. Segundo o autor, tal entendimento abrange ainda às dimensões agroecológicas, fatores como sociedade, cultura, saberes e crenças.

Dessa forma, de acordo com Gliessman (2005, p. 54) tem-se a consolidação de uma nova ciência, a partir da definição da agroecologia como a “aplicação de conceitos e princípios ecológicos no desenho e manejo de agroecossistemas sustentáveis”. Ainda segundo o autor, a importância da agroecologia se consolida em dois sentidos: de um lado, tal ciência permite a compreensão de processos econômicos no que tange aos agroecossistemas e por outro lado, a agroecologia surge como um agente com a potencialidade de provocar transformações sociais e ecológicas, no direcionamento de uma agricultura embasada em modelos mais sustentáveis.

A noção vai ao encontro do exposto por Altieri (2000). Para o autor a agroecologia apresenta-se como uma nova e dinâmica ciência, com a potencialidade de fornecer os princípios ecológicos básicos para o tratamento dos ecossistemas e agroecossistemas, tanto no que se refere à produtividade agrícola, como à preservação dos recursos naturais. Assim, no direcionamento de tal enfoque científico, Caporal e Costabeber (2002) argumentam que a agroecologia serve como base de apoio à transição dos modelos de desenvolvimento e de agricultura ditos convencionais, para estilos de desenvolvimento pautado em formas de agriculturas sustentáveis:

Agroecologia é defendida como uma nova ciência em construção, como um paradigma, de cujos princípios e bases epistemológicas nasce a convicção de que é possível reorientar o curso alterados dos processos de uso e manejo dos recursos naturais, de forma a ampliar a inclusão social, reduzir os danos ambientais e fortalecer a segurança alimentar e nutricional, com a oferta de alimentos saudáveis para todos os brasileiros (CAPORAL, 2008, p. 4).

Também pode-se dizer que a Agroecologia se aproxima ao estudo da agricultura numa perspectiva ecológica, embora com estrutura teórica orientada à compreensão ampla dos processos produtivos (CAPORAL; COSTABEBER, 2000). Helenius, Wezel e Francis (2019) destacam que o estudo da agroecologia como uma ciência, diz respeito tanto às práticas agrícolas em seu aspecto produtivo, quanto às questões de movimentos sociais, que surgem como integrantes dos processos de desenvolvimento.

Por conseguinte, a agroecologia serve como uma abordagem integradora, unindo princípios agronômicos, ecológicos e socioeconômicos junto à avaliação e compreensão, não só dos efeitos tecnológicos e seus reflexos nos sistemas agrícolas, mas também da sociedade como um todo. Nesse sentido, o agroecossistema é visto como a unidade de estudo multidimensional, que inclui além da produção agronômica, as dimensões sociais, ecológicas e culturais (ALTIERI, 2000).

Em se tratando sobre aspectos de sustentabilidade, a agroecologia age na busca da agricultura e dos alimentos, porém com relações a duas outras interpretações inerentes aos princípios e noções de agroecologia: práticas agrícolas ambientalmente saudáveis e movimentos sociais pela segurança e soberania alimentar (HELENIUS; WEZEL; FRANCIS, 2019). A partir desse entendimento, admite-se que o papel da agroecologia não se limita ao aspecto técnico de sistemas sustentáveis para produção de alimentos, e sim em ressaltar potencialidades para subsidiar programas e ações de desenvolvimento (MOREIRA; CARMO, 2007).

A agroecologia está assentada na busca e identificação do local e sua identidade para, a partir daí, recriar a heterogeneidade do meio rural, através de diferentes formas de ação social coletiva de carácter participativo (GUZMÁN, 2001). Altieri (2000, p. 290) afirma que o objetivo das práticas agroecológicas é “a manutenção da produtividade agrícola com o mínimo de impactos ambientais e com retornos financeiro-econômicos adequados, que permitam diminuir a pobreza e atender às necessidades sociais da população”.

Em questões de desenvolvimento, amparado pelos princípios da agroecologia, dado processo tem base ao descobrir, sistematizar, analisar e potencializar os recursos locais, fazendo frente ao processo de modernização e padronização. Assim, através de formas participativas, tem-se a oportunidade de propor estratégias de desenvolvimento subsidiadas na própria identidade local de um etnoecossistema ao qual estão inseridos (GUZMÁN, 2001).

Entretanto, o paradigma que se encontra sob o modelo convencional de agricultura, não estabelece uma conversa com questões de sustentabilidade. É possível constatar que as atuais práticas agrícolas convencionais, pautadas no modelo de modernização da agricultura são

insustentáveis, pois se baseiam na dependência intensa de combustíveis fósseis e pela retirada do domínio dos agricultores, especialmente no que se refere à produção de alimentos para subsistência, ou ainda à soberania alimentar (ROCHA; AREND, 2017, p.16).

Assim, torna-se fundamental considerar, que a sustentabilidade na agricultura pode ser definida, de um modo geral, como a atividade econômica em que os recursos naturais não podem ser esgotados, em que os aspectos culturais da sociedade local sejam considerados. De outra forma, práticas agrícolas de base ecológica não podem apenas limitar-se aos aspectos técnicos e econômicos de produção de alimentos, mas também incorporarem práticas e dimensões ambientais, sociais, culturais, políticas e éticas (CAPORAL; COSTABEBER, 2002).

Todavia numa perspectiva agroecológica e sustentável, Rocha e Arend (2017) argumentam que para uma unidade de produção agrícola tenha sustentabilidade, considerando fatores viáveis de produtividade e economia, tem-se a necessidade de valorização sobre os conhecimentos locais e empíricos, que resultarão na sustentabilidade, em sua base social, econômica e ambiental juntos aos agricultores. Nesse sentido, direcionando ações para a construção de contextos de sustentabilidade, Guzmán (2001) expõe que tais ações devem assegurar o incremento da biodiversidade e da diversidade dos aspectos culturais, de forma a minimizar questões de dependências que os etnoecossistemas podem estar submetidos.

Portanto, a agroecologia fornece, de acordo com Altieri (2000), uma estrutura metodológica que permite a compreensão e entendimento mais aprofundado, sobre a natureza de agroecossistemas e dos princípios sob os quais estes são regidos. Essa compreensão também é destacada por Gliessman (2005), junto ao entendimento dos processos inerentes ao agroecossistema e como agente transformador sustentável.

Os princípios agroecológicos, possibilitam o desenvolvimento de novos métodos agrícolas, que se aproximam ao modelo de produção camponês. Essa perspectiva, diferencia-se da lógica na qual é pautada a agricultura moderna, que tem sua base tecnológica com origem na Revolução Verde. Segundo Altieri (2000), a abordagem agroecológica se diferencia, não apenas no uso de tecnologia, mas inclusive por utilizar critérios socioeconômicos, no que se refere às culturas, beneficiários, necessidades de pesquisa e ainda participação social. O Quadro 3 apresenta uma comparação entre as duas abordagens tecnológicas.

Quadro 3 – Comparação entre as tecnologias da Revolução Verde e da agroecologia

Dimensões	Características	Revolução Verde	Agroecologia
Técnicas	Cultivos afetados	Grãos, <i>commodities</i> , etc.	Todos os cultivos.
	Áreas afetadas	Áreas planas e irrigáveis, que permitem ampla utilização de máquinas.	Todas as áreas, especialmente as marginais, aproveitando o terreno e as especificidades de cada área.
	Sistemas de cultivo dominante	Monocultivos geneticamente uniformes, padronizados.	Policultivos geneticamente heterogêneos, diversificados.
	Insumos predominantes	Ênfase nos recursos externos: Agroquímicos, maquinário, alta dependência de insumos externos e combustíveis fósseis.	Ênfase nos recursos internos: Fixação de nitrogênio, controle biológico de pragas, corretivos orgânicos, grande dependência nos recursos locais renováveis.
Ambientais	Impactos e riscos à saúde	Riscos à saúde na aplicação dos agrotóxicos e nos seus resíduos, poluição química, erosão, salinização, resistência a agrotóxicos, etc.	Nenhum.
	Cultivos deslocados	Na maioria, variedades tradicionais e raças locais.	Nenhum.
Econômicas	Custos das pesquisas	Relativamente altos, iniciativa privada	Relativamente baixos, iniciativa pública.
	Necessidades financeiras	Altas. Todos os insumos devem ser adquiridos no mercado.	Baixas. A maioria dos insumos está disponível no local.
	Retorno financeiro	Alto. Resultados rápidos. Alta produtividade da mão de obra.	Médio. Precisa de um determinado período para obter resultados mais significativos. Baixa a média de produtividade da mão de obra.
Institucionais	Desenvolvimento tecnológico	Setor semipúblico, empresas privadas.	Na maioria, públicas, grande envolvimento de ONGs.
Socioculturais	Capacitações necessárias à pesquisa	Cultivo convencional e outras disciplinas de ciências agrícolas.	Ecologia e especializações multidisciplinares e múltiplas perspectivas.
	Participação	Baixa, na maioria, métodos de cima para baixo.	Alta, socialmente ativadoras, induz ao envolvimento da comunidade.
	Integração cultural	Muito baixa, ou quase nenhuma.	Alta. Uso extensivo de conhecimento tradicional e formas locais de organização.

Fonte: Elaborado pelo autor, baseado em Altieri (2000).

Uma característica que pode ser percebida na abordagem dos princípios agroecológicos, como demonstra o Quadro 3, é o fato de esta ser mais sensível em relação às complexidades dos sistemas de produção locais, valorizando a produção, mas dando a igual

importância à fatores de sustentabilidade, segurança alimentar, estabilidade biológica, conservação de recursos e equidade. Altieri (2000) argumenta que dadas técnicas são corretas do ponto de vista ecológico, uma vez que não causam alterações radicais no ecossistema, mas sim, através da identificação e manejo de elementos tradicionais, podem otimizar a unidade de produção. Cabe ainda destacar, segundo o autor, que a ênfase aplicada aos recursos locais disponíveis, diminui por exemplo, os custos de produção, o que viabiliza economicamente as tecnologias agroecológicas.

Por fim, pode-se aproximar a agroecologia ao desenvolvimento territorial, onde segundo Gusmán (2001), a agroecologia deve atuar na busca e na identificação dos recursos locais e da identidade local, para somente assim, recriar a heterogeneidade do cenário rural, através de formas de ação coletiva e de caráter participativo. Assim, conforme Matei e Filippi (2012), é necessário a valorização do território do Pampa e todos os recursos inerentes a este contexto de vida, aliado a um planejamento em perspectivas territoriais, de forma adequada no sentido de buscar um novo modelo de desenvolvimento, entendido nesta pesquisa, a partir do uso e dos preceitos da agroecologia e da agricultura familiar.

O próximo capítulo apresenta a proposta metodológica para a realização desse estudo, apresentado o método, técnica e coleta e análise de dados, bem como, uma breve contextualização sobre o universo empírico da pesquisa.

2.5 O movimento da agropecuária familiar no Pampa Gaúcho: da pecuária como forma de ocupação à agroecologia como possibilidade de promover o desenvolvimento territorial

A ligação entre a agricultura e a pecuária se faz presente no Pampa Gaúcho desde os primórdios. Isso se deve a vocação natural do território, desde as condições edafoclimáticas, relevo, paisagem natural, solo, água e vegetação. Adiciona-se a isso, questões socioculturais únicas e muito específicas como cultura e tradições, que moldaram o modo de vida no espaço. Dessa forma, cabe discutir o movimento das atividades econômicas, tanto a agricultura, quanto a pecuária, como balizadoras do desenvolvimento, ou até mesmo, o subdesenvolvimento no Pampa Gaúcho.

O estado do Rio Grande do Sul começa a ser ocupado no Século XIX. Isso porque até os anos 1600, portugueses e europeus não tinham interesses econômicos na região, que por sua vez era habitada pelos povos nativos indígenas, além de jesuítas espanhóis, que começaram a introduzir o gado bovino, que posteriormente passa a ser criado solto nas vastas terras do Pampa (RIBEIRO, 2009; HEYDT; HOFF; TROIAN, 2019). Conforme Cruz e Guadagnin (2012), a

partir dos anos 1600, a chegada do povo europeu dá uma nova dinâmica ao Pampa, quebrando a monotonia que se instalava desde o desaparecimento da megafauna.

De acordo com Ribeiro (2009), historicamente, a exploração pecuária integra-se ao Pampa a partir da criação das estâncias¹, tendo as atividades econômicas pautadas na criação extensiva do gado de corte, além de pouca diversificação produtiva. Tem-se assim o começo da ocupação e povoação colonizadora no Rio Grande do Sul pelos portugueses, justamente pelas condições de ambiente e aptidão natural à produção do gado de corte.

Assim organizou-se o espaço produtivo no cenário rural do Pampa Gaúcho, a partir das estâncias e criação do gado como a principal atividade característica da economia desta região. Outra questão importante abordada por Chelotti e Pessoa (2006), trata sobre a vida não-comunitária da região Sul (atual Pampa Gaúcho), dada às grandes dimensões de terras concentradas em poucos proprietários, bem como, a discrepância entre as relações de trabalho e até mesmo sociais existentes no campo, de patrões (proprietários da terra) para com peões (trabalhadores assalariados das estâncias).

Para Chelotti e Pessoa (2006) essa dinâmica é um contraponto à ocupação colonial do Norte do estado. Segundo os autores a base produtiva era o cultivo de lavouras, em que os colonos eram os proprietários ou trabalhadores autônomos, apresentando ainda a região, maior dinâmica nas relações sociais, pois havia maior densidade populacional, isso quando comparada ao Extremo-Sul. Nessa parte do estado, a colonização de origens europeias, sobretudo italianos e alemães, deu uma dinâmica diferente ao espaço, fundamentando as atividades produtivas na subsistência e reprodução da família, a partir do uso da terra em lavouras e áreas de cultivo, ao invés de uma ocupação de defesa da terra, como na metade Sul (RIBEIRO, 2009).

Por outro lado, parte importante da história e da formação do Pampa Gaúcho, é pautada e enraizada em conflitos por posse da terra e poder. Cassanego Jr. e Forgiarini (2017) explicam que, entre os séculos XVIII e XIX, havia grande esforço por partes das elites locais gaúchas, os estancieiros, em manter o *status quo*, que outrora resultou das conquistas territoriais. Segundo os autores, tais conflitos tiveram base em ambições pela parte portuguesa no que se refere a ter de fato um marco geográfico natural e fronteiriço, o Rio da Prata, visando acesso ao interior da parte Sul-americana do continente via navegação.

De acordo com Ribeiro (2018) a formação histórica do Pampa Gaúcho se deu a partir da mescla de ambiente naturalmente propício, formado por campos de pastoreio, juntamente

¹ ESTÂNCIA (BRAS) - Fazenda. Estabelecimento rural destinado à criação de gado. Típica da região pampeana do Rio Grande do Sul, a estância tem extensão de, no mínimo, mil hectares, com construções e instalações adequadas para a criação extensiva de gado – bovino, ovino e equino (SCHLEE, 2019, p. 399).

com o imenso contingente de gado bovino asselvajado e somado às formas de uso e ocupação da terra. Assim, começa a enraizar de fato a criação pecuária à sociedade e economia do Pampa Gaúcho. Além de atividade econômica, a pecuária extensiva passaria a ser o modo de vida do gaúcho no Pampa, tornando-se desta forma, um elemento só, indissociável e sendo reproduzido por séculos. Para Cruz e Guadagnin (2012), estabelece-se assim uma nova fase de estabilidade do ambiente do Pampa, criando uma dinâmica no espaço rural.

Já no final do Século XX, segundo Alves (2007) a tradicional pecuária de corte extensiva, que tinha por prática manter solto à campo o gado, com base na alimentação natural, foi aos poucos sendo substituída pela pecuária de corte intensiva empresarial, a qual fazia uso de pacotes tecnológicos, como melhoramento genético, rações, capital e investimentos estrangeiros, tudo isso visando a exportação da carne produzida. É neste período, que outra forte transformação ocorre no Pampa Gaúcho, a modernização da agricultura². Nos anos 1950 tem início no Brasil o processo de modernização do campo, principalmente nas regiões Sul e Sudeste a partir dos anos 1960. Essas mudanças resultaram em significativas transformações do cenário rural e agrário nas décadas seguintes (TEIXEIRA, 2005).

Segundo Fontoura (2014), na metade final do Século XX, as primeiras lavouras mecanizadas foram implantadas na metade Sul, mais especificamente Região Central e Litoral Sul do estado, foram as de cultivos de arroz e trigo. A partir da modernização agrícola, os cultivos de arroz e trigo migram para as áreas da Campanha, onde encontram terras de várzeas, que combinadas à construção de açudes, permitem os cultivos em municípios como Dom Pedrito, Bagé, Uruguaiana e Quaraí, por exemplo, chegando ainda ao Uruguai. O cultivo de arroz rapidamente se torna hegemônico à região, ocorrendo de forma concomitante à pecuária de corte. O mesmo movimento ocorreu com o cultivo da soja, algumas décadas mais tarde.

Todavia, nem todos os agricultores e pecuaristas foram incluídos nesse processo de modernização do campo, assim como nem todos os espaços existentes. Para Teixeira (2005), a modernização da agricultura foi um processo excludente e que beneficiou apenas parte dos atores envolvidos no cenário rural, em especial as elites rurais. Fontoura (2014) cita outras questões, como a falta de associações de classes e obstáculos naturais como o relevo, o solo, os quais impediram ou dificultaram o trabalho mecanizado dos maquinários, uma das condições para alcançar os níveis produtivos e de padronização que a agricultura moderna necessita, resultando assim na exclusão de um considerável número de agricultores e pecuaristas.

² Teixeira (2005), considera modernização da agricultura, aquela atividade que faz uso intensivo de técnicas e equipamentos, baseada na utilização de insumos externos e máquinas, possibilitando aumento no rendimento dos processos produtivos. Para o autor, esse processo é sinônimo de mecanização e tecnificação da lavoura agrícola.

Entretanto, Neske, Marques e Borba (2014) salientam, que embora o modelo de produção moderna de agricultura permaneça hegemônico, este movimento não é, nem tão pouco foi, um processo homogeneizador. Ou seja, a modernização da agricultura não atingiu a todos atores no cenário rural. Tais indivíduos têm encontrado maneiras de permanecer no campo, de forma a resistir às pressões meramente econômicas, visando ainda a construção de estratégias de produção a partir de valores sustentáveis e em consonância com o território.

Para Teixeira (2005), a modernização da agricultura trouxe impactos ambientais em razão do uso de produtos químicos, sem os devidos protocolos, além de contribuir para o desemprego dos trabalhadores do campo, impactando na questão do êxodo rural. Assim, impactos são notados nesse movimento de modernização do campo, a partir de um complexo processo de diferenciação socioeconômica inerente ao cenário rural e o contexto agrícola, tendo ainda reflexos de efeitos negativos diante do ambiente natural do Pampa Gaúcho, por parte da inserção da atividade agrícola mecanizada e com uso de produtos químicos atrelados à questão econômica (CRUZ; GUADAGNIN, 2012; NESKE, MARQUES, BORBA, 2014).

Para Delanoy, Viana e Troian (2020) o Pampa sofre com essa inserção da agricultura moderna, pautada em pacotes tecnológicos que vai de encontro ao sistema tradicional de criação pecuária, praticado à base de campo nativo, complementando que esse sistema pecuário está sendo substituído pelo cultivo de grãos. Outros efeitos da modernização da agricultura na região são descritos por Maia e Troian (2020), mais recentemente com a inserção do cultivo de soja dominando o cenário rural, tais como o predomínio da agricultura em larga escala, pautado na eficiência produtiva e tecnológica da agricultura moderna, esvaziamento demográfico afetando a questão social do campo.

Nesse sentido, Neske, Marques e Borba (2014), discorrem que em razão dessa produção modernizada e industrial, as formas e processos produtivos, bem como a inovação tecnológica constante, são fatores que fazem necessários à agricultura moderna. Esses elementos servem como base para impulsionar a questão de transformações no cenário rural agrícola, influenciados por condições e perspectivas lineares e reducionistas. Cabe destacar que para os autores, tais fatores resultantes desse processo, não consideram ou negligenciam importantes características inerentes ao contexto agrário e rural, tais como questões sociais, culturais, econômicas e ecológicas.

Alves (2007) salienta que o sistema tradicional da criação pecuária extensiva existente na Campanha Gaúcha, continua em atividade, reduzido principalmente aos pecuaristas familiares por contingência, que foram excluídos dos processos de modernização da agricultura. Entretanto, por sua vez, esse tipo de pecuarista apresenta grande potencialidade em praticar

uma atividade de forma sustentável, pois a região do Pampa Gaúcho é considerada um dos poucos lugares do planeta que replicam o modo extensivo de criação pecuária, de maneira sustentável, visando o uso dos recursos naturais inerentes aos espaços.

Nesse contexto, como uma alternativa de promover o desenvolvimento do Pampa e mudar a estrutura fundiária de extensão de áreas de campo concentradas em poucos proprietários, bem como o direcionamento industrial dado à produção oriunda do campo, no final dos anos 1980 inicia-se o processo de reforma agrária. Inicia-se assim, uma lenta e gradual mudança de padrões produtivos, recebendo e envolvendo outros atores ao cenário rural pré-existente (ALVES, 2007).

De acordo com Alves (2007), essa transformação passa justamente pela presença dos assentados, que a partir deste fato, se tornam presentes no que diz respeito à organização agrária. Como reflexos dessas mudanças, são acrescentadas ao Pampa, novos meios de produção e vida no campo, além de dar início à modificação da estrutura fundiária em atividade na região, até então baseada na agricultura moderna e pecuária extensiva industrial, ainda que de forma singela.

Chelotti e Pessoa (2006) relatam que, nos anos 1990 o Pampa Gaúcho serviu de palco para movimentos sociais rurais e/ou conflitos fundiários sob a posse e direito de uso da terra, envolvendo o Movimento do Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) e a Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (FARSUL). Fato este que resultaria na institucionalização da região da Campanha Gaúcha, como uma área de prioridade para dar abrigo ao movimento de reforma agrária, pensando em uma nova concepção no que diz respeito ao desenvolvimento regional do Pampa. Este movimento ocasiona uma série de novos assentamentos rurais, que faz com que o cenário rural e agrário da região receba novos agentes, que passam a residir, produzir e reproduzir suas culturas e cultivos no Pampa Gaúcho, numa tentativa de reorganizar assim a dinâmica produtiva da região (FERRON; TROIAN, 2020).

Tem-se assim, o estabelecimento de novas relações nos cenários agrários rurais, o que acabou provocando novas reterritorializações através da agricultura familiar assentada, com base em pequenas propriedades. Esse movimento de reterritorialização, recria os espaços das famílias assentadas, mesmo longe das regiões de origem (CHELOTTI; PESSOA, 2006). Todavia, cabe considerar que esse processo, foi concebido principalmente em terras de uso de pecuária de corte e lavoura de arroz, mas de uso patronais e não por parte dos pecuaristas e agricultores familiares do Pampa Gaúcho.

No que tange especificamente à pecuária familiar pertencente ao Pampa, Ribeiro (2018) classifica a categoria como estando no caminho da transição agroecológica, de certa forma já avançado nesse movimento, enquadrando os pecuaristas familiares do Pampa na denominação

de preservadores por contingência. Segundo o autor, esse enquadramento se dá pelas circunstâncias históricas relacionadas para com a produção pecuária. Isso pode ser justificado pelos processos produtivos estarem enquadrados como sustentáveis e com baixa dependência de recursos externos, reiterando a condição de contingência.

Diante desse contexto, a pecuária familiar bovina e ovina, ao fazer uso dos preceitos da agroecologia em seus sistemas produtivos, contribuem no melhoramento e incremento da eficiência produtiva, bem como, na promoção da conservação ambiental. Isso porque, ao fazer uso das técnicas, são conservados e construídos conhecimentos e saberes locais, possibilitando aos envolvidos, se apropriar dessa carga cultural e social, muito através da observação dos fenômenos que ocorrem no campo, aprimorando assim a atividade produtiva e a vida da família, que passa a enxergar o campo como um complexo ecossistema e espaço de vida, visando a sustentabilidade econômica e ambiental de sua propriedade (NETTO; AZEVEDO, 2019).

Para Cunha (2018) através dos preceitos da agroecologia aplicados ao cenário rural e à produção de alimentos no Pampa, tem-se a possibilidade de perceber um caminho futuro pelo qual as diversas experiências isoladas, possam se integrar sob o viés da agroecologia. Seja agricultura ou pecuária, seja produzindo hortaliças ou leite, para Cunha (2018) esse é o caminho para transformação da lógica existente e das relações socioculturais, econômicas e ambientais às quais o presente estudo engloba, utilizando como pano de fundo, o Pampa Gaúcho.

Ribeiro (2018) vai ao encontro de Cunha (2018), afirmando que as características encontradas na pecuária familiar do Pampa Gaúcho, bem como Cunha (2018) descreve na agricultura familiar, além de ajudar na compreensão da lógica produtiva e na identificação das potencialidades, coloca os atores no movimento de agricultores e pecuaristas pós-modernos. Isso sem nunca terem se modernizado.

Destarte, a partir da compreensão e da dimensão das experiências agroecológicas no Pampa Gaúcho, pode ser possível a formulação e o fortalecimento de estratégias visando a transição agroecológica. Desta forma, tem-se a agroecologia como forma para que o território possa manter sua construção social a partir do uso de seus recursos, tanto materiais, quanto imateriais, revelando ainda novas potencialidades. O próximo capítulo apresenta a metodologia utilizada na realização do estudo e versa sobre o método, técnica, coleta e análise de dados.

3 METODOLOGIA

O presente capítulo apresenta a metodologia utilizada para desenvolvimento do estudo. O texto está dividido em duas seções, a saber: abordagem, caráter e método; e técnicas de coleta e análise de dados.

3.1 Pesquisa: abordagem, caráter e método

A presente pesquisa, quanto à abordagem, classifica-se como qualitativa. Godoy (1995) descreve a pesquisa qualitativa como a pesquisa que permite a melhor compreensão de um fenômeno, tendo em vista o contexto ao qual ocorre e faz parte, devendo ainda, este fenômeno ser analisado numa perspectiva integrada. Para Roesch (2005) e Minayo (2010), a pesquisa qualitativa é um processo de combinação entre a prática e a teoria. Esse processo permite a abordagem de contextos reais em suas mais diversas situações para assim então realizar uma investigação sobre determinado fenômeno.

Nesse sentido, a presente pesquisa classifica-se como qualitativa. Isto pelo fato de investigar questões sobre o desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho, de forma a aliar a percepção de agricultores, de pecuaristas familiares e de agentes de desenvolvimento, com a caracterização do território, para assim, relacionar a teoria e a prática, atuando na busca pelo entendimento de tais questões.

Com relação aos objetivos propostos, a pesquisa possui caráter exploratório. Para Gil (2008) este tipo de pesquisa é utilizado quando o tema central escolhido é pouco explorado. O autor argumenta que as pesquisas exploratórias têm por finalidade desenvolver, esclarecer e modificar ideias ou conceitos, de forma a proporcionar uma visão geral sobre um determinado fato ou fenômeno. O estudo se caracteriza como exploratório, pois embora possam ser reconhecidos alguns estudos e investigações junto ao universo empírico que se estudou, destaca-se que escassas são as investigações alinhadas aos temas aqui propostos, justificando assim o caráter exploratório da pesquisa. Diversos são os estudos no Pampa Gaúcho, mas escassas são as abordagens tratando da agricultura e da pecuária familiar agroecológica.

Em relação ao método de pesquisa, foi utilizado o estudo de caso que se caracteriza pelo “estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado” (GIL, 2008, p. 57). Diante da profundidade de análise que é possibilitada através de um estudo de caso, é prevista neste método de pesquisa, a utilização de

diversas técnicas de coletas de dados, o que pode gerar aspectos positivos para a triangulação das informações coletadas (YIN, 2005).

O caso abordado no estudo é a relação da agricultura e da pecuária familiar agroecológica com o território Pampa Gaúcho. Ou seja, analisar os aspectos materiais e imateriais inerentes ao dia a dia, à vida e o labor dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos no produzir e reproduzir o território, a territorialidade e porque não a desterritorialização do Pampa. Ao findar desse item sobre as técnicas e caracterização da pesquisa, a próxima seção aborda de forma mais detalhada as técnicas de coleta e análise dos dados que contribuíram para a realização da pesquisa.

3.2 Técnicas de coleta e análise dos dados

As técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa foram: entrevista semiestruturada e observação não-participante. Para subsidiar as análises e dar maior recurso de informações foi feita a utilização do diário de campo e da travessia, combinados com a observação não-participante. A delimitação dos instrumentos de pesquisa considerou a importância da diversificação de tais técnicas para a realização de estudos de caso (YIN, 2005).

Na presente pesquisa, o tipo de entrevista utilizada foi a entrevista semiestruturada. De acordo com Boni e Quaresma (2005), as entrevistas semiestruturadas possibilitam discorrer sobre o tema em questão, combinando perguntas abertas e fechadas. As autoras complementam a definição de entrevista semiestruturada, discorrendo sobre o papel do pesquisador, que deve guiar-se por um conjunto de questões definidas previamente, assumindo ainda um caráter que se assemelha a uma conversa informal.

As entrevistas semiestruturadas foram realizadas a partir de roteiros de pesquisa elaborados previamente, a partir da literatura existente sobre o tema. Foram elaborados dois diferentes roteiros, um (apêndice B) para guiar entrevistas com agentes de desenvolvimento e outro (apêndice C) para as entrevistas com os agricultores e pecuaristas familiares. Nos roteiros de pesquisa estão as principais questões abordadas junto aos entrevistados, entretanto, ressalta-se que no decorrer das entrevistas foram acrescentadas perguntas que emergiram durante as falas e contextos apresentados. Destaca-se que os roteiros de pesquisa consideraram os paradigmas conceituais apresentados por Schneider (2009), a saber: i) definição de território a partir da interação dos humanos com o espaço; ii) o pensamento de território a partir das relações entre as dimensões imateriais, culturais e simbólicas com os espaços e; iii) a inserção

de território no amplo campo dos estudos de economia, do planejamento e da geografia do desenvolvimento.

A seleção dos participantes considerou a realidade de cada agricultor e pecuarista familiar, o seu papel no território, bem como, como sua disponibilidade e capacidade de fornecer informações sobre o tema pesquisado. A seleção dos entrevistados ocorreu ainda via técnica bola de neve. A técnica bola de neve é indicada para o estudo de grupos de difícil acesso ou difíceis de determinar tendo em vista pouco conhecimento sobre a população alvo da pesquisa, assim é aceita a ideia de indicações através de participantes, que indicam outros e assim sucessivamente (VINUTO, 2014).

No que tange à seleção dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos participantes da pesquisa, ela foi feita de forma intencional (através de indicações prévias) e via técnica bola de neve (indicações de agentes de desenvolvimento e agricultores ou pecuaristas familiares). A seleção considerou os seguintes pré-requisitos: i) serem agricultores e/ou pecuaristas familiares; ii) terem suas unidades familiares produtivas situadas no Pampa Gaúcho; e iii) utilizar de práticas agroecológicas em suas atividades produtivas. A seleção dos entrevistados considerou ainda, a localização das unidades familiares de produção (UFP), de modo a contemplar as três microrregiões da Campanha Gaúcha, divididas em: Campanha Meridional, Campanha Central e Campanha Ocidental (IBGE, 1990). Esse critério foi utilizado visando maior representatividade perante a dimensão do espaço pesquisado.

O contato com os agricultores e com os pecuaristas familiares agroecológicos foi feito via ligações telefônicas ou por aplicativo de mensagens *WhatsApp*, solicitando o agendamento de uma visita em suas unidades familiares de produção. Nesse sentido, as entrevistas foram realizadas nas unidades familiares de produção, de forma a melhor reproduzir o ambiente ao qual cada família está inserida e também para poder ser feito o uso da observação não-participante, diário de campo e travessia.

Os entrevistados ao longo do estudo são apresentados por código de identificação. As siglas “AF” para Agricultores Familiares ou “PF” para Pecuaristas Familiares, ou ainda a mescla dos dois códigos “APF”. As letras foram seguidas de números que representam a ordem cronológica das visitas realizadas. Na Tabela 1 é possível verificar além da localização de cada unidade familiar de produção, a forma de acesso a cada participante do estudo.

Tabela 1 - Caracterização e duração das entrevistas com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos

Código	Caracterização	Município	Forma de acesso	Duração (h)
AF 01	Agricultor Familiar	Dom Pedrito	IP ³	1 h 11 min e 25 s
PF 02	Pecuarista Familiar	Bagé	AD ⁴	1 h 16 min e 45 s
AF 03	Agricultor Familiar	Quaraí	AD	48 min e 48 s
AF 04	Agricultor Familiar	Quaraí	AD	35 min e 13 s
AF 05	Agricultor Familiar	Santana do Livramento	IP	51 min e 19 s
AF 06	Agricultor Familiar	Santana do Livramento	IP	25 min e 29 s
PF 07	Pecuarista Familiar	Dom Pedrito	AD	1 h 46 min e 17 s
PF 08	Pecuarista Familiar	Dom Pedrito	AD	1 h 39 min e 57 s
APF 09	Agricultor e Pecuarista Familiar	Lavras do Sul	IP	29 min e 0 s
AF 10	Agricultor Familiar	Hulha Negra	AD	1 h 28 min e 34 s
PF 11	Pecuarista Familiar	Rosário do Sul	AD	1 h 15 min e 02 s

Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

A duração das entrevistas variou de 25 min e 29 seg. até 1 h 46 min e 17 segs. O tempo total de gravação foi de 11 h 47 min e 49 segs. Em média, a duração foi de 1h e 5 min (aproximadamente) para cada entrevista. Foram feitas mais de uma gravação da mesma entrevista, para assegurar o registro do áudio. Após gravadas, as entrevistas foram transcritas.

No que diz respeito à localização de cada unidade familiar de produção, apresenta-se a Tabela 2, que contém além do município sede, a localidade e a quilometragem em distância (ida), percorrida (ida e volta). A Tabela 2, apresenta também o total de quilômetros percorridos pelo pesquisador para realizar a etapa de coleta de dados empíricos no Pampa Gaúcho, via visitas/entrevistas nas UFPs.

Tabela 2 – Trajetória percorrida na coleta de dados empíricos no Pampa Gaúcho

Código	Data	Município	Localidade	Distância (km)	Percorrido (km)	Total (km)
AF 01	12/10/2021	Dom Pedrito	Lagoa do Forno	6	12	12
PF 02	15/10/2021	Bagé	Distrito de Palmas	130	260	272
AF 03 e 04	15/11/2021	Quaraí	Sesmaria e Saladeiro	210	420	692
AF 05 e 06	18/11/2021	Santana do Livramento	Vigia e Palomas	92	184	876
PF 07	20/11/2021	Dom Pedrito	Sanga Preta	22	44	920
PF 08	20/11/2021	Dom Pedrito	Santa Maria Chico	22	44	964
APF 09	02/01/2022	Lavras do Sul	Segundo de Lavras	48	96	1.060
AF 10	09/01/2022	Hulha Negra	Assent. Conquista da Fronteira	118	236	1.296
PF 11	15/01/2022	Rosário do Sul	Três Picadas	143	286	1.582
Quilometragem total percorrida durante a etapa de coleta de dados						1.582

Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

³ IP – Indicado Previamente

⁴ AD – Indicado por Agente de Desenvolvimento

Uma informação a ser destacada, é a quilometragem completa percorrida pelo pesquisador durante a realização da coleta de dados empíricos. Foram percorridos, ao total, 1.582 quilômetros por rodovias, estradas e corredores de acesso pelo Pampa Gaúcho. Esse dado se torna interessante, para ilustrar as distâncias existentes dentro do território estudado, além de possíveis dificuldades quando na realização dessa etapa.

Quanto aos agentes de desenvolvimento, a seleção dos entrevistados levou em consideração o seguinte pré-requisito: i) agentes de desenvolvimento que desempenhem atividades e/ou projetos relacionados com agricultura e/ou pecuária familiar e a agroecologia. O contato com os agentes de desenvolvimento foi efetuado mediante agendamento prévio, realizado via contato telefônico, aplicativos de mensagens *WhatsApp* e/ou e-mail. As entrevistas foram realizadas através de recursos eletrônicos disponíveis na plataforma *Google Meet* (<https://meet.google.com/>), a qual permitiu efetuar reuniões em formato digital de maneira síncrona, isto é, em tempo real.

Cabe destacar, que o recurso utilizado foi importante para a realização da pesquisa, tendo em vista questões sobre os protocolos sanitários inerentes ao contexto da pandemia do Covid-19, permitindo ainda, acessar participantes situados em maiores distâncias, o que agilizou e contribuiu para o processo de coleta de dados. Para a identificação dos Agentes de Desenvolvimento entrevistados foi utilizada a codificação “AD” seguida do número de ordem da entrevista, exemplo “AD 01”. A Tabela 3 apresenta o resumo das entrevistas realizadas com agentes de desenvolvimento, bem como suas qualificações.

Tabela 3 – Detalhamento das entrevistas com Agentes de Desenvolvimento

Código	Instituição	Qualificação	Município sede	Duração (h)
AD 01	EMBRAPA	Doutor em Sociologia, Agroecologia e Desenvolvimento Sustentável	Bagé	45 min e 32 s
AD 02	UNIPAMPA	Doutor em Desenvolvimento Rural	Dom Pedrito	1 h 28 min e 06 s
AD 03	UERGS	Doutor em Sistemas de Produção Agrícola Familiar	Santana do Livramento	54 min e 26 s
AD 04	Fundação Luterana de Diaconia - FLD	Técnico Agropecuário e Especialista em Agroecologia	Alegrete	1h 23 min e 27 s

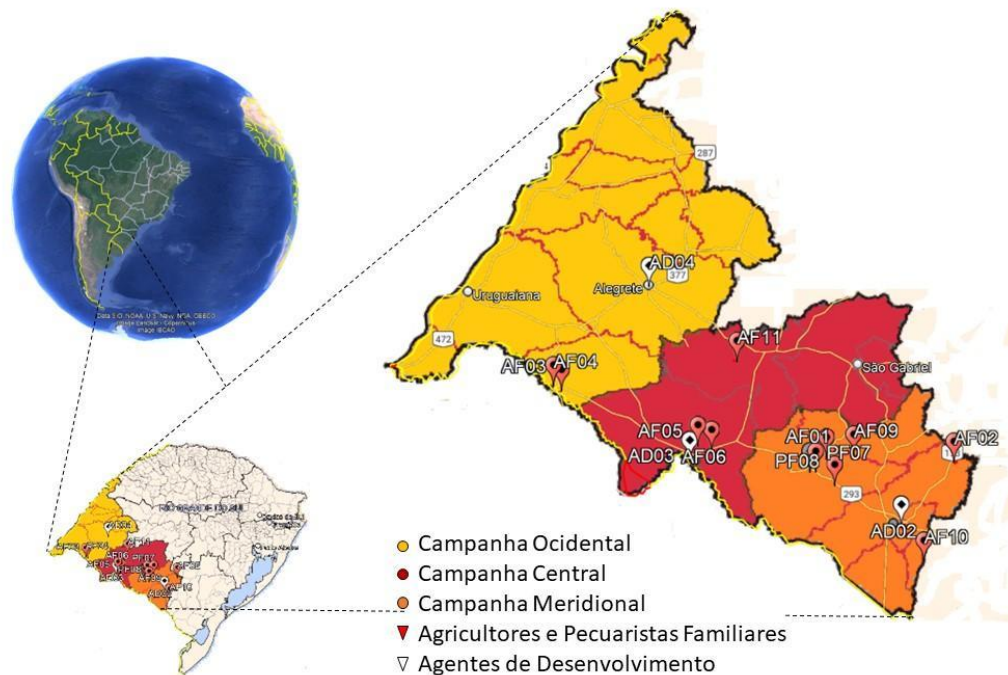
Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

Conforme apresenta a Tabela 3, foram entrevistados quatro agentes de desenvolvimento, entre os meses de novembro/2021 e fevereiro/2022. No que tange às qualificações dos

entrevistados, procurou-se representar a heterogeneidade local, abordando professores universitários, extensionistas públicos e privados.

Assim, de maneira a ilustrar os pontos de localização dos atores entrevistados, elaborou-se a Figura 1, de forma a marcar em um mapa cada unidade familiar de produção visitada durante a etapa de coleta de dados, bem como, o ponto de referência dos agentes de desenvolvimento participantes do estudo.

Figura 1 - Mapa de localização dos participantes do estudo no Pampa Gaúcho



Fonte: Elaboração própria, a partir do software Google Earth, 2022.

A amplitude abrangida no estudo, é representada na Figura 1, que ilustra as localizações ou os pontos de referências de cada participante, seja agricultor ou pecuarista familiar (ícones vermelhos), ou agente de desenvolvimento (ícones brancos).

Como técnica complementar de pesquisa, foi utilizada a captura de imagens. Foram realizadas fotografias visando registrar aspectos materiais, no que se refere ao ambiente natural, aspectos sobre a vida e as atividades produtivas dos entrevistados. Segundo Bauer e Gaskell (2012), há três razões para fazer uso recursos visuais em pesquisa social: a imagem é um registro relevante da ação temporal e de acontecimentos reais, o uso de dados primários de forma visual não necessita de palavras para descrição da realidade e a influência e impacto de conteúdos visuais como mídia social.

Ainda sobre as técnicas de coleta de dados utilizadas durante a investigação, tem-se a observação, que é utilizada para coletar informações diante de determinados fatores ou aspectos

de uma realidade (BONI; QUARESMA, 2005). Para Lakatos e Marconi (2003), a observação, mais do que ver e ouvir, permite examinar fenômenos e fatos aos quais se deseja estudar. As autoras complementam argumentando que a observação pode ajudar o pesquisador a obter e/ou identificar provas que dizem respeito a determinados fatores dos quais os indivíduos entrevistados não têm consciência, porém orientam seu comportamento baseado nestes fatores.

Na presente pesquisa foi realizada a observação não participante, de forma livre pelo pesquisador, visando não interferir em ações ou acontecimentos no campo de pesquisa do estudo. Ainda no que diz respeito à observação do fenômeno estudado, foram buscadas informações e/ou evidências que pudessem auxiliar no entendimento e compreensão dos dados obtidos nas entrevistas, de modo a registrar as percepções em um diário de campo que serviu para análise e triangulação dos dados obtidos.

Para Minayo (2010) o diário de campo é um importante instrumento ao qual se utiliza em qualquer momento durante a realização da pesquisa. O diário de campo pode ser dividido em duas etapas, sendo uma descritiva e outra reflexiva. Na parte descritiva, são registradas informações que dizem respeito à caracterização das pessoas, do lugar, do tema de conversa, das ações realizadas. Já na parte reflexiva, são feitas anotações sobre as reflexões que correspondem ao ponto de vista do observador, neste caso o autor do diário (GERHARDT et al., 2009).

O diário de campo foi registrado em um caderno contendo ao todo 122 páginas com anotações das descrições e das reflexões sobre as onze experiências agroecológicas vivenciadas. O diário de campo foi escrito para registrar informações e percepções que não estavam incluídas no roteiro de questões das entrevistas, servindo assim para subsidiar maior interpretação e compreensão dos fenômenos vivenciados na etapa de coleta de dados.

As anotações foram escritas durante as visitas nas UFPs e passadas à limpo posteriormente, mantendo o máximo de fidelidade possível à cada situação, feitas no menor intervalo de tempo possível entre a visita na UFP e a finalização da escrita. O diário de campo está disponível na íntegra no Apêndice D do presente estudo.

Durante as visitas às unidades familiares de produção, bem como as entrevistas com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos, ao fazer uso da observação não-participante e do diário de campo, optou-se por realizar a travessia. A travessia, também chamada de caminhada ou diagrama de corte, é uma ferramenta que permite a coleta de informações sobre as mais diversas características existentes em determinado local (VERDEJO, 2006).

A execução se deu quando ao percorrer um caminho linear no espaço geográfico objeto do estudo, visitou-se áreas diversas de uso e de diferentes recursos. Durante a travessia, utilizou-se dos conceitos de Verdejo (2006) e de Pereira et al. (2009), para assim anotar todas as informações que surgiram através da observação, nas mais diferentes zonas ou partes dos objetos em estudo, como por exemplo: os recursos naturais, as características físicas da região, moradias, questões sobre atividades econômicas, ações cotidianas etc. Após a realização da atividade, foi possível construir diagrama da travessia, que por sua vez, permitiu analisar de forma acessível e organizada as informações coletadas.

A análise dos dados coletados se deu a partir de uma aproximação da análise de conteúdo proposta por Bardin (2010). Quanto à organização da análise de conteúdo, esse estudo seguiu a construção via diferentes fases, a saber: i) Pré-análise; ii) Exploração do material; e iii) Tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos dados (BARDIN, 2010).

Assim, a análise de conteúdo da pesquisa foi construída com base nas informações coletadas, a partir do tratamento dos dados efetuado já na transcrição das entrevistas, bem como dos materiais resultantes da observação não-participante, combinados ao diário de campo e à travessia. No que diz respeito à análise do material, essa fase foi pautada em buscar explicações no que tange às especificidades, bem como características ou ainda relações que existem dentro do contexto do estudo, resultando assim na identificação de padrões dentro dos temas pesquisados. Esses padrões, por sua vez, foram agrupados por semelhanças ou ainda aproximações perante as temáticas de pesquisa e as respostas produzidas na coleta de dados, sem prévia determinação, gerando assim as categorias de análises.

Deste modo, as categorias identificadas foram apresentadas perante a demanda de respostas aos objetivos específicos do presente estudo, descritas e organizadas nas seções correspondentes sobre os resultados, disponíveis no Capítulo 4 e 5 do estudo. Nesse sentido o Quadro 4 apresenta as categorias resultantes da análise de conteúdo.

Quadro 4 – Categorias resultantes da análise de conteúdo

Objetivo Específico	Questão Norteadora	Categorias Resultantes	Subcategorias Resultantes
i) Caracterizar os agricultores e pecuaristas familiares e as unidades familiares de produção agroecológica	Origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares e suas relações com o Pampa Gaúcho	i) Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens;	i) Deixou o Pampa para trabalhar; ii) Deixou o Pampa para estudar; iii) Deixou o Pampa por questões de saúde.
		ii) Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos externos, que migraram para o	i) Migrar para o Pampa como mão de obra na agricultura;

		Pampa por relações com o cenário rural ou com a produção agropecuária;	ii) Migrar para o Pampa através da reforma agrária.
		iii) Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram e permaneceram no Pampa.	-
	A relação dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo para com o Pampa Gaúcho.	i) Relação remota com o Pampa Gaúcho;	-
		ii) Relação contemporânea com o Pampa Gaúcho.	-
ii) Identificar os aspectos materiais e imateriais presentes na agricultura e pecuária familiar agroecológica;	A definição do lugar físico, de vida e produção	i) Produção; ii) Lugar de vida.	-
	O sentimento do agricultor ou do pecuarista (homem) para com sua unidade familiar de produção (ambiente).	i) Sentimento do homem para o lugar físico;	i) Sentimento pela natureza do território; ii) Sentimento pela família e trajetória; iii) Sentimento ao que foi construído.
		ii) Não há sentimento.	i) Não evidenciou sentimento; ii) Não respondeu; iii) Outras formas de relação.
	Sobre a importância de atributos naturais e físicos (ambiente natural, relevo, clima, fauna, flora etc.) na vida e nas atividades produtivas	i) Natureza aliada aos aspectos produtivos;	i) Fator natureza; ii) Fator produção; iii) Fator qualidade de vida.
		ii) Contexto de vida;	i) Contexto de vida a partir de experiências acadêmicas; ii) contexto de vida pela própria trajetória.
		iii) Não há importância nos atributos naturais.	-
	Definição do espaço (abstrato) de residência e produção;	i) Descrição de maior abrangência, como lugar de vida; ii) Descrição visando a produção.	-
	Importância de atributos imateriais e abstratos na vida e atividade produtiva;	i) Importância de maior abrangência, como lugar de vida; ii) Importância visando a produção.	-
	Influência de aspectos culturais como modo de vida, saber-fazer e conhecimento antigo, na vida e atividades produtivas	i) Influência imaterial de maior abrangência, como lugar de vida; ii) Influência imaterial visando a produção.	-

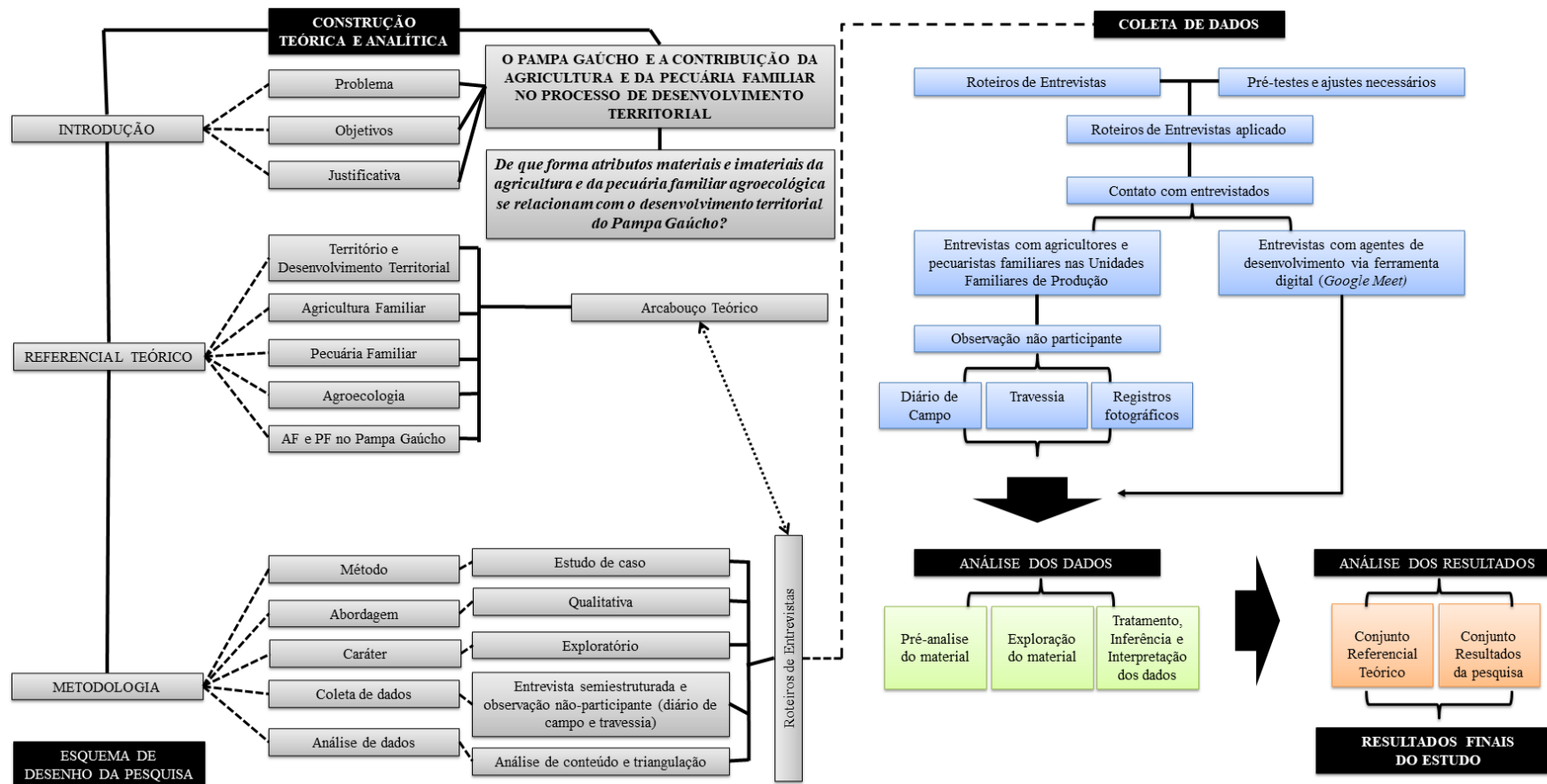
	Importância do território para as atividades produtivas	i) Melhoria na produção e renda; ii) Agregação de valor ao produto; iii) Sustentabilidade; iv) Transformações no território.	-
	Reprodução a partir do uso do território	i) O território assegura a reprodução;	i) Aspectos de produção; ii) Aspectos de vida social
		ii) Há dificuldades de reprodução no território.	i) Por questões de continuidade e/ou sucessão familiar; ii) Por fatores limitantes da UFP.
	Os atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho causam alterações na vida e na atividade produtiva	i) Causam alterações;	i) Alterações no contexto de vida e ambiente; ii) Alterações na produção.
		ii) Não causam alterações.	-
	Definição da relação do território Pampa Gaúcho com a vida da família e atividade produtiva	i) Vida associada à imaterialidade; ii) Produção associada à materialidade; iii) Não pertencer.	-
	Sentimento pelos atributos materiais e imateriais que são encontrados no território, como enxerga o Pampa Gaúcho e a importância do território	i) Vida associada à imaterialidade; ii) Produção associada à materialidade; iii) Não pertencer.	-
iii) Averiguar as contribuições das agricultura e da pecuária familiar agroecológica no desenvolvimento territorial.	Consolidação do território a partir do uso de seus atributos materiais e imateriais através da agricultura e da pecuária familiar agroecológica	-	-

Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

Para finalizar a análise de dados, foi utilizada a análise por triangulação de métodos. Essa técnica “permite que o pesquisador possa lançar mão de três técnicas ou mais com vistas a ampliar o universo informacional em torno de seu objeto de pesquisa” (MARCONDES; BRISOLA, 2014, p. 203). No caso deste estudo, a triangulação foi utilizada junto à pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada e observação não-participante, além da utilização dos recursos visuais, como as fotografias, o diário de campo e a travessia, gerados durante a realização da etapa de coleta de dados.

A análise por triangulação está pautada em três aspectos: dados empíricos (informações coletadas na pesquisa), diálogo com autores (importantes sobre a discussão da temática em questão) e análise de conjuntura (contexto mais amplo e abstrato de uma realidade). Dessa maneira tem-se a articulação da triangulação de métodos, numa espécie de *modus operandi* (MARCONDES; BRISOLA, 2014). A Figura 2 apresenta o quadro resumo sobre o desenho da pesquisa.

Figura 2 - Desenho da pesquisa



Fonte: Elaboração do autor, baseado na metodologia do estudo (2021).

Conforme apresentado na Figura 2, a pesquisa pode ser vista a partir da construção teórica analítica, que contém a introdução, o referencial teórico e metodologia, que integram o arcabouço teórico do estudo. Na sequência são apresentadas a coleta de dados (pesquisa bibliográfica, entrevista semiestruturada, observação não participante), a análise dos dados e por fim, a análise dos resultados, chegando assim aos resultados finais do estudo. Assim, ao final do capítulo, que aborda sobre as técnicas de coleta e análise dos dados, o próximo capítulo apresenta e discute os resultados do estudo.

4 O TERRITÓRIO PAMPA GAÚCHO: EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA FAMILIAR

O capítulo tem como objetivo caracterizar os agricultores e pecuaristas familiares e as unidades familiares de produção agroecológicas, a partir dos resultados encontrados via dados primários. Os resultados estão organizados em três seções, primeiramente foi realizada a caracterização dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos, na sequência, foi efetuada a caracterização das unidades familiares de produção agroecológicas. Por fim, foi feita uma contextualização sobre as dimensões agroecológicas inerentes ao modo de vida dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo.

4.1 As experiências agroecológicas: caracterização dos agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho

A seção descreve as características sociais dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo. No texto é abordado sobre a idade, sexo, escolaridade, estado civil e número de pessoas que residem na unidade familiar de produção. Dados estes que podem ser melhor visualizados no Quadro 5 - caracterização dos entrevistados, a seguir.

Quadro 5 - Caracterização dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes da pesquisa

Entrevistado	Idade (anos)	Sexo	Escolaridade	Estado civil	Quantas pessoas residem na UFP
AF 01	39	Masculino	Fundamental incompleto	Casado	3 pessoas (entrevistado +esposa e filho)
PF 02	57	Feminino	Ensino superior	Solteira	3 pessoas (entrevistada +mãe e funcionário)
AF 03	51	Masculino	Médio incompleto	União estável	3 pessoas (entrevistado +mãe e companheira)
AF 04	40	Masculino	Fundamental incompleto	Casado	4 pessoas (entrevistado +esposa e dois filhos)
AF 05	52	Feminino	Doutorado	União estável	2 pessoas (entrevistada +companheiro)
AF 06	55	Masculino	Fundamental incompleto	Divorciado	2 pessoas (entrevistado +companheira)
PF 07	67	Masculino	Especialização	Casado	3 Pessoas (entrevistado +irmão e filho)
PF 08	56	Feminino	Ensino superior	Casada	2 pessoas (entrevistada +esposo)
APF 09	82	Masculino	Não alfabetizado	Casado	2 pessoas (entrevistado +esposa)
AF 10	47	Feminino	Médio completo	Solteira	3 pessoas (entrevistada +filha e companheiro)

PF 11	54	Masculino	Médio incompleto	Casado	2 pessoas (entrevistado +companheira)
-------	----	-----------	------------------	--------	---------------------------------------

Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

Os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes da pesquisa possuem idade mais elevada, o que vai ao encontro dos dados do Censo Agropecuário 2017, tanto da população rural no total, quanto utilizando o recorte da agricultura familiar. Oito dos onze entrevistados, possuem mais de 45 anos, enquanto somente três estão abaixo dessa faixa etária. Assim, no que diz respeito à idade da população rural, os dados indicam um aumento da faixa etária, ou seja, um envelhecimento das pessoas que residem no campo, tanto agricultores, quanto pecuaristas (IBGE, 2017). O envelhecimento da população rural encontrado no estudo é evidenciado como um problema social por Spanevello et al. (2017), principalmente no que tange à agricultura familiar.

Os dados da pesquisa, no que diz respeito à idade, observa-se uma tendência a repetir o padrão de idade em se tratando de agricultura a nível Brasil. Segundo o Censo Agropecuário 2017, a maior frequência de idade está entre 45 e 55 anos e que representa 24,2% dos agricultores no Brasil, seguidos dos perfis de idade entre 55 e 65 na os e 65 anos ou mais, que representam respectivamente 23,5% e 23,2% do total da população rural. Se o recorte efetuado tratar especificamente de agricultura familiar, a faixa etária entre 55 e 65 anos se destaca somando 24,18%, seguida do grupo entre 45 a 55 anos, com 23,05% de representatividade (IBGE, 2017).

Spanevello et al. (2017) afirmam que o envelhecimento da população rural se torna um agravante social importante. Para os autores essa questão ilustra problemas como ausência de sucessão familiar e de desestruturação do padrão social existente em gerações anteriores. As autoras complementam, argumentando que os jovens não vislumbram o meio rural como espaços de vida e continuidade social, o que acarreta êxodo rural, pois essas novas gerações enxergam uma vida mais promissora nas cidades, quando comparado ao rural. Fato que também contribui para o envelhecimento da população rural encontrado no presente estudo.

Quanto ao sexo dos participantes da pesquisa, o número de homens soma a maior parte, sete entrevistados (AF01, AF03, AF04, AF06, PF07, APF09 e AF11), em contrapartida de quatro mulheres (PF02, AF05, PF08 e AF10). De acordo com o IBGE (2017), indivíduos do sexo masculino são a maioria entre as populações que residem no cenário rural (81%). Já o sexo feminino representa 19% do total, em relação ao número de estabelecimento agropecuários por sexo do produtor. Esse padrão se repete na pesquisa a partir dos dados coletados, mas não na mesma proporção.

A escolaridade dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo se apresentou de forma diversa, variando entre não-alfabetizado à curso de doutorado, demonstrando mais uma vez a heterogeneidade, bem como as discrepâncias existentes no Pampa Gaúcho. Sete dos onze entrevistados possuem baixo nível de escolaridade, distribuídos entre não-alfabetizado, ensino fundamental incompleto e ensino médio (in)completo. Em contrapartida, quatro participantes da pesquisa possuem nível superior (dois com graduação; um com pós e inclusive uma agricultora familiar com doutorado), seja graduação, pós-graduação ou doutorado. Há um paralelo entre os dados do estudo para com as informações apresentadas no Censo Agropecuário (IBGE, 2017).

Os dados coletados indicam uma aproximação no que tange a escolaridade dos entrevistados, quando comparados aos dados publicados no Censo Agropecuário 2017. De acordo com o IBGE (2017), agricultores ou pecuaristas que possuem baixo nível de escolaridade (não-alfabetizado até o ensino médio) integram um grupo que representa 78,84% da população rural no Brasil. Já na presente pesquisa esse padrão corresponde a 63,7% dos entrevistados, ou seja, mesmo que em menor proporção ainda representam a maior parte dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos entrevistados, sete dos onze participantes.

Todavia, há um dado relevante e que precisa ser destacado na presente pesquisa, que descreve agricultores ou pecuaristas com nível superior de ensino ou maior grau (especialização ou doutorado), que corresponde a 36,3% dos entrevistados no estudo. Todavia, à nível Brasil os dados do Censo Agropecuário 2017 indicam que esse nível de escolaridade é representado por apenas 5,87% da população rural (IBGE, 2017). Dessa forma, os dados coletados no presente estudo indicam maior nível de escolaridade dentre os participantes da pesquisa.

Em relação a composição das famílias dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo (pessoas que residem na unidade familiar de produção), além dos onze entrevistados, foi indicado a presença de mais 18 pessoas (esposa (o), companheiro (a), filho (a), mãe, irmão e funcionário). Assim chegou-se ao total de 29 pessoas que integram o contexto das famílias visitas, mas que residem nas UFPs (onze entrevistados + 18 pessoas).

Nesse sentido, os dados do presente estudo indicam a média de 2,64 pessoas por UFP, ficando a maior parte dos entrevistados com duas ou três pessoas na unidade (dez entrevistados ao total) e apenas em um caso há quatro pessoas residindo na unidade familiar de produção. Essa constatação, referente ao número de pessoas que residem por UFPs, corrobora com a média apurada pelo IBGE (2017), que indica 2,6 pessoas por estabelecimento rural no Brasil.

Assim, no presente estudo, tem-se representado a média de pessoas ocupadas por UFP, em conformidade com o Censo Agropecuário 2017.

Ainda sobre o número de pessoas que residem nas UFPs, o fato de ter baixo número de pessoas por UFP pode ocasionar maiores dificuldades aos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo. Principalmente no que tange à mão de obra familiar, além de preocupações com a continuidade da atividade na família, apontando problemas de sucessão familiar. Cabe destacar que, a agricultura familiar depende de suas próprias forças para o trabalho e resolução de problemas cotidianos (WANDERLEY, 1996).

Cabe considerar sobre uma constatação resultante do presente estudo, o baixo número de pessoas que se caracterizam como filhos, residentes nas UFPs. O número de participantes com essa caracterização de filhos ou filhas e que residem nas UFPs é de apenas cinco pessoas em um total de 29 (onze entrevistados mais 18 pessoas, que foram citadas na pesquisa como residentes nas UFPs).

Nesse sentido, na proporção por pessoas, a cada 5,8 adultos há uma criança ou adolescente. Já por UFP, há 0,45 crianças por UFP, destacando que em sete das onze UFPs não há filhos, fato que pode se relacionar futuramente com problemas de sucessão familiar, êxodo rural ou contribuir ainda mais para o envelhecimento da população rural. Para Spanevello et al. (2017), o baixo número e a idade elevada de pessoas que residem nas zonas rurais está ligado à desestruturação da forma social do campo, justificando a falta de perspectiva e fazendo com que os jovens migrem para as zonas urbanas. A afirmação de Spanevello et al. (2017) é reforçada pelos dados da pesquisa, pois seis dos onze entrevistados, indicaram que há membros da família que já não residem mais nas UFPs, por motivos diversos.

Assim, ao caracterizar os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, pode-se verificar que os entrevistados formam um perfil característico que apresenta idade elevada (54 a 55 anos em média), em sua maioria homens, com ensino fundamental incompleto, casados e residindo na unidade familiar de produção o casal ou o casal e um filho, ou mãe, ou ainda um funcionário ou outro membro da família. O estudo corrobora com o perfil da população rural a nível Brasil apresentado pelo IBGE (2017), que é representado por: homens, 45 a 64 anos, com ensino fundamental e com média de ocupação de 2,6 pessoas por estabelecimento rural. Ou seja, o perfil dos participantes da pesquisa é similar ao perfil apresentado pelo IBGE (2017), o que tende a confirmar a representatividade dos dados coletados na pesquisa.

A seção apresentou as características dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos entrevistados. Nesse sentido, a próxima subseção aborda sobre as origens

familiares, o tempo ao qual as famílias se dedicam às atividades, bem como, as motivações que fazem com que esses participantes se dediquem às atividades de agricultura e pecuária familiar agroecológica, dentre os participantes do estudo.

4.1.1 Origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares e suas relações com o Pampa Gaúcho

A agricultura familiar é uma categoria social, que se apresenta de forma diversa no cenário rural, pois sua relevância está embasada em sua diversidade econômica e em sua heterogeneidade social, constituindo assim uma forma particular de organização de trabalho e de produção, a partir de estratégias distintas em questões agrícolas e não agrícolas, considerando ainda, todo o contexto econômico e social existente (SCHNEIDER, 2016). Nesse sentido, cabe considerar que a agricultura familiar está relacionada a diferentes fatores produtivos organizados de maneira particular. Dentro desse contexto há formas de representação variadas e que caracterizam de diferentes formas os agricultores, como por exemplo: discrepância na renda, nas extensões de áreas das unidades, condições de acesso à terra, tempo de relação das famílias para com a atividade, dentre outros (TROIAN et al., 2020).

No que tange à pecuária familiar, a heterogeneidade existe da mesma medida como na agricultura familiar, pois para Ribeiro (2009), os pecuaristas familiares são considerados um tipo específico de agricultor familiar. Entretanto o autor destaca, que há diferentes formações e construções nessa especificidade, principalmente a partir de seu modo de vida e relação com a natureza. Dessa forma, destaca-se a heterogeneidade inerente ao contexto da pecuária familiar do Pampa Gaúcho, a qual apresenta potencialidades de efetuar contribuições para fatores que norteiam o desenvolvimento territorial.

Diante do exposto, a heterogeneidade encontrada no Pampa Gaúcho, direcionada no estudo da agricultura e a pecuária familiar agroecológica, se reflete em todas as áreas da pesquisa. Assim, no que diz respeito ao estudo, tem-se a possibilidade de englobar diversas representações de pessoas, de unidades familiares de produção, de atividades produtivas e de modos de vida. Diante desse contexto, coube investigar sobre a caracterização familiar dos participantes do estudo, abordando sobre as origens das relações com o cenário rural, bem como as ligações familiares com a atividade agropecuária e o tempo dessa relação.

Ao analisar os dados, foram delimitadas três categorias: *i) agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens; ii) agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos externos, que migraram para o Pampa*

por relações com o cenário rural ou com a produção agropecuária; e iii) agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram e permaneceram no Pampa. O Quadro 6 apresenta as categorias de análise dos participantes do estudo, tendo em vista suas origens.

Quadro 6 – Origem dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho

Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens	Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos externos, que migraram para o Pampa por relações com o cenário rural ou com a produção agropecuária	Agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram e permaneceram no Pampa.
PF02, AF03, AF04, AF05, PF08 e PF11	AF01, AF06, PF07 e AF10	APF09

Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

No que diz respeito à primeira categoria de análise: *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens*, nela fazem parte seis dos onze entrevistados. Dentre eles, a condição que representa os seis participantes é a de nascerem ou residirem desde pequenos no Pampa, sempre relacionados com alguma forma de atividade agropecuária ou produção de alimentos.

Para os seis participantes da categoria de *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens*, o que mais representa suas origens com o cenário rural é a família. Isso porque, há nos seis casos a relação de pais ou antepassados com o Pampa, e que esse fator local influenciou nessa ligação familiar com o campo, com a atividade produtiva de alimentos, com o cenário rural, com a agroecologia e com o Pampa Gaúcho. Essa relação pode ser evidenciada nas falas a seguir:

É, já começou nas fraldas (risos). Começou! Porque o meu pai já morava, meus avós já morava, meus bisavós, então toda a vida. Nós já nascemo aqui. Eu, eu só fui na cidade para nascer, na verdade. Porque meus pais moravam aqui, daí foram pra cidade pra minha mãe me ganhar e com três dias eu já estava aqui de volta [...] (PF02 – Bagé).

No que diz respeito à categoria *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram no Pampa, mas saíram e retornaram às origens*, foram estabelecidas três subcategorias: i) *saiu ou deixou o Pampa para trabalhar*; ii) *deixou o Pampa para estudar*; e iii) *deixou o Pampa por questões de saúde*. As subcategorias explicam o afastamento dos entrevistados, ou ainda das famílias, para com o Pampa Gaúcho, assumindo ainda, o movimento

entre uma categoria e outra. Um exemplo pode ser um entrevistado que saiu para estudar e trabalhar, conseqüentemente.

Na primeira subcategoria *saiu ou deixou o Pampa para trabalhar*, foram identificados três participantes que saíram de suas origens para exercer atividades profissionais, citando como exemplo, atividades militares (AF03 e PF11) e outras formas de trabalho (AF04). Entretanto as relações com o cenário rural do Pampa foram mantidas, de forma que ao findar atividades nos centros urbanos, os participantes incluídos nessa subcategoria, de entrevistados que saíram para trabalhar, retornaram ao lugar de origem.

É, na verdade a minha atividade na pecuária é de toda, de toda a minha vida. Eu nasci e me criei aqui *tchê!* Eu sou a terceira geração nesse lugar. Era do meu avô por parte de pai, depois passou *pro* meu pai e hoje eu que... que *tô* tocando, a propriedade. Então eu tenho um vínculo assim com a pecuária de...da vida toda. Mas que eu vim em aproximar, no meu conhecimento e andar com minhas próprias perna nesse ramos aí, fazem aí 30 anos vamos dizer, mais ou mesmo. Mas na juventude eu fiz tantas outras coisas né, mas com o pé sempre aqui na propriedade. E hoje eu estou aqui, dando continuação à essa... a esse legado né, do meu pai, dos meus avós, enfim (PF11 – Rosário do Sul).

Na segunda subcategoria que deixou *o Pampa para estudar*, foram identificados duas participantes (PF02 e AF05), assumindo que após estudarem, foram buscadas oportunidades de trabalho. Em decorrência dessas oportunidades de qualificação acadêmica, as participantes desta subcategoria tiveram, por consequência, o retorno das entrevistadas às suas origens, ao Pampa Gaúcho. Cabe salientar, já instruídas sobre formas de trabalho e produção no cenário rural, agroecologia, território e sociedade, conforme ilustra a fala:

[...] meu pai e minha mãe tinham horta em casa, eu fui criada no meio duma pequena horta no pátio duma casa na cidade... Então *pra* mim começou aí. Só que passou ou com o passar dos anos eu fui... a minha vida estudando e a minha vida pessoal foi me encaminhando *pra* outros lados, eu fui tendo contato com outras coisas, outros cenários e outras realidades. Então, lá por... não sei, quando eu *tava* perto dos 40 eu acho, eu retomei essa visão da agricultura e comecei a me interessar por ela, a buscar mais informações e a vincular com os estudos que eu estava fazendo, até que culminou no que é hoje nesse trabalho que a gente faz hoje (AF05 – Santana do Livramento).

Já na terceira subcategoria *deixou o Pampa por questões de saúde*, foi identificada uma entrevistada (PF08), cuja trajetória familiar teve afastamento de suas origens por motivos de cuidados com a saúde de familiares. Entretanto, os vínculos com o Pampa Gaúcho foram mantidos dentro do possível, fato que culminou no retorno da pecuarista familiar para o campo, assumindo a atividade produtiva, com bases agroecológicas. A inclusão de questões sobre

agroecologia se deu após a qualificação da entrevista em curso superior de ensino, ao qual possibilitou conhecimento sobre o tema e relação com o cenário rural.

Os meus pais, eles, cada um tinha suas propriedades né. [...] então a gente tinha sim essa ligação com o campo, eu conheci muita fartura do tempo, dos áureos tempos da lã. Porque o meu avô materno, ele veio com pouca memória da guerra. Então eles trocaram toda a propriedade da campanha por casas na cidade [...]. Então a gente tinha ligação com o campo, tem ligação com o campo agora depois de adulto e aí eu me casei com uma pessoa que trabalha especificamente com o campo. E a gente tem uma barraca, que é comercialização de pele, lã e couro. Aí por gostar muito do campo e do município, porque o Rufino é natural de São Martim da Serra, ele gostou desse local aqui onde a gente *tá* agora, comprou e eu vim morar aqui (PF08 – Dom Pedrito).

Assim pode-se evidenciar que as famílias que são oriundas do Pampa Gaúcho, refletem na relação dos entrevistados para com o cenário rural ou de produção agropecuária, mantendo uma forma de vida social ou de existência no campo. O fato de saírem de suas origens no Pampa, seja para trabalhar, para estudar ou ainda por questões de saúde, não rompeu as relações com cenário rural, que foram restabelecidas em momentos futuros. O fato de manter essa relação de contexto social, incluindo atividade produtiva e modo de vida, vai ao encontro do exposto por Netto e Azevedo (2019). Os autores argumentam que ao conservar e construir conhecimentos, o pecuarista se apropria da cultura social e dos fenômenos que ocorrem no campo, preservando assim esse modo de vida particular.

A segunda categoria, que trata acerca das *origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares participantes do estudo e suas relações com o Pampa Gaúcho*, é composta por quatro *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos externos, que migraram para o Pampa por relações com o cenário rural ou com a produção agropecuária*. O fato de ter origens familiares de fora do Pampa Gaúcho, diferencia os elegidos dessa categoria em questão de suas origens e ligações para com o Pampa. Assim, tem-se uma migração para esse cenário, ao qual a motivação mais frequente trata sobre a produção agrícola, que pode ser evidenciada na fala a seguir:

[...] meu pai era plantador de tabaco, o fumo..., mas lá na região central do estado... aí é Santa Maria, Agudo. Aí na época lá não... não dava... não *tava* dando retorno mais, financeiro o fumo, *tava* fraco! A maioria lá *tava* abandonando... Aí Ele pegou e saiu de lá e veio trabalhar de empregado numa granja aqui em Dom Pedrito (AF01 - Dom Pedrito).

Na categoria *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos externos, migraram para o Pampa por relações com o cenário rural ou com a produção agropecuária*, foram estabelecidas duas subcategorias: i) *migrar para o Pampa como mão de obra na agricultura; e*

ii) *migrar para o Pampa através da reforma agrária*. As subcategorias explicam as formas de migração dos entrevistados, ou ainda das famílias, para com o Pampa Gaúcho.

Na subcategoria *migrar para o Pampa como mão de obra na agricultura*, foram identificados três participantes. As famílias vieram para o Pampa como mão de obra para as atividades produtivas em curso no cenário rural, principalmente ligadas à agricultura que se modernizava a partir dos anos finais do Século XX. Com o passar do tempo, as famílias adquiriram suas áreas de campo e passaram a desenvolver suas próprias produções, seja em olericultura, fruticultura, na questão agrícola de produção de alimentos, ou ainda na produção de pecuária de corte. Esse movimento de migração ao Pampa é apresentado por Teixeira (2005), Alves (2007) e Fontoura (2014), os quais corroboram com a mudança de atividade produtiva no Pampa Gaúcho.

Nós somos italianos, não propriamente italianos, a gente é oriundo do Império Austro Húngaro, depois da Primeira Guerra Mundial foi anexado à Itália e aí a gente passou a ser italiano. Os nossos bisavôs que vieram *pra* cá. Eu conheci a minha bisavó que veio *pra* cá, veio jovem ainda. E eles trouxeram todos, todos seus princípios de vida, trouxeram seus... as suas artes e ofícios. Então ela é, a nossa família é agricultora, ela é de origem agrícola, conheciam as práticas de práticas de parreiras, tinham, fabricava vinho. Mas aliado a isso tudo sempre teve a questão da parte pecuária, porque tu precisa de boi *pra* lavrar, tu precisa de vaca *pra* tirar leite, tu precisa de... (PF07 – Dom Pedrito).

Já na subcategoria que *migrou para o Pampa em razão da reforma agrária*, foi identificada uma participante (AF10), vinculada ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A agricultura familiar assentada comenta que a saída de lugar de origem se deu pelas dificuldades as quais a família enfrentava, bem como falta de perspectiva futura:

Eu sou de Herval Seco, natural de Herval Seco, meus pais, e saí com meus pais de lá *pra* ir acampar. A gente saiu em 87 e *fizemo* toda uma trajetória de luta em busca da terra, que meu pai morava com meu avô e meu avô tinha mais três filhos e só um cantinho de terra. Não tinha propriedade, eu cresci vendo meu pai e minha mãe trabalhar *pra* fora, de peão. Então, vendo eles saírem de manhã e voltar de noite. Nós ficava em casa com a minha vó e eles trabalhando *pra* poder nos sustentar. E chegou um ponto que não era mais suficiente, porque daí já tinha eu e o meu irmão também, e o meu vô tinha mais meus tios, então a coisa foi ficando *meia* difícil (AF10 – Hulha Negra).

As motivações da mudança estão incluídas em questões de sobrevivência e da necessidade de ter sua própria terra, pois já não era mais possível manter sua reprodução social na região de origem. Migrar ao Pampa, através da reforma agrária vai ao encontro do exposto por Chelotti e Pessoa (2006) e Alves (2007). Para os autores, o surgimento da reforma agrária

no Pampa Gaúcho, que vai estabelecer ao longo dos anos, novas relações sociais e de trabalho no cenário rural.

Por fim, a terceira categoria, que trata sobre as *origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares e suas relações com o Pampa Gaúcho*, representa *agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos que nasceram e permaneceram no Pampa*. Foi encontrado apenas um participante (APF 09), trabalhador rural, hoje na condição de aposentado rural, exercendo atividades de agricultor e pecuarista familiar, possui lógica produtiva que diverge dos demais entrevistados, que já foram apresentados nas duas categorias acima.

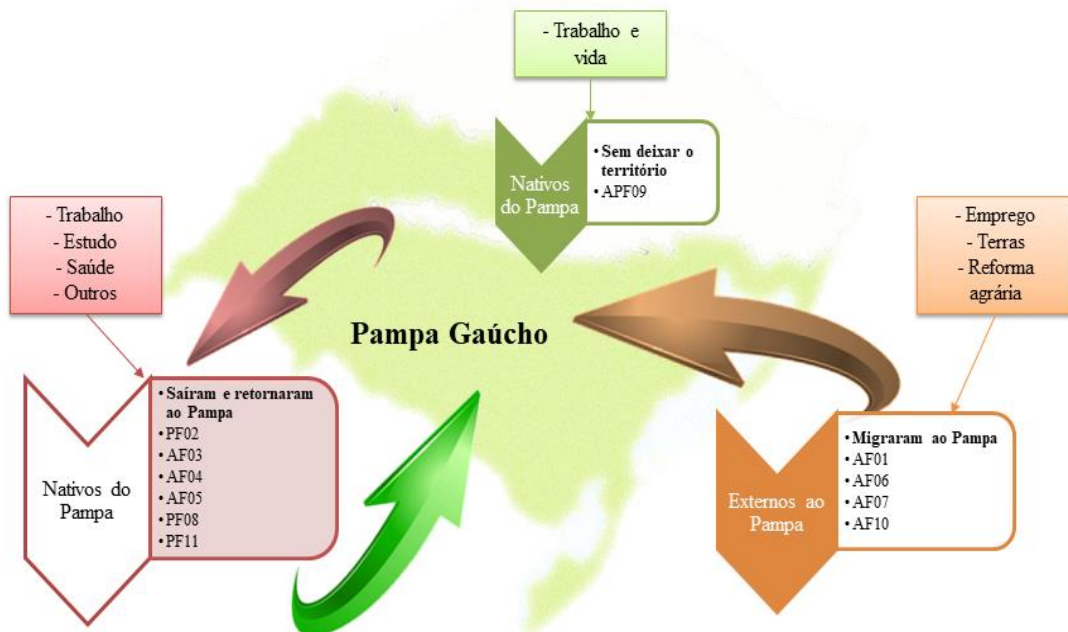
Isso porque, atualmente o APF 09 não pratica atividades para finalidades comerciais, haja visto que, sua renda é oriunda de aposentaria. Nesse sentido, as atividades agrícolas ou pecuárias são para complemento da própria alimentação do casal, e apenas em casos muito específicos são efetuadas vendas. Na fala a seguir, o entrevistado comenta sobre suas origens, da família pobre, do trabalho como peão de estância até conseguir sua UFP, chamada por ele de rancho:

Sou nascido na campanha, é! Segundo de Lavras. É! Aqui mesmo. Aqui nasci e aqui me criei! Sempre na campanha. De passo a passo, Gaúcho barbaridade! *Uhulga Tchê!* A minha vida começou de empregado, de peão, ajudante. É! E assim foi prosseguindo a vida, de peão. Sempre de peão! Nas estâncias, sempre de peão. Lidando com o gado e as ovelhas também, cavalo também. Ah é! [...] não, não! Pobre, pobre! Separado de tudo né. Depois de eu adulto, segui esse trabalho. De empregado. E assim fui seguindo a vida né. Trabalhei até um certo tempo e depois fui empregado *pra* reparar fazenda, segui na lida sempre. É trabalhei 24 anos nesse movimento. Depois parei e vim me embora *pro* rancho e *tô* aqui! (APF09 – Lavras do Sul).

A condição de agricultor e pecuarista familiar que o entrevistado desempenha ou desempenhou como prestador de serviços à terceiros, é apontada por Torres (2003) e EMATER (2003) como uma característica da categoria pecuária familiar. Segundo os autores, os pecuaristas familiares praticam atividades de criação de animais, bovinos ou ovinos, que visam a reprodução da família, mas complementam sua renda com outras atividades, chamadas pluriatividades, como reforço da renda. Já Ribeiro (2009) argumenta que a pecuária familiar não segue uma lógica mercantilista, o que corrobora com esse achado de produzir apenas para sua própria alimentação, como é o caso do agricultor e pecuarista familiar aposentado.

A Figura 3 apresenta um resumo sobre a inserção dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes da pesquisa no que diz respeito ao Pampa Gaúcho, assim como formas de saídas e retornos, e migrações ao território.

Figura 3 – Esquema sobre a inserção dos participantes do estudo no Pampa Gaúcho



Fonte: Elaboração própria, dados pesquisa de campo.

Inerente ao contexto que aborda sobre as origens *dos agricultores e dos pecuaristas familiares participantes do estudo e suas relações com o Pampa Gaúcho*, foi abordado sobre a relação dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo para com o Pampa Gaúcho, expressada no tempo. Para tanto, entre os entrevistados foram identificadas duas categorias: i) *relação remota com o Pampa Gaúcho*; e ii) *relação contemporânea com o Pampa Gaúcho*.

Na primeira categoria, que aborda sobre *relação remota com o Pampa Gaúcho*, foram identificados sete participantes (PF02, AF03, AF04, AF05, PF08, APF09 e PF11). O fato em comum dentre esses agricultores e pecuaristas familiares, é que a ligação deles ou da família deles é de longo tempo, passando de geração em geração e até mesmo perdurando entre os séculos:

Ah! Nós chegamos aqui por volta de... meus familiares por volta de 1790, por aí [...]. Quase 300 (trezentos) anos. Meu Pai na verdade, a família do meu Pai, os Colares, por exemplo, que é quem sempre cultivaram mais essa parte da família, que a gente sabe mais sobre eles. [...] então houve uma mescla assim né! Dos Brasil com os Colares e meus, sei lá... *pentavós...*, vieram *pra* cá como funcionários de umas fazendas e acabaram ficando por aqui, Exato! Por isso que os colares gostam dessa lida campeira (PF02 – Bagé).

O discurso acima, feito por uma pecuarista familiar, apresenta paralelos com a formação do próprio Pampa. Isso porque, a narrativa de sua família junto ao Pampa Gaúcho, coincide

com eventos citados por Ribeiro (2009) e Heydt, Hoff e Troian (2019), ao se referirem sobre quando o atual estado era habitado por povos nativos, que logo se mesclaram com indivíduos europeus, após os anos 1600. Para Cruz e Guadagnin (2012) é nesse período que se tem a construção de uma nova dinâmica na região, que passa a ser a atividade de criação pecuária, isso a partir dos anos 1700, três séculos atrás.

Corroborando com o contexto de *relação remota* com o Pampa Gaúcho, a fala do pecuarista familiar PF11 evidencia a ligação com a atividade pecuária, passada de geração a geração pela família, bem como a forma de praticar essa atividade combinada com uma relação de vida junto ao Pampa:

Três gerações, eu sou a terceira geração aqui. Mais ou menos sempre nos mesmo moldes, justamente. Tocando sempre, sempre essa pecuária, máximo ecologicamente correta, que a gente procura fazer um trabalho baseado nessa questão da ecologia, preservação do meio ambiente e dos costumes dos mais antigos, digamos assim. Mas que sempre funcionaram e funcionam até os dias de hoje [...] procurando manter, meio que com dificuldade, mas procurando manter essa, meio que os costumes antigos da criação [...], mas sempre procurando manter essa relação boa com a natureza né, respeitando os tempo da natureza, essas coisas. É o que eu procuro fazer hoje, é um legado do meu pai e, como eu já disse, eu tô tentando dar continuidade (PF11 – Rosário do Sul).

Já na categoria *relação contemporânea com o Pampa Gaúcho*, foram identificados quatro participantes (AF01, AF06, PF07 e AF10). O fato em comum dentre esses entrevistados é que todos têm relação recente para com o Pampa, consolidada nas décadas finais do século XX. Essas relações foram estabelecidas por oportunidades na agricultura ou ainda pela reforma agrária, como já apresentado em seções anteriores. “É, eu acho que dá pra bota 35 anos tranquilo né! Lá já era agricultura, só que a parte de tabaco né, cigarro. [...] Lá era do meu vô no caso, era próprio, e ainda tem até hoje lá, meus tios ainda estão seguindo lá” (AF01 – Dom Pedrito).

Ainda incluída nas discussões sobre as origens dos agricultores e dos pecuaristas familiares participantes do estudo e suas relações com o Pampa Gaúcho, foi questionado sobre as motivações que fazem com que os entrevistados pratiquem suas atividades produtivas e tenham um modo de vida agroecológico. Entretanto, cabe reforçar que os preceitos agroecológicos vão além de uma simples atividade de produção de alimentos e sim, no modo de vida pautado na agroecologia e suas dimensões. Sobre a questão de motivação, foi unânime entre os entrevistados falas que remetem ao sentimento dos participantes para com a forma de guiar sua vida e trabalho. O sentimento está diretamente relacionado à questão de gostar do que faz, fazer porque gosta, de ter sentimento por isso, de morar na campanha:

Em primeiro lugar a gente tem que gostar né. E tu *veve*, creio que tu *veve* melhor. [...] E aqui tu tem mais qualidade de vida né. O ar é puro, tu respira. [...] então na campanha eu acho melhor, para viver e eu vejo pessoas que se aposentaram e só querem comprar propriedade *pra* fora *pra* sair da cidade. [...] tem trabalho como toda a lida né, não é trabalho, mas é, é melhor. Eu gosto de campanha (AF03 – Quaraí).

Entretanto, há no grupo dos onze entrevistados, dois casos que se distanciam dos demais (AF05 e APF09) no que diz respeito às *motivações que fazem com que pratiquem suas atividades produtivas e tenham um modo de vida agroecológico*. Como expressa a familiar AF05, sobre mudanças em atividades estagnadas: “*acreditar que existem novas formas de se fazer as atividades tradicionais da sociedade humana*” (AF05 – Santana do Livramento).

Outra questão que se encontra fora do padrão de sentimento, que foi expresso em primeiro plano por todos os onze entrevistados, diz respeito a viver e trabalhar baseado nos preceitos da agroecologia, mesmo sem ter conhecimento teórico, motivado pelo simples fato de sobrevivência. Essa relação pode ser ilustrada na fala a seguir:

Pra sobreviver! E assegurar minha parte [...] tem trabalho aqui! Eu que lido mesmo, na minha horta. É sobrevivência. Porque gosto e acho bonito ter as coisas. Então faço isso no modo que eu posso, acompanhando meu desejo e a minha idade. Quero levar até o fim! Enquanto der vou levando, é! Não vamo desisti. (APF09 – Lavras do Sul).

Destarte, a seção teve o intuito de caracterizar os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, discorrer sobre suas origens, relação de tempo e motivações para estar e permanecer na atividade e no território, isso em um contexto de vida agroecológico. Nesse sentido, a próxima seção apresenta a caracterização das Unidades Familiares de Produção (UFPs) dos entrevistados, como a localização, a área de campo, as atividades produtivas, formas de comercialização e acesso a políticas públicas.

4.2 Experiências agroecológicas do Pampa Gaúcho: caracterização das unidades familiares de produção (UFP)

A presente seção caracteriza as unidades familiares de produção agroecológicas que compõem as experiências estudadas no Pampa Gaúcho. Para tanto, o Quadro 7 apresenta, a seguir, evidencia a localização, o tamanho das UFP e as atividades desenvolvidas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos.

Quadro 7 - Caracterização das unidades familiares de produção agroecológicas do Pampa Gaúcho

Entrevistado	Município	Localidade	Distância da UFP ao centro urbano	Área própria (hectares)	Área arrendada (hectares)	Atividades comerciais	Outras atividades agrícolas (consumo e outros)	Outras atividades pecuárias (consumo e outros)
AF 01	Dom Pedrito	Lagoa do Forno	6 km – Dom Pedrito	3	4	Fruticultura e flores ornamentais	Morangos, melão, milho, abóbora, aipim, tomate, mogango, alface, tempero verde etc.	Bovinos e animais domésticos
PF 02	Bagé	Distrito de Palmas	70 km – Bagé	300	Não há	Pecuária bovinos, ovinos e caprinos	Milho, aveia e azevém, hortaliças e frutíferas	Aves e suínos, equinos e animais domésticos
AF 03	Quaraí	Sesmaria dos Vasconcelos	5 km - Quaraí	4	30	Olerícolas, fruticultura e agroindústria Pecuária (atividade secundária)	Alface, couve, tempero, rúcula, tomate, acelga, repolho, espinafre, salsinha, pêssego, figo, morango etc.	Bovinos, ovinos, psicultura, aves e animais domésticos
AF 04	Quaraí	Saladeiro	4 km - Quaraí	0,5	Não há	Olericultura, fruticultura e ovos	Alface, couve, tempero verde, tomate, pimentão, milho, rúcula etc.	Aves, suínos e animais domésticos
AF 05	Santana do Livramento	Vigia	15 km – Santana do Livramento	69	Não há	Olericultura, fruticultura e agroindústria	Folhas verdes, brócolis, couve, acelga, espinafre, tomate, berinjela, pimentão, rúcula, beterraba, chás, temperos, uva, ameixa, pêssego, nozes, oliva	Animais domésticos
AF 06	Santana do Livramento	Palomas	15 km – Santana do Livramento	1	1	Olericultura, fruticultura e agroindústria	Mandioca, feijão, cebola, pepino, abóbora, tomate, pêssego, uva, ameixa.	Bovinos, suínos, aves e animais domésticos
PF 07	Dom Pedrito	Sanga Preta	22 Km – Dom Pedrito	240	Não há	Pecuária bovina de corte	Folhas verdes (em escala reduzida)	Equinos e animais domésticos
PF 08	Dom Pedrito	Santa Maria Chico	22 km – Dom Pedrito	12,9	Não há	Pecuária ovina de lã e cabanha, artesanato em lã	Milho, mandioca, abóbora, trigo, pêssego, figo, uva, butiá	Aves e animais domésticos

PF 09	Lavras do Sul	Segundo de Lavras	48 km – Dom Pedrito	2	Não há	Não há	Batata, mogango, abóbora, alface, couve, beterraba, temperos, chás, milho, pêssego, figo, melão, laranja, limão	Bovinos de leite, aves, equinos e animais domésticos
AF 10	Hulha Negra	Assentamento Conquista da Fronteira	25 km – Hulha Negra	25,7	Não há	Semente forrageiras, olericultura, fruticultura, agroindústria etc.	Arroz, feijão, batata, mandioca, pipoca, amendoim, pepino, tomate, vagem, milho, milho crioulo, trigo, uva, ameixa, figo, pêssego, maçã, bergamota, laranja, butiá, ameixa, nozes etc.	Bovinos de leite e de corte, aves, suínos e animais domésticos
AF 11	Rosário do Sul	Três Picadas - Serra do Caverá	40 ou 30 km/ Rosário do sul	50	120	Pecuária bovina e ovina	Abóbora, batata, mandioca, alface, temperos, melão, melancia	Equinos e animais domésticos

Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

As UFPs que tem como atividade principal a agricultura agroecológica, estão localizadas mais perto do perímetro urbano de seus municípios, entre quatro (AF04) e 25 quilômetros (AF10). Maia, Nascimento e Hanke (2019) explicam que o fato de ter a UFP próximo aos perímetros urbanos é característico da agricultura familiar de Dom Pedrito/RS, na Campanha Gaúcha, principalmente aos agricultores familiares ligados a feiras, embora essa situação não seja unânime no município.

Já no que diz respeito às UFPs que tem como atividade produtiva a pecuária, estão por sua vez, localizadas mais afastadas dos perímetros urbanos dos municípios, ficando situadas entre 22 (PF07 e PF08) e 70 quilômetros (PF02) de distância. Para Maia, Nascimento e Hanke (2019), o fato de ter seu estabelecimento rural mais distante do perímetro urbano pode acarretar problemas ao agricultor familiar, estendido ao pecuarista familiar, pois problemas com deslocamento e escoamento da produção podem resultar em impactos negativos, como dificuldades e perdas de produção, o que pode causar ainda prejuízos ~~no que tange~~ à renda da família.

No que diz respeito às áreas próprias, a condição sobre a posse da UFP mais encontrada no estudo, é de a proprietário (a) da terra, que são oito dentre os onze entrevistados. Esse padrão de propriedade de terra é similar ao encontrado no Brasil, pois de acordo com o IBGE (2017) a condição de proprietário da terra é predominante em 80,99% dos estabelecimentos rurais ocupados pela agricultura familiar. Já três dos onze entrevistados, não têm a posse documental de sua UFP: AF03 (comodato), AF04 (área verde em regularização) e AF10 (assentamento em cessão de uso). Essa representação de três para onze torna-se elevada no que tange à posse não regularizada de sua UFP, isso ao ser comparado com dados do Censo Agropecuário, que indicam que apenas 5,63% dos estabelecimentos rurais ocupados com agricultura familiar se encontram nessa condição.

Quanto à extensão de terras existente em cada UFP, foram encontradas realidades bem diversas, devido à condição de cada entrevistado, variando entre um hectare (AF06) a 300 hectares (PF02). Seis UFPs possuem atividade de agricultura, que variam em área entre 0,5 hectares (AF04) a 69 hectares (AF05) e em média representam 17,2 hectares. Já as quatro UFPs que possuem como atividade predominante a pecuária, as áreas próprias variam entre 12,9 hectares (PF08) a 300 hectares (PF02) e em média representam 150,7 hectares. Já no caso de um entrevistado (APF09), tendo em vista que não possui atividades comerciais, sua UFP possui dois hectares de área própria, utilizadas para agricultura e pecuária. Dessa forma, pode-se caracterizar as UFPs de agricultura como extensões de área menores, em média 17 hectares, enquanto as atividades pecuárias possuem maior extensão de área, em média 150 hectares.

Sobre áreas de arrendamento, apenas quatro dos entrevistados fazem uso de arrendamento de terras para atividades produtivas. Desses quatro agricultores, dois entrevistados (AF01 e AF06), usam a terra arrendada para produzir a partir da agricultura produtos para comercialização e também para consumo. Os outros dois entrevistados que fazem uso de áreas de arrendamento, um é pecuarista familiar (PF11) e o outro é agricultor familiar (AF03), usam da terra arrendada para promover suas criações de animais, que também são utilizadas para consumo da família. A menor área de terra arrendada mede um hectare, utilizada na agricultura (AF 06), enquanto a maior área de terra arrendada mede 120 hectares, utilizada na pecuária bovina e ovina (PF11). Para melhor ilustrar as atividades produtivas comerciais, bem como as atividades produtivas utilizadas para consumo da família, ou ainda em uso comum (venda e consumo), elaborou-se o Quadro 8.

Quadro 8 – Cultivos e criações praticados por agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho

	Descrição	AF 01	P F 0 2	A F 0 3	A F 0 4	A F 0 5	A F 0 6	P F 0 7	P F 0 8	A P F 0 9	A F 1 0	P F 1 1
Agricultura	Olericultura e diversos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
	Fruticultura e diversos	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
	Grãos e cereais	X	X	-	X	-	-	-	X	X	X	-
	Flores	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Pecuária	Bovinos	X	X	X	-	-	X	X	-	X	X	X
	Ovinos e caprinos	-	X	X	-	-	-	-	X	-	-	X
	Equinos	-	X	-	-	-	-	X	-	X	-	X
	Aves	-	X	X	X	-	X					
	Suínos	-	X	-	-	X	X	-	-	-	X	-
	Piscicultura	-	X	-	-	-	-	-	-	-	-	-
	Animais domésticos	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Agroindústria e artesanatos	Derivados de origem animal	-	X	X	X	-	X	-	X	X	X	X
	Derivados de origem vegetal	X	X	X	X	X	X	-	X	X	X	X
	Artesanatos e diversos	-	X	-	-	X	-	-	X	-	X	-

Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Conforme apresenta o Quadro 8, há uma gama de atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, categorizadas por finalidade de produção, em três grupos por: *i) cultivos agrícolas; ii) criações pecuárias; e iii) agroindústrias e produtos artesanais*. A diversificação produtiva encontrada no estudo é evidenciada por Veiga (1996) como uma característica inerente ao contexto da agricultura familiar, assim como a produção de alimentos descrita por Becker e Sacco dos Anjos (2010).

Os *cultivos agrícolas* estão presentes em todas as UFPs, sendo a atividade principal em sete UFPs visitadas. O destaque nessa categoria é a olericultura, que é cultivada pelos onze agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo. Dentro dessa categoria de *cultivos agrícolas*, foram identificados três subgrupos: i) *cultivos olerícolas*; ii) *cultivos frutíferos*, e iii) *outros cultivos*.

No subgrupo *cultivos olerícolas*, algumas espécies podem ser destacadas, a saber: alface, abóbora, aipim, tempero verde, couve, rúcula, acelga, repolho, pimentão, batata, mogango, beterraba, alho, cebola etc. A Imagem 1 ilustra a produção de *cultivos olerícolas*.

Imagem 1 - Cultivos olerícolas praticados pelos agricultores familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Os *cultivos frutíferos* são praticados em dez das onze UFPs visitadas, se configurando também como destaque nos *cultivos agrícolas*. Podem ser citados como exemplo, os cultivos de morango, melão, pêssego, figo, ameixa, uva, amora, tomate etc. A Imagem 2 ilustra *cultivos frutíferos*.

Imagem 2 - Cultivos frutíferos praticados pelos agricultores familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Já no subgrupo *outros cultivos*, aparece em menor expressão dentre as UFPs visitadas. Ele é composto de cultivo de grãos, cereais e sementes, presente em seis UFPs visitadas e o cultivo de flores ornamentais, presente apenas uma UFP visitada (AF01) como atividade voltada à comercialização, embora esteja presente em diversas UPFs com outras finalidades. Como destaque do subgrupo pode ser citado: milho (também utilizado para alimentação animal), trigo e sementes de forrageiras. A Imagem 3 ilustra *outros cultivos*.

Imagem 3 – Cultivos praticados pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Os exemplos citados, dentre outros cultivos, ilustram a diversificação produtiva existente na agricultura familiar agroecológica do Pampa Gaúcho. Essa gama de alimentos e

cultivos tornam a produção diversificada de alimentos uma característica das UFPs participantes da pesquisa.

As *criações pecuárias* são praticadas pelos onze participantes do estudo, porém é a atividade principal praticada por quatro pecuaristas familiares visitados. O destaque da categoria é a pecuária bovina, que é a atividade principal de três dos quatro pecuaristas participantes do estudo (PF02, PF07 e PF11). Nesse sentido, foram identificados dois subgrupos sobre *criações pecuárias*: *i) destinadas à comercialização; e ii) destinados ao consumo interno.*

A pecuária bovina é a criação mais representativa no grupo que as criações são *destinadas à comercialização*, sendo praticada por três pecuaristas familiares agroecológicos. Para esse tipo de atividade aceita-se a variação entre pecuária de corte e de leite, sendo que a pecuária de corte está mais relacionada à geração de renda, enquanto a pecuária de leite está mais direcionada para o consumo da família e apenas o excedente é comercializado.

Ainda no subgrupo *criações destinadas à comercialização*, tem-se a criação de ovinos também representada como atividade econômica praticada pelos pecuaristas familiares visitados, sendo que para uma pecuarista familiar (PF08) é a atividade principal, criada para lã, genética e corte. Para outros dois pecuaristas familiares (PF02 e PF11) a atividade ovina divide com a pecuária bovina a responsabilidade de gerar renda aos pecuaristas familiares. A Imagem 4 ilustra as produções pecuárias *destinadas à comercialização*.

Imagem 4 – Atividades pecuárias destinadas a comercialização praticadas por agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Outras atividades pecuárias que fazem parte do subgrupo *destinadas à comercialização*, estão incluídas as criações de ovinos, seja para lã, corte ou ainda genética, e caprinos. Criações

de aves também estão representadas nessa subcategoria, como é o caso da agricultora familiar AF10, que cria galinhas para produção de ovos e também venda de frangos. A Imagem 5 é composta por fotos que ilustram outras criações *destinadas à comercialização* nas UFPs visitadas durante a realização do estudo.

Imagem 5 – Outras atividades pecuárias destinadas a comercialização praticadas por agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



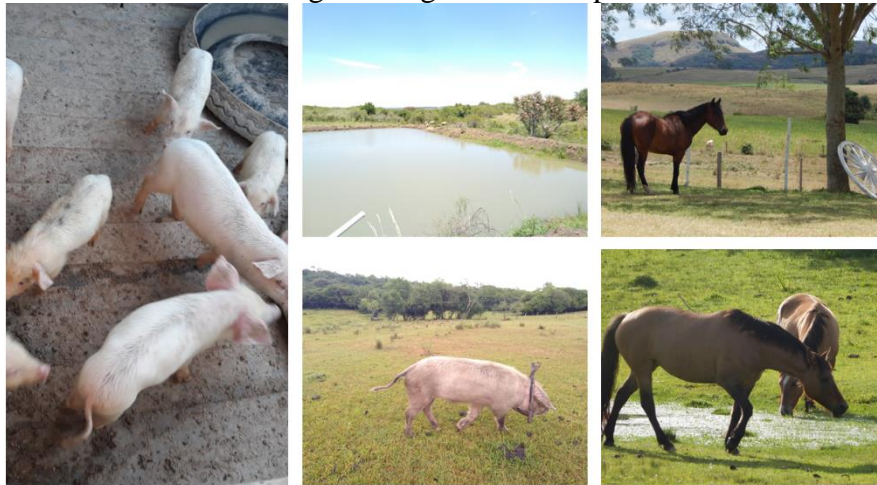
Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Os resultados encontrados sobre a produção pecuária juntos aos participantes do estudo, vão ao encontro do exposto por Waquil et al. (2016) e Ribeiro (2018). Essa aproximação está justificada no que diz respeito à base produtiva do pecuarista familiar, assentada principalmente na criação de bovinos e ovinos.

Já o segundo subgrupo, que aborda sobre criações *destinadas ao consumo interno*, além dos pecuaristas familiares já inseridos na subcategoria acima, estão incluídos outros cinco participantes do estudo (AF01, AF03, AF06, AF10 e APF09). Conforme já relatado, a pecuária bovina e ovina pode não estar indicada como atividade principal praticada nas UFPs, mas é inerente ao contexto produtivo, seja venda ou consumo, como é o caso dos participantes AF01, AF03, AF06, AF10 e APF09.

Ressalta-se nesse subgrupo, a constatação de prática de atividades pecuárias diversificadas, como por exemplo a piscicultura praticada pelo agricultor familiar AF03, a criação de suínos praticada pelo agricultor familiar AF06 e pelo agricultor e pecuarista familiar AP09. Ainda nesse subgrupo, pode estar incluída a criação de equinos, que são utilizados como força de trabalho, além de outros animais domésticos. A Imagem 6 ilustra outras criações *destinadas ao consumo interno*.

Imagem 6 – Criações pecuárias para o consumo interno dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Assim, os entrevistados que compõem o grupo praticam atividades de criações *destinadas ao consumo interno*, mas tem por atividade principal a agricultura. Cabe lembrar que a agricultura familiar está baseada na diversificação produtiva (VEIGA, 1996). Nesse sentido, a partir do entendimento de que a pecuária familiar é um tipo específico de agricultura familiar, conforme expõe Waquil et al. (2016) e Ribeiro (2009; 2018), essa variação entre agricultura e pecuária é inerente ao contexto das categorias, independentemente da atividade comercial principal em cada UFP.

Por fim, o terceiro grupo inerente ao contexto de caracterização das unidades familiares de produção dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, é composto por aqueles que possuem produtos processados: *as agroindústrias e os produtos artesanais*. Cabe destacar que as atividades classificadas como agroindústrias, podem assumir produções devidamente legalizadas ou produção em forma de transformação artesanal de produtos. Dentro desse grupo, foram identificados dois subgrupos: *i) produtos de origem vegetal; e ii) produtos de origem animal*.

No subgrupo *produtos de origem vegetal*, foram identificadas atividades praticadas por dez dos onze participantes do estudo, apenas o pecuarista familiar PF07 não tem atividades de agroindústrias. Dentre os produtos de origem vegetal elaborados foram encontrados sucos, geleias, doces, compotas, dentre outros. A Imagem 7 é composta por fotos que ilustram *produções em agroindústrias e produtos artesanais*.

Imagem 7 - Produções agroindustriais e artesanais combinadas com alimentos *in natura* produzidas por agricultores familiares agroecológicos no Pampa Gaúcho



Fonte: Imagens de redes sociais utilizadas pelos participantes do estudo.

Já no subgrupo *produtos de origem animal*, foram identificadas atividades praticadas por oito dos onze participantes do estudo. Dentre os produtos de origem animal elaborados, foram encontrados leite, queijo, doces, dentre outros. Há ainda nesse grupo, a produção de artesanatos, como é o caso da PF08, que produz peças de vestuário a partir da lã ovina, como casacos, palas, tapetes, mantas etc. A Imagem 8 é composta de fotos que ilustram artesanatos fabricados por agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho.

Imagem 8 – Artigos para vestuário em lã ovina produzidos por artesãos do Pampa Gaúcho



Fonte: Imagens de redes sociais utilizadas pelos participantes do estudo.

A produção de agroindustrializados e de artesanatos faz parte das atividades produtivas dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo. Essas atividades são classificadas como complementares à renda das famílias, destacando a transformação de maneira artesanal de produtos agrícolas. As atividades ocorrem na maior parte das UFPs visitadas, além de outras formas de transformação, como o caso já destacado do

artesanato em lã ovina. Torres (2003) e EMATER (2003) classificam algumas dessas atividades como complementares no que tange à geração de renda das famílias.

Nesse sentido, a pecuarista familiar PF08 relata em sua fala a questão da produção complementar, como a transformação de alimentos e a criação de artesanatos: “*a lã delas (das ovelhas), quando esquilados, muitas vai ser vendido lá na cidade, mas um pouco eu vou transformar em artesanato, que vai ser pro nosso vestuário e vestuário de alguém mais da região. É acolchado, edredom, roupa [...]*” (PF08 – Dom Pedrito). A fala da agricultora familiar assentada AF10 ilustra a questão da transformação de produtos vegetais, visando geração complementar de renda:

Então eu industrializo, faço geleia, falo *chimia*, faço compota das frutas, dos legumes essa faço conserva. E aí faço tudo que eu posso, vou industrializando e aí ao longo do ano eu vou vendendo [...] então quando eu ia *pra* Bagé nos encontros da Pastoral da Criança eu levava, uns vidro de conserva, um doce, um queijo né, *pra* vender *pras* gurias, elas sabiam que a gente produzia e compravam [...] Eu vou lá entregar um pão integral, uma dúzia de *chimia*, um queijo, uma dúzia de ovos, um *tortelli*, uma massa caseira, entende? Então isso é um reconhecimento que o nosso produto faz a diferença! (AF10 – Hulha Negra).

Tão logo apresentados os grupos sobre as atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, foi questionado sobre as formas de comercialização com as quais os entrevistados praticam as vendas de seus produtos. Nesse sentido, é importante contextualizar que a comercialização dos produtos agropecuários varia entre as UFPs visitadas, ressaltando ainda, que todos os participantes da pesquisa, em algum grau ou medida, comercializam os seus produtos, ainda que fazendo uso das formas mais simples. O Quadro 9 apresenta as formas de comercialização.

Quadro 9 - Formas de comercialização utilizadas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho

Forma de comercialização	A F 0 1	P F 0 2	A F 0 3	A F 0 4	A F 0 5	A F 0 6	P F 0 7	P F 0 8	A P F 0 9	A F 1 0	P F 1 1
Na UFP	X	X	X	X	X	X	-	-	-	X	X
Feiras	X	X	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Mercados institucionais: PNAE e PAA-	X	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-
Aplicativos ou redes sociais, via pedidos e entregas	X	-	-	-	X	-	-	X	-	X	-
Intermediário ou indústria	-	X	-	-	-	-	X	-	-	-	X
Pequenos Comércios e armazéns	-	-	X	X	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Nesse sentido, ao analisar sobre as formas de comercialização dos participantes do estudo, foram identificados dois grupos: *i) vendas de produtos agrícolas; e ii) vendas de produtos pecuários*. Conforme já descrito, participantes do estudo que tem como atividade principal a agricultura integra um grupo com seis entrevistados. Já os participantes do estudo que tem como atividade principal a pecuária integra um grupo de quatro entrevistados. Tem-se ainda um entrevistado, classificado como agricultor e pecuarista familiar, pela particularidade que apresenta, o fato de ser aposentado rural e não praticar atividades produtivas visando geração de renda ou especificamente comercialização.

O grupo de venda *de produtos agrícolas* é composto por seis entrevistados. Os seis participantes desse grupo de venda *de produtos agrícolas* (AF01, AF03, AF04, AF05, AF06 e AF10), praticam venda direta ao consumidor. As vendas diretas são realizadas geralmente nas unidades familiares de produção, feiras, ou ainda em forma de entregas de pedidos: “*Tudo particular, venda direta*” diz o agricultor familiar de Santana do Livramento (AF06).

Todavia, cabe destacar essa inserção em cadeias curtas de comercialização ou ainda cadeias agroalimentares curtas que é representada pelos participantes dessa categoria, é uma forma de comercialização é pautada em construção de formas de interação e valores entre os produtos e os consumidores, com base na procedência e identidade do produto. Para isso, as cadeias curtas são embasadas na em valores sociais, além de princípios e significados simbólicos, incluindo fatores culturais, éticos e ambientais, deixando de ser apenas embasada em preços (SCHNEIDER; GAZOLLA, 2017). A inter-relação desses fatores, versa sobre o material e o imaterial abordado por Santos (2005) e Oliveira (2020), atributos que constroem o território e o diferenciam de lugar.

Já o grupo *vendas de produtos pecuários* é composto por quatro participantes (PF02, PF07, PF08 e PF11). As comercializações efetuadas por esses participantes se dão nas UFPs, recebendo visitas de compradores e interessados: “*As ovelhas quando é alguma sobra do rebanho, já tem certinho alguém que diz assim: lembra que eu pedi, lembra que eu pedi!*” (PF08 – Dom Pedrito). A fala da pecuarista familiar PF08, de Dom Pedrito, ilustra a forma de venda direta ao consumidor, efetuada na UFP, mas que não segue uma lógica comercial e sim de manejo do rebanho. Já a fala da pecuarista familiar PF02, de Bagé, ilustra a preferência pela forma de venda direta na UFP, justamente pelas condições que possibilita esse modelo:

A gente às vezes leva em feiras, mas eu não gosto muito de feira, eu prefiro tratar com o comprador, ele vem aqui na propriedade, eu mostro os animais pra ele [...] então a gente chega aqui, o comprador olha, tu pede quero tanto! Se ele não se agrada vai embora e teu gado tá no campo, se ele se agrada vai, então meu jeito preferido assim (PF02 – Bagé).

Entretanto, cabe destacar que o pecuarista familiar PF07 efetua suas vendas exclusivamente via corretores que representam a indústria frigorífica: *“Nós hoje trabalhamos com o (marca comercial), frigorífico, a rede (marca comercial). Só a rendimento. Direto com o frigorífico [...] vem na propriedade buscar os animais. A gente aciona, tem um corretor que vem, faz a vistoria dos animais, marca o dia e carrega”* (PF07 – Dom Pedrito).

Já os entrevistados PF02 e PF11 efetuem vendas via corretores ou atravessadores. A fala do pecuarista familiar PF11, de Rosário do Sul, expõe situações que favorecem o contato entre o comprador e o pecuarista, através das facilidades de troca de informações via ferramentas digitais. Esse tipo de comercialização é efetuado através de atravessadores e corretores:

Hoje em dia tu faz um vídeo do teu gado, teus animais e põe no face ou já manda lá direto pra um comprador, é prático. E os remates, os remates de gado. É a maneira que a gente costuma vender aqui, mas quase que sempre tu já tem o comprador né [...] Então a gente sempre vende em escritório de remate, que se tem uma referência, até temos um em Rosário. E, ou assim até particular pro um comprador conhecido, pessoas de confiança, do ramo! Seria mais ou menos por aí (PF11 – Rosário do Sul).

Há ainda um terceiro perfil de participante da pesquisa no que diz respeito a formas de comercialização, representado pelo APF09. O entrevistado não pratica atividades com finalidades comerciais, mas em algumas ocasiões faz venda específicas, diretamente ao consumidor. Fato esse que o deixa fora das duas categorias sobre as formas de comercialização, como ilustra o discurso: *“É alguma vaca ainda posso vender, mas de momento tá calma a coisa. É, pras casa. É o pensamento que a gente tem né [...]. Aqui vai tê uma batatinha, moganguinho, uma abobrinha, milho agora com essa chuvinha vai... vai dá eu acho, é a esperança que eu tenho”* (APF09 – Lavras do Sul).

Todavia, apenas um dos entrevistados (PF07) pratica uma única atividade com finalidade comercial, a criação de bovinos de corte que são comercializados diretamente à indústria, embora tenha outras atividades produtivas na UFP, como afirma em seu discurso: *“Qual é o negócio? É vender boi, boi gordo”* (PF07 – Dom Pedrito). Porém, esse é um fato que destoa das características da agricultura familiar apresentada por Veiga (1996), no que diz respeito à diversificação produtiva. Entretanto Waquil et al. (2016) e Ribeiro (2018), argumentam que a base produtiva do pecuarista familiar é a pecuária bovina de corte e/ou ovinos, o que reforça as características inerentes às categorias em estudo.

Ainda no que tange à caracterização das atividades produtivas desenvolvidas pelos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, foi questionado

sobre o acesso às políticas públicas. Foram identificados dois grupos: *i) não acessam políticas públicas; e ii) acessam políticas públicas.*

No grupo dos participantes do estudo que *não acessam políticas públicas*, foram identificados oito entrevistados. Entretanto, cabe destacar que o fato de os entrevistados responderem que não fazem uso de políticas públicas, pode estar ligado à questão da venda dos produtos. Nas respostas foram coletadas algumas informações, como por exemplo: convênio com prefeituras para melhorias de estrutura de estradas, cessão de maquinários para patrulha agrícola, que podem de alguma forma se configurar como uma política pública.

Ao menos três dos oito participantes desse grupo representaram essa situação em suas falas, conforme ilustra a fala a seguir: A PF 02 comenta que “[...] *a gente tem convênio com a prefeitura, pra maquinário, pra prestar serviços pra comunidade né e região. E aí a gente pediu emprestado a máquina de silagem e fizemo silagem e milho*” (PF02 – Bagé). O PF11 comenta sobre uma associação para utilização nas UFPs: “*A gente aqui, aqui funciona uma associação de máquinas [...] é o caso dessas máquinas aí, que tem aqui através da prefeitura, um trator, uma... uma patrulha agrícola, que me beneficia e beneficia os vizinhos também!*” (PF 11 – Rosário do Sul). A agricultora familiar AF10, também comenta sobre a utilização de máquinas para beneficiar agricultores e pecuaristas familiares em sua localidade:

Nós aqui temos uma associação de máquina, que aí a gente consegui por uma emenda parlamentar, um deputado que nos apoia, defende, daí ele bota né. Daí nós aqui *conseguimo* um trator com os equipamentos, grade, aradora, reboque, semeadora de pasto, roçadeira, se isso faz parte então a gente teve acesso à alguma coisa (AF10 – Hulha Negra).

Já no grupo dos participantes do estudo que *acessam políticas públicas*, foram identificados três entrevistados (AF01, AF03 e AF04). Um fato em comum, que liga os três participantes desse grupo é que, todos são agricultores familiares agroecológicos. O acesso às políticas públicas efetuado por esses três entrevistados, se dá principalmente em programas sociais, como são os casos do Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) e o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), além das Feiras Livres.

Entretanto, participantes do estudo, mesmo os que acessam as políticas públicas, comentaram sobre essa falta de apoio ao agricultor familiar. Essa questão pode ser evidenciada na fala a seguir:

Tem decaído! No meu caso do morango mesmo pra tu ter uma ideia faz, é vai pro terceiro ano agora que não compram morango de mim! É que as vezes as merendeiras, nutricionista falam que é uma fruta mais cara, então como os recursos tão vindo

menos, eles comprem mais leite e outras coisas assim, outras coisas mais de come!
(AF01 – Dom Pedrito).

Sobre dificuldades ao acesso de políticas públicas Maia et al. (2019) argumentam que a falta de políticas públicas e incentivos direcionadas à agricultura familiar, que pode resultar no atual cenário de desvalorização da categoria ou maior valorização do agronegócio e seus desdobramentos. Cabe destacar ainda, a falta de políticas públicas junto aos agricultores e pecuaristas familiares, bem como às localidades onde estão situadas as unidades familiares de produção participantes do estudo. Essas questões podem ser evidenciadas a seguir:

A gente aqui é muito esquecido. A verdade é essa, o produtor rural ele é muito esquecido! E desprovido de tudo que é atendimento, de coisas técnicas, estradas quase sempre que são péssimas né *tchê!* Tu produz alguma coisa e *pra* ti chegar num destino lá, dependo da situação tu até nem chega! Vira tudo em despesa, tudo muito em função das estradas, não tem apoio do governo (PF11 – Rosário do Sul).

Destarte, após caracterizar as unidades familiares de produção participantes do estudo, a próxima seção apresenta a caracterização das dimensões agroecológicas das unidades familiares de produção dos entrevistados. A seção aborda sobre cinco dimensões: Técnicas, práticas e cultivos; Ambientais; Econômicas, Institucionais e Socioculturais. A seguir apresenta-se a seção.

4.3 Dimensões agroecológicas: as práticas dos agricultores e pecuarista familiares do Pampa Gaúcho

A seção apresenta as dimensões agroecológicas unidades familiares de produção dos agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho. De acordo com Altieri (2000, p. 23) “a agroecologia fornece uma estrutura metodológica de trabalho para a compreensão mais profunda tanto da natureza dos agroecossistemas como dos princípios segundo os quais eles funcionam”. Para o autor, existem na agroecologia diversas dimensões, que vão além de questões produtivas e econômicas, integrando assim princípios agrônômicos, socioeconômicos e ambientais.

Nesse sentido, a pesquisa considerou as dimensões agroecológicas no Pampa Gaúcho, a saber: *i) técnicas, práticas e cultivos; ii) ambientais; iii) econômicas; iv) institucionais; e v) socioculturais.* As quais serão melhor definidas e detalhadas no decorrer do texto, a iniciar pela seção seguinte que versa acerca das técnicas práticas e cultivos.

Na dimensão *técnicas, práticas e cultivos*, os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo foram agrupados pela característica de suas produções. Assim, foi possível identificar três grupos: *i) cultivos agrícolas; ii) descrição das áreas ocupadas; e iii) insumos predominantes (internos ou externos)*. Os onze participantes do estudo foram incluídos no grupo *cultivos agrícolas*, mesmo que esses cultivos sejam praticados somente para o consumo e em pequenas frações de terras, ou ainda, resumido a pequenos canteiros, pois de fato, todos praticam alguma forma de agricultura. O Quadro 10 apresenta as formas de cultivos agrícolas.

Quadro 10 - Formas de cultivos dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho

Descrição	A F 0 1	P F 0 2	A F 0 3	A F 0 4	A F 0 5	A F 0 6	P F 0 7	P F 0 8	A P F 0 9	A F 1 0	P F 1 1
Canteiros no solo	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X
Pomares	-	X	X	X	X	X	-	X	X	X	-
Estufas	X	-	X	X	X	X	-	-	-	X	-
SAFs	-	-	-	X	X	-	-	X	X	X	-
Lavouras	X	-	-	-	-	X	-	-	-	X	-
Hidroponia (ou semi)	X	-	-	X	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Conforme apresenta o Quadro 10, os *cultivos agrícolas* em canteiros no solo são desenvolvidos pelos onze participantes do estudo. A técnica de cultivo se destaca dentre os manejos utilizados tanto pelos agricultores familiares, quanto pelos pecuaristas familiares, mesmo no caso do pecuarista familiar PF07, cujo cultivo se resume a um pequeno canteiro com alface e couve, mas ainda assim, configura um *cultivo agrícola*.

Oito dos onze agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, têm *cultivos agrícolas* em forma de pomares de frutas. A produção de frutas proveniente desses pomares, pode ser destinada às atividades econômicas ou somente para consumo da família. Dentre as frutas cultivadas podem ser destacadas uva, pêssego, ameixa, nozes, laranja, bergamota, limão, oliva, butiá, figo, maçã etc.

Os pomares podem estar organizados em pequenas áreas ou em grandes áreas. Pomares que ocupam pequenas áreas de terra foram identificados em oito UFPs participantes do estudo.

Os *cultivos agrícolas* geralmente estão organizados de forma diversificada e podem inclusive, ter apenas uma planta de cada variedade, por vezes até uma planta espontânea da UFP, como é o caso do butiá cultivado na UFP da pecuarista familiar agroecológica PF08. Já no caso da agricultora familiar agroecológica AF05, além dos pequenos pomares, foram identificados, dois *cultivos agrícolas* que ocupam faixas maiores de terra, no caso a uva e a azeitona.

Estufas são utilizadas por seis agricultores familiares agroecológicos, pois servem como proteção aos *cultivos agrícolas*, tanto para as questões climáticas, quanto a pragas e doenças. Foram identificadas combinações de técnicas de cultivo, uso de estufa plástica ou sombrite, que somadas à conhecimentos adquiridos, possibilitam a produção de alimentos nessa forma de manejo. Isso está representado quando o agricultor mescla outros cultivos junto à sua atividade principal para inibir pragas e doenças, como é o caso de usar temperos para afastar insetos. Essas questões estão representadas no discurso:

Estufa de sombrite porque os passarinhos estragam muita verdura, eles não deixam vim. E, já tivemos estufa de lona, mas o vento já levou tudo embora e nós temo que fazer, porque se tu não tiver estufa de lona e de sombrite, principalmente a verdura, tu não produz! (AF10 – Hulha Negra).

Outro caso é de utilizar estufas para fornecer abrigo aos cultivos, estufa com plástico no inverno, por causa do frio e estufa com sombrite no verão, por causa do sol forte. A Imagem 9 ilustra formas de *cultivos agrícolas* que utilizam de estufas para produção de alimentos nas UFPs visitadas durante o estudo.

Imagem 9 - Sistemas de cultivos agroecológicos em estufas no Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Cultivos agrícolas que utilizam de Sistemas Agroflorestais (SAF) foram encontrados em cinco UFPs visitadas durante o estudo (AF04, AF05, PF08, APF09 e AF10). Entretanto, em

apenas duas delas o sistema é reconhecido (AF05 e AF10), evidenciando o desconhecimento dos agricultores e pecuaristas sobre essa forma de manejo produtivo.

Os sistemas agroflorestais (SAFs) têm sua constituição através do uso e ocupação do solo, onde plantas lenhosas perenes (árvores e arbustos) são manejadas e trabalhadas de forma combinada com plantas herbáceas, culturas agrícolas, forrageiras ou ainda, em integração com animais. Isso tudo de acordo com o manejo, com o arranjo espacial e temporal, respeitando e aceitando uma vasta diversidade de espécies, que por sua vez, resultará em interações ecológicas entre os diversos componentes do sistema (ABDO; VALERI; MARTINS, 2008).

O agricultor APF09 usa esse método, pois assim foi passado pelas gerações, feito sem o conhecimento técnico, mas com resultados práticos: *“Planta pra colher, esperando em Deus né! É com muita esperança. Aqui vai ter uma batatinha, moganguinho, uma abobrinha, milho agora com essa chuvinha vai... vai dá eu acho, é a esperança que eu tenho. Ah vem, pra comer né”* (APF09 – Lavras do Sul). A Imagem 10 ilustra cultivos agrícolas em SAFs nas UFPs visitadas durante o estudo.

Imagem 10 - Sistemas Agroflorestais agroecológicos em uso de agricultores e de pecuaristas familiares agroecológicos no Pampa Gaúcho



Fonte: Elaborado pelo autor, dados da pesquisa.

Referente ao *cultivo agrícola* em SAFs, em três das UFPs é sistema natural, ou seja, as árvores cresceram ou já estavam entre os cultivos. Apenas em duas UFPs o sistema foi planejado e está em amplo desenvolvimento. Há casos que o consórcio feijão, milho e abóbora é encontrado e esse também configura um modelo de SAF, que de acordo com May e Trovatto (2008), são implantados progressivamente no ambiente, a partir de roçadas e cultivos anuais. Após são inseridos cultivos de curto ciclo, milho, feijão e abóbora (como é o caso do

entrevistado APF09), dentre outros cultivos e criação de pequenos animais, para depois serem incorporadas espécies perenes, como o pêssego que é cultivado no em um dos SAFs visitados.

Todos os agricultores participantes do estudo que fazem uso do SAF em suas UFPs buscam equilibrar os sistemas de produção, bem como o ambiente. Isso corrobora com Abdo, Valeri e Martins (2008), pois os sistemas agroflorestais podem ser uma boa opção ao agricultor familiar (estendendo ao pecuarista familiar), pois tem impacto direto sobre o equilíbrio ecológico na UFP. Além disso, ao fazer uso de SAFs, os agricultores podem obter uma melhora na dieta alimentar, pela qualidade dos produtos e incremento na renda da família através da comercialização (PERUCHI; RAMOS FILHO; GARCÍA-BARROS, 2016).

Já as lavouras estão relacionadas a *cultivos agrícolas* praticados em maior escala de um determinado produto, como o melão e o milho, por exemplo. Essa forma de cultivo agrícola foi identificada em três UFPs visitadas (AF01, AF06 e AF10). Entretanto, no caso da agricultora familiar AF10, as lavouras são destinadas ao cultivo de sementes forrageiras, que são comercializadas diretamente com consumidores, configurando uma atividade diferente dos demais entrevistados.

Há ainda pequenas áreas utilizadas para o cultivo de trigo, milho, arroz e feijão, evidenciando a questão da diversificação produtiva inerente ao contexto da produção de alimentos praticados pela agricultura familiar agroecológica: “*Lavoura que é semente. Pequenos hectaresinho, de meio hectare, de um hectare que é as miudeza né, um cantinho aqui de arroz, um de feijão, outra ali de batata e mandioca*” (AF10 – Hulha Negra).

Por fim, os *cultivos agrícolas* que utilizam de hidroponia ou semi-hidroponia foram identificados em duas UFPs visitadas, utilizadas no cultivo de morangos (AF01) e no cultivo de alfaces (AF04). De acordo com os agricultores essa técnica de cultivo foi escolhida pela praticidade ou melhoria na condição de trabalho, otimização de tempo dedicado à atividade e maior produção da fruta, como menciona o agricultor:

Uma pessoa sozinha poderia atender três a quatro mil pés de morango no solo né, no sistema antigo, que é no tempo do meu pai e do meu vô. Mas essa mesma pessoa no semi-hidropônico pode atender quinze mil pés de morango. Olha quantas vezes mais tu pode produzir [...] Só que esse semi-hidropônico, ainda falando sobre isso, o semi-hidropônico como criaram ele, a fruta não tem sabor. Mas aí o que que entra aquilo que eu te falei, eu tenho meus segredinhos né, que o cara faz a no manuseio, conhecimento antigo. Que a gente usa no semi-hidropônico que faz da aquela fruta de excelente sabor e qualidade. [...] Só que eu tô usando o moderno com a adubação antiga né (AF01 – Dom Pedrito).

Já no cultivo semi-hidropônico de alface, praticado pelo AF04, o agricultor evidencia a dependência de produtos industrializados para atender as necessidades das plantas. Além disso,

o agricultor expõe outra questão pertinente em se tratando do sistema hidropônico, que é sobre o custo de implantação da estrutura física e retorno financeiro demorado:

A hidroponia é só com, com os sais que eles vendem, uma solução que já vai direto. Esse é o que a gente utiliza (AF04 – Quarai). Por exemplo, essa hidroponia mesmo, *pra* implantar isso aí é um valor, um custo muito alto. É alto e demorado *pra* tirar teu investimento, *pra* ter um retorno. Essa hidroponia faz seis mês acho, que eu montei, isso que eu fiz a estrutura, tudo que eu montei e vai levar um ano *pra* tirar (AF04 – Quarai).

O grupo *descrição das áreas ocupadas* faz uma descrição das áreas nas UFPs visitadas. Nesse grupo foi descrito sobre a forma de ocupação ou de utilização das áreas, bem como os aspectos naturais existentes em cada UFP visitada. Ao analisar o grupo, percebe-se que as UFPs que têm como atividades principais a pecuária, formam um padrão mais amplo no que diz respeito ao tipo de ambiente natural que se encontra. Dentre a descrição com os tipos de naturezas encontradas nas UFPs, as que trabalham com pecuária compõem um ambiente variado e diversificado.

Já em se tratando de atividades agrícolas, as UFPs visitadas não apresentam um padrão dominante, que pode ser justificado pelo tamanho da área ocupada ou da área total da UFP. Unidades maiores são mais diversificadas em questões de ambiente natural, já nas unidades com pouca área o ambiente natural tende a ser menos diverso e mais alterado, justificando a necessidade de trabalhar em canteiros, estufas, pomares e assim utilizando mais área de campo, convertida em área de cultivos.

Nas onze UFPs há princípios agroecológicos como aproveitamento de terrenos, tendo em vistas as especificidades de cada uma dessas áreas, inclusive em alguns casos são áreas marginais, como serras, encostas de morros, campos com afloramentos rochosos, zonas de vegetação densa, locais de acesso dificultoso, ou ainda pequenas áreas que sobraram de outras atividades ou divisões de terrenos. Esses resultados vão ao encontro do exposto por Altieri (2000) quanto da diversificação do ambiente existente na agroecologia.

No estudo, há ainda uma UFP que se caracteriza como agricultura e pecuária, tendo em vistas as características de seu proprietário que é aposentado rural. Mesmo constituindo uma pequena extensão de área, há diversidade no ambiente natural, justificada pela localização da UFP em uma área mais isolada, com densas áreas de mata que acompanham a margem do rio. Por ser um lugar de difícil acesso, inclusive para mecanização agrícola, isso pode contribuir para a preservação dessas características naturais.

No grupo *insumos predominantes*, foi questionado sobre duas formas: insumos internos e insumos externos à UFP. Sete das onze UFPs visitadas fazem uso predominante de insumos internos, como soluções caseiras para controle de pragas e doenças nos cultivos agrícolas, uso e aproveitamento de materiais internos para produção de fertilizantes orgânicos, como sobras vegetais e estercos de animais. Esse uso de insumo interno na agricultura pode ser verificado no discurso: “*Tem os produtos caseiro que é nosso de confiança, que tá ali, que nó mesmo faz aqui as mistura*” (AF01 – Dom Pedrito).

Todavia, cinco desses sete entrevistados que fazem uso de insumos internos em suas atividades, sinalizaram que é necessário buscar alguns insumos externos, em caso de alguma infestação ou na questão de produtos veterinários para os animais. Esse é o caso de uma pecuarista familiar, que explica o uso de insumos externos: “*O que eu uso mais assim é uns remédios mesmo pros animais, tipo antibiótico, na época do carrapato a gente tem que usar os carrapaticidas né e remédio pra verminose*” (PF02 – Bagé).

Cabe frisar, que os entrevistados apenas fazem esse tipo de uso em situações extremas, dando preferência à insumos internos e naturais. Um exemplo desse uso natural é a homeopatia, praticada pelo pecuarista familiar PF11 que usa conhecimentos antigos para curar doenças no gado, através de plantas e crenças populares: “*Isso é um costume, é um valor antigo né do Gaúcho! Então a gente aprende, eu sei desde guri, a reza da benzedura pra bicheira né tchê! E a gente usa esses métodos e obtêm resultados viu, obtêm resultados*” (PF11 – Rosário do Sul).

A importância da utilização de *insumos predominantes* produzidos internamente nas UFPs é destacada por Altieri (2000). O autor descreve essa utilização como característica da agroecologia, dando ênfase no uso de recursos internos, através da fixação de nitrogênio no solo, controle biológico de pragas, corretivos e adubos orgânicos, todos ligados à uma dependência dos recursos locais e renováveis.

Outros quatro agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo, utilizam de insumos externos para suas atividades produtivas. Os quatro entrevistados justificam não ter capacidade para produção de toda demanda necessária desses insumos, ou ainda, não ter conhecimento suficiente para esta finalidade. Essa necessidade de insumos externos, está também ligada a produtos veterinários, que podem ser necessários em alguma situação específica, como infestações e doenças nos animais.

A partir do entendimento e da compreensão sobre a importâncias de fatores de produção para agricultura e para a pecuária familiar, Gliessman (2005) ressalta que a contribuição da agroecologia está em possibilitar análises de sistemas de produção, visando a compreensão dos

fenômenos existentes, como por exemplo, a importância do conhecimento, das sociedades e culturas locais. Assim como, Moreira e Carmo (2007) e Helenius, Wezel e Francis (2019), que corroboram sobre essa compreensão da agroecologia e seu papel como ciência, destacando que além de aspectos produtivos, são englobados aspectos sociais resultantes dos processos de desenvolvimento, principalmente no que tange ao território.

Nesse sentido, de acordo com Altieri (2000) a agroecologia é compreendido além dos aspectos puramente produtivos, englobando assim outras dimensões agroecológicas: *Ambientais: Impactos e riscos ao meio-ambiente e Fatores de preservação ambiental; Econômicas: Custos das atividades, necessidades financeiras e retornos financeiros; Institucionais: Desenvolvimento Tecnológico; e Socioculturais: Capacitações necessárias à atividade, Participação e integração com a sociedade e Integração cultural (uso de conhecimento e práticas culturais, modo de vida, saber-fazer).*

Na dimensão *ambiental*, primeiramente foi questionado sobre *impactos e riscos ao meio-ambiente* gerados pela atividade de cada participante do estudo. Os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos, foram diretos em afirmar baixo impacto e pouco risco provocados ao ambiente em razão de suas atividades produtivas, ou ainda uma minimização desses impactos e riscos, dada a forma de trabalho ou modo de vida dos entrevistados. Todavia, eles entendem que toda a atividade produtiva pode causar riscos ao meio ambiente, principalmente pelo fator humano nas decisões. A falas a seguir retrata essa questão:

Eu acho que a gente, o ser humano, é risco sempre *pro* ambiente. Aqui é o mínimo que a gente faz. A gente altera coisas, como às vezes tu vai fazer uma aguada, por exemplo, às vezes tu altera um, até que não muito, mas aqui embaixo se alterou uma sanga, mas eu preservei a nascente, eu deixei a nascente de fora. Tem um olho d'água, uma vertente ali que desce na sanga, vai lá e acaba lá no rio. E eu, na hora de fazer o açude, eu fiz o açude acima e ela *tá* até hoje. [...] na verdade a gente é, tu sempre altera, a tendência é, a gente como produtor é querer fazer alguma coisa aqui e acabou fazendo ali um bosque, um bosque de nogueira, aí fez ali e tal... Não era *pra* ter feito! O campo em si, ele já garantiria tudo isso, não precisa plantar nada. (PF07 – Dom Pedrito).

Ainda sobre a dimensão *ambiental* da agroecologia, foi questionado sobre *fatores de preservação ambiental*. Os onze participantes do estudo indicaram fatores de preservação ambiental, mesmo que de forma singela. A preservação de um campo nativo, os cuidados com as matas e as nascentes de rio e sangas, estão representados no discurso: “*Aqui embaixo se alterou uma sanga, mas eu preservei a nascente, eu deixei a nascente de fora. Tem um olho d'água, uma vertente ali que desce na sanga, vai lá e acaba lá no rio. E eu, na hora de fazer o açude, eu fiz o açude acima e ela tá até hoje*” (PF07 – Dom Pedrito).

Essa questão concorda com o exposto por Altieri (2000) no que diz respeito à dimensão ambiental na inerente ao contexto agroecológico. Para o autor, na agroecologia não deve haver risco ou dano ao ambiente, como uso de agrotóxico, geração de resíduos, poluição química, erosão, dentre outros. Essas preocupações foram encontradas nas entrevistas com agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo, fato que confirma que a dimensão ambiental recebe atenção pelos entrevistados, preocupados com suas atividades produtivas, com a preservação do ambiente, bem como os riscos que podem causar ao ambiente:

Tem, toda atividade tem um risco. Mas, eu não sei assim vou dizer que eu acho que hoje, na situação atual que nós estamos, fazemos, nós aqui fazemos mais bem ao ambiente do que mal [...]. então assim, hoje eu vejo o homem do campo, esse pecuarista familiar que trabalha dessa forma, mais como um aliado do que como um, digamos um destruidor (PF02 – Bagé).

Na dimensão *econômica* inerente à agroecologia, foi questionado sobre custos, necessidades e retorno financeiro das atividades agroecológicas. Para seis dos onze entrevistados, foi constatado que os custos com a atividade estão dentro do esperado. A pecuarista familiar PF02, de Bagé, comenta que a renda com sua atividade pecuária “*é suficiente sim*”. *Atualmente sim, já consigo produzir o suficiente, o que produzo aqui me sustenta perfeitamente*”.

Logicamente, cabe dimensionar cada caso, cada participante do estudo, tendo em vista, que realidades distintas são estudadas. Não há como comparar questões econômicas entre pecuaristas familiares, como é o caso da pecuarista PF02 (Bagé) a qual sua UFP possui 300 hectares, com agricultores familiares que possuem menor extensão de terra, como o caso do agricultor AF04 (Quaraí), pois sua UFP tem cerca de meio hectare de área. Assim, as realidades são distintas, bem como os custos, as necessidades, os retornos financeiros com as atividades econômicas de pecuária e/ou de agricultura, bem como a expectativas.

Para os outros cinco participantes do estudo, os custos apresentam-se elevados, causando dificuldades para agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos desenvolverem suas atividades. Ao elevarem os custos, a tendência é que essas mesmas UFPs tenham necessidades financeiras, fato que foi apontado por seis dos onze entrevistados no estudo.

Esse é o caso do agricultor familiar AF01 de Dom Pedrito, que percebe a elevação dos custos na produção de morangos: “*No sistema convencional (direto no solo) é razoável normal, mas agora no sistema semi-hidropônico e nas estufa tá fora do normal*”. Entretanto, cabe frisar que o cultivo em canteiros no modo tradicional, pode estar atrelado à menor rendimento quando comparado com o sistema semi-hidropônico. Porém esse sistema requer maior investimento,

além de retorno financeiro demorado, fato que traz dificuldades com os altos custos para produção de morango ao agricultor familiar.

Nessas unidades que apresentam custos elevados e necessidades financeiras, pode haver um afastamento do comportamento agroecológico, pois de acordo com Altieri (2000), os custos e necessidade deveriam ser baixos. Isso pode estar ligado ao uso de insumos externos ao invés de internos, o que acaba refletindo nessa dimensão econômica da agroecologia e causa dificuldades aos entrevistados que indicaram essa situação em suas UFPs, como é o caso do agricultor familiar AF03 de Quaraí: *“O custo, o custo é elevado. O teu produto vale pouco, mas os insumo é altíssimo. Então o teu retorno tá ficando muito pouco”*.

De fato, percebe-se que os custos de produção tendem a aumentar, principalmente ao considerar investimentos, como é o caso do sistema semi-hidropônico, ou a gangorra de custos de produção *versus* preço de venda. Ploeg (2021) denomina esse movimento de elevação dos custos de produção e diminuição do preço de venda dos produtos de tesoura de preços. Para o autor, a ação hegemônica dos grandes impérios alimentares a nível mundial, além do processo de modernização da agricultura, causa esses desequilíbrios financeiros, intensificando questões sobre aumento de custos somados à desvalorização dos produtos. A tesoura de preços, pode levar ainda, os agricultores ao endividamento, principalmente em se tratando de agricultores ou pecuaristas familiares, abordados no estudo.

Já sobre os retornos financeiros, seis dos onze entrevistados indicaram ter retornos financeiros que correspondem às expectativas. Para três entrevistados, esse retorno financeiro corresponde em parte às expectativas da família. Já para dois dos onze entrevistados, o retorno financeiro não corresponde às expectativas, gerando necessidades ou não satisfazendo a geração de renda que foi projetada ou é que é necessitada pela família.

Altieri (2000) explica que, em se tratando de agroecologia, esse retorno financeiro é mais baixo e demorado, pois precisa de um determinado período para gerar um resultado satisfatório ou a renda ideal para cada família das onze participantes do estudo. Todavia, Ploeg (2021) reforça que em um pensamento futuro, a agroecologia e os mercados territoriais, em conjunto com a agricultura familiar e a soberania alimentar, são componentes importantes na construção de alternativas visando a questões alimentar, econômicas e sociais nos tempos atuais.

No entanto, cabe frisar sobre as discrepâncias entre os participantes do estudo. Não há como colocar na mesma medida realidades, perfis, características e mundos tão diferentes. Isso é evidenciado na fala da agricultura familiar AF05 (Santana do Livramento), que comenta sobre seus anseios particulares e em tom de brincadeira diz que os retornos financeiros da atividade

não podem atender suas expectativas: “*Claro que não né! Queria estar em Paris agora (risos). Plantando alface eu jamais vou conseguir chegar a Paris (risos)*”.

Já para outros participantes, a atividade econômica serve para o sustento da família e assim atende plenamente às expectativas. O agricultor familiar AF04 (Quaraí) comenta que sua renda é “*sim! É suficiente pro sustento*” da família. Essas colocações provam que as expectativas são diversas e não podem ser comparadas, sobretudo no caso particular deste estudo.

Cabe ressaltar que o objetivo com os questionamentos sobre questões econômicas foi o de contemplar a dimensão econômica da agroecologia, apresentada por Altieri (2000). Isso em livre interpretação e livre respostas das participantes do estudo, de forma a cada um desses indivíduos dar sua opinião baseada em ideias próprias inerentes a seu contexto de vida econômica e de forma alguma, comparando ou tabelando números para representar a questão econômica dos entrevistados.

A quarta dimensão agroecológica proposta por Altieri (2000) diz respeito às questões *institucionais*. Na pesquisa foi questionado sobre o desenvolvimento tecnológico frente a agroecologia nas UFPs visitadas. Seis dos onze entrevistados alegaram receber algum tipo de assistência, apoio ou auxílio técnico de instituições privadas, dentre elas Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER), Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (UERGS), *Universidad Tecnológica del Uruguay* (UTEC), prefeituras municipais, sindicatos e outras entidades.

No ponto de vista da agroecologia a gente tem mudas aqui que foram sugeridas pela EMATER, a gente fez manejo de pomares baseados por tecnologias desenvolvidas por esses agentes públicos vamos dizer assim, além de que a universidade. A UERGS faz muito trabalho conosco, porque a UERGS aqui em livramento trabalha agroecologia, então os alunos vêm aqui, os professores vêm aqui, nós somos usados como exemplo nos projetos internos e os alunos vêm fazer estágio. Então esse tipo de tecnologia das instituições chega até nós e a gente é superfeliz e quero muito inclusive, porque aprendo muito com ele também né (AF05 – Santana do Livramento).

Para Altieri (2000) o fato de as questões institucionais terem apoio público, ou seja, serem desenvolvidas por instituições públicas como universidade e de assistência técnica, configura como uma característica da agroecologia. Para o autor, essa é uma diferença relevante, já que empresas privadas focam seu interesse na agricultura convencional, inclusive financiando atividades de pesquisa e crédito.

Já para cinco participantes do estudo, não são presentes essas ações de apoio institucional ou ATER junto à agroecologia, o que causa dificuldades, principalmente no que tange a questões produtivas da agroecologia, como técnicas, manejos, além da própria assessoria. O agricultor familiar AF01 evidencia a disparidade entre instituições públicas e privadas no que diz respeito à assistência técnica: “*É difícil! Eu digo dessas firma [...] da soja, do arroz, tem quantas firma aí que dão assistência... Isso pra nós pequeno hortigranjeiro, aqui não existe firma pra isso, tem uns que tem um pouquinho de cada aí, alguma coisa*” (AF01 – Dom Pedrito).

O discurso traz à tona questões presentes na sociedade atual, exemplificando por exemplo, que para a agricultura familiar são escassos os recursos e financiamentos. Já para a agricultura baseada em *commodities*, são diversas linhas de crédito e benefícios para os agricultores. Da mesma forma, a questão de assistência técnica, como comentou o AF01, assim como lojas com insumos específicos para o setor, o que também é uma carência apontada por esse agricultor.

Sobre ações de ATER, surgiram tendo atribuição dar orientação aos agricultores no que diz respeito às práticas e técnicas com maior eficiência na produção, tanto de agricultura ou de pecuária. Entretanto, segundo De Castro e Pereira (2017), o modelo de desenvolvimento agrícola inerente à essa assistência técnica para o agricultor ou pecuarista, não foi difundido em todo cenário rural do Brasil. Para os autores, esse modelo foi largamente utilizado por produtores rurais mais capitalizados, inseridos no contexto do agronegócio e da agricultura modernizada, do que categorias sociais como a agricultura familiar.

Isso pode explicar, porque a falta de ATER é presentida no que tange à agricultura e a pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, como apontado por participantes do estudo. A falta de ações de ATER também foi evidenciada de duas maneiras: entrevistados que sente falta de ações agroecológicas e entrevistados que entendem as limitações das questões institucionais:

Nenhuma! Não! *Pra* atividade que a gente faz, não tem (assistência). Eu não sei o que passa, a sociedade agrônoma e veterinária, embora a veterinária tenha um viés também de chegar nas propriedades ou coisa assim né, não é só o médico veterinário, elas também não olham com certo desdenho esse tipo de porque não tem impacto tecnológico, ele não tem uma coisa que, *ah, mas se isso aí fizessem uma pastagem...* é a primeira coisa que vão dizer! Eles não conseguem ver o que *tá* acontecendo aqui. Não conseguem enxergar! (PF07 – Dom Pedrito).

O que fica evidente, diz respeito à invisibilidade da agricultura e da pecuária familiar agroecológica, que por muitas vezes é vista pela sociedade como atrasada, sem tecnologia, com

traços arcaicos. Ou ainda, não interessantes aos processos modernizados de agricultura e produção agropecuária (DE CASTRO; PEREIRA, 2017). Porém, essa questão passa também pelo sucateamento das instituições de ATER, que em muitos casos não possuem condições de prestar um serviço de qualidade ou de dar suporte digno aos agricultores e pecuaristas. O discurso a seguir aborda essa questão:

É, precariamente né *tchê!* Porque é um órgão também que vem mal das pernas né (sofrendo). Na verdade, é uma gurizada muito boa, conheço eles, são uns guri muito bom, trabalhador. Mas eles também têm as limitações deles e a gente conversa o mesmo assunto, entende? A gente conversa, fala pelo mesmo assunto. Isso que eu falei e torno a dizer, via ter que haver um envolvimento maior dessa parte do poder público né, dando mais subsídio *pra* esse pessoal da EMATER, prefeituras, enfim, *pra* que haja uma produção maior do pequeno, sabe. Ficou na mão só do grande e é complicado! (PF11 – Rosário do Sul).

Além de evidenciar a ausência de ações de apoio da ATER, uma entrevistada que integra o assentamento da reforma agrária, comenta que os próprios agricultores assentados se organizam para esse tipo de atividades, através de associações e parcerias, e que além de obter conhecimento, se organizam para passar adiante esses aprendizados:

É nós mesmo, criadas por nós MST, a Bionatur Cooperativa de sementes agroecológicas. E de fora a gente nunca recebeu nada, tanto de recurso e nem de assistência nada. A gente é que passa inclusive, que nem o caso do Deivid, foi *pra* lá *pra* Venezuela justamente *pra* passar pros demais. É daqui que sai *pra* fora (AF10 – Hulha Negra).

A carência, para não dizer a ausência de ações *institucionais* ou ações mais eficazes, tanto em pesquisa, quanto em desenvolvimento por parte do poder público, tanto direcionadas para a agroecologia, quanto para a agricultura e pecuária familiar, são citadas em diversos estudos no Pampa Gaúcho. Dentre eles, pode ser citado: Moreira e Carmo (2007), assim como Matei e Filippi (2012), ambos discorrem acerca da necessidade de pesquisas sobre agroecologia e a demanda por estudo nessa temática da produção aliada ao território e seus atributos, para uma futura articulação de forças no que tange à construção de conhecimento visando o desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho.

Para Maia et al. (2019) essa ausência de ações institucionais é baseada na falta de incentivo via políticas públicas direcionadas para a agricultura familiar. Isso está alicerçado no modelo agrícola de *commodities* difundido no Pampa Gaúcho atualmente, pois carece de uma visão sistêmica da importância da agricultura sustentável, bem como da agroecologia.

Gusmán (2001) argumenta que os princípios inerentes ao contexto da agroecologia, apresentam possibilidades de promover desenvolvimento, ao potencializar recursos locais, fazendo frente ao processo de modernização e padronização imposto pela agricultura convencional. Mas para que isso ocorra, são necessárias ações institucionais, como foi evidenciado nas falas dos entrevistados, ainda que ações privadas não são direcionadas à agroecologia, mas sim à agricultura convencional no Pampa Gaúcho.

Por fim, a quinta dimensão agroecológica abordada no estudo, diz respeito às questões *socioculturais*. Os agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo foram questionados sobre as capacitações necessárias à atividade, participação e integração cultural com a sociedade, e uso de conhecimento e práticas culturais, como modo de vida e saber-fazer.

Para seis dos onze entrevistados, há falta de capacitação no que diz respeito à mão de obra para as atividades, tanto pecuária, quanto agricultura agroecológica. Já para outros cinco entrevistados há capacitação para a mão de obra, porém os entrevistados alegam que foram eles mesmos que realizaram a capacitação, para assim habilitar as pessoas ao trabalho nas UFPs.

A gente costuma como agora com a pandemia a gente *tá* meio que restrito, então a gente fazia vários eventos, a gente trazia técnicos da Embrapa, da Emater, Inspeção Veterinária, das universidades para fazer palestras aqui, sobre o manejo, sobretudo. A gente também interage bastante entre nós, o pessoal gosta muito de conversar, então quando tem evento é carreira, futebol, rodeio, marcação, a comunidade se reúne, troca ideias, dão conselhos uns *pros* outros então, às vezes errados, mas damos (risos), faz parte mesmo. (PF02 – Bagé).

Na questão de participação e integração cultural, nove entrevistados relatam que há um tipo de integração cultural para com a sociedade, mas com algumas especificidades ou dificuldades sentidas nessa relação: “*A gente não é uma ilha perdida no meio do nada aqui. Mas a gente se relaciona com um grupo muito específico da comunidade, da cidade, digamos assim. E esse grupo específico são as pessoas que estão envolvidas com o tema de agroecologia*” (AF05 – Santana do Livramento). A afirmação da entrevistada discorre sobre algumas dificuldades enfrentadas pela agroecologia no Pampa Gaúcho e destaca que a participação e integração no que diz respeito à agroecologia, é realizada por pessoas que têm relação e afinco com o meio, tornando essa integração fechada, de certa forma.

Já dois entrevistados mencionam não haver participação e integração cultural, isso em contexto geral de sociedade. O pecuarista familiar PF07 explica que existe um descrédito na agroecologia por parte da sociedade, ou ainda um preconceito: “*Na verdade, a região ela olha,*

ela vê e tem um descaso em cima do que vê. Os vizinhos olham, veem e.... Um até chegou ao ponto de dizer que isso era o cúmulo, que os animais, que tinha pasto demais”.

As práticas utilizadas por esse participante dizem respeito aos preceitos agroecológicos e não à sistemas modernizados de produção. E, isso causa incômodo, pois o pecuarista familiar possui bons índices produtivos com esse trabalho, mesmo comparado a sistemas mais modernizados e com alta dependência de insumos externos. Ribeiro (2018) argumenta que, pela ótica mercantilista, processos de produção agrícolas que não seguem uma lógica pautada na agricultura moderna, são considerados atrasados, do ponto de vista produtivo e para o desenvolvimento do cenário rural.

Ribeiro (2018) explica que há um movimento de retorno no que diz respeito aos processos produtivos por parte dos produtores modernizados. Entretanto, o autor explica que os pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho, como é o caso do entrevistado PF07, não se tornaram modernos do ponto de vista produtivo, desenvolvendo assim sistemas produtivos de maior eficiência, atrelados aos preceitos de sustentabilidade e desenvolvimento, em direção à agroecologia e seus preceitos, ou ainda, em um caminho direcionado à transição agroecológica.

No entanto, há momentos em que a participação e integração com a sociedade provocaram reconhecimento aos agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo. Fato que pode ser evidenciado na fala da pecuarista familiar PF08, no que diz respeito a seu trabalho de artesã, a partir da lã ovina:

Eu não percebia. Mas até que um dia chegou uma pessoa e me disse: *tu não tem noção do que tu és!* Aí eu disse, mas e o que é que sou? *Tu és artesã! Tu sabe fazer isto, tu sabe fazer aquilo.* Tu tem vivências diferente, tu ensina falando... Eu não sabia que eu sabia isso! É importante essa crítica assim, de encontro com o que tu não sabe que tu tem. Aí foi que eu descobri, que eu tinha esse reconhecimento, que foi construído ao longo dos anos. Trinta anos! Trinta anos faz que a gente *tá* nessa atividade! (PF08 – Dom Pedrito).

A questão do reconhecimento social está incluída na dimensão sociocultural da agroecologia. Para Altieri (2000), tanto a integração, quanto a participação social na agroecologia deve ser totalmente ativadora e com mobilizações sociais que envolvam a comunidade, através do uso extensivo de conhecimentos tradicionais e culturais, além das formas locais de organização.

No estudo, o reconhecimento pessoal foi abordado como valorização e reconhecimento da sociedade para com a forma de trabalho e o modo de vida dos entrevistados, valorizando os conhecimentos locais, tradicionais e culturais de cada agricultor ou pecuarista participante do

estudo. Nesse sentido, foram identificadas duas categorias: *i) se sentem valorizados por suas atividades; e ii) se sentem desvalorizados.*

Dez dos onze participantes formam a categoria *se sentem valorizados por suas atividades* e nela foram identificadas duas subcategorias: *i) valorização pelo trabalho; e ii) valorização pela produção de alimentos.* Oito entrevistados relataram que sentem *valorização pelo trabalho*, por sua forma de vida, seja pelo desenvolvimento da agricultura ou da pecuária familiar agroecológica. Esse sentimento de valorização pode ser percebido no discurso abaixo:

Porque antigamente nós não era reconhecido e nem visto. Hoje em dia já *semo* visto né! A agricultura familiar! Isso nem existia, falavam: *ôh! o colono!* Hoje em dia, graças a Deus, tem as feirinhas por aí né! Por esse Brasil né. Às vezes eu acompanho, então eu digo, eu sou um produtor, agricultor né! (AF03 – Quaraí).

Já outros dois entrevistados relatam que sentem *valorização pela produção de alimentos*, reconhecidos pela produção em um contexto mais saudável de alimentos, além de proximidade com as UFPs. Essa questão pode ser evidenciada na fala do agricultor: “*A gente vai vendo que vai aumentando porque as pessoas tão buscando mais essa, o produto mais saudável. [...]cada ano a gente vê que as pessoas tão procurando mais essa parte da alimentação saudável. E até de conhecer os local onde produz as coisas*” (AF04 – Quaraí).

O discurso do agricultor familiar agroecológico do Pampa Gaúcho vai ao encontro de Traça et al. (2022), no que tange às questões de desenvolvimento e a necessidade de reformulação de valores e de percepções, que por sua vez, podem criar maneiras de orientação de práticas econômicas, sociais e ambientais. Isso se torna possível a partir do reconhecimento e da valorização da agricultura familiar e do contexto de agroecologia, resultando em alimentação saudável, reconhecimento social e geração de renda às famílias.

Para Nascimento et al. (2019), há um novo contexto produzido a partir da (re) conexão de alimentação saudável e segurança alimentar e nutricional. Esse contexto está relacionado diretamente à preocupação com a origem dos alimentos, à qualidade dos produtos e aos processos produtivos. Esses fatores são percebidos nos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, pois esses fatores refletem numa aproximação entre consumo e produção, agricultor ou pecuarista e consumidor.

No entanto, há um participante da pesquisa (PF07) que não se sente valorizado e ainda se sente deslocado da sociedade para com sua forma de criação pecuária, que utiliza práticas ecológica e conhecimento adquiridos para guiar as atividades produtivas, fugindo dos padrões convencionais. O sentimento pode ser verificado no discurso a seguir: “*Nenhum! Na verdade,*

a região ela olha, ela vê e tem um descaso em cima do que vê. Os vizinhos olham, veem e.... um até chegou ao ponto de dizer que isso era o cúmulo, que os animais, que tinha pasto demais. É gozado!” (PF07 – Dom Pedrito). A desvalorização tanto do agricultor, quanto do pecuarista familiar agroecológico do Pampa Gaúcho diz respeito ao descrédito das suas atividades e formas de produção.

Entretanto, para Ribeiro (2018) a pecuária familiar está mais perto de uma transição agroecológica, justificado pelas práticas culturais que sustentam a forma de produção aliada ao ambiente natural, nesse caso o território. Por isso, há a necessidade de valorização e reconhecimento da agricultura e da pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho.

Nesse sentido, Traça et al. (2022), discorrem sobre a valorização da agricultura familiar, que passa pela necessidade de construção de uma nova abordagem, que passe a valorizar saberes locais e a utilização dos recursos disponíveis, para que assim possa fazer frente ao sistema hegemônico de agricultura, que seja pautado em desenvolvimento e sustentabilidade. Neske, Marques e Borba (2014), argumentam sobre a valorização da pecuária familiar pois a partir dessa, tem-se a potencialidade de criar estratégias de desenvolvimento, pensando no território.

Para Neske, Marques e Borba (2014), fatores inerentes ao território, a partir dos seus atributos materiais (ambiente natural) e de seus atributos imateriais (modo de vida), em conjunto com suas potencialidades de promoção de desenvolvimento, vão de encontro ao modelo hegemônico de homogeneização do Pampa Gaúcho, propagado através da agricultura moderna e a *comoditização* dos produtos oriundos da agropecuária. Assim, novamente há a necessidade de reconhecimento da pecuária familiar, por seus preceitos e potencialidades, principalmente no que tange ao território, estendendo da mesma forma esse reconhecimento e valorização à agricultura familiar agroecológica.

Em suma, foi possível constatar que as experiências agroecológicas vivenciadas, no que diz respeito aos agricultores e pecuaristas familiares, como homem (humanidade) e as Unidades Familiares de Produção, como ambiente, dizem respeito à constatação da agroecologia em atividade no Pampa Gaúcho. Foi possível verificar e evidenciar fatores inerentes ao contexto das cinco dimensões agroecológicas apresentadas por Altieri (2000): *i) técnicas, práticas e cultivos; ii) ambientais; iii) econômicas; iv) institucionais; e v) socioculturais.*

Foram identificados recursos naturais que proporcionam essa interação entre produção e preservação ambiental, tais como: Utilização de pasto e matas nativas, campos planos, coxilhas e serras, cuidado e utilização de fontes de água como rios, banhados e sangas, além de açudes e reservatórios. Afloramentos de rochas também foram identificados nas UFPs visitadas. Todos esses recursos, combinados ao uso e modo de vida dos entrevistados, é o que permite

que as famílias possam se reproduzir e ganhar seu sustento em uma perspectiva agroecológica. Não somente produtiva, mas também no contexto de vida e sociedade. Há ainda outras questões que foram explanadas na seção, que dizem respeito às demais dimensões agroecológicas incluídas no estudo.

Destarte, no que diz respeito à agroecologia, em análise de suas dimensões como exposto por Altieri (2000), há princípios agroecológicos que possibilitam o desenvolvimento de novos meios de produção de alimentos, tanto em cultivos agrícolas, quanto em criações pecuárias. Para o autor essa diversidade é o que diferencia a agroecologia quando comparada com a agricultura moderna, pois a agroecologia não prevê apenas o uso de tecnologia, a captação financeira, sem considerar o todo que existe ao redor.

No estudo essas dimensões foram representadas e encontradas nas UFPs visitadas, bem como nas experiências agroecológicas vivenciadas. Não de forma a padronizar ou categorizar cada uma dessas, mas de forma a entender a complexidade e particularidade de seus respectivos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos e do meio onde vivem. De maneira a compreender a relações locais e dos sistemas de produção, valorizando e reconhecendo fatores culturais e sociais, para assim alcançar a sustentabilidade, a produção de alimentos, a conservação de recursos naturais e a valorização dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho, além da sociedade rural como um todo. Para Altieri (2000) esses são princípios agroecológicos de suma importância e que por sua vez, fazem parte do contexto produtivo e social nas experiências agroecológicas visitadas no presente estudo.

Destarte, a partir do contexto apresentado, o qual caracterizou agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho e as suas respectivas Unidades Familiares de Produção (UFP) agroecológicas, bem como contextualizar sobre as dimensões agroecológicas, foi possível representar e constatar a heterogeneidade que há no Pampa Gaúcho, sua diversidade cultural, social, econômica e ambiental.

Diante do entendimento sobre a relevância dessas questões, atreladas aos preceitos e noções do desenvolvimento territorial, o próximo Capítulo discorre sobre os atributos materiais e imateriais do território, os quais podem apresentar potencialidades de construção e de consolidação do território Pampa Gaúcho.

5 O PAMPA GAÚCHO EM ATRIBUTOS MATERIAIS E IMATERIAIS: A CONSTRUÇÃO DO TERRITÓRIO ATRAVÉS DA AGRICULTURA E DA PECUÁRIA FAMILIAR AGROECOLÓGICA

Diante do entendimento de que o território é uma construção social, que se constitui a partir de seu uso e ocupação, carregado de fatores materiais e imateriais que habitam e consolidam um determinado espaço (MAIA; TROIAN, 2022), o presente capítulo tem como objetivo investigar os aspectos materiais e imateriais, presentes na agricultura e na pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho:

O Território Pampa Gaúcho é abundante em fatores naturais, como solo, água, relevo, fauna, flora, condições edafoclimáticas, populações, dentre outros, que juntamente e combinados com fatores imateriais como sociedade, cultura, tradição, identidade, modo de vida, saber-fazer, crenças, valores, dentre outros, o consolida como Território. Cabe reforçar, que tais características sejam físicas, geográficas ou ainda humanas, só existem no espaço devido a sinergia entre homem, o Gaúcho e o ambiente, o Pampa (MAIA; TROIAN, 2022, p. 15-16).

A partir desse contexto, os parâmetros para a investigação apresentada ao longo do capítulo têm origem nos três paradigmas conceituais, apresentando por Schneider (2009). Respectivamente são as seções que compõem o capítulo, são: 1) *atributos físicos: as interações homem e ambiente*; 2) *atributos imateriais do território: o Pampa Gaúcho nas questões simbólicas*; 3) *perspectivas sobre as transformações no território*; 4) *o sentir no Pampa: as relações e o desenvolvimento territorial*; e 5) *as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica ao território Pampa Gaúcho*. Assim, é apresentada a primeira seção.

5.1 Atributos físicos: as interações homem e ambiente

A presente seção aborda sobre os atributos físicos do território Pampa Gaúcho, a partir dos seguintes aspectos: i) lugar físico de residência e produção; ii) sentimento em relação a unidade familiar de produção; e iii) os atributos naturais e físicos na vida e nas atividades produtivas. Para compreensão da relevância de atributos físicos no que tange ao território e todo seu contexto e construção social, é necessário expor sobre as funções dos fatores naturais do território. Essas questões, interferem inclusive no modo de vida e na definição da agricultura e da pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, como apresenta o discurso a seguir:

Se nós pegarmos, por exemplo, a partir do território os retro componentes legal em função do território, que está a natureza, mas também está a identidade. E essas, essa pecuária familiar, ela tem um componente fundamental o seu modo de vida, a relação de dependência de recursos da natureza, então isso acaba sendo um componente fundamental da sua identidade como uma categoria social e como território também como passa a ser definido né pelas categorias sociais que o definem, que usam o espaço, que usam os recursos, em havendo um predomínio de pecuária familiar, esse é o território que também acaba tendo sua identidade associada à um ambiente muito particular e com elevado grau, nesse caso específico, de conservação (AD01 – EMBRAPA).

Diante da importância da apresentação sobre os atributos materiais do território, no que diz respeito ao *lugar físico de residência e produção* para os participantes do estudo, a análise possibilitou delimitar duas categorias de análise: *i) produção; e ii) lugar de vida*.

Ao estabelecer as categorias, percebe-se uma divisão a partir da atividade produtiva exercida pelos entrevistados. Assim, as percepções dos agricultores familiares estão mais relacionadas a questões produtivas, no que tange aos atributos materiais presentes no território. Já as percepções dos entrevistados pecuaristas familiares estão mais relacionados a questões de vida, além de fatores puramente produtivos, no que tange aos atributos materiais do território.

Na categoria *produção*, foram identificados seis dos onze entrevistados (AF01, AF03, AF04, AF05, AF06, AF10). O fator em comum entre esses agricultores familiares é quando da definição do lugar físico, ou seja, a descrição dos atributos naturais existentes em sua UFP, entendendo-a como espaço de produção, as questões produtivas ficaram mais evidenciadas. O discurso a seguir apresenta essa definição do material, em aspectos produtivos:

Ela é uma chácara assim muito boa de questão de nivelamento ela não tem, ela não é plaina, nem é muito caída, então ela tem ah, que *pra* fruta tem que ter bastante drenagem, né o solo, a área! Não pode ter nunca terra empoçada! É uma terra preta, uma terra escura que é muito forte e rica em cálcio e tudo né, no fósforo (AF01 – Dom Pedrito).

Diante das definições dos atributos materiais do território propostas pelos participantes do estudo, cabe frisar que os atributos materiais são importantes balizadores do território e estão diretamente relacionados à construção e uso desse território, a partir dos recursos naturais existentes e da apropriação desses recursos pela sociedade, assim como apropriação do lugar, ou seja, do território (ALBAGLI, 2004; SANTOS, 2005; SAQUET, 2011; OLIVEIRA, 2020; MAIA; TROIAN, 2022). Como por exemplo a definição do tipo de solo, relevo e água. A Imagem 11 ilustra atributos materiais do território.

Imagem 11 – Atributos materiais voltados ao aspecto produtivo no Pampa Gaúcho



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Já na categoria *lugar de vida*, foram identificados cinco dos onze entrevistados (PF02, PF07, PF08, APF09 e PF11). O fato em comum entre esses participantes versa sobre a definição do lugar físico, o qual outras questões foram evidenciadas. Nessa categoria há quatro pecuaristas familiares e o aposentado rural, que também exerce atividades pecuárias. O discurso de uma pecuarista familiar define os atributos materiais do território, mas incorpora fatores mais amplos do que a produção, aborda sobre contexto de vida:

Aqui é ondulado, muito pedregoso, muito, muito. Vegetação, rodeado de vegetação, um lugar que é muito bonito, eu gosto muito de trabalhar aqui [...]. *Pra mim é um lugar maravilhoso, é um lugar que não tem outro no mundo né, gosto muito de lidar aqui e é isso aí, é campo, as pedras e a vegetação é o que caracteriza o lugar* (PF02 – Bagé).

Cabe ressaltar que as descrições destoam do fator produtivo, e vão além, ao incorporarem elementos de caráter adjetivo aos lugares. Diante do entendimento de que fatores materiais são partes da construção do território, como afirmam Santos (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020), é preciso ressaltar que a partir da construção do material junto à um contexto de vida e sociedade é possível a consolidação do território. Isso se dá quando do entendimento de que o território, mesmo em sua materialidade, de ver percebido como um lugar de vida, além de questões naturais (SANTOS, 2005; SCHNEIDER, 2009; OLIVEIRA, 2020; MAIA, TROIAN, 2022). A Imagem 12 ilustra atributos materiais, mas de maior abrangência, como o espaço de vida.

Imagem 12 - Atributos materiais de maior abrangência no Pampa Gaúcho



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Os fatores que versam sobre o contexto de vida, vão ao encontro do exposto por Schneider (2009), quando se refere ao campo ou cenário rural como um espaço de vida e natureza, constituindo assim um viver social, desvinculando-o de uma questão apenas agrícola ou de produção agropecuária. Essa forma de entendimento, a partir de definições do material existente no território, relaciona-se também com o sentimento de pertencer. Oliveira (2020, p. 59) argumenta que o território é definido pelo “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”.

Assim, a partir do entendimento que a forma de descrição ou definição de cada lugar pode ter relação com o fato de ter ou não sentimento por esse lugar, questionou-se justamente essa condição de relação ou sentimento, que pode apresentar ligação com um fator essencial quando da construção e da consolidação do território, o pertencimento ou ainda o sentimento de pertencer, conforme exposto por Oliveira (2020). Diante desse contexto, foi abordado sobre *sentimento em relação à unidade familiar de produção*. Assim, foram identificadas duas categorias de análise: *i) há sentimento do homem para o lugar físico; e ii) não há sentimento*.

Na categoria *há sentimento do homem para o lugar físico*, foram identificados oito dos onze participantes do estudo, a saber: AF01, PF02, AF03, PF07, PF08, AFP09, AF10 e PF11. No grupo há os quatro pecuaristas familiares, três agricultores familiares e outro entrevistado que é aposentado rural. Um fator interessante, que cabe ser destacado, é que todos os oito participantes dessa categoria, que evidencia sentimento entre homem e lugar físico, praticam

atividade pecuária. Para melhor contextualizar essa identificação, foram observadas três subcategorias: *i) sentimento pela natureza; ii) sentimento pela família e trajetória; e iii) sentimento ao que foi construído.*

Na subcategoria *sentimento pela natureza*, foram identificados quatro entrevistados, a saber: PF02, PF07, APF09 e PF11. Entretanto, há ligações entre essa subcategoria com a família, no que diz respeito ao sentimento pela natureza estar relacionado a questões familiares e vice-versa. Essa questão pode ser evidenciada no discurso:

É um sentimento bastante forte, assim de apego, tanto que eu pretendo, no futuro, depois que eu estiver regularizado, adquirindo assim toda a minha unidade, eu pretendo fazer alguma coisa, talvez uma área de proteção particular, porque eu quero que isso aqui perdure, sabe? *Pra sempre!* Se eu puder (Risos emocionados) [...]. Até em homenagem a meus ancestrais que eram muito apegados também. Então é um sentimento muito profundo, não só com a terra, mas com os animais todos assim é, digamos assim, é uma relação muito íntima. A gente tem uma relação muito íntima com os animais, eles são muito apegados a gente também (PF02 – Bagé).

O sentimento apresentado pelos entrevistados para com fatores de natureza do território, está atrelado ao pertencimento. Para Oliveira (2020) o pertencimento é uma questão primordial na construção do território. Na imagem 13, é apresentada a pecuária familiar integrada ao ambiente natural, à paisagem e ao relevo.

Imagem 13 – O campo e os animais, pastando sobre o campo nativo no Distrito de Palmas, Bagé/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Na subcategoria *sentimento pela família e trajetória*, foram identificados três entrevistados, a saber: AF03, PF08 e PF10. Há nesse grupo dois pecuaristas e um agricultor familiar, mas que também tem criações de animais. Cabe destacar, que nessa subcategoria também foram evidenciados traços de sentimento pela natureza, mas o aspecto que mais se sobressaiu, foi o *sentimento pela família e trajetória*. Como reforça o discurso a seguir:

Eu tenho duas filhas e eu sei que uma talvez demore a voltar, mas já tem um olhar voltado *pra* Dom Pedrito, que diz *ah, mas isso pode!* Já projetou, vou fazer a minha casa, neste espaço. O que já nos deixa contente que vai ter um segmento! Então eu acho que a semente está plantada ali! [...] então, eu acho assim, o meu sentimento é de fazer, enquanto eu existir, enquanto eu estiver aqui, eu quero manter. Eu, digo eu e a minha família. Enquanto nós estivermos aqui, a gente vai fazer ela produzir, sem degradar (PF08 – Dom Pedrito).

Por fim, na subcategoria *sentimento ao que foi construído*, foi identificado um participante, a saber: o agricultor familiar AF01. Isso porque, percebeu-se que em seu discurso há fortes elementos que remetem ao trabalho construído, a casa. Isso em maior relação do que a natureza, por exemplo.

Os primeiros dois anos a gente morou na casinha de tábuas aqui do lado que era do meu pai, até construir essa aqui. E como eu mesmo sou construtor de tudo aqui, faço de tudo um pouco. Como que se diz, tijolinho por tijolinho a gente foi botando, aí enquanto morava ali até levantar isso aqui. Então essa casa faz parte da gente, é uma coisa assim que a gente tem muito amor por isso aqui que a gente tá fazendo (AF01 – Dom Pedrito).

Para o entrevistado, fatores que versam sobre sentimento às questões materiais apresentam relação com o contexto que foi construído em sua UFP. Isso inclui desde as questões produtivas, até mesmo sua residência. O sentimento e valor dado a esse aspecto material tem relação com a construção do imóvel, feita pela própria família. A imagem 14, a seguir, retrata a casa construída pela família do AF01, em Dom Pedrito.

Imagem 14 – Residência construída pelo próprio agricultor familiar na Lagoa do Forno, em Dom Pedrito/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

No caso dos pecuaristas PF02, PF07, PF08 e PF11, é a atividade principal exercida pelo entrevistado. No caso dos agricultores AF01, AF03 e AF10, não é a atividade principal, mas há criações pecuárias que visam o consumo da família, a transformação em derivados do leite (AF01 e AF10), ou ainda como uma espécie de reserva financeira (AF03). Já no caso do aposentado rural, a atividade pecuária é exercida para o consumo, seja produção de carne ou de leite.

Todavia, é notório a relação existente entre as subcategorias *sentimento pela natureza*, *sentimento pela família e trajetória*, e *sentimento ao que foi construído*. Ao passo que, essas três formas de sentimentos se entrelaçam e constroem um sentimento maior, de apego, de afetividade pela natureza, pelos aspectos físicos que existem em cada lugar, pela trajetória familiar e pelo que foi construído no lugar, seja uma casa ou o trabalho de uma vida. Para Santos (2005) e Oliveira (2020) é a junção desses fatores *sentimento pela natureza*, *sentimento pela família e trajetória* e *sentimento ao que foi construído*, que moldam o território, baseado em seus atributos materiais e imateriais, mas entendo-o como um contexto de vida, como demonstra ocorrer na categoria em que *há sentimento do homem para o lugar físico*.

Já na categoria *não há sentimento*, isso do homem para com seu lugar físico, foram identificados três dos onze participantes do estudo, a saber: AF04, AF05 e AF06. Todos são agricultores familiares, ou seja, exercem como atividade principal a agricultura. Porém cabe

destacar, que a *não identificação de sentimento*, o que não significa que não exista, está atrelada à fala dos participantes. Nesse sentido, foram identificadas três subcategorias: *i) não evidenciou sentimento; ii) não respondeu; e iii) outras formas de relação*.

Na subcategoria *não evidenciou sentimento*, faz parte o agricultor familiar AF03. Que foi direto, respondendo ao questionamento de forma simples e objetiva: “*Não!*” (AF03 - Santana do Livramento). O agricultor ainda não continuou o assunto, trocando de conversa na sequência, evidenciando o não sentimento ou ainda, não querer falar sobre o tema. Na subcategoria *não respondeu*, faz parte o agricultor familiar AF04. O entrevistado não quis responder sobre o tema, ficando ainda incomodado ou sem ter o que falar quando questionado sobre o assunto. Por respeito ao entrevistado, foi passado à pergunta seguinte. Embora não tenha dito que não há sentimento, como não respondeu ao questionamento, ficou evidenciado um sentimento conflituoso, mal resolvido entre homem e ambiente.

Assim, nas subcategorias *não evidenciou sentimento* ou *não respondeu*, não foram demonstrados sentimentos pela questão material do território. Dessa forma, ao não demonstrar sentimento, os agricultores podem não ter apego ao seu próprio território, pois não há pertencimento. Oliveira (2020) expõe que o pertencimento é definidor do território. Entretanto, se destaca que nesses dois casos há um fator intrigante, os entrevistados são agricultores familiares agroecológicos nascidos e criados no Pampa Gaúcho. Assim, percebe-se que participantes do estudo que são agricultores têm maior dificuldade em expressar sua relação com o território em suas questões materiais, ou ainda, que não há de fato esse pertencimento. Talvez a dificuldade de expressar sentimentos tenha relação com a própria definição do gaúcho, como homem que vive no campo, de comportamento rude e grosso, sendo difícil de associar questões de expressar sentimento (SCHLEE, 2019).

Por fim, na subcategoria *outras formas de relação*, faz parte a agricultora familiar AF05. O fato de estar nessa categoria, diz respeito ao sentimento ser apresentado de outra maneira. Isso comparado aos entrevistados que integram a categoria *há identificação de sentimento entre homem e lugar físico*. Essa questão pode ser explicada quando a agricultora discursa sobre o sentimento que ela tem, que é de ter compromisso com o lugar, com a produção.

Isso evidencia um sentimento produtivo e não afetivo. Destacando que ela (AF05), não se sente parte do lugar: “*Me viria a cabeça duma lógica assim de responder sentimento de pertencer, mas eu não me sinto pertencendo, ah... Porque o sentimento de pertencer ele é meio atávico, e eu sou um pouco fluída, eu não sou de me enraizar tá*” (AF05 – Santana do Livramento). Novamente, fatores de não pertencimento são evidenciados no discurso de uma agricultora familiar, nascida no Pampa Gaúcho. O que pode reforçar a não ligação da atividade

de agricultura agroecológica com o território. A imagem 15, a seguir, retrata a unidade familiar de produção, que consorcia campos nativos junto à produção de alimentos, compondo a paisagem do Pampa Gaúcho.

Imagem 15 – Aliando produção ao território na Vigia, em Santana do Livramento/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Assim, ao abordar sobre *sentimento em relação à unidade familiar de produção*, foi evidenciado que a questão sentimental, de forma afetiva, está relacionada com a atividade pecuária, mais do que com a agricultura. Todos os pecuaristas evidenciaram sentimento afetivo por seu lugar físico. Três agricultores, que também exercem atividades pecuárias, evidenciaram sentimentos por seus lugares. Além do aposentado rural, que é pecuarista e agricultor familiar.

Waquil et al. (2016) ilustram o pecuarista familiar em um caráter diferenciado socialmente, incluindo questões étnicas e culturais, que compreendem um conjunto de fenômenos históricos e únicos que faz com que fatores sentimentais estejam presentes em seu contexto e modo de vida. Para Follmann, Silva e Losekann (2017) a atividade pecuária, que está inserida no Pampa há mais de dois Séculos, proporciona uma harmoniosa relação entre os usos dos recursos disponíveis aliado à conservação dos campos nativos.

Oliveira (2020) reforça que o sentimento ou pertencimento é fundamental para a consolidação do território. Assim como Santos (2005), que argumenta que o território é um contexto de vida, além de definições geográficas e físicas. Da mesma forma, Schneider (2009) contextualiza que o cenário rural é maior do que a produção, é um cenário de viver social. Isso

é a construção do território e está, no caso do Pampa Gaúcho e seus atributos naturais, associado diretamente ao contexto da pecuária familiar.

Há outro fator importante nessa questão de sentimento aos atributos materiais do Pampa Gaúcho. Os pecuaristas familiares são nascidos no Pampa, ou têm vínculo com o território há longo tempo, através de seus familiares e antepassados, isso expressa fatores de territorialidade no Pampa Gaúcho. Essa colocação está alicerçada no exposto por Albagli (2004) e Schneider (2009), no que se refere aos seguintes fatores: abordagem social, política, econômica e cultural; relações de poder, históricas e multiformes; e ato de pertencer, de identidade e relação.

Já os entrevistados que não evidenciaram sentimento, ou ainda sentimento afetivo, para com seus lugares de residência e produção, todos são agricultores familiares. Essa questão trata acerca da percepção através de suas respostas, não podendo ser taxativa, no que diz respeito ao sentimento de cada agricultor. Reforça-se que, para esta situação e contexto, foi evidenciado que não há sentimento entre esses agricultores familiares e seus lugares de residência e de produção. Da mesma medida, cabe destacar que dentre os agricultores há três participantes que vieram de fora do território, migraram de outras regiões para o Pampa Gaúcho.

Há aqui importantes questões atreladas à agricultura familiar, a desterritorialização e a reterritorialização. Haesbaert e Ramos (2004), Haesbaert (2004; 2005) e Chelotti (2003) explicam que a desterritorialização está assentada em tirar o contexto da vida social, subtraindo territorialidades, provocando a perda do território. Ou seja, se o agricultor vem de fora, ele pode através de sua inserção no território provocar essa quebra de dinâmica local, como é o caso da reforma agrária no Pampa Gaúcho. Assim, ocorrerá um processo de reterritorialização, ou a criação de um novo território, conforme Haesbaert (2004; 2005) e Chelotti (2003). Ou seja, novas formas de atividades produtivas e contextos de vida no Pampa Gaúcho, a partir da inserção da agricultura familiar no território, por pessoas que vêm de fora.

Por fim, foi abordado sobre os *atributos naturais e físicos na vida e nas atividades produtivas*, dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho. Através da análise foi possível identificar três categorias de análise: *i) natureza aliada aos aspectos produtivos; ii) contexto de vida; e iii) não há importância nos atributos naturais.*

Na categoria *natureza aliada aos aspectos produtivos*, foram identificados oito participantes, a saber: AF01, PF02, AF03, AF04, PF07, PF08, AF10 e PF11, sendo destes, quatro pecuaristas e quatro agricultores familiares. Para esses entrevistados, atributos naturais e físicos, como o solo, a água, o relevo, fauna, flora, clima, o ambiente natural em si, são fatores muito importantes, principalmente no que tange a proporcionar as condições necessárias para desenvolvimento de suas atividades produtivas, seja a agricultura e a pecuária. Na categoria

natureza aliada aos aspectos produtivos, foram identificadas três subcategorias: i) *fator natureza*; ii) *fator produção*; e iii) *fator qualidade de vida*. A seguir, a Imagem 16 ilustra a pecuária bovina em campo nativo, retratando paisagens típicas de campo nativo e pedras no Pampa Gaúcho.

Imagem 16 – O gado no Pampa Gaúcho, de coxilha, pasto e pedras na Sanga Preta em Dom Pedrito/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

O *fator natureza* emergiu em quatro entrevistas, a saber: PF02, PF07, PF08 e PF11. Fato a destacar, é que esse grupo é formado apenas por pecuaristas familiares, os quais percebem a importância dos atributos naturais e físicos, atrelados aos aspectos produtivos, onde predominam questões de natureza. Ou seja, o entendimento deste grupo sobre atributos naturais, trata de dar importância à natureza e todas as suas formas e manifestações de vida, para que possa se ter condições ideais de trabalho, no caso atividade pecuária. Conforme discursa o pecuarista familiar: “*é onde eu entro principalmente com a questão da natureza né tchê! Eu costumo dizer que a natureza é soberana né, cada coisa tem sua finalidade. Então eu penso assim que, geograficamente falando, aqui não falta nada né*” (PF 11 – Rosário do Sul).

De acordo com Cruz e Guadagnin (2012) e Maia e Troian (2022), a importância dos fatores naturais, tendo em vistas as modificações que têm ocorrido no território, tem origem quando a agricultura moderna se instala no Pampa Gaúcho, a qual os autores chamam de terceiro ciclo das transformações no território. Isso porque antes do terceiro ciclo, vivia-se uma

estabilidade pecuária, dinâmica homogênea no Pampa Gaúcho. Assim, com a inserção da agricultura moderna baseada em monocultivos, quebra-se a dinâmica a base de pecuária e iniciam-se transformações no território, pela agricultura. Isso pode explicar o fato de pecuaristas familiares apresentarem maior relevância em fatores naturais do território, do que quando comparados à agricultores familiares.

A relevância dos aspectos naturais e físicos, fica ainda mais evidente no discurso a seguir, em que o pecuarista familiar aborda sobre a importância dos atributos físicos, incluindo neste, a fauna, a flora, o clima, bem como, a forma com que esses atributos materiais se entrelaçam no território:

É bastante importante assim né. Os animais, por exemplo, eles têm aqui uma, eu imagino claro (risos), pela convivência com eles, que eles têm uma vida muito boa aqui, porque eles têm o ambiente assim, esses matos, que tu tá vendo assim, eles podem dar bastante conforto assim aos animais, tanto no frio, quanto na chuva, quanto no calor porque dá sombra e protege, tu entra assim num dia de frio, bastante frio, os animais entram nesses matos e eles ficam bem protegidos, bem abrigados. [...] é, tu vê que eles estão felizes, que eles estão bem acomodados naquele lugar. Então acho que, fico sempre pensando assim, eu acho os animais aqui eles são bastante felizes, então acho que esse ambiente aqui contribui muito (PF02 – Bagé).

Desta forma, ao abordar sobre o *fator natureza*, bem como a relação desses fatores aliada aos aspectos produtivos do território, percebe-se que há uma questão maior do que aspectos puramente produtivos. Para os pecuaristas familiares agroecológicos que integram esse fator, a natureza do território é um aspecto primordial para questões de produção. Isso é embasado através da relevância que esses entrevistados dão ao campo nativo, ao pasto, ao solo, à água, ao relevo etc. Tais considerações vão ao encontro de Saquet (2013) e Haesbaert e Ramos (2004), que definem esses aspectos materiais como determinantes para o território.

O *fator produção* foi identificado no discurso de três participantes, a saber: AF03, AF04 e AF10, todos agricultores familiares. Para esses entrevistados, a importância dos atributos naturais e físicos está atrelada aos aspectos produtivos, onde predominam questões de produção. Ou seja, o entendimento desse grupo sobre a importância dos atributos naturais e físicos está diretamente relacionada à questão produtiva, a partir do que a natureza oferece de condições para produção agrícola e esse é aspecto mais em evidência. O discurso a seguir representa esses *fatores de produção*, evidenciando também a importância econômica nos atributos naturais e físicos:

É muito importante isso aí, porque os recursos naturais que a gente consegue tirar da própria propriedade, vamos dizer assim. Isso vai te gerar principalmente uma economia. Depois tu sabendo trabalhar, por exemplo, nos canteiros tu trabalha com a

palhada, vai te gerar uma economia de água, de mão de obra. Por exemplo, o adubo por exemplo, é das galinhas, que a gente retira tudo por aqui também e a gente usa nas plantas. O fator principal é econômico né. Que te ajuda, que se tu vai comprar tudo de fora, aí vai tornando muito caro (AF04 – Quaraí).

Nesse sentido, para esses entrevistados os atributos materiais disponíveis no território estão diretamente associados à produção. Não há um consenso sobre uma questão maior que é inerente ao território, mas há uma visão puramente produtiva, de adequar os recursos existentes para produção. Essa definição vai de encontro ao exposto por Schneider (2009) que argumenta sobre questões de ruralidade que extrapolam o aspecto produtivo atribuído ao cenário rural. Para Schneider (2009) têm-se a necessidade de ver o rural como um espaço de vida e natureza, além das questões agrícolas, como é o caso desses entrevistados.

A *qualidade de vida*, foi identificado apenas um participante, a saber: o agricultor familiar AF01. Para o entrevistado, a relevância dos atributos naturais e físicos estão atrelados aos aspectos produtivos, onde predominam questões de qualidade de vida. O discurso do agricultor familiar ilustra essa questão:

Bah, é a qualidade de vida nossa, tu pode tá num local assim mais no meio da natureza. Até pra tu, até na questão da planta a gente tá procurando, usar, não cem por cento porque é muito difícil né, mas a gente tá quase chegando lá [...]. Aí então, à, isso daí que é pra assim satisfação de fazer, de viver. É, tu pode tá, tá de bem com a natureza, tá em paz (AF01 – Dom Pedrito).

O discurso evidencia potencialidades que existem no Pampa Gaúcho, como neste caso, os atributos físicos do território, que por sua vez podem gerar condições que remetem à qualidade de vida de agricultores ou de pecuaristas familiares. Essa questão ultrapassa aspectos meramente produtivos, da mesma forma com que o fator *natureza*, pois define a materialidade do território como um lugar de vida.

Na categoria *contexto de vida*, foram identificados dois participantes, a saber: AF05 e APF09. Na categoria há uma agricultora familiar e o agricultor e pecuarista familiar aposentado. Para esses entrevistados, atributos naturais e físicos, como o solo, a água, o relevo, fauna, flora, clima, o ambiente natural em si, são fatores de grande relevância. Principalmente no que tange a proporcionar as condições necessárias para seu contexto atual de vida, ou ainda para a compreensão desse momento. Duas categorias foram identificadas: *i) contexto de vida a partir de experiências acadêmicas; e ii) contexto de vida pela própria trajetória.*

Na subcategoria *contexto de vida a partir de experiências acadêmicas*, a integrante é a agricultora familiar AF05, de Santana do Livramento. Para essa participante, a importância dos

atributos naturais e físicos está em combinar essa questão com seu atual momento de vida e de trabalho:

Pra minha vida a importância tá dada pelo momento que eu estou vivendo agora. Então, hoje pra mim essa propriedade, esse projeto significa vida real. Vida como ela é, fazer ela funcionar, fazer ela andar, fazer as coisas que por muitos anos eu estudei academicamente e falei também pra os meus alunos botar em prática, e provar aquelas coisas que não funcionam né (AF05 – Santana do Livramento).

Já na subcategoria *contexto de vida pela própria trajetória*, o integrante é o agricultor e pecuarista familiar APF09, hoje na condição de aposentado rural. Para esse participante, a importância dos atributos naturais e físicos está em proporcionar melhores condições de vida, a partir da produção de alimentos e assim oferecer um contexto de vida mais saudável: *“Conserva isso aqui! Enquanto existi, é meu pensamento! É muito bom viver aqui! Graças à Deus! [...] Aí a gente vai contornado né. [...] É, cria um bicho, um terneiro, uma vaca véia, uma ovelha pra carnear, tem uns que tem! Não é? [...] É, descansar e sobrevive! Viver bem”* (APF09 – Lavras do Sul). A Imagem 17, a seguir, ilustra uma paisagem típica na Vila do Passo da Pedra.

Imagem 17 – Vaca e terneiro no campo nativo no Passo da Pedra em Lavras do Sul/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Questões que versam sobre contexto de vida a partir da própria trajetória são compostas por fatores particulares desse entrevistado. Na sua caracterização fora abordado sobre

atividades pecuárias e agrícolas praticadas pelo aposentado rural, de maneira a compor um quadro muito específico no que tange à importância dos atributos materiais do território. Essa afirmação está alicerçada no modo de vida do entrevistado, extremamente adaptado ao território e de domínio de manejos e técnicas que na atualidade ajudam-no a sobreviver no Pampa Gaúcho. Para Ribeiro (2009) e Waquil et al. (2016) isso se dá através da diferenciação do pecuarista familiar, em fatores sociais e culturais, baseados no modo de vida a partir do uso dos recursos disponíveis.

Por fim, na categoria *não há importância nos atributos naturais*, há apenas um participante, o agricultor familiar AF06, de Santana do Livramento. O entrevistado relata que não percebe a importância dos atributos naturais e físicos de seu lugar de residência e produção. Na definição de seu lugar comentou apenas que é “*bom! Eu acho bom, bom aqui!*”. Já quando questionado sobre alguma forma de sentimento entre ele e o lugar físico, apenas respondeu que “*não!*”. Novamente questionado sobre a importância dos atributos naturais e físicos, o entrevistado relata, simplesmente que “*não*” há nenhuma importância para ele. Assim, evidencia-se uma questão intrigante: se não há sentimento entre homem e lugar, não há importância.

Nesse fator, são sentidas questões que se aproximam dos movimentos de TDR, ou seja, Territorialização, Desterritorialização e Reterritorialização, conforme Haesbaert (2004; 2005). Cabe ressaltar que esse participante, é um agricultor familiar, que tem origens de regiões de fora do Pampa Gaúcho, que trazem em sua migração para esse território novas territorialidades, novas construções, baseadas em seus antigos locais físicos e modos de vida.

Assim, na seção foi abordado acerca dos atributos naturais e físicos na vida e atividades produtivas dos agricultores e pecuaristas familiares do Pampa Gaúcho. Ficou evidenciado que os atributos físicos são importantes e podem provocar sentimentos de pertencimento, de apego para com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho, a partir das interações dos humanos com o espaço, ou por assim definir, interações homem/natureza. Outra constatação efetuada no estudo, diz respeito aos pecuaristas familiares agroecológicos, que expressam mais sentimentos e dão maior importância à natureza em seu aspecto mais amplo, para a partir dessa condição natural, desenvolver suas atividades produtivas, bem como sua vida no território. Já os agricultores familiares, estão mais ligados à questão produtiva do ambiente natural, como fonte de produção. Embora foi destacado a existência de sentimento entre agricultores e território, em seus atributos materiais.

Todavia, as questões tratadas na seção são percepções através das respostas dos participantes, não pretendendo serem taxativas, no que diz respeito ao sentimento e a

importância que cada participante do estudo tem para com seu lugar como ambiente, seu território. Destarte, a próxima seção trata acerca da importância de fatores imateriais na vida e na atividade produtiva, dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo.

5.2 Atributos imateriais do território: o Pampa Gaúcho nas questões simbólicas

A seção trata sobre os atributos imateriais do território Pampa Gaúcho e versa sobre os seguintes aspectos: i) definição do espaço (abstrato) de residência e produção; ii) importância de atributos imateriais na vida e atividade produtiva; e iii) influência de aspectos culturais como modo de vida, saber-fazer e conhecimento, na vida e atividades produtivas dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos. Nesse sentido, cabe contextualizar do que se trata atributos imateriais no território no que diz respeito ao Pampa Gaúcho, principalmente por orientar o modo de vida e assegurar a identidade dentro do território, conforme o discurso:

Os atributos imateriais são partes dessa identidade, eles derivam dessa relação entre os humanos e a natureza conformadora de cultura né, então é... os recursos imateriais são tão importantes como na definição dessa identidade e são sobretudo elementos diferenciadores [...] isso é fundamental que elas (agricultura e pecuária) apareçam, se mostram e sejam reconhecidas como diferentes na forma de se relacionar com a natureza, na forma de produzir e por vias de consequência, os seus produtos carreguem todo esse diferencial. E os elementos imateriais são elementos cruciais, fundamentais, inclusive na diferenciação dos produtos (AD01 – EMBRAPA).

Diante desse contexto, no que diz respeito à *definição do espaço (abstrato) de residência e produção*, os questionamentos possibilitaram o entendimento de como o espaço abstrato é sentido pelos participantes do estudo. Assim, através da análise de conteúdo foi possível o estabelecimento de duas categorias: i) *lugar de vida*; e ii) *lugar de produção*.

Na categoria *lugar de vida*, ou seja, participantes que pensam sobre o espaço abstrato além de questões produtivas, há participação de seis entrevistados (PF02, PF07, PF08, APF09, AF10 e PF11). Dentre os integrantes da categoria, destaca-se a presença dos quatro pecuaristas familiares, além do aposentado rural e apenas uma agricultora familiar. Essa questão pode estar relacionada com as origens dos pecuaristas, que apresentam maior ligação com o território do que quando comparados aos agricultores. Fatores culturais são expostos no discurso a seguir:

As características de cada lugar, de cada região, a nossa região aqui mesmo, que é da Campanha aqui, é conhecida posso dizer no mundo, hoje em dia com essas internet *tchê*, pela hospitalidade, pela nossa maneira de manifestar, pela cultura local, junto, unindo esse valor imaterial com a tradição do Gaúcho *tchê*, tradição dos ancestrais,

nos tempos de hoje, procurando evoluir, mas sempre com aquele, mantendo esse valor aí sabe! Esses costumes, essas raízes, que é o que diferencia um povo do outro né (PF11 – Rosário do Sul).

Os participantes dessa categoria, descrevem seus espaços de forma peculiar, deixando transbordar aspectos como cultura, tradição e valores. Cabe destacar a questão familiar, o apego ao espaço pelo vínculo dos antepassados para com aquele espaço específico e ao modo de vida que ali se desenvolveu ao longo dos anos, construído sob valores e culturas do Pampa Gaúcho. A imagem 18 ilustra valores imateriais existentes em objetos e construções, que por sua vez, resgatam as origens familiares de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho.

Imagem 18 – A imaterialidade presente nos objetos cotidianos e nos galpões nas Três Picadas, Serra do Caverá em Rosário do Sul/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Outra questão inerente a categoria *lugar de vida*, versa sobre o aspecto imaterial existente em fenômenos ou objetos naturais. Essa questão fica evidente na fala em que a participante narra questões naturais, vistas pela ótica imaterial, sentimental ou ainda de simbolismo:

À tardinha eu vou te convidar *pra* vocês voltarem outro dia aqui, uma noite de lua cheia! Uma noite de lua clara! Se vocês tivessem vindo *pra* observar o eclipse, tanto o de dia, como o da noite, porque agora, daqui a muitos anos. Quando a lua sai ali (apontando para o campo), que ela sai no cantinho do galpão, é uma imagem! Quando ela está atrás daquele eucalipto lá, atrás do amarelinho, tu já percebe o diferencial, o diferencial. Quando ela fica entre essas duas árvores (dois plátanos na entrada das

casas) é mágico! Dois plátanos e o umbu que caiu, que era maior que os plátanos [...]. Eu já observei o balanço das árvores, ali no mato! O vento! Quando venta *pra cá*, quando venta *pra lá*! Quando a água corre e por que que corre *pra cá*. Porque que o rio tem aquele, aquele desnível, porque que ele tomou outro caminho. Às vezes eu fico lá, confabulando com meus botões e eu vejo quão mágico o imaterial é importante! (PF08 – Dom Pedrito).

No que diz respeito aos atributos imateriais, esses extrapolam qualquer definição tangível ou física e podem inclusive se formar via simbolismos, como expressado no discurso acima. Oliveira (2020) discorre sobre essa imaterialidade a partir de trocas espirituais e simbólicas. Assim, apesar de ser um fenômeno natural, o pôr do sol pode ser um atributo imaterial, dada sua relevância para determinada pessoa, como ilustra a imagem 19.

Imagem 19 – A imaterialidade presente na natureza: um dourado pôr do sol em Santa Maria Chico, Dom Pedrito/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Nessa categoria, *lugar de vida*, também foram apontadas questões que versam sobre o apego ao imaterial que foi construído em cada espaço, no sentido de preservação e manutenção do contexto de vida que ali existe. Essa questão pode ser identificada na fala:

Não sei se eu vou saber te explicar, mas eu, é aquilo que nós te falava antes. Nós pensamos nesse modo de vida nosso aqui, essa cultura nossa aqui, a gente espera que os filhos continuem né, que preservem né, que cuidem, que outras pessoas possam também vim, olhar, tocar, se beneficiar [...] E que preserve, que não esqueça essa identidade, que não esqueçam de onde nós *viemo*, que tudo que tem aqui foi construído por nós, dar valor *pra* isso, botar valor (AF10 – Hulha Negra).

Assim, se evidencia o imaterial existente no território Pampa Gaúcho. Os atributos intangíveis são expressos por seis participantes do estudo, principalmente no que diz respeito à relação do imaterial para com as questões culturais e valores que definem a identidade do Pampa Gaúcho, as questões naturais que são vistas com imaterialidade representado o sentimento ao espaço e, as questões de modo de vida inerentes à construção de cada espaço, além do sentimento de preservação e manutenção dessa dinâmica territorial.

Já na categoria *lugar de produção*, ou seja, os atributos imateriais existentes estão diretamente ligados à aspectos produtivos, pautados no modo de vida ou saber-fazer, foram identificados cinco participantes do estudo (AF01, AF03, AF04, AF05 e AF06). Cabe destacar que essa categoria é formada apenas por agricultores e agricultoras familiares e que esse fator pode ter relação com a questão de que os participantes do estudo, que são agricultores, vieram de fora do Pampa Gaúcho. Outro fator que é evidenciado, é que a agricultura não tem tanto afinco com o imaterial quando comparada à pecuária. Assim, fatores produtivos se destacam nessa categoria ao descrever atributos imateriais, como pode ser observado na fala:

Eu sei que a gente vem do passado dos pais que tinham uma maneira de produzir, a gente *tá* pegando aquilo que aprendeu com os pais e os avós, sem deixa aquilo de lado, mas pegando o que tem de moderno e juntando os dois. *Pra* poder viver bem na atividade tem que saber usa o passado com o moderno agora. Se não, não ia poder ter um produto de boa qualidade só com a tecnologia moderna porque ia ficar muito artificial, tu ia acabar criando umas coisa sem gosto (AF01 – Dom Pedrito).

Para os participantes dessa categoria, *lugar de produção*, a forma de descrever os atributos imateriais está ligada ao aspecto produtivo, do modo de vida, do saber-fazer, do aprendizado com o pai, por exemplo. De fato, essas questões integram o universo intangível de um território. Entretanto, chama a atenção o modo como esses entrevistados se apegam a essa questão produtiva e não se relaciona com aspectos culturais do Pampa Gaúcho. De todo modo, as questões imateriais que versam sobre conhecimento, saber-fazer e modo de vida, são apontadas como um dos pilares que definem o território, pois a partir do uso e apropriação tem-se a consolidação do território (ALBAGLI, 2004; SANTOS, 2005; SAQUET, 2011; OLIVEIRA, 2020; MAIA; TROIAN, 2022).

O conhecimento adquirido é um atributo valorizado por esses entrevistados, como explica um dos agricultores familiares: “*Isso é a maior fortuna que a gente tem, principalmente o conhecimento, que a gente vai adquirindo ao longo dos anos, com práticas, com conhecimento dos antigo também. O conhecimento da gente é uma das maior fortuna que a gente tem!*” (AF04 – Quaraí), evidenciando questões produtivas em seu imaterial e o potencial

que esses atributos trazem para a construção do território, como exposto por Albagli (2004), Santos (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020).

Um exemplo dessa categoria são dois agricultores familiares (AF01 e AF06) que vieram de fora do território, trazendo consigo costumes familiares diferentes dos existentes no Pampa, como a fala, as vestimentas, a forma de trabalho, dentre outras. Essa questão pode ser evidenciada na fala do agricultor familiar: “Ah! Sim, isso aí vem desde os avós, pais [...] A gente se criou e isso e já traz na tradição”. Assim pode ser explicada essa falta de relação com outros atributos imateriais do Pampa Gaúcho, que saltam puramente à aspectos relacionados com atividades produtivas, nesse caso ligadas à agricultura. Ressalta-se nesses casos as questões inerentes ao movimento de TDR, exposto por Haesbaert (2004; 2005). A Imagem 20 ilustra estufas com morangos, cultivados com base em traços culturais e conhecimento adquirido pelas famílias.

Imagem 20 – A imaterialidade presente no conhecimento passado entre as gerações: plantio de morangos na Lagoa do Forno em Dom Pedrito/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

No que diz respeito à importância *de atributos imateriais na vida e atividade produtiva*, os questionamentos possibilitaram o entendimento sobre a importância das questões imateriais para os agricultores e pecuaristas familiares participantes do estudo. Assim, através da análise foi possível o estabelecimento de categorias, que seguem os padrões das categorias anteriores,

sobre a definição do espaço abstrato: *i) importância do lugar de vida; e ii) importância do lugar de produção.*

Na categoria *importância do lugar de vida*, ou seja, participantes que sentem o quão importante são questões imateriais em seus espaços de vida, há participação de seis entrevistados (PF02, PF07, PF08, APF09, AF10 e PF11). Novamente, dentre os integrantes dessa categoria, destaca-se a presença dos quatro pecuaristas familiares, além do aposentado rural e apenas uma agricultora familiar.

Como já argumentado, os pecuaristas familiares participantes do estudo apresentam relação direta com o território. Isso porque os atributos imateriais são imprescindíveis para que essa construção territorial seja sustentada e desenvolvida, além de questões que versam sobre aspectos produtivos da atividade e que fazem parte desse contexto imaterial:

Um bom pecuarista familiar, que é esse, tem que ser extremamente observador, quanto mais observador ele for melhor, porque tu, por que os sinais estão aí *pra* ti, os animais te dão esses sinais, então eu acho isso muito importante. E também assim, o teu, o teu respeito né, tu aprender a conhecer o ambiente né, esse saber-fazer e tu respeitar os ciclos da natureza, dos animais né [...] (PF02 – Bagé).

A importância no que tange aos aspectos imateriais, é adquirida com o tempo, formada por ligações familiares presentes na vida dos participantes do estudo. São coisas de identidade e identificação, como explica o pecuarista familiar:

Então o que a gente traz, a gente traz uma matriz de identidade e tem que perceber o que teu pai fazia, o que que tu mãe fazia, como é que ela fazia [...] então as famílias, elas, a nossa como eu disse, a gente veio com a mala, alguns utensílios, com o conhecimento e com um matriz de identidade né. As artes, os ofícios, as pessoas aprenderam também dos seus ancestrais e uma coisa que a gente precisa ter né, precisa ter, é essa capacidade de a gente absorver coisas novas (PF07 – Dom Pedrito).

Os aspectos imateriais são de tamanha importância para esses entrevistados, que são capazes de definir suas próprias vidas, de acordo com suas atividades e relações culturais que os cercam:

Tem uma importância tão grande, que talvez seja o mais importante de tudo! Da minha vinda *pro* campo, o saber-fazer, a vivência aqui e *pro* futuro [...]. Porque eu acho assim, que o saber-fazer e essa cultura e essa nossa tradição, é que me faz hoje ser essa pessoa que eu sou, por horas um pouco mais sensível, por horas muito firme nos propósitos. O tradicionalismo gaúcho, a vivência *gauchesca*, nossos alimentos, nossas benzeduras, as nossas indumentárias. Vou começar pela indumentária. Se eu pudesse hoje, todo dia eu andaria de vestido de prenda! O tempo todo! (PF08 – Dom Pedrito).

A relevância que foi verificada junto aos participantes do estudo, em relação aos atributos imateriais do território, está diretamente ligada à atividade pecuária no caso do Pampa Gaúcho. Essa relação é enraizada desde a formação do território até os dias atuais, fato que contribui para que essas pessoas apresentem maior identificação com o território, muito a partir dos costumes, crenças, tradições e modo de vida que faz com que esses pecuaristas se sintam parte desse meio.

Oliveira (2020) argumenta que o pertencimento e/ou o ato de pertencer é definidor de território. Esse sentimento é pressentido na pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, através da importância a qual esses entrevistados destinam ao território. A Imagem 21 ilustra um típico gaúcho, pecuarista familiar, tendo em vista suas vestimentas e uso do cavalo em suas atividades.

Imagem 21 – O Gaúcho e o cavalo: pecuarista familiar nas Palmas em Bagé/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Todavia, se aspectos imateriais do território são mais importantes para a pecuária do que para a agricultura, ou por assim discorrer, são mais presentes na vida e por isso de maior importância, é preciso destacar o porquê de uma agricultora familiar (AF10) ser participante desta categoria. Embora tenham origens de fora do Pampa, suas ligações com atributos imateriais transbordam na vida de sua família e assim são capazes de, por exemplo, reterritorialização do Pampa Gaúcho, criar um novo território (HAESBAERT, 2004; 2005).

Já na categoria *importância do lugar de produção*, ou seja, o que se destaca como importante são questões vinculadas à produção, como conhecimentos e técnicas produtivas que foram ensinadas pela família, por exemplo. Nessa categoria foram identificados cinco participantes do estudo (AF01, AF03, AF04, AF05 e AF06). Novamente, cabe destacar que essa categoria é formada apenas por agricultores. Assim, fatores produtivos se destacam nessa categoria ao abordar sobre a importância de atributos imateriais, como pode ser observado no discurso a seguir: “[...] *O que tu traz do berço, que o teu pai ensina e também ele traz do avô dele, do pai dele. Então foi aí evoluindo a nossa produção, mas sempre ficando com a raiz daquela antiga, a produção da alface só orgânica*” (AF03 – Quaraí). A Imagem 22, a seguir, retrata cultivos de alface e tomate juntamente, próximo de áreas de natureza preservada.

Imagem 22 – Atributos imateriais aplicados à produção de alface e tomate, juntamente com formas de preservação do ambiente natural na Sesmaria dos Vasconcelos em Quaraí/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Por fim, foi abordado a *influência de aspectos culturais como modo de vida, saber-fazer e conhecimento, na vida e nas atividades produtivas dos agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos*. A investigação possibilitou o entendimento sobre a influência de atributos imateriais em seus espaços abstratos. Assim, seguiu-se a categorização anterior, que deu origem à duas categorias. Assim, através da análise foi possível o estabelecimento de: *i) influência imaterial no lugar de vida; e ii) influência imaterial na produção*.

Na categoria *influência imaterial no lugar de vida*, foram identificados seis participantes (PF02, PF07, PF08, APF09, AF10 e PF11). Mais uma vez tem-se uma categoria formada pela

maior parte dos entrevistados (seis de onze), sendo que quatro desses são pecuaristas familiares. De forma repetitiva, completam os participantes da categoria um aposentado rural e uma agricultora familiar. A Imagem 23, a seguir retrata o imaterial existente em objetos simples da vida no Pampa Gaúcho.

Imagem 23 – A simplicidade do cotidiano: O companheirismo do chimarrão e do rádio no Passo da Pedra em Lavras do Sul/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

A influência destacada para esses participantes da pesquisa, está exatamente no poder que o imaterial carrega em si. É essa capacidade que dá forma ao intangível, principalmente através do modo de vida no Pampa Gaúcho, extremamente enraizado e peculiar. No discurso a seguir, tem-se representado fatores sobre o modo de vida:

A gente segue determinadas regras assim de antigamente, de tempos bem antes, coisas assim, mas sempre vinculado à natureza [...]. Mas se eu tenho um meio de vida, como tenho lá dos meus, que vem lá dos ancestrais seguindo determinadas regras e sempre deu certo, não é agora que vou mudar, entende! Então eu tenho esses valores, esses critérios. E, esses valores imateriais como já falei, é o que fazem toda a diferença da maneira que a gente produz *pra* essa agricultura imediatista de agora e a pecuária também, embora a gente procure evoluir, como eu já falei (PF11- Rosário do Sul).

Já na categoria *influência imaterial na produção* foram identificados cinco participantes (AF01, AF03, AF04, AF05 e AF06). Mais uma vez, destaca-se que a categoria é formada apenas por agricultores e agricultoras familiares, questão já evidenciada anteriormente. Sobre

essas questões, que tratam sobre a influência dos atributos imateriais na vida e nas atividades produtivas, o agricultor familiar AF04 de Quaraí, comenta sobre a influência de conhecimentos e saber-fazer frente à evolução na atividade agrícola:

Influencia bastante! Porque a gente vê, principalmente agora, que *tá* mudando e que *tá* voltando isso aí. Porque *tavam* muito na agricultura convencional, com adubação química, as empresas, a pessoa *pra* trabalhar com agricultura orgânica, assim mesmo, tu tem que gostar e aquilo tem que ser meio da pessoa mesmo (AF04 – Quaraí).

O discurso apresentado evidencia que os atributos imateriais para os participantes dessa categoria, dizem respeito a aspectos ligados à produção. E, que isso influencia nas atividades produtivas, mais do que na vida das famílias. Assim, o conhecimento e o modo de vida são incorporados à produção, reforçando atributos territoriais, como retrata a Imagem 24 com o cultivo de hortaliças.

Imagem 24 – O imaterial expresso nos valores aplicados à produção agroecológica no Saladeiro em Quaraí/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Em suma, nesta seção foram apresentadas relevantes questões que versam sobre o território, em seu aspecto imaterial. A distinção entre agricultores e pecuaristas foi fundamental para moldar a estrutura das categorias, de forma que os pecuaristas familiares participantes do estudo definiram o espaço, destacaram a importância e a influência de atributos imateriais em amplo sentido, utilizando essas questões em forma de maior abrangência, colocando o espaço

como um lugar de vida, uma construção social alicerçada na família e na identificação com todo o imaginário que habita o espaço. Essas características estão presentes, principalmente, nos pecuaristas familiares. Já para os agricultores familiares, atributos imateriais estão associados diretamente ao modo de como fazer as atividades, ao conhecimento sobre as tarefas, ao saber-fazer. Para esses participantes, o espaço é constituído de conhecimento, dando ênfase à questão produtiva, mais do que ao contexto de vida existente em cada UFP.

Assim, tem-se na pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, maior relação com atributos imateriais. Essa relação está alicerçada no modo de vida do pecuarista no território, fazendo uso de cultura, tradições, crenças e valores para assegurar essa construção social. Já na agricultura familiar agroecológica, os atributos imateriais estão relacionados mais expressivamente ao aspecto produtivo, ou seja, à forma de como realizar as tarefas, o conhecimento sobre técnicas de produção.

Dessa forma, para esses agricultores, há carência de aspectos imateriais, que poderiam gerar uma maior identificação com o território, ou ainda, versar sobre o pertencimento para com o território, tal qual é notório na pecuária familiar, dentre os participantes do estudo. Destarte, a próxima seção trata acerca de perspectivas econômicas associadas aos atributos materiais e imateriais disponíveis no território, bem relação desses fatores territoriais com agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos.

5.3 Perspectivas sobre as transformações no Pampa Gaúcho

Diante das transformações em curso no território, foi abordado acerca dos *atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho e as alterações que elas causam na vida e atividade produtiva*. Assim, através da análise, foi possível o estabelecimento de duas categorias: *i) causam alterações; e ii) não causam alterações*.

Na categoria em que os *atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho e as alterações que elas causam na vida e atividade produtiva*, foram identificados dez participantes, sendo seis agricultores familiares e quatro pecuaristas familiares (AF01, PF02, AF03, AF04, AF05, AF06, PF07, PF08, AF10 e PF11). Para melhor representar o discurso dos dez participantes, elaborou-se duas subcategorias: *i) alterações no contexto de vida; e ii) alterações na produção*.

Na subcategoria *alterações no contexto de vida*, os atuais rumos das atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho causam mudanças nos aspectos gerais do território, que perpassam questões meramente produtivas. Fazem parte desta subcategoria seis entrevistados,

sendo quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11), ou seja, o total de pecuaristas participantes do estudo, e dois agricultores familiares (AF04 e AF05). Para esses participantes, há um amplo sentido nas relações com o território, ao qual os rumos das atividades agropecuárias estão afetando questões diversas e distintas no Pampa Gaúcho. Isso se reflete em aspectos produtivos, mas vão além, causando alterações na sociedade, na economia e no ambiente como um todo. O discurso a seguir, conversa sobre questões produtivas e ambientais que sofrem com o avanço do cultivo da soja no Pampa Gaúcho:

Na velocidade que a soja avança, é a mesma que a pecuária volta! É, vamos recapitular, ela (soja) avança e a gente (pecuária) retrocede, a mesma velocidade. É um encontro de forças gritante, sempre. É impactante. Coloca um determinado produto, é dois dias aqui e elas (ovelhas) sentem. A árvore sente, o mato já *tá* se deteriorando e a gente tem isso documentado, catalogado (PF08 – Dom Pedrito).

Assim, salienta-se que o contexto de vida no Pampa Gaúcho, pode estar sendo alterado através da inserção da agricultura moderna, ao longo das últimas décadas. Em um primeiro momento se altera o ambiente natural, que por consequência causa efeitos na sociedade e na economia do território, transformando assim o contexto de vida. A Imagem 25 ilustra um campo nativo usado para pecuária ovina e ao fundo a inserção do cultivo de soja.

Imagem 25 – Campo nativo e caraguatás, ao fundo a modernização da agricultura tomando forma em Santa Maria Chico, Dom Pedrito/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Autores como Cruz e Guadagnin (2012), Matei e Filippi (2012), Delanoy, Viana e Troian (2020) e Maia e Troian (2020) abordam sobre as mudanças provocadas a partir da

inserção da agricultura moderna no Pampa Gaúcho. Segundo os autores, essas transformações alteram drasticamente o ambiente natural, impactando em fatores socioeconômicos e ambientais. Netto e De Vargas (2019) salientam que essas transformações no território, causam alterações nas relações sociais e de vida no meio rural, convertendo e mudando características intrínsecas da vida no Pampa Gaúcho em ambientes e sociedades alterados. Essa questão vai ao encontro de Haesbaert (2004; 2005), no que diz respeito à desterritorialização e a reterritorialização.

Já para a agricultora familiar AF05, as alterações no Pampa Gaúcho são sentidas em ampla aplicação, pois toda a atividade no território pode afetar o contexto de vida: *“Se nós estamos falando de território, nesse conceito que tu tá me passando, hã ... tudo o que é feito no nosso entorno tá, considerando que nós somos parte integrante, nós não somos um pedaço... uma ilha flutuando no nada... tudo o que pé feito aqui impacta em nós”* (AF05 – Santana do Livramento).

Na subcategoria *alterações na produção*, os atuais rumos das atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho, repercute em questões mais direcionadas aos aspectos produtivos, propriamente ditos. Fazem parte desta subcategoria quatro entrevistados, todos agricultores familiares (AF01, AF03, AF06 e AF10). Para os entrevistados, as principais alterações em relação à atividade agropecuária no Pampa Gaúcho, estão relacionadas à aplicação de produtos químicos em monocultivos. E, que isso reflete em suas atividades agrícolas e outras de autoconsumo, conforme explica o agricultor: *“eu criava abelha, mas aí não sei, os remédio, perdi muita abelha por causa dos remédio. Isso aí é uma coisa! Eu senti esse impacto aí, até que eu terminei com o apiário né. Parei com o apiário! Morreu quase todas minhas abelhas, a constatação que seria os remédio”* (AF03 – Quaraí).

A agricultora familiar AF10 de Hulha Negra, complementa a questão do uso de agrotóxicos nas atividades produtivas no Pampa Gaúcho, que segunda ela, causam impactos negativos e severos no que tange principalmente à produção de alimentos:

Mas depois que entrou o soja, prejudicou e muito! E o impacto maior é o uso do veneno e que o soja pra produzir exige do veneno. Porque, o ser humano modificou toda a semente, antigamente não precisava, antigamente era na enxada, que hoje em dia não fazem mais ou de uma forma ou de outra, não se precisava tanto veneno. E hoje se tu não usar o veneno. Então esse é o maior impacto que dá, vem matando, aqui tá começando, mas lá da região de onde a gente veio, árvore nativa frutífera, tipo que eu me criei indo nos matos come jabuticaba, guabiroba, pitanga, essa *coisarada* tudo, lá não tem mais! (AF10 – Hulha Negra).

Assim, evidencia-se que participantes do estudo que são agricultores ou pecuaristas familiares agroecológicos e mantêm atividades econômicas no Pampa Gaúcho, sofrem com alterações causadas pelo rumo das atividades agropecuárias no território. Cabe destacar o avanço da soja no Pampa, além de toda uma cadeia de eventos resultante dessa inserção. Novamente, as transformações no território através da agricultura moderna causam de alguma forma, alterações ao modo de vida de agricultores ou aos pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho. Fatores já apontados por Cruz e Guadagnin (2012), Matei e Filippi (2012), Delanoy, Viana e Troian (2020) e Maia e Troian (2020), no que tange às transformações no Pampa Gaúcho.

Por fim, na categoria que representa aqueles que acreditam que *atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho e as alterações que elas causam na vida e atividade produtiva*, foi identificado apenas um participante, o aposentado rural APF09 de Lavras do Sul. A fala do entrevistado retrata essa questão: “*Não tem (impactos da agropecuária no território). Preservado, o verde, esse movimento aí! A fazenda (pecuária) mais grande é aqui do véio, que eu trabalhava, é quase toda essa volta aí e lá onde eu morava também né* (APF09 – Lavras do Sul).

O que diferencia o pensamento desse entrevistado, quando comparado aos demais que identificam alterações, pode estar relacionado principalmente com o fato de esse participante não ter atividades econômicas voltadas para a comercialização e o sustento da família, pois suas produções de agricultura e de pecuária, ou ainda seus derivados, servem apenas para seu autoconsumo. Outra questão que cabe ser evidência, diz respeito à localidade geográfica onde o entrevistado está inserido. Por sua natureza e geografia, atividades pautadas em modernização da agricultura ainda não se fazem presentes na região.

Cabe lembrar, que se trata de uma região de difícil acesso em estradas, com matas, rios e afloramentos de rochas, o que pode dificultar ou tardar o avanço dessas atividades modernizadas. Assim, na região são conservadas formas de cultivos e criações antigas, baseadas quase que somente nos recursos disponíveis no território. Na imagem 26, a seguir, tem-se uma estrada de chão que conduz por campos nativos preservados na divisa dos municípios de Dom Pedrito e Lavras do Sul.

Imagem 26 – Paisagem de campo nativo no Segundo de Lavras em Lavras do Sul/RS



Fonte: O autor, pesquisa de campo.

Em suma, nesta seção foram apresentadas as questões que versam sobre o território em seu aspecto econômico, bem como na reprodução da agricultura e da pecuária familiar agroecológica, tendo em vista ainda, movimentos atuais na atividade agropecuária no Pampa Gaúcho. A estrutura das categorias flutuou entre a divisão de atividades, seja em agricultura ou pecuária. Isso quer dizer que as formas e definições expostas nessa seção não apresentam ligação exclusiva com a atividade desempenhada pelos participantes do estudo.

Entretanto, cabe destacar que os participantes do estudo, que são pecuaristas familiares, possuem uma forma diferenciada de ver o território, por assim dizer. Isso está refletido na importância do território nas atividades produtivas. Está presente na afirmação da reprodução a partir do uso do território por parte dos pecuaristas familiares. E por fim, em perceber que questões atuais no movimento agropecuário no Pampa Gaúcho, estão causando alterações diretamente na pecuária familiar. Isso está relacionado com o cultivo da soja, alterando não somente o aspecto produtivo do território, mas influenciando em questões de sociedade, de ambiente e de economia do Pampa Gaúcho.

Já no caso dos agricultores familiares, tem-se expressado a importância econômica do território, embora essa relevância esteja mais ligada a questões de produção do que questões de vida e aspectos sociais. Mesmo que a reprodução possa ser assegurada pelo território, há representação entre os agricultores familiares de que essa reprodução não seja possível, tendo em vista questões familiares, como sucessão e continuidade da atividade ou ainda, limitações

de sua própria unidade familiar de produção. Já sobre os rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho, os agricultores familiares foram enfáticos ao definir que sim, causam alterações em suas atividades. Tanto produtivas, como no contexto de vida e de ambiente no território.

Há ainda na seção, um perfil específico no que tange às questões econômicas do território. Esse comportamento é desenvolvido por um participante que tem seu perfil característico e socioeconômico divergente dos demais entrevistados. Principalmente por ser aposentado rural e não ter atividades produtivas voltadas ao comércio ou obtenção de renda. Para esse participante, a importância do território está na questão da produção atrelada à renda (pois antes de ser aposentado, vivia de seu trabalho como peão de estância). Entretanto, em questões de reprodução no território e rumos de atividades agropecuárias no Pampa Gaúcho, não foram declaradas questões que fizessem sentido ao entrevistado. Por esses motivos, a diferenciação para os demais participantes do estudo.

A próxima seção versa sobre fatores inerentes ao contexto de desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho. Para isso, a seção efetua relações entre sentimento e território, apresentadas a seguir.

5.4 O sentir no Pampa: as relações e o desenvolvimento territorial

A presente seção apresenta aspectos inerentes ao contexto de desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho. Para efetuar a relação entre sentimento e território, a seção foi baseada no exposto por Oliveira (2020, p. 59): “território é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence, sendo assim, o território é o trabalho, o lugar da residência, das trocas materiais e espirituais e do exercício da vida”.

Nesse sentido, a investigação se deu sobre a *relação do território Pampa Gaúcho com a vida da família e a atividade produtiva*, bem como sobre o *sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território*, considerando ainda a *importância do território*. Nesse sentido, no que diz respeito à *relação do território Pampa Gaúcho com a vida da família e a atividade produtiva*, foi possível identificar três categorias: i) *vida associada à imaterialidade*; ii) *produção associada à materialidade*; e iii) *não pertencimento*.

Na categoria *vida associada à imaterialidade*, foram identificados cinco participantes, sendo os quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11) e o agricultor e pecuarista familiar aposentado (APF09). O discurso a seguir versa sobre atributos intangíveis do Pampa Gaúcho, como tradições e cultura, assentados no modo de vida peculiar do território, que mesmo diverso sofre com a falta de desenvolvimento:

Eu acho que o Pampa tem uma característica própria, muito rica. Vamos falar dos nossos doces, nosso solo, a erosão, até a erosão eu acho assim que é um estudo próprio nosso né. Alimentação, a indumentária, até o corte de cabelo dos gaúchos é diferente! A nossa fisionomia, nossa estrutura, usos, costumes, uns hábitos que *pra* outros é estranho, é característico nosso, como carnear um animal. São coisa que, claro, cada um com sua etnia, seus hábitos, mas é... Eu acho rico! Nós temos uma Pampa rica, mal explorada, até *pro* desenvolvimento ele é mal explorado, porque eu acho assim, que não precisa degradar tanto *pra* explorar bem! É só saber explorar (PF08 – Dom Pedrito).

Para os entrevistados pertencentes a essa categoria, suas relações com o território estão alicerçadas ao contexto de vida, o modo de vida propriamente dito no Pampa Gaúcho. Nesse sentido, o modo de vida serve como arcabouço para os demais atributos imateriais que podem existir no território, tais como cultura, tradições, crenças, valores, imaginário, vestuário e por aí vai. Ao mesmo modo, todos esses atributos estão relacionados com a produção no território, mas de forma que, o imaterial e a vida no Pampa Gaúcho se sobressaem à questão meramente produtiva ou até mesmo imediatista, como é o caso da agricultura moderna. Essas questões podem ser identificadas no discurso a seguir:

Então o Pampa Gaúcho como um todo é só uma extensão de onde eu vivo! São características diferentes em determinados lugares [...], mas o Pampa Gaúcho *pra* mim é como um todo! [...] E às vezes, as pessoas querem tudo *pra* sempre e não é assim! Sabe, tudo tem um tempo. No que se refere ao campo, eu *tô* falando da maneira que eu vejo, no que se refere ao campo, à produção primária, à agricultura né, à pecuária, tudo tem um tempo e tem que respeitar isso (PF11 – Rosário do Sul).

A relação entre os entrevistados que compõem a categoria *vida associada à imaterialidade* para com o território, possibilita a compreensão do Pampa Gaúcho como além de um simples lugar. Santos (2005) acrescenta à definição de território, formas de uso e ocupação através dos recursos disponíveis e potencialidades, inserindo assim outras dimensões, além das questões naturais e físicas existentes. Fatores evidenciados no estudo.

Desse modo, é possível, a partir da perspectiva de pecuaristas familiares agroecológicos participantes do estudo, definir o Pampa Gaúcho como um lugar de vida, maior do que questões produtivas. Schneider (2009) corrobora com essa definição, ao argumentar que o território é um espaço de formação social e que a especificidade desse território deve considerar questões culturais, sociais, ambientais e econômicas. Tem-se a partir dessa ótica a construção de perspectivas multidimensionais, com base em características e peculiaridades inerentes a esse contexto único do território em estudo. Assim, é reforçada a construção e a consolidação do

território, a partir de atributos materiais e imateriais (SANTOS, 2005; SCHNEIDER, 2009; SAQUET, 2011; OLIVEIRA, 2020).

Na categoria de produção *associada à materialidade*, foram identificados cinco participantes, todos agricultores familiares (AF01, AF03, AF04, AF06 e AF10). O fato de esta categoria ser formada apenas por agricultores familiares pode ser explicado a partir da dinâmica da própria agricultura, que se baseia em questões físicas, não desprezando grande importância ao intangível, pois essa carga cultural é própria do agricultor, que já a carrega de seu lugar de origem, no caso de quem é migrante para o território (AF01, AF06 e AF10). Esses fatores estão presentes no discurso:

Sim, isso aí até a gente foi aprendendo a assimilar o Pampa Gaúcho, o Cerrado, enfim essas coisas. E, com certeza, com certeza a gente aprendeu a entender o que é o Pampa Gaúcho *pra* poder se enquadrar porque não adianta tu querer ir contra porque tu não vai conseguir. Então tu tenta, tu tenta também a seguir a região, os solos, as características deles, a época de plantio. Então tu tem que se adaptar! [...] Tu abre (a porta) e tem um vento muito forte, mas a característica do nosso Pampa! (AF10 – Hulha Negra).

Na categoria *produção associada à materialidade*, há ainda rupturas ao imaterial do Pampa Gaúcho, que se perdeu no decorrer da atividade produtiva, como é o caso dos agricultores familiares AF03 e AF04. No que diz respeito às relações existentes com o território, os aspectos produtivos, como por exemplo o clima, ficam em evidência, conforme comenta o agricultor familiar AF03, de Quaraí: *“Pra gente que trabalha com essa parte da agricultura, a gente sente bastante as temperaturas aqui, mudou muita coisa. Mas aqui no nosso Pampa hoje, ainda... ainda é bom de viver e plantar. Acho que ainda dá! Cada vez tá ficando mais difícil pra a produção”*.

Percebe-se que há uma relação com o território, mas que é embasada em aspectos produtivos. Entretanto, o entrevistado comenta sobre a vida no Pampa Gaúcho, rompendo a ideia de somente produção, como um lugar de vida, rapidamente retornando para aspectos produtivos. O fato de, *“mas aqui no nosso Pampa hoje, ainda... ainda é bom de viver e plantar”* (AF03 - Quaraí), pode estar atrelado ao avanço da agricultura moderna, que causa transformações no território, interferindo também em aspectos produtivos. Fatores climáticos podem estar associados a essa alteração no território.

Cabe ressaltar, que a importância dos atributos materiais é destaca por autores como Santos (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020). Entretanto, os autores são categóricos ao afirmar que os atributos materiais (como o clima, por exemplo), são fatores relevantes ao território, mas que não o podem definir. Dessa forma, para que o território seja consolidado, há

a necessidade de apropriação e de uso desse espaço, mas a partir da combinação de atributos materiais e imateriais, e da inter-relação resultante desse movimento.

Dessa maneira, é possível a partir da perspectiva de agricultores familiares agroecológicos participantes do estudo, definir o Pampa Gaúcho em fatores de produção. Ou seja, vincular o espaço com questões mais relacionadas ao aspecto produtivo, do que ao contexto de vida, como ocorre com os pecuaristas familiares. Assim, no que tange à *relação do território Pampa Gaúcho com a vida da família e a atividade produtiva*, a definição de Pampa Gaúcho pelos agricultores familiares vai de encontro das concepções expostas por Santos (2005), Schneider (2009), Saquet (2011) e Oliveira (2020).

Já a categoria *não pertencer*, é formada por apenas uma participante, a agricultora familiar agroecológica AF05, de Santana do Livramento. Todavia, o pertencimento é um dos pilares do território, e essa questão não é expressa pela entrevistada: “*E quando eu digo que sou uma pessoa sem raiz, é quase como dizer que pra mim tanto faz o Pampa ou não faz (risos). Eu poderia responder sinceramente nesse ponto de vista, porque realmente eu não tenho esse sentimento de pertencer ao Pampa tá*” (AF05 – Santana do Livramento).

Entretanto, cabe ressaltar que a liberdade de *não pertencer* no que diz respeito à entrevistada, tem base em suas experiências pessoais, acadêmicas e profissionais que permitem esse livre conceito e o pensar diferente dos demais entrevistados. E, embora diga que não se sinta parte do Pampa, tendo viajado e residido em boa parte da América Latina, foi em sua cidade natal, Santana do Livramento-RS, que a entrevistada decidiu se estabelecer e montar seu empreendimento. Reforça-se assim, que não há desqualificação no sentimento de *não pertencer*. Mas há sim, essa forma diferente de construir o território, a partir de sua visão.

Já sobre a relação com o território nas questões físicas, ou seja, nos atributos materiais, a agricultora complementa, discorrendo sobre a relevância do território atrelado ao modo de vida no Pampa Gaúcho: “*No ponto de vista físico mesmo, ele tem as características físicas dele, do território, do clima, do tipo de visão paisagística que também influem, que causam uma influência forte no modo de vida das pessoas que estão aqui*” (AF05 – Santana do Livramento).

Assim, no que tange à *relação do território Pampa Gaúcho com a vida da família e a atividade produtiva*, dentro do contexto apresentado tendo em vista as categorias identificadas: i) *vida associada à imaterialidade*; ii) *produção associada à materialidade*; e iii) *não pertencimento*, pôde-se considerar aspectos relevantes no que tange ao Pampa Gaúcho.

Diante desse contexto, foi abordado sobre o *sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território*, considerando ainda a *importância do território*. Na análise,

seguiu-se a mesma categorização feita anteriormente, apontando três categorias: *i) vida associada à imaterialidade; ii) produção associada à materialidade; e iii) não pertencer.*

Na categoria *vida associada à imaterialidade*, foram identificados cinco participantes, sendo os quatro pecuaristas familiares (PF02, PF07, PF08 e PF11) e o agricultor e pecuarista familiar aposentado (APF09). As diferenciações incluídas nessa questão dizem respeito ao sentimento pelos atributos materiais e imateriais do território. Nesse sentido, foi possível perceber na pecuária familiar, principalmente, maior questão sentimental ao território, construindo esse material e imaterialmente, carregado de todos seus atributos, como expõe o discurso a seguir:

Eu acho essencial! Acho essencial! É aquilo que a gente falou, o Pampa Gaúcho eu acho que uma das únicas regiões do país, penso eu né, com essas peculiaridades né *tchê*, que define assim o Gaúcho, define [...]. O churrasco daqui a maneira de se vestir, a bombacha, a bota né *tchê!* Chapéu assim, é característica do Gaúcho inconfundível [...] E se tu não tiver valores no que tu faz, penso eu, seja no que tu vai fazer, o teu trabalho, se tu não tiver os teus valores como ser humano, como homem, vai chegar uma hora que vai ter situações que tu vai te deparar e não vai saber o que fazer, por falta desses valores, entendeu? (PF11 – Rosário do Sul).

Assim, tem-se representado na pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, todo seu sentimento à questão cultural, desde os valores e crenças até as tradições e o imaginário pampeano que existe no território. Logicamente, atributos materiais são imprescindíveis no que tange à pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, que mesmo diante de sua materialidade e aspecto físico, ganham um ar de elementos imateriais, dado o sentimento, o apreço, o apego por parte dos pecuaristas para o território, em seu aspecto natural. Esse apego ao ambiente natural do território, transformando em intangível está presente no discurso a seguir, que versa sobre o sentimento de continuidade do Pampa Gaúcho:

Vontade que ele perdure, que seja para as próximas gerações [...]. Eu pretendo, como já te disse, é... fazer aqui uma área de proteção e... *pra* que no futuro os próprios estudantes, as próprias faculdades, os próprios biólogos, possam vir aqui utilizar desse lugar, a gente tá sempre à disposição aqui, vários desses. Quero que perdure, que se um dia se a humanidade precisar de algo que a gente possa ter semeado aqui né, que a gente possa até contribuir *pra* isso, pro bem da humanidade. E não só da humanidade, de toda uma, dos animais né e as próprias plantas que... sobreviver aqui (risos) (PF02 – Bagé).

Ainda nesta categoria, cabe destacar definições traçadas pelo agricultor e pecuarista familiar aposentado APF09 de Lavras do Sul. Seu discurso diz respeito à elementos intangíveis do território, quase lúdico, retratando suas percepções sobre seu território, sobre os campos que

se estendem em coxilhas, sobre o sol, sobre o entendimento de todas as relações que acontecem em cada parte do território:

É no dia a dia. Até no soltar a visão! Ah! Coisa boa! Coisas boas, a luz, luz divina, luz do dia não é, bom pensamento [...]. O lado certo das coisas! Em primeiro lugar, agradecer, não é? Pela clareza, a luz que Deus tá me dando, não é? E isso aí já é um algo muito precioso [...]. É uma vida! (O Pampa Gaúcho). Uma vida com abundância! Creio eu e é! Não é? Tudo que a gente enxerga nesse mundo, é vida! É vida! (APF09 – Lavras do Sul).

Assim o exposto por esses entrevistados somente reforça fatores inerentes à construção e consolidação do território, como apresentado conceitualmente no estudo por Santos (2005), Schneider (2009), Saquet (2011) e Oliveira (2020). Todo esse contexto territorial que há na pecuária familiar do Pampa Gaúcho é reforçado por Schneider e Tartaruga (2004) e Rocha e Paula (2006), a partir de que as múltiplas dimensões atribuídas ao território e aos cenários rurais, contribuem diretamente em fatores de desenvolvimento, pois discorrem sobre as complexidades e dinâmicas que compõem o rural, sem desconsiderar relações sociais que existem no espaço e que são de grande relevância para a consolidação deste como um contexto de vida.

Já na categoria *produção associada à materialidade*, foram identificados cinco participantes, todos agricultores familiares (AF01, AF03, AF04, AF06 e AF10). Há muito da agricultura nessa categorização, pois para cultivar algo, tem-se que trabalhar no espaço, adaptar o ambiente para que se tenha as condições desejadas ao cultivo. Isso se nota na agricultura familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, esses elementos de Des – Re – Territorialização. Ou seja, promover a mudança, provocar o novo. É assim com os agricultores que nasceram no Pampa Gaúcho, e muito nos que migraram, mas que por integração se sentem parte do território, como expõe o discurso a seguir:

Eu não sou natural daqui né, mas bem dizer me criei aqui, então, dá *pra* dizer que eu sou daqui né. Bom, desde o início eu tô muito feliz, sabe, em viver aqui, é uma região como tu disse bem diferente de onde tem grandes mega população né. Todo mundo conhece todo mundo e cria aquele vínculo né. Então é muito sabe, prazeroso assim, isso que eu quis dizer, conviver aqui, trabalhar aqui e produzir (AF01 – Dom Pedrito).

A agricultora familiar agroecológica AF10 de Hulha Negra, destaca que mesmo sendo de fora do Pampa Gaúcho, há estreitamentos com o território, resguardadas as devidas proporções e medidas:

Tu sabe que não me identifico muito assim com o Pampa Gaúcho, tu sabe. Não é que não ache bonito, eu acho bonito, interessante [...]. É, e nós, na nossa família não... Tá, cultiva o chimarrão, meu guri gosta muito de usar bombacha, mas por questão prática

pra trabalhar e o Kiko toca umas músicas gaúchas sim! Toca gaita né, daí a gente... poucas gaúchas, mas agora ele tá aprendendo mais porque o pessoal pede música gaúcha. Mas no geral do assentamento tem CTG (Centro de Tradições Gaúchas), tem Piquetes, o pessoal gosta muito.

Para fins de contextualização, o exposto por esses entrevistados, reforça que o Pampa Gaúcho em suas definições é associado à produção, ao possibilitar produzir a partir das condições naturais do espaço. Ainda que, fatores culturais ou de tradição do território sejam presentes no cotidiano desses agricultores, não há um pertencimento. Há, talvez, um envolvimento com o território. Assim, suas visões de território, ou ainda, sentimentos para com o Pampa Gaúcho, confrontam Oliveira (2020) em questões de pertencimento, Santos (2005) em perspectiva maior do que lugar e Schneider (2009) na definição do rural como espaços de vida e acontecer social.

Por fim, na categoria *não pertencer*, que é formada por apenas uma participante, a agricultora familiar agroecológica AF05, de Santana do Livramento. Não foram encontradas questões relevantes no que diz respeito ao *sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território*, considerando ainda a *importância do território*. Essas questões já foram outrora apresentadas tendo em vista particularidades dessa entrevistada, reforçadas em sua fala: “*Eu achei que não pertencia ao Pampa e que tinha mais coisas além do Pampa. Então, como eu não tenho esse enraizamento com o território, eu não tenho esse sentimento do Pampa e tudo mais, mas isso é pessoal... De novo estou respondendo do meu ponto de vista*” (AF05 – Santana do Livramento).

Assim, no que diz respeito à relação *do território Pampa Gaúcho com a vida da família e a atividade produtiva*, bem como sobre o *sentimento pelos atributos materiais e imateriais presentes no território*, considerando ainda a *importância do território*, tem-se na pecuária familiar a maior relação com território. Isso está pautado principalmente no modo de vida, que transborda sobre os aspectos materiais e imateriais do território, refletindo nas questões produtivas, sociais, econômicas e ambientais do Pampa Gaúcho.

No que diz respeito a agricultura familiar agroecológica, há relevância no que se refere aos atributos do território, tanto materiais, quanto imateriais. Mas não na mesma proporção. A agricultura familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, está assentada em atributos materiais e fatores de produção, e pouco está ligada à tradição, cultura e modo de vida do Pampa Gaúcho, como é o caso da pecuária familiar agroecológica. Destarte, a próxima seção versa sobre as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica ao território.

5.5 As contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica ao território

Pampa Gaúcho

Com a pretensão de responder o terceiro objetivo específico do estudo, a saber: averiguar as contribuições da agricultura e da pecuária familiar agroecológica no desenvolvimento territorial, a presente seção faz um diálogo entre a abordagem teórica e os resultados da pesquisa, a agricultura e a pecuária familiar no desenvolvimento do território Pampa Gaúcho.

No que tange ao território, o Pampa Gaúcho é um território a partir das relações e inter-relações que ocorrem no seu espaço, ou seja, do uso de seus atributos materiais e imateriais. Assim, sociedade e ambiente se entrelaçam construindo um contexto único, baseado principalmente no modo de vida de agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos, ressaltadas as particularidades de cada indivíduo ou grupo social.

O território é definido por ser um espaço usado e habitado, um espaço de acontecer e existir social, carregado de fatores geográficos, sociais, econômicos, políticos e antropológicos. Importante destacar que o território é sentimento, é pertencimento, onde fatores materiais e imateriais são construtores e definidores de múltiplas dimensões dos cenários rurais (ALBAGLI, 2004; SCHNEIDER; TARTARUGA, 2004; SANTOS, 2005; SOUZA, 2005; ROCHA; PAULA, 2006; SAQUET, 2011; 2013; SCHNEIDER, 2009; OLIVEIRA, 2020).

A construção de território foi sentida e vivenciada no espaço empírico da presente pesquisa, reforçando-o como um território, principalmente pelo ato de pertencer, de identidade, de relação e identificação com o Pampa Gaúcho. Esses achados vão ao encontro de Albagli (2004) e Schneider (2009) no que diz respeito à territorialidade. No decorrer da pesquisa foi possível constatar a expressão de territorialidade nos agricultores e pecuaristas familiares, mas principalmente por pecuaristas familiares que demonstram sentimento pelo território, se demonstram parte do espaço, pertencidos ao modo de viver e produzir no Pampa Gaúcho.

Albagli (2004), Haesbaert e Ramos (2004), Saquet (2007) e Chelotti (2013) conceituam o pertencimento como territorialização. A territorialização é resultado de processos resultantes da interação entre atores e lugares, nesse caso, entre pecuaristas familiares agroecológicos e o Pampa Gaúcho, através da apropriação do espaço, reforçando o sentimento de pertencer.

Na pesquisa, foi possível constatar ainda questões que contrariam a territorialização do Pampa Gaúcho, presentes na agricultura familiar. Esse movimento é definido desterritorialização, por autores como Haesbaert e Ramos (2004), Haesbaert (2004; 2005) e

Chelotti (2013). A afirmação é embasada quando os agricultores familiares agroecológicos, que em partes vieram de fora do território, são os agentes de mudança, o fato novo no Pampa Gaúcho, seja através da inserção da agricultura em uma dinâmica de ocupação pecuária, ou ainda, na quebra de todo um contexto histórico social e produtivo, como é o caso dos assentamentos da reforma agrária e das migrações (oriundas de outras regiões do estado).

Assim, ao aproximar o contexto vivenciado nas experiências de agricultura familiar agroecológica do Pampa Gaúcho com as definições expostas por Haesbaert e Ramos (2004), Haesbaert (2004; 2005) e Chelotti (2013), a agricultura familiar, embora agroecológica, pode em algum grau ou medida se aproximar de ações que vem a desterritorializar o Pampa Gaúcho. Podem ser citados como exemplo: a conversão de áreas de campo nativo em áreas de cultivos, introdução de espécies exóticas, manejo no solo (ainda que em pequenas ações), isso em fatores materiais. Já em fatores imateriais, podem ser citados: a substituição da cultura e da tradição que há no imaginário pampeano por culturas e tradições de povos migrantes, alterações no modo de vida e no saber-fazer. Todos esses fatores podem ser fenômenos desterritorializadores.

Entretanto, cabe mencionar que o movimento de desterritorialização não é necessariamente um fator negativo. Esse fenômeno pode ter aspectos positivos ao território, como por exemplo a quebra da estabilidade hegemônica, redução em desigualdades sociais e preconceitos, quebra do patriarcado no cenário rural, dentre outros.

Isso porque, tira-se o contexto de vida social, desprovendo o território e as territorialidades, resultando na perda ou na substituição desse território. Cabe frisar que não há desqualificação nesse movimento, mas há uma quebra de dinâmica territorial, que pode por sua vez ser positiva ou negativa, merecendo todo o contexto ser analisado. O que não é pretensão nesse estudo. Ressalta-se ainda, que a partir da desterritorialização, tem-se a criação de um novo território de acordo com Haesbaert (2004; 2005) e Chelotti (2013). O que pode resultar na organização de uma nova dinâmica social, ambiental e econômica ao Pampa Gaúcho.

Já a pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho é mais enraizada ao território. Isso é afirmado com base na territorialidade e na territorialização, no pertencimento, no modo de vida típico do Pampa Gaúcho, muito atrelada aos atributos imateriais, às questões culturais e tradicionais do território, mas mantendo forte ligação e dependência para com os atributos materiais do Pampa Gaúcho.

A agricultura familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, por sua vez, mais próxima talvez de um movimento de desterritorializar e/ou reterritorializar, criando um novo território, ou reproduzindo outros contextos de vida e produção. Isso a partir dos recursos naturais que existem nos atributos materiais do Pampa Gaúcho.

Diante do contexto apresentado, considerando a agricultura e a pecuária familiar agroecológica, os resultados do estudo podem demonstrar um caminho ao desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho. Para Santos (2005), Schneider e Tartaruga (2004), Pecqueur (2005), Saquet (2011) e Oliveira (2020), o desenvolvimento territorial se dá a partir da revelação do território, compreendendo todo o contexto social e o espaço local existente, mobilizando atores e o uso dos recursos disponíveis, para assim melhor utilizar as potencialidades inerentes à um contexto único, possibilitando produção e conservação dos recursos naturais.

O modo de vida dos pecuaristas familiares agroecológicos é fator chave na revelação do território. Pois é definidor de uma forma de pensar e de viver, adaptado e inserido no ambiente e deste, tirando todos os recursos necessários para a vida, incluindo a atividade de produção. A preservação de valores (ética e moral), de saber-fazer (adaptação aos recursos), de vestimentas típicas (a *pilcha* tradicional), de música (folclore, milonga, fandango, xote), de comidas (churrasco, carreteiro, agroindústrias e artesanais), de práticas antigas (homeopatia e benzedura), o conhecimento e a observação aos fenômenos do campo, o apego e pertencimento ao Pampa Gaúcho. Todos esses fatores, dentre outros tantos, reforçam a construção e a consolidação do território. Nesse sentido, o movimento que compõe o modo de vida dos pecuaristas familiares agroecológicos, contribui de forma positiva para a manutenção do Pampa Gaúcho.

Na agricultura familiar agroecológica, o que está em evidência são os aspectos produtivos, definidores também de um modo de vida. O uso de recursos naturais como solo, água, relevo, clima, fauna e flora, além da adaptação e transformação desses recursos em possibilidades de produção, fazem com que essa categoria se mantenha no território. Todavia, questões de pertencimento e apego, são extrapoladas nesse contexto, tendo em vista que os migrantes trazem consigo seu próprio modo de vida. Já agricultores familiares agroecológicos nativos do Pampa Gaúcho, não demonstram esse sentimento, como evidenciado com os pecuaristas familiares. Essas questões trazem à tona mudanças, o novo.

Para Maia e Troian (2022) o desafio do território Pampa, que mesmo diante de modificações e alterações se mantém consolidado, passa pelo uso de seus recursos com base em atributos materiais e imateriais, bem como na interrelação homem e ambiente. Para os autores, a partir desse movimento, pautado em fatores intrínsecos, é possível traçar direcionamentos ao desenvolvimento territorial justo e equilibrado, que valorize a sociedade e o ambiente como um todo, incluindo questões produtivas e econômicas.

Os caminhos que apontam para o desenvolvimento territorial para o Pampa Gaúcho, podem ser obtidos pela busca do equilíbrio social, ambiental e econômico. Isso pode ser possível, por exemplo, através da distribuição de terras, da valorização do poder público e da sociedade local sobre essas importantes questões territoriais, da disponibilização e acesso ao crédito à agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos, acesso aos canais de comercialização, dentre outros.

Cabe observar ainda, o Pampa por seu aspecto e bioma, o qual carece de atenção ao seu estado de preservação, tendo em vistas transformações que sofre em seu aspecto natural, que causam alterações em sua sociedade e economia, refletindo assim no território. Nas últimas décadas, o Bioma Pampa tem sua área sendo drasticamente reduzida ou convertida em áreas de lavouras pautadas no modelo de agricultura moderna, o qual desconsidera todo o contexto que há no território. Isso justifica a necessidade de atenção por parte do poder público e da sociedade.

Destarte, diante de toda a construção e exploração efetuada sobre o território Pampa Gaúcho, tendo em vista movimentos na agricultura e na pecuária familiar agroecológica, o próximo capítulo apresenta as considerações finais do estudo.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Pampa Gaúcho é um território, a partir de seus atributos materiais e imateriais que consolidam uma construção social, através do uso, ocupação e da apropriação do espaço. Em atributos materiais o Pampa Gaúcho é heterogêneo e inclui características como solo, água, relevo, clima, fauna, flora, populações etc. Em atributos imateriais, o Pampa Gaúcho é diverso em sociedade, cultura, tradições, valores, crenças, identidade, saber-fazer, dentre outros fatores. Assim, através da combinação e interrelação de atributos materiais e imateriais, tem-se a afirmação do território, fazendo com que o Pampa Gaúcho seja mais do que um bioma de campos e paisagens planas, mas se efetive com um território, com toda a complexidade e emaranhado de relações e interrelações nele presentes.

Entretanto, diversas são as adversidades pressentidas no Pampa Gaúcho, principalmente no que tange às transformações sociais, ambientais e econômicas. Novas dinâmicas estão modificando o território a partir do advento da agricultura moderna, mais precisamente nas zonas rurais, causando uma série de reflexos no Pampa Gaúcho, motivados por questões financeiras e especificamente produtivas. Outra ameaça ao território Pampa Gaúcho está no interesse de grandes programas de mineração, os quais desconsideram as potencialidades que existem e talvez só existam nesse espaço de vida.

Assim, considerando o contexto de alterações, modificações e transformações as quais o território está enfrentando, cabe observar questões que tangem ao desenvolvimento territorial do Pampa Gaúcho, a partir do uso e adequação dos recursos e atributos materiais e imateriais próprios, únicos e intrínsecos do território. A partir dessa combinação, tem-se a potencialidade de buscar uma forma de desenvolvimento que seja equilibrado e justo, que não vise apenas aspectos produtivos e desconsidere todo o restante. Há extrema necessidade de considerar, além da produção, fatores ambientais, sociais e econômicos, para ter o correto entendimento do território como um lugar de vida.

No estudo foi possível apontar que os agricultores familiares agroecológicos têm em sua relação com território proximidades com os movimentos de desterritorialização e de reterritorialização, pois em sua maioria migraram para o Pampa Gaúcho, trazendo suas origens, raízes e culturas, provocando assim a construção de um novo território. Essa inserção do novo passa a reproduzir outro contexto de vida social, alterando a dinâmica até então existente no Pampa Gaúcho. Esse é o caso dos assentamentos da reforma agrária e das migrações de agricultores de outras regiões do Rio Grande do Sul. No Pampa Gaúcho, no ano de 2005, eram 61 os assentamentos da reforma agrária, abrigando aproximadamente 2.300 famílias, que por

sua vez, deram uma nova cara e nova dinâmica para a agricultura e a pecuária local.

Já os pecuaristas familiares agroecológicos, tem em sua relação com Pampa Gaúcho a territorialização e a territorialidade, pois suas famílias e antepassados tem origem no território. Algumas dessas famílias, inclusive, a relação com o Pampa Gaúcho vem desde a formação do território. Isso resulta na interrelação entre o território e os pecuaristas familiares, pois o modo de vida no Pampa Gaúcho para esses pecuaristas familiares está alicerçado na relação com os recursos naturais, considerando ainda atributos materiais, como o campo nativo e as paisagens, e atributos imateriais, como cultura e tradições.

Quando se trata de agricultura familiar agroecológica no Pampa Gaúcho, a característica é de unidades familiares de produção com menores extensões de terras, principalmente com cultivo de olerícolas e frutas, além de produções agroindustriais e artesanais. Os ambientes naturais apresentam um certo grau de alteração justificado por sua área pequena, o que necessita de adaptações ou transformações para que a produção seja efetuada com sucesso, garantindo assim questões como renda e alimentação à família. As UFPs de agricultura familiar, ficam geralmente localizadas mais próximas de centros de consumo, facilitando assim o escoamento da produção e o acesso aos clientes.

Já a pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, tem como característica, unidades familiares de produção com maiores extensões de terra, com atividades que envolvem a criação ou reprodução de bovinos, ovinos e caprinos, principalmente para corte, mas assumindo também outras finalidades como lã, leite, genética e artesanato. As UFPs de pecuária familiar ficam localizadas mais afastadas de centros de consumo, em locais marginais no que diz respeito ao progresso tecnológico da agricultura moderna. Esse afastamento, possibilitou até o momento a preservação do ambiente natural e a preservação de aspectos socioculturais que fazem da pecuária familiar do Pampa Gaúcho uma potencial fonte de desenvolvimento territorial.

No que tange às características agroecológicas das experiências vivenciadas no Pampa Gaúcho foi possível constatar fatores que fazem jus ao contexto de agroecologia, tendo em vista questões que perpassam aspectos meramente produtivos e vislumbram dimensões agroecológicas como a dimensão que abrange as técnicas, práticas e cultivos, a dimensão ambiental, a dimensão econômica, a dimensão institucional e a dimensão sociocultural.

No estudo, foi constatado que a agroecologia está em movimento no Pampa Gaúcho, tanto na agricultura familiar, quanto na pecuária familiar. Há casos em que a agroecologia é de fato um pensamento que norteia o modo de vida e de produção no Pampa Gaúcho. Isso é explicado pela escolaridade e experiência de participantes do estudo, os quais tiveram acesso

aos nortes teóricos, construindo assim seu modo de viver agroecológico no Pampa Gaúcho. Outra questão diz respeito à transição agroecológica, mais presente na pecuária familiar, e por sua vez, expressada de forma natural a partir do modo de vida e traços culturais existentes nas categorias.

A agroecologia tem seu movimento concebido ao se aplicar princípios ecológicos à produção agrícola e pecuária (nesse caso). No Pampa Gaúcho, através das experiências vivenciadas foi possível constatar que o modo de vida dos agricultores e dos pecuaristas familiares agroecológicos é embasado nos atributos materiais (solo, relevo, clima etc.) e nos atributos imateriais (modo de vida, cultura, tradições, saber-fazer etc.). Todos esses recursos, combinados ao uso e modo de vida dos entrevistados, é o que permite que as famílias possam se reproduzir e ganhar seu sustento em uma perspectiva agroecológica. Não somente produtiva, mas também no contexto de vida e sociedade do Pampa Gaúcho.

Foi possível verificar que, sobre os aspectos materiais e imateriais presentes na agricultura e pecuária familiar agroecológica, a investigação se deu de forma dividida. No estudo, foi evidenciado que os atributos materiais do território são de grande relevância, tanto para agricultores, quanto para pecuaristas familiares, podendo ainda provocar sentimentos e relações de pertencimento a partir da interrelação dos humanos para com o espaço, definidas por interações entre homem e natureza.

Todavia, os agricultores familiares agroecológicos dão maior importância aos atributos materiais, pois a partir desses fatores naturais, é possível praticar suas atividades produtivas, reproduzir seu modo de vida e balizar questões sociais, ambientais e econômicas no Pampa Gaúcho. Assim, agricultores familiares descrevem os aspectos físicos do território em um direcionamento de produção, como base para atividades produtivas a partir dos recursos naturais disponíveis no Pampa Gaúcho. Embora tenha sido destacado a existência de sentimento entre agricultores e território, em seus atributos materiais.

Na pecuária familiar, ocorre da mesma forma, porém foi verificado um maior sentimento ao aspecto material e físico do território. Isso está concebido em uma maior ligação entre os pecuaristas familiares agroecológicos e o Pampa Gaúcho, pois a forma com que os pecuaristas familiares descrevem o ambiente do território é em amplo sentido, quase que se afastando de fatores meramente físicos, mais direcionados à aspectos de vida e simbolismos, do que fatores de produção.

Já ao identificar os atributos imateriais do território, no estudo foi evidenciado que os atributos imateriais do território são de extrema relevância aos pecuaristas familiares que participaram do estudo, isso quando comparados aos agricultores familiares. Assim, fica

evidenciado que a pecuária familiar está mais relacionada com questões culturais inerentes ao modo de vida do Pampa Gaúcho, do que a agricultura familiar. Esse resultado reforça sobre a consideração de que a agricultura e a pecuária familiar são categorias sociais distintas, muito embora apresentem similaridades em sua construção, definição e modo de vida.

Agricultores familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho descreveram atributos materiais e imateriais como atrelados a aspectos de produção. Pecuaristas familiares agroecológicos do Pampa Gaúcho, descreveram atributos materiais e imateriais como um contexto de vida em amplo sentido, onde fatores produtivos fazem parte desse modo de vida. Essa identificação do espaço como um lugar de vida, a partir de uma construção social embasada no modo de vida das famílias e na identificação com todo o imaginário que existe no Pampa Gaúcho, reforça e é definidora dos preceitos e concepções de território.

No sentido de análise, há ganhos para a pecuária familiar, a qual evidencia que sua ligação com o território perpassa questões meramente produtivas, assumindo de fato o modo de vida no Pampa Gaúcho. Na pecuária familiar, foi evidenciado fatores que remetem ao movimento de territorialização e territorialidade do Pampa Gaúcho, a partir do uso e apropriação dos recursos disponíveis no território, sendo esses recursos atributos materiais e imateriais, pois a própria categoria pecuária familiar é definida pelo seu modo de vida e adaptação aos recursos naturais existentes.

Nesse sentido, cabe considerar sobre a pecuária familiar como categoria social. As teorias caracterizam o pecuarista familiar como sendo um tipo específico de agricultor familiar, por todas as aproximações e similaridades entre as categorias. No entanto, o presente estudo considera que a pecuária familiar do Pampa Gaúcho é categoria social única, carregada de características, pautadas principalmente em seu modo de vida e relação para com a natureza, bem como, para com os recursos provenientes do território, tanto materiais, quanto imateriais. Essa é uma possível contribuição teórica apontada no estudo, a qual merece um estudo mais aprofundado e maior atenção no que diz respeito à política públicas.

Tratando sobre outras possíveis contribuições teóricas evidenciadas no estudo, têm-se na agricultura e na pecuária familiar agroecológica do Pampa Gaúcho, a possibilidade de compreender os fenômenos inerentes ao território, a partir da importância do conhecimento e da cultura local que existe nas e com as população e povos tradicionais. A relevância está assentada na definição da agroecologia como uma ciência, tendo em vista a utilização de princípios e de conceitos que versam sobre ecologia, nas atividades e desenhos de ecossistemas sustentáveis de produção agropecuária.

A agricultura e a pecuária familiar agroecológica presentes no Pampa Gaúcho, têm seus modos de vida pautados nessa definição, ao usar dos recursos disponíveis no ambiente natural e combiná-los com questões de produção. Nesse sentido, a agroecologia serve como base para possibilitar a transição entre modelos convencionais de agricultura e desenvolvimento, para modelos de desenvolvimento embasados em formas sustentáveis e que promovam a valorização dos recursos disponíveis. No Pampa Gaúcho, a atual situação quando se trata sobre o cenário rural é a constatação do avanço da agricultura modernizada e pautada em *commodities*, principalmente sobre as áreas de campo nativo. Isso está atrelado à imagem do cenário rural, com produções uniformes em larga escala, máquinas e equipamentos.

Para contrapor essa visão de rural modernizado, o presente estudo evidencia que há agroecologia no Pampa Gaúcho, inerente ao contexto de agricultores e de pecuaristas familiares. O que falte talvez, seja a publicização desse modo de viver, ou ainda que esses agricultores e pecuaristas familiares saibam que são agroecológicos e dessa categorização façam uso.

Outra questão diz respeito ao cenário rural vinculado somente à produção. De alguma forma, é atribuído erroneamente que o que se desvincula de produção no campo está errado. Ou seja, o cenário rural deve ser feito para produzir. Há nesse ponto, uma contribuição prática do estudo, a constatação de que o cenário rural do Pampa Gaúcho é um cenário de vida, de acontecer social, um contexto único. Isso com base nas experiências vivenciadas, as quais permitem efetuar esse tipo de constatação, ou contribuição por assim definir.

Há um parêntese a ser ressaltado no estudo, as contribuições teóricas oriundas dos agentes de desenvolvimento entrevistados. Durante a pesquisa foram subutilizadas os discursos dos entrevistados, tendo em vista as dinâmicas construídas nas análises e explanações dos resultados, reconhecendo esse fato como uma limitação do presente estudo. Entretanto, cabe justificar que mesmo não citando diretamente, o conteúdo que teve origem nas entrevistas com agentes de desenvolvimento está sim representado durante todo o desenvolvimento do estudo, o qual por muitas vezes embasou as discussões, caracterizações e contextualizações, tendo em vista a relevância das informações coletadas. Espera-se que esse conteúdo possa ser utilizado em estudos e publicações futuras.

Destarte, cabe ressaltar que para que o estudo fosse realizado, outras limitações foram superadas. Essas limitações estavam atreladas aos recursos necessários para a realização da pesquisa. Principalmente em questões financeiras, pois as distâncias percorridas se fizeram grandes; entraves nos agendamentos de entrevistas e visitas às unidades familiares de produção (como desencontros de datas e prazos para essa etapa); o tempo como recurso finito e escasso,

a situação de pandemia Covid-19 vivenciada durante a coleta de dados, dentre outras limitações as quais não permitiram maior abrangência ao estudo.

Espera-se, que desse estudo possam vir novas pesquisas que ajudem a compreender e vislumbrar toda a vastidão pampeana que há no território. A justificativa sobre a relevância dessas pesquisas está assentada na necessidade de produção do conhecimento, para a partir deste, possibilitar melhorias no que tange às condições de vida e de produção das populações e sociedades locais. Ao se estudar o Pampa Gaúcho através da abordagem do território, tendo em vista suas múltiplas dimensões, é possível resultar na revelação de seus recursos e especificidades, as quais podem promover ações que perpassem a questão econômica (financeira). Pois a questão econômica é o que faz com que o território se transforme e conceda espaço à modernização da agricultura, tendo a soja como expoente.

Por fim, espera-se que estudos posteriores se utilizem da abordagem do território para investigar sobre o Pampa Gaúcho, não somente em aspectos produtivos e tecnológicos, mas em contextos de vida, sociedade, ambiente e economia. Assim, acredita-se que diante dos resultados encontrados, o estudo venha a contribuir socialmente e academicamente para que o Pampa Gaúcho seja visto e definido com um território, considerando suas características tangíveis e intangíveis, únicas e intrínsecas.

REFERÊNCIAS

- ABDO, M. T. V. N.; VALERI, S. V.; MARTINS, A. L. M. Sistemas agroflorestais e agricultura familiar: uma parceria interessante. **Revista Tecnologia & Inovação Agropecuária**, v. 1, n. 2, p. 50-59, 2008.
- ALBAGLI, S. Território e territorialidade. In: LAGES, V.; BRAGA, C.; MORELLI, G. (Orgs.). **Territórios em movimento: cultura e identidade como estratégia de inserção competitiva**. Rio de Janeiro: Relume Dumará / Brasília: SEBRAE, 2004.
- ALTAFIN, I. Reflexões sobre o conceito de agricultura familiar. **Brasília: CDS/UnB**, p. 1-23, 2007. Disponível em: <<http://enfoc.org.br/system/arquivos/documentos/70/f1282reflexoes-sobre-o-conceito-de-agricultura-familiar---iara-altafin---2007.pdf>>. Acesso em: 28 dez 2020.
- ALTIERI, M. A. **Agroecologia - A dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 2 ed., Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 110 p. 2000.
- ALVES, F. D. As faces do desenvolvimento rural no sul gaúcho: produção agroecológica familiar e monoculturas empresariais. **Agrária** (São Paulo. Online), n. 7, p. 37-60, 2007. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1808-1150.v0i7p37-60>
- ANUÁRIO BRASILEIRO DE AGRICULTURA FAMILIAR (ABAF). **Anuário Brasileiro de Agricultura Familiar**, 2019. Editora: Bota Amarela, 2019. Online. Disponível em: <<https://digital.agriculturafamiliar.agr.br/pub/agriculturafamiliar/#page/1>> Acesso: 19 dez 2020.
- AZEVEDO, L. F. de; FIALHO, M. A. V. Pecuária familiar: uma análise do modo de apropriação da natureza a partir dos saberes e práticas tradicionais – Território do Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1ª edição, p. 149-167, 2016.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 280 p. 2010.
- BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Tradução de GUARESCHI, P. A., 10 ed. Petrópolis. Rio Janeiro: Ed. Vozes. 516 p. 2012.
- BRASIL. Presidência da República, Casa Civil. **Lei Nº 11.326, de 24 de julho de 2006**: Estabelece as diretrizes para a formulação da Política Nacional da Agricultura Familiar e Empreendimentos Familiares Rurais. Brasília: DOU, 2006. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/11326.htm>. Acesso em 15 dez 2020.
- BECKER, C.; SACCO DOS ANJOS, F. Segurança alimentar e desenvolvimento rural: limites e possibilidades do Programa de Aquisição de Alimentos da agricultura familiar, em municípios do Sul Gaúcho. **Segurança Alimentar e Nutricional**, Campinas, v. 17, n. 1, p. 61-72, 2010. DOI: <https://doi.org/10.20396/san.v17i1.8634800>

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. DOI: <https://doi.org/10.5007/%25x>

BORBA, M. F. S. Desenvolvimento territorial endógeno: o caso do Alto Camaquã. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1ª edição, p. 187-214, 2016.

CAPORAL, F. R. Agroecologia: uma nova ciência para apoiar a transição a agriculturas mais sustentáveis. In.: FALEIRO, F. G.; FARIAS NETO, A. L. de (Ed.). **Savanas: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais**. Planaltina, DF: Embrapa Cerrados, cap. 29, p. 895-929, 2008.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia e sustentabilidade. Base conceptual para uma nova Extensão Rural. In: **WORLD CONGRESS OF RURAL SOCIOLOGY**, 10, Rio de Janeiro, Anais. Rio de Janeiro: IRSA, 2000. Disponível em: <<http://www.agriversdes.com.br/biblioteca/biblioteca/Agroecologia/G%C3%AAneros%20e%20a%20Agroecologia/AGROECOLOGIA%20e%20a%20SUSTENTABILIDADE.pdf>>. Acesso em 15 dez 2020.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Análise multidimensional da sustentabilidade: uma proposta metodológica a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 03, n. 03, p. 70-85, 2002.

DE CASTRO, C. N.; PEREIRA, C. N. **Agricultura familiar, assistência técnica e extensão rural e a política nacional de ATER**. Texto para discussão, 2017. Disponível em: <http://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/8114/1/td_2343.PDF>. Acesso em 16 maio 2022.

CASSANEGO JR, Paulo; FORGIARINI, Deivid. Disputas territoriais e a formação socioeconômica da região fronteira do Pampa Gaúcho. **Revista GeoPantanal**, v. 12, p. 327-348, 2017.

CHELOTTI, M. C.; A dinâmica territorialização-desterritorialização-reterritorialização em áreas de reforma agrária na Campanha Gaúcha. **CAMPO-TERRITÓRIO: revista de geografia agrária**, Uberlândia, v.8, n.15, p. 1-15, 2013.

CHELOTTI, M. C.; PESSOA, V. L. S. Assentamentos rurais e as transformações territoriais no Pampa Gaúcho/RS/BR. In: **6ª Bienal Colóquio de Transformaciones Territoriales**, 2006, Santa Fé/AR. 6ª Bienal. Santa Fé/AR: UNL, 2006. Disponível em: <<http://www.lagea.ig.ufu.br/biblioteca/artigos/santafe2006.pdf>>. Acesso em 12 dez 2021.

CRUZ, R. C.; GUADAGNIN, D. L. Uma pequena história ambiental do Pampa: proposta de uma abordagem baseada na relação entre perturbação e mudança. **A sustentabilidade da Região da Campanha-RS: Práticas e teorias a respeito das relações entre ambiente, sociedade, cultura e políticas públicas**. Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, p. 155-179, 2012.

CUNHA, A. S. Da. **Mãos que cultivam a luta: experiências de resistência agroecológicas nos territórios do agronegócio no Pampa Gaúcho e uruguaio**. Tese (Doutorado em Geografia). Universidade Federal de Santa Maria, 2018.

DAL SOGLIO, F. K. A agricultura moderna e o mito da produtividade. In: DAL SOGLIO, F. K.; KUBO, R. R. (Orgs). **Desenvolvimento, agricultura e sustentabilidade**; coordenado pela SEAD/UFRGS. – Porto Alegre: Editora da UFRGS, 206 p. 2016.

DELANOY, M.; VIANA, J. G. A.; TROIAN, A. Sustentabilidade de sistemas pecuários no Rio Grande do Sul e perspectivas de políticas públicas regionais. **Revista Amazônia, Organizações e Sustentabilidade (AOS)**, Belém, v.9 n.2, p. 141-160, 2020.

EMATER. Rio Grande do Sul / ASCAR. **Pecuária familiar**. (Série Realidade Rural 34). Porto Alegre, 78 p. 2003.

FEIDEN, A. Agroecologia: introdução e conceitos. In: AQUINO, A. M.; ASSIS, R. L. (Orgs.). **Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável**. Brasília: Embrapa, p. 49-69. 2005.

FERRON, J. Da L.; TROIAN, A. O processo de implantação dos assentamentos rurais em Santana do Livramento (RS). **Economia e Desenvolvimento**, v. 32, n. Esp., p. 5, 2020. DOI: <https://doi.org/10.5902/1414650941424>

FONTOURA, L. F. M. A modernização da agricultura e a urbanização incompleta: a situação de algumas cidades da campanha gaúcha. **CaderNAU**, v. 7, n. 1, p. 27-47, 2014.

FOLLMANN, F. M.; SILVA, F. da; LOSEKANN, M. B. A transformação do pampa: demandas e alternativas para conservação. In: WIZNIEWSKY, C. R. F. FOLETO, E. M. (Orgs): **Olhares sobre o Pampa: um território em disputa**. Porto Alegre: Evangraf, p. 78 a 88, 2017.

GERHARDT, T. E. et al. **Estrutura do Projeto de Pesquisa**. In: GERHARDT; SILVEIRA: Métodos de Pesquisa. Porto Alegre: Editora da UFRGS, p. 65-88, 2009.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6 ed. São Paulo: Editora Atlas SA, 220 p. 2008.

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. 3 ed. Porto Alegre: Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul/UFRGS, 656 p. 2005.

GRISA, C.; SCHNEIDER, S. Três gerações de políticas públicas para a agricultura familiar e formas de interação entre sociedade e estado no Brasil. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, Brasília, v. 52, p. 125-146, 2014.

DOI: <https://doi.org/10.1590/S010320032014000600007>

GODOY, A. S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. **Revista de Administração de empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, 1995.

GUZMÁN, E. S. Uma estratégia de sustentabilidade a partir da agroecologia. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 1, p. 35-45, 2001.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à multiterritorialidade. In: **X Encontro de Geógrafos da América Latina**, Anais. Universidade de São Paulo-USP, São Paulo, de 20 a 26 de março de 2005. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal10/Teoriaymetodo/Conceptuales/19.pdf>>. Acesso em: 23 dez 2020.

HAESBAERT, R.; RAMOS, T. T. O mito da desterritorialização econômica. **GEOgraphia**, Niterói, v.6, n. 12, p. 25-48, 2004.
DOI: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2004.v6i12.a13478>

HAESBAERT, R. Definindo território para entender a desterritorialização. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, p. 35-98, 2004.

HELENIUS, J.; WEZEL, A.; FRANCIS, C. A. *Agroecology*. In: **Oxford Research Encyclopedia of Environmental Science**. Reino Unido, 2019.
DOI: <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199389414.013.297>

HEYDT, D.; HOFF, D. N.; TROIAN, A. A Formação Econômica de Santana do Livramento/RS. **Revista Estratégia e Desenvolvimento**, Santana do Livramento, RS, v. 2, n. 1, 17 jul. 2019.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Divisão regional do Brasil em mesorregiões e microrregiões geográficas**. Rio de Janeiro: IBGE: 1990. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv2269_1.pdf>. Acesso em: 10 out 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Agropecuário 2017**. Resultados definitivos. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=73096>>. Acesso em: 06 dez 2020.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 310 p. 2003.

KUPLICH, T. M.; CAPOANE, V.; COSTA, L. F. F. O avanço da soja no Bioma Pampa. **Boletim Geográfico do Rio Grande do Sul**, Porto Alegre, n. 31, p. 83-100, 2018.

MAIA, J. F. et al. Políticas públicas para desenvolvimento da agricultura familiar em Dom Pedrito-RS. In: **IV Congresso de Ciências Sociais Agrárias**, Montevideo-UY. 2019. Disponível em: <http://www.fagro.edu.uy/images/stories/DptoCCSS/doc/resumenes/trabajos_completos/MAIA_JOELIO_FARIAS_Eje_1_1.pdf>. Acesso em: 20 dez 2020.

MAIA, J. F.; NASCIMENTO, S. G. Da S.; HANKE, D. Desafios logísticos na produção agrícola familiar em Dom Pedrito–RS, Brasil: um estudo de casos múltiplos. **Revista Eletrônica Competências Digitais para Agricultura Familiar**, v. 5, n. 2, p. 178-198, 2019.

MAIA, J. F.; TROIAN, A. Transformações no cenário rural em Dom Pedrito: efeitos da modernização da agricultura. In: **Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Anais. Santana do Livramento, v. 12, n. 2, 4 dez. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.unipampa.edu.br/index.php/SIEPE/article/view/107454>>. Acesso em: 15 jan. 2021.

MAIA, J. F.; TROIAN, A. O Pampa Gaúcho: fatores materiais e imateriais na consolidação do território. **Revista Grifos**, v. 31, n. 57, p. 01-19, 2022.
DOI: <http://dx.doi.org/10.22295/grifos.v31i57.6722>

MARCONDES, N. A. V.; BRISOLA, E. M. A. Análise por triangulação de métodos: um referencial para pesquisas qualitativas. **Revista Univap**, São José dos Campos, v. 20, n. 35, p. 201 - 208, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.18066/revunivap.v20i35.228>

MATEI, A. P.; FILIPPI, E. E. O bioma pampa e o desenvolvimento regional no Rio Grande do Sul. In: **6º Encontro de Economia Gaúcha**. Anais. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://cdn.fee.tche.br/eeg/6/mesa8/O_Bioma_Pampa_e_o_Developolvimento_Regional_no_RS.pdf>. Acesso em: 17 dez 2020.

MATTEI, L. O papel e a importância da agricultura familiar no desenvolvimento rural brasileiro contemporâneo. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 45, n. 2, p. 71 – 79, Suplemento Especial, 2014.

MAY, P. H; TROVATTO, C. M. M. **Manual agroflorestal para a Mata Atlântica**. Brasília – Ministério do Desenvolvimento Agrário – MDA, 2008.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 31 p. 2010.

MOREIRA, R. M.; CARMO, M. S. do. A agroecologia na construção do desenvolvimento rural sustentável. **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 2 n. 1 (2007): Resumos do II Congresso Brasileiro de Agroecologia, 2007.

NASCIMENTO, S. G. Da S. et al. Sistema silvipastoril na bacia hidrográfica do Rio Santa Maria: uso do Inhanduvá. **Biodiversidade**, Rondonópolis, v. 17, n. 3, 2018.

NASCIMENTO, S. G. S. et al. Produção agroecológica e segurança alimentar e nutricional (Brasil). **Revista de Ciências Agrárias**, v. 42, n. 1, p. 294-304, 2019.
DOI: <https://doi.org/10.19084/RCA18223>

NESKE, M. Z.; MARQUES, F. C.; BORBA, M. F. S. A emergência da produção de novidades em territórios “marginalizados”: uma análise a partir do território Alto Camaquã, Rio Grande do Sul. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 31, 2014.
DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/dma.v31i0.34803>

NETTO, T. A.; DE AZEVEDO, L. F. A emergência de um novo paradigma para preservação do território da pecuária familiar no Pampa brasileiro. **REVISTA GEOGRAFAR**, v. 14, n. 2, p. 303-316, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/geografar.v14i2.61583>

NETTO, T. A.; DE VARGAS, D. L. Territorialização da soja no contexto da agricultura familiar na fronteira Brasil/Uruguai. **Geosul**, Florianópolis v. 34, n. 71, p. 428-447, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5007/1982-5153.2019v34n71p428>

OLIVEIRA, N. M. de. Território: contributo sobre distintos olhares. **Revista Tocantinense de Geografia**, Araguaína, v. 9, n. 17, p. 43-62, 30 mar. 2020. DOI: <https://doi.org/10.20873/rtg.v9n17p43-62>

PECQUEUR, B. O desenvolvimento territorial: uma nova abordagem dos processos de desenvolvimento para as economias do Sul. **Raízes**, Campina Grande, v. 24, n. 1, p. 10-22, jan./dez., 2005. DOI: <https://doi.org/10.37370/raizes.2005.v24.243>

PEREIRA, M. N. et al. **Métodos e meios de comunicação em extensão rural**. Porto Alegre: EMATER-RS, 40 p. 2009.

PEREIRA, V. C. Elementos para pensar a contribuição do Desenvolvimento Rural para conservação do bioma Pampa. **Mundo agrario**, La Plata, v. 15, n. 28, 2014.

PERUCHI, F.; RAMOS FILHO, L. O.; GARCÍA-BARRIOS, L. Sistemas agroecológicos biodiversos como estratégia de segurança alimentar: um estudo de caso no Assentamento Sepé Tiaraju-São Paulo. In: **Simpósio sobre reforma agrária e questões rurais**, 7., 2016, Araraquara: UNIARA, 2016. 14 p., 2016. Disponível em: <<https://www.alice.cnptia.embrapa.br/alice/bitstream/doc/1065661/1/2016AA48.pdf>>. Acesso em 07 mai 2022.

PLOEG, J. D. van der. **Camponeses e impérios alimentares: lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização**. Porto Alegre: Ed. UFRGS. 373 p. 2008.

PLOEG, J. D. van der. Dez qualidades da agricultura familiar. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, n. 1, fevereiro de 2014. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.abong.org.br/bitstream/handle/11465/374/ASPTA_dez_qualidades_agricultura_familiar.pdf?sequence=1>. Acesso em 23 jan 2021.

PLOEG, J. D. van der. O sistema alimentar em tempos de Covid-19: ensinamentos para o futuro. **Revista Agriculturas: experiências em agroecologia**, Rio de Janeiro, n. 3, 2021.

REICHERT, L. A administração rural em propriedades familiares. **Revista Teoria E Evidência Econômica**, Passo Fundo, v. 5, n. 10, 1998. DOI: <https://doi.org/10.5335/rtee.v5i10.4776>

RIBEIRO, C. M. A pecuária familiar e a transição agroecológica. **Revista Canguê**, Paysandú – Uruguay, v. 1, p. 21-26, 2018.

RIBEIRO, C. M. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares da Região da Campanha do Rio Grande do Sul**. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

RIO GRANDE DO SUL. **Lei nº 13.515, de 13 de setembro de 2010**: Institui o Programa Estadual de Desenvolvimento da Pecuária de Corte Familiar - PECFAM, e dá outras providências. Diário Oficial [do Estado do Rio Grande do Sul], Porto Alegre, n. 175, 14 set.

2010, 2 p. Disponível em:

<<http://www.al.rs.gov.br/filerepository/replegis/arquivos/13.515.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2021.

ROESCH, S. M. A. **Projetos de estágio e de pesquisa em administração**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 336 p. 2005.

ROCHA, J. M. da; AREND, S. C. Desenvolvimento e sustentabilidade na agricultura da metade Sul do RS: parâmetros, objetivos e limitantes da produção agroecológica. In: **VIII Seminário Internacional sobre Desenvolvimento Regional: Territórios, Redes e Desenvolvimento Regional: Perspectivas e Desafios**, Anais, Santa Cruz do Sul, 2017.

Disponível em:

<<https://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sidr/article/view/16303/4351>>. Acesso em 15 jan. 2021.

ROCHA, A. G. P.; PAULA, A. M. H. de. O uso do conceito de território na perspectiva do desenvolvimento rural. **Desenbahia**, Salvador, v.4, n.6, p.123-139, mar. 2006.

SANTOS, C. F. Dos et al. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 33-52, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2014000200004>

SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL – Observatório Social de América Latina - Debates**, Buenos Aires, v. 6, n.16, p. 250-261, jan./abr. 2005. Disponível em:

<<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em 25 dez. 2020.

SAQUET, M. A. O desenvolvimento numa perspectiva territorial, multidimensional e democrática. **RESGATE: Revista Interdisciplinar de Cultura**, Campinas, v. 19, n. 21, p. 5-15, Jan/jun., 2011. DOI: <https://doi.org/10.20396/resgate.v19i21.8645701>

SAQUET, M. A. *El desarrollo en una perspectiva territorial multidimensional*. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 02, n. 01, p.111-123, 2013.

SAQUET, M. A. As diferentes abordagens do território e a apreensão do movimento e da (i) materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007.

SAQUET, M. A. As relações de poder e os significados do conceito de território. In: SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Outras Expressões, Cap. 1. P; 27 a 35, 2013.

SCHNEIDER, S. Teoria social, agricultura familiar e pluriatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 18, n. 51, p. 99-122, 2003.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-69092003000100008>

SCHLEE, A. G. **Dicionário da Cultura Pampeana Sul-Rio-Grandense**, Volume Completo. Pelotas: Fructos do Paiz, 992 p. 2019.

SCHNEIDER, S. Agricultura familiar e emprego no meio rural brasileiro: análise comparativa das Regiões Sul e Nordeste. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, v. 11, n. 22, p. 217-244, 2006.

SCHNEIDER, S. Território, Ruralidade e Desenvolvimento. In: VELÁSQUEZ LOZANO, Fabio.; MEDINA, Juan Guillermo Ferro. (Orgs.). *Las Configuraciones de los Territorios Rurales en el Siglo XXI*. ed. 1, Bogotá/Colombia: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, v. 1, p. 67-108, 2009. Disponível em: <<https://silo.tips/download/territorio-ruralidade-e-desenvolvimento-1#>>. Acesso em 21 dez. 2020.

SCHNEIDER, S. Reflexões sobre diversidade e diversificação-agricultura, formas familiares e desenvolvimento rural. **RURIS - Revista do Centro de Estudos Rurais-UNICAMP**, Campinas, v. 4, n. 1, p. 85 a 131, 2010.

SCHNEIDER, S.; GAZOLLA, M. Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas. In: GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. **Cadeias curtas e redes agroalimentares alternativas: negócios e mercados da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 520 p. 2017.

SCHNEIDER, Sergio. A presença e as potencialidades da agricultura familiar na América Latina e no Caribe. **Redes: revista do desenvolvimento regional**. Santa Cruz do Sul, RS. Vol. 21, n. 3, pt. 2, p. 11-43, 2016.

SCHNEIDER, S.; TARTARUGA, I. G. P. Território e abordagem territorial: das referências cognitivas aos aportes aplicados à análise dos processos sociais rurais. **Raízes**, Campina Grande, v. 23, n. 01 e 02, p. 99 a 116, jan./dez. 2004.

SOUZA, M. A. A. de. Milton Santos, um revolucionário. In: SANTOS, M. O retorno do território. **OSAL – Observatório Social de América Latina - Debates**, Buenos Aires, v. 6, n.16, p. 250-261, jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal16/D16Santos.pdf>>. Acesso em 25 dez 2020.

SPANVELLO, R. M. et al. A problemática do envelhecimento no meio rural sob a ótica dos agricultores familiares sem sucessores. **Desenvolvimento em Questão**, v. 15, n. 40, p. 348-372, 2017.

TEIXEIRA, J. C. Modernização da agricultura no Brasil: impactos econômicos, sociais e ambientais. **Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros**. Seção Três Lagoas, p. 21-42, 2005.

TORRES, J. E. H. A pecuária familiar, uma realidade pouco conhecida: estudo de caso sobre a caracterização e análise socioeconômica da pecuária familiar no município de Santana do Livramento/RS. **Série Realidade Rural**, Porto Alegre/RS, v. 34, 2003.

TROIAN, A.; BREITENBACH, R. Estratégias e formas de reprodução social na agricultura familiar da Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul. **Novos Cadernos NAEA**, v. 21, n. 1, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v21i1.3269>

TROIAN, A., TROIAN, A., OLIVEIRA, S. V., PEREIRA, J. C. Desempenho dos municípios do Rio Grande do Sul na execução dos recursos do PNAE com a agricultura familiar. **Revista de Economia e Sociologia Rural**, 58(3), 2020. DOI: <https://doi.org/10.1590/1806-9479.2020.204558>

TRAÇA, R. R. et al. As percepções e limitações acerca do conceito de sustentabilidade: um estudo com agricultores familiares. **COLÓQUIO-Revista do Desenvolvimento Regional**, v. 19, n. Edição Especial 1 (SOBER), março, p. 70-84, 2022.

VEIGA, J. E. da. Agricultura familiar e sustentabilidade. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, v. 13, n. 3, p. 383-404, 1996. DOI: <http://dx.doi.org/10.35977/0104-1096.cct1996.v13.9009>

VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo; guia prático DRP**. Brasília: Secretaria da Agricultura Familiar, MDA. 62 p. 2006.

VINUTO, J. A. amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, 2014. DOI: [10.20396/tematicas.v22i44.10977](https://doi.org/10.20396/tematicas.v22i44.10977).

WANDERLEY, M. de N. B. Raízes históricas do campesinato brasileiro. In: **XX encontro anual da ANPOCS**. GT 17. Processos Sociais Agrários, Anais. Caxambu, MG. out de 1996. Disponível em: <<https://www.unifal-mg.edu.br/geres/files/Texto%205.pdf>>. Acesso em: 10 jan 2021.

WAQUIL, P. et al. Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: a ressignificação de uma categoria social. In: WAQUIL, P. D.; MATTE, A.; NESKE, M. Z.; BORBA, M. F. S. **Pecuária familiar no Rio Grande do Sul: história, diversidade social e dinâmicas de desenvolvimento**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 1ª edição, p. 11-16, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 200 p. 2005.

ZAMITH, S. M. A.; ALBUQUERQUE, M. C. de Q. O Modelo de Desenvolvimento Sustentável Promovido pela Agricultura Familiar em Função da Preservação do Meio Ambiente. **Revista de Direito Agrário e Agroambiental**, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 23-41, 2016. DOI: <http://dx.doi.org/10.26668/IndexLawJournals/2526-0081/2016.v2i1.570>

APÊNDICE A – Roteiro de entrevistas para agentes de desenvolvimento

1. Nome:
2. Idade (em anos):
3. Grau de escolaridade:
4. Instituição que trabalha:
5. Há quanto tempo exerce sua função?
6. Quais atividades desempenha em seu trabalho?
7. Quais atividades são relacionadas com a agricultura familiar agroecológica?
8. Participa de projetos ou programas específicos de agricultura e/ou pecuária familiar agroecológica? Se sim, quais?
9. Quais as principais características dos agricultores e/ou pecuaristas familiares agroecológicos que você atende?

- Aspectos sobre o território Pampa Gaúcho:

Atributos físicos	Definição de território a partir da interação dos humanos com o espaço.	10. Qual a importância de atributos naturais e físicos (ambiente natural, relevo, clima, fauna, flora, etc.) na agricultura familiar agroecológica?
Atributos imateriais	O pensamento de território a partir das relações entre as dimensões imateriais, culturais e simbólicas com os espaços.	11. Qual a importância de atributos imateriais e abstratos (modo de vida, cultura, tradições, conhecimento, saber-fazer) na agricultura familiar agroecológica?
Questões econômicas	A inserção de território no amplo campo dos estudos de economia, do planejamento e da geografia do desenvolvimento.	12. Em uma perspectiva econômica, qual a importância dos atributos territoriais na agricultura familiar agroecológica? 13. Os atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho impactam a agricultura familiar agroecológica? Se sim, de que maneira?
Sobre o Pampa Gaúcho	Perspectivas sobre desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho.	14. Você pode definir a relação dos atributos materiais e imateriais do Pampa Gaúcho com a agricultura familiar agroecológica? 15. Como você enxerga o Pampa Gaúcho e qual a importância deste território à você?

- Aspectos sobre a agroecologia e práticas agroecológicas:

16. Quais são as vantagens e oportunidades da agroecologia no Pampa Gaúcho?
17. Quais são as desvantagens e desafios da agroecologia no Pampa Gaúcho?
18. A agroecologia pode contribuir com a preservação/manutenção do território Pampa Gaúcho?

APÊNDICE B – Roteiro de entrevistas a agricultores e pecuaristas familiares agroecológicos

- Caracterização familiar:

1. Nome:
2. Idade (em anos):
3. Grau de escolaridade:
4. Estado Civil:
5. Quantas pessoas residem na unidade?
6. Conte como começou sua atividade na agropecuária?
7. Há quanto tempo sua família está nessa atividade?
8. O que motiva você e sua família a se dedicar a atividade?

- Caracterização da unidade familiar de produção:

9. Município de localização:
10. Localidade/bairro:
11. Área total da unidade de produção familiar?
12. A unidade é própria?
13. Possui área de arrendamento?
14. Quais culturas são praticadas?
15. Quais atividades são praticadas comercialmente?
16. Quais atividades são praticadas somente para subsistência da família?
17. Quais formas de comercialização de produtos utiliza?
18. Participa de programas de políticas públicas?
19. Distância da unidade familiar de produção ao centro urbano ou de consumo?

- Aspectos sobre o território Pampa Gaúcho:

At ri bu to s fís ic os	Definição de território a partir da interação dos humanos com o espaço.	20. Como você define o lugar (físico) que reside e produz? 21. Existe algum sentimento entre o agricultor (homem) e a unidade familiar de produção (ambiente)? 22. Qual a importância de atributos naturais e físicos (ambiente natural, relevo, clima, fauna, flora, etc.) em sua vida e atividade produtiva?
--	---	--

A t r i b u t o s i m a t e r i a i s	<p>O pensamento de território a partir das relações entre as dimensões imateriais, culturais e simbólicas com os espaços.</p>	<p>23. Como você define o espaço (abstrato) que reside e produz?</p> <p>24. Qual a importância de atributos imateriais e abstratos (modo de vida, cultura, tradições, conhecimento, saber-fazer) em sua vida e atividade produtiva?</p> <p>25. Em suas atividades produtivas, como é a influência de aspectos culturais como modo de vida, saber-fazer e conhecimento antigo?</p>
Q u e s t õ e s e c o n ô m i c a s	<p>A inserção de território no amplo campo dos estudos de economia, do planejamento e da geografia do desenvolvimento.</p>	<p>26. Em questões econômicas, qual a importância do território em sua atividade produtiva?</p> <p>27. Baseado em sua experiência, é possível assegurar sua reprodução a partir do uso do território?</p> <p>28. Os atuais rumos da atividade agropecuária no Pampa Gaúcho impactam sua vida e atividade produtiva em questões econômicas? Se sim, de que maneira?</p>
S o b r e o P a m p a G a ú c h o	<p>Perspectivas sobre desenvolvimento territorial no Pampa Gaúcho.</p>	<p>29. Você pode definir a relação do território Pampa Gaúcho com a vida de sua família, bem como, com a sua atividade produtiva?</p> <p>30. Pensando no Pampa Gaúcho em um grande plano, qual o seu sentimento pelos atributos materiais e imateriais que são encontrados neste território?</p> <p>31. Como você enxerga o Pampa Gaúcho e qual a importância deste território à você?</p>

- Aspectos sobre a agroecologia e práticas agroecológicas:

32. Em sua unidade familiar de produção, qual a porcentagem ocupada pela agricultura agroecológica?
33. Quais motivos o levaram a desenvolver as atividades da forma como vem fazendo?
34. A renda oriunda da produção é suficiente para o sustento da família?

APÊNDICE C – Diário de Campo

Apresentação

O presente diário de campo trata-se de uma das técnicas de coleta de dados utilizadas na pesquisa de minha dissertação. Mais precisamente como subsídio ao ato da entrevista, complementando a técnica de observação não participante. A escolha por essa técnica se justifica pelo fato de possibilitar o registro da descrição e da percepção por parte do pesquisador, servindo para auxílio na análise e triangulação dos dados registrados. As descrições e percepções aqui registradas, foram coletadas no ato da entrevista/visita ao participante, de forma a registrar maior número de informações e assim dar maior riqueza aos detalhes.

Entrevista 01 – Agricultor Familiar

Data: 12 de outubro de 2021 (Terça-feira)

Hora: 14h

Local: Dom Pedrito, Lagoa do Forno – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção da Família Wrasse, em Dom Pedrito/RS.

Logo após o almoço de terça (feriado de Nossa Senhora Aparecida), me desloquei (utilizando de veículo particular) no sentido Oeste-Leste via BR293, a partir do trevo de acesso à Dom Pedrito. Percorri cinco quilômetros até chegar na UFP, local de minha primeira entrevista referente a pesquisa de mestrado.

O local também é conhecido como “Campo dos Moranguinhos”. Ao chegar no local, fui recebido por Wagner, de forma simpática e hospitaleira, que convidou a entrar. Sentamos no sofá da varanda e ali começamos os preparativos para a entrevista. A conversa começou de forma tranquila e descontraída. O entrevistado (AF01) contava sobre seu recente uso de óculos (isso ao perceber que também faço uso de óculos).

Assim, apresento o tema ao entrevistado, enquanto observo uma residência hospitaleira, cuidada à capricho, com um bonito jardim a frente, próximo ao portão de entrada da UFP e a um dos açudes de captação hídrica.

A esposa Patrícia e o filho Toni, me fazem um cumprimento, de forma tímida, do tipo sem querer atrapalhar a conversa. O entrevistado se demonstra tranquilo quanto às respostas, salvo em algumas partes, onde refiz a pergunta, explicando melhor sobre o tema.

Durante a entrevista, fomos interrompidos algumas vezes. Ora por clientes que buscavam morangos, ora pelo rapaz que auxiliava nas atividades produtivas, e ainda pelo telefone do entrevistado. Wagner brinca enquanto conversa ao telefone: “*estou importante, pessoal da UNIPAMPA está aqui, depois retorno...*”

Como um pouco mais de uma hora de gravação de áudio, agradeço ao entrevistado pela atenção e disponibilidade e encerro de fato as perguntas. Solicito uma breve caminhada pela UFP, começando pelas estufas de morango, principal produto comercializado pela família. Momento em que a bateria de minha câmera fotográfica termina, restando fazer as fotos com o aparelho celular, sem prejuízos para o registro de imagens.

As benfeitorias eram com estrutura de madeiras e cobertas com plástico transparente, próprio para tal finalidade. Já os canteiros no interior da estufa, eram montados no sistema semi-hidropônico, à meia altura do solo. O que também facilita o trabalho, pela postura.

Fiz algumas fotos e pedi para seguir caminhando pela UFP, foi quando comecei a Travessia. Segui caminhando na direção Norte-Sul, passando pelos canteiros destinados ao cultivo de melão, localizados entre outro açude e a estrada interna, a qual se limita costeada por uma linha de mato formado por árvores nativas.

Seguindo, caminhei até o arame do fundo, chegando ao campo de flores “Sempre-vivas”, outra produção de destaque da família. Logicamente, fiz vários registros fotográficos, que ficaram muito bonitos inclusive.

Nesta altura da travessia, além do ambiente de cultivo, me deparo com alguns primeiros mamíferos: preás correndo pela linha de mato e por entre os canteiros, e lá no fundo percebo um rápido movimento, uma lebre corre passando o arame que divide os campos e se vai pelo mato. Tudo isso antes de eu conseguir boas fotos, pois careço de técnicas e ferramentas para a fotografia de animais. Eles não esperam (risos).

Na sequência, avisto várias aves, podendo destacar: Cardeal, João-de-barro, Pardal, entre outras. Abelhas e outros insetos se fizeram presentes. Atravesso a linha de mato e visito mais plantações de morangos, desta vez cultivados no sistema de túneis, em uma área localizada ao lado da unidade da família, arrendada pelos agricultores.

Retorno à casa e encontro Vagner, que conta sobre outros animais já avistados na propriedade familiar (UFP), como por exemplo, o Tamanduá. Bem ao lado de nossa conversa, num campo de futebol utilizado como lazer pela família e amigos, um casal de Pica-paus de Cabeça Amarela se destaca entre outros pássaros.

Recolho meu material e não deixo de aproveitar a oportunidade para comprar morangos, muito bonitos e saborosos. Ao todo, entre a entrevista e o passeio, se passaram cerca de duas horas e meia. Logo me despeço da família, pois o Toni queria pescar, afinal era feriado e o pequeno queria a atenção do pai.

Assim, subi em meu carro, contornando o açude da frente da UFP, andando ainda cerca de 100 metros pela estrada de acesso até a BR293. Ao total do deslocamento, percorri neste primeiro dia de campo, 10 quilômetros de estradas.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Ao realizar a entrevista, foi possível perceber a atenção desprendida pelo entrevistado para com seu trabalho, sua atividade de produção de alimentos. Os destaques ficam para morango, flores e melão.

Quanto ao agricultor, demonstra conhecimento e habilidade no que tange às questões produtivas sobre técnicas, sobre comercialização. Mas principalmente, em relação à agroecologia e seus preceitos, muito embora, careça dos conceitos, noções e definições pertinentes.

O entrevistado deixa claro, qual motivo que lhe faz trabalhar nesta atividade: ficar satisfeito em produzir alimentos, em um contexto saudável para seus clientes. Entretanto, algumas dificuldades foram percebidas durante a entrevista. Principalmente no que tange à conceitos e definições como a agroecologia, território, atributos (características) físicas e abstratas (materiais e imateriais, respectivamente).

Outra questão que merece reflexão, diz respeito à percepção do entrevistado em relação ao território. Foi respondido que é importante, mas falta essa clareza, falta o pertencimento ao espaço, ao Pampa. Um pouco disso pode ser explicado pela origem da família, vinda da região Central do estado, que chegaram em Dom Pedrito em busca de oportunidades e encontraram na agricultura (hortaliças), uma forma de trabalho digna e rentável.

Sem apegos culturais, mas de entendimento sobre a importância da relação ou interrelação do homem (sociedade) para com o meio (ambiente). A família tem consciência da importância de seu trabalho e da capacidade que suas ações agroecológicas podem ter na sociedade. Mesmo que essas ações sejam “fora do conceito”, no sentido de desconhecimento teórico, porém com ampla utilização prática.

Entrevista 02 – Pecuarista Familiar

Data: 16 de outubro de 2021 (Sábado)

Hora: 14h

Local: Bagé, Distrito de Palmas – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção da Família Colares, em Bagé/RS.

Saímos de Dom Pedrito pouco antes do meio-dia. Digo saímos porque tive a companhia de minha companheira Mariane, durante essa viagem. Rumamos no sentido Dom Pedrito-Bagé (Oeste-Leste) percorrendo 78 quilômetros pela BR293, passando pelo município de Bagé (sede urbana) até chegar na BR153.

Agora na direção Bagé-Caçapava (Sul-Norte) percorri mais 50 quilômetros pela BR153 até pegar o acesso na estrada de terra. Cabe destacar, que embora já tivesse viajado inúmeras vezes pela BR153, as regiões rurais eram novidades para o pesquisador.

Em contatos telefônicos via *WhatsApp* com a entrevistada, foi passado um itinerário do caminho, de como chegar em sua UFP: “*Saindo de Bagé pela BR153 em direção à Porto Alegre, passa o quilômetro 573 e dobra a direita na estrada de terra. Anda uns 8 quilômetros até o local onde estaremos*”. E assim fiz.

Fiquei feliz ao encontrar a placa informativa de “KM 573”, então era só dobrar e seguir em frente. Ainda não convencido, perguntei a um gaúcho a cavalo que passava no local: “*Onde fica a propriedade da Dona Vera?*” e de pronto respondeu: “*É logo ali, segue reto!*”

Assim, segui pela estrada de chão, passando por cenários e paisagens desconhecidas, mas que, como choveu no dia anterior, me causava preocupação, pois a condição da estrada não era tão boa assim. O que gerou certa apreensão a este motorista ao percorrer o Corredor da Lechiguana.

Vencidas as adversidades, barro, pedras, porteiras, viradas de caminhos de forma erradas, mais porteiras... chegamos ao local indicado. Tive certeza quando cheguei na porteira e vi a placa: “*Não à mineração no Pampa*”. Uma grande luta tramada pela entrevistada, sua família e demais moradores da localidade das Palmas e do território Alto Camaquã, formado pelos municípios de: Caçapava do Sul, Lavras do Sul, Dom Pedrito, Bagé, Hulha Negra, Pinheiro Machado, Piratini e Santana da Boa Vista.

Ao chegar de fato no local combinado, me deparo com D. Vera na porteira do campo: “*Pode entrar, vai lá no fundo, estamos de marcação do gado. Já almoçaram? Tem churrasco lá esperando vocês*”. Enquanto aguardava D. Vera e preparava os materiais para a entrevista, fui recebido por D. Márcia (Irmã de Vera). Vestia uma camiseta de luta contra a mineração, reforçando a causa da região.

Estamos de fato na Unidade Familiar de Produção de Dona Vera Colares, localizada no Distrito de Palmas em Bagé, próximo ao Rio Camaquã, mais especificamente no lugar conhecido como Casa de Pedra. Um conjunto de afloramentos rochosos que se destacam na paisagem com ondulações mais acentuadas, típicas de serra. D. Márcia, nos conta sobre uma das pedras, chamada de Pedra do Elefante. Mas para os nativos, é a Pedra Furada.

É dia de marcação do gado, dos terneiros bovinos. Há uma reunião de pessoas para cumprir a atividade, muitos *pilchados* tipicamente e outros mais a passeio. Enquanto os homens conversam próximo ao fogo de chão, as mulheres descansam na sombra do mato e das tábuas da mangueira (brete). A criançada corre pelo campo.

Conheço Seu Sérgio (tio de Vera e Márcia). Homem tipicamente do Pampa, bem *pilchado*, de chapéu e barbicacho no queixo. Seu Sérgio apronta seu cavalo e se desloca para o potreiro ao lado, onde vai ocorrer o laço e a marca dos terneiros.

Deu tempo ainda de provar um delicioso pedaço de carne de ovelha, assada em fogo de chão, antes de começar de fato a entrevista. Fiz algumas fotos do local, das pessoas e da atividade que se iniciava. Enquanto a Mariane anda a cavalo.

Sentamos, Dona Vera e eu, a beira do arame, na sombra de árvores, em banquinhos de madeira. Ao nosso redor, cachorros ovelheiros e alguns cavalos pastando. Dona Vera usa trajes gaúchos, bombacha e bota, roupa de quem lida no campo.

Começamos a entrevista lendo e assinando o termo de participação e dando início à gravação de áudio, enquanto faço as perguntas. Houve algumas interrupções, por vezes uma pessoa ou outra querendo falar algo com a entrevistada. Outras vezes, seu olhar se perdia de nossa conversa e se encontrava no laço agarrando o terneiro.

E assim se passou a entrevista, feita a campo literalmente. No fundo de um potreiro, perto da mangueira, do brete, do potreiro do laço e cercada por outros piquetes de campo com animais.

A entrevista (gravação) durou cerca de uma hora e vinte minutos. Após a entrevista, iniciou-se uma pequena travessia pelo lote onde estávamos, visto que não seria possível percorrer por toda a UFP, pois são aproximadamente 300 hectares de campo.

Na travessia, saio do local da mangueira me dirigindo até o potreiro de laço, subindo na direção Oeste-Leste até a parte mais alta do lote. Há gado pastando no campo nativo, muito próximos a um pequeno açude e lá no fundo há uma residência.

Ainda na direção Oeste-Leste, cruzando a estrada do Corredor da Lechiguana, está a Pedra do Elefante. O local é de extrema beleza, com campos rodeados de mato e declives de serra, permitindo contemplar uma bela vista. Quanto às atividades econômicas, foi possível acompanhar a lida com bovinos e avistar ovinos em seu ambiente natural, o campo nativo.

Me despeço de Dona Vera e seus amigos, recebendo ao mesmo tempo, convites para retornar, conhecer melhor a região e as pessoas. Saliento a hospitalidade e bom trato que recebi por todos, principalmente por Dona Vera, muito atenciosa e carismática. Ouvir ela falar e argumentar foi uma grata experiência. Entre a entrevista, a visita e a travessia, se passaram quase três horas e preciso assim retornar.

No caminho, ainda no Corredor da Lechiguana pude contemplar belas paisagens e cenários da localidade de Palmas. Fotografei animais: cavalos, ovinos, bovinos, pastando sobre os verdes campos e meio a pedras e morros.

Avistei alguns animais silvestres, como o Ximango, o Cardeal, entre outros pássaros que não identifiquei. A fauna e flora, segundo D. Vera, são riquíssimas e os avistamentos de animais fazem parte do cotidiano da pecuária familiar das Palmas, no Alto Camaquã.

Saindo da estrada de chão, retorno à BR 153, onde me desloco até Caçapava do Sul, por cerca de 80 quilômetros, no sentido Sul-Norte. Aproveito a ocasião para conhecer melhor a região e visitar o Parque Natural da Pedra do Segredo, que por si só, já merece um estudo. Encontro lá, pesquisadores da UFSM, registrando sons dos pássaros para projetos.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Durante a realização da entrevista, tive a oportunidade de ouvir uma figura profundamente apegada e integrada a seu espaço, o Pampa Gaúcho. Em seu caso, o Pampa de pedras, matas e campos, entrelaçados ao relevo da Serra do Sudeste.

Chamou-me a atenção e apreço com que a entrevistada se transpareceu durante a conversa. Tanto com o campo, com os animais, com as pessoas, com a cultura. O conhecimento de suas origens é um fator chave em sua relação com o Pampa. Quem sabe de onde veio, sabe para onde quer ir.

Uma mulher gaúcha, de bota e bombacha, de muita experiência e trabalho. De um conhecimento sobre a lida do campo, sobre a sociedade e sobre as lutas perante as ameaças.

Mas o que leva um indivíduo a ser deste estágio? O pertencimento! É saber a importância de toda e qualquer planta ou animal que ali existe, inclusive nós, humanos.

Enquanto a entrevistava, via uma pessoa atenta à atividade que acontecia em paralelo, a marcação do gado. Pude assistir suas emoções, risos, olhares e o quase choro ao descrever seu Pampa, sua casa, seu lugar de vida e produção.

“*O campo nativo é tudo, é vida!*” – Disse ela várias vezes. E como não concordar? Sua atividade econômica, a pecuária, feita sob o campo nativo, o Pampa, talvez mais preservado que se encontra na região da Serra do Sudeste, embora não tenha o conceito agroecológico, tem seus preceitos, de valorizar os recursos inerentes ao território. E quanto escrevo sobre isso, me refiro à terra, relevo, clima, rios e a tradição, cultura, modo de vida, economia.

Uma cultura que atravessou séculos, que perdura a gerações e começou a atravessar um oceano, só poderia resultar no sentimento que a entrevistada externa, ilustra e defende, faz questão de compartilhar.

Sobre a atividade econômica, criação de bovinos, ovinos e caprinos, é notável o capricho e o trabalho árduo, assim como o respeito e cuidado para com o território em seu mais amplo conceito ou definição. Em seu movimento.

“*Quero que isso aqui perdure!*” – disse ela. Que assim seja. Tudo que vi, ouvi e senti neste dia, é o puro pertencimento ao Pampa e aqui tento transbordar um pouco dessa emoção. Em forma de reflexão.

A visita, quase uma pequena expedição, foi na verdade uma viagem, em forma de passeio. Uma viagem pelo material e imaterial que habitam o Pampa Gaúcho.

Ao retornar, por muitos quilômetros, refleti sobre tudo que pude ver, sobre o vasto mundo naquele pedaço de chão. Percorri assim, literalmente viajando mais de 80 quilômetros até Caçapava, onde passei a noite.

=*Bastidores desse trecho*=

No domingo, conheci a Pedra do Segredo, um lugar indescritível, tal qual a Casa de Pedra, lugar da entrevista. Na região há uma lenda sobre o tal segredo. Se for em relação ao Pampa, é um só e está descrito nessas entrelinhas.

Entrevista 03 – Agricultor Familiar

Data: 15 de Novembro de 2021 (Segunda-feira)

Hora: 10h

Local: Quaraí, Sesmária dos Vasconcelos – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção Beira Rio, em Quaraí/RS.

No feriado de 15 de novembro, saímos de Dom Pedrito às 8h da manhã, direção a Santana do Livramento pela BR 293, sentido Leste-Oeste. Percorri cerca de 50 quilômetros até o trevo da Faxina. Uma bonita manhã, bem ensolarada, nos fez passar tranquila a viagem.

Por volta das 8:30h, tomamos a direção Norte-Sul pela BR 158, seguindo até as proximidades de Santana do Livramento. Às 08:56 da manhã, viramos à direita, saindo da BR 158 e retornando para a BR 293, foram percorridos até aqui 77 quilômetros, restando 108 quilômetros para chegarmos ao município de Quaraí, na Fronteira Oeste do Rio Grande do Sul, que faz divisa com o Uruguai (Artigas) e também fica próximo da fronteira com a Argentina.

Alguns minutos dessa parte da viagem e entramos no trecho por dentro da APA (Área de Proteção Ambiental) do Ibirapuitã. Percorremos cerca de 25 quilômetros em velocidade reduzida e cuidados dobrados, pois estamos em uma APA e os avisos aos cuidados com a fauna eram constantes. Logicamente, também eram uma preocupação minha.

Passado esse trecho, a estrada se alonga e se alonga pelas retas da BR293, que corta o Pampa no sentido Leste-Oeste. Nos levando a passar por verdes campos, povoados de bovinos, ovinos e alguns cavalos.

No trecho avistamos diversos afloramentos de rochas, característica da região, bem como, as chamadas lajes de pedra pelo solo. Em alguns pontos, a rodovia corta as coxilhas pedregosas, expondo a condição do solo, que pode explicar, por exemplo, a resistência do campo nativo à modernização da agricultura, justamente pelas pedras no caminho.

As bonitas paisagens da região, com muitos muros de pedras, rios, arroios e regiões de mata mais fechada, também apresentam questões preocupantes, como por exemplo, a erosão do solo. Erosão esta, “visível de longe”, como diz o Gaúcho.

Pois bem, por volta das 10h chegamos ou nos aproximamos da zona urbana de Quaraí. Nosso primeiro entrevistado é o Seu Márcio, agricultor familiar e pecuarista por prevenção, segundo as palavras dele.

Dicas para chegarmos na UFP: - *“Vai até o posto, retorna pela BR e entra à direita, bem onde tem uns galpão. Passa por uma propriedade que estão plantando uvas, vai sempre seguindo o corredor e a linha de energia elétrica”*. De forma tranquila, chegamos à UFP de nome Beira-rio. A casa de Seu Márcio fica à esquerda, baixando a coxilha.

Seu Márcio nos recebe abrindo a porteira de madeira e nos convidando a entrar. Sentamos em um área no fundo da casa de madeira, ali começamos a conversar e podemos dar início à entrevista.

Durante a entrevista, repetidas vezes foi notório a emoção de Seu Márcio, pois sua casa e atividade estavam muito ligadas a seu pai, que havia falecido dois anos atrás. Assim, de vez em quando, tinha umas pausas para respirar.

A necessidade de cuidar da atividade que o pai outrora conduzia, fez Seu Márcio se dedicar cada vez mais à agricultura. Seguindo princípios da agroecologia, como por exemplo, cuidado com a adubação (compostagem e material orgânico), não usar produtos químicos, respeitar a natureza.

A entrevista durou 48:48 minutos. Márcio nos contou uma informação importante para sua vida e a vida de sua família: a chegada da energia elétrica, há cerca de 15 anos atrás. Isso melhorou a qualidade de vida da família, bem como, permitiu um avanço na atividade de produção de alimentos, instalando irrigação, possibilitando abertura de poço artesiano e a economia com gás para geladeira. Um grande avanço às famílias rurais do Brasil.

Finalizada a entrevista, iniciamos a travessia pela UFP, saindo “das casas”, um lugar bem arborizado e com muito verde, caminhando na direção Leste-Oeste até os viveiros de mudas. Foi possível ver as antigas estufas, fechadas com plástico, mas que já se encontram em desuso, pois para restaurar e deixar em condições de produzir, sairia muito caro, nos conta Márcio.

Seguimos caminhando por bonitos canteiros, com vários tipos de alface, cultivadas em túneis de sombrite, um material perfurado, que faz sombra e deixa arejada a planta. Mais ao fundo, outros cultivos, numa espécie de área de sombrite, com canteiros ao chão. Mais alface, couve, beterraba, pimentão, entre outros.

Destacando a diversificação de culturas, formando um bonito e colorido mosaico de produção de alimentos. Agora descendo na direção Oeste-Leste, passamos por canteiros de cebolas e alguns tipos de tomates: Tomate Gaúcho, Cerejinha e o Coração-de-boi (novidade para o pesquisador).

Seguindo a travessia, voltamos até a residência, caminhando na direção da região mais baixa da UFP. Antes, conhecemos a ovelha de estimação, muito dócil e chorona. Passamos por pequenos galpões, que servem para depósito e casa das ovelhas, entrando numa pequena mangueira de tábuas de madeira, que dá passagem para o campo onde fica uma vaca de leite. O leite é usado para consumo da família, assim como o queijo e doce, tudo para consumo.

Seguimos caminhando até um arame que separa em dois a UFP, dividindo assim o cercado das ovelhas, onde também se encontram tanques de piscicultura. A criação tem vários tanques ou pequenos açudes, onde são criados Carpa-capim, Jundiá e mais recentemente,

Trairão. Seu Márcio nos conta que o mercado de peixes ainda é tímido, mas é uma tentativa de potencial, segundo ele.

Neste local a paisagem do Pampa é muito bonita. No baixo tem os açudes, junto com nascentes e cacimba, cercados por Corticeiras, coloridas e floridas na estação do ano. Conhecemos também o cordeiro “*Samuca*”, um ovino esperto e bem “encrenqueiro”, que no momento de bobeira, dá cabeçada em todo mundo. Até no Seu Márcio.

Retornando a casa, quase meio-dia e o Sol no meio do Céu nos dá um calor danado. No caminho, avistamos velha geladeira a gás, padecendo ao tempo e uma simpática chaleira antiga.

Enquanto recolhi meu material, agradeço a Seu Márcio, sua mãe e sua esposa pela recepção e a forma como nos trataram, muito camaradas e espontâneos. Foram vários os convites para visitá-los: “*Quando passar por Quaraí, chega. Vamos comer um churrasco na sombra*”. Que rico convite!

Na saída, enquanto percorro o corredor, avisto o campo onde é a pecuária de bovinos, campo nativo e bem povoado por arbustos e pequenas árvores. O gado estava bem na porteira, num antigo banheiro, que hoje serve de abrigo à sombra, enfeitado de cactos com flores amarelas.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Durante a realização da entrevista, vi um senhor calmo e tranquilo, conhecedor da lida no campo, bem como de suas responsabilidades. Fica claro que a vida no campo ocorreu por necessidade, ou pelas circunstâncias, pois a vida militar não avançou, a família precisou, já que o irmão foi embora, ele teve que tocar tudo.

Embora seja possível ver relações de pertencimento, de apego à sua casa e atividade, é preciso pontuar pouca ligação com o Pampa. Quando provocado, Seu Márcio não tinha muito assunto sobre território e logo voltava para as questões de produção, como técnicas e comercialização. Senti falta dessa raiz, do apego ao Pampa, do próprio pertencimento ao ambiente que os cerca. Mas cada um com sua trajetória.

Quanto à agroecologia, embora não de posse dos conceitos, vários princípios são aplicados, nas questões ambientais, sociais e econômicas. Cuidados ao ambiente natural, à fauna, à flora, emprego à vizinho, reconhecimento financeiro, são alguns dos princípios percebidos.

=*Bastidores desse trecho*=

Como estava em Quaraí, queria conhecer Artigas no Uruguai, do outro lado da ponte. A pandemia da Covid-19 não permitiu, mesmo estando com as duas doses de vacina, usando máscara e demais cuidados, o protocolo não permitiu cruzar a linha, para mim imaginária, que divide o Brasil do Uruguai, se bem que nesse caso é o Rio Quaraí que faz este papel.

Assim, para o almoço degustamos um típico “Xis” de carne, em um comércio na Praça Central de Quaraí, bem em frente à Igreja Matriz. Um pequeno descanso antes de seguir caminho até nossa próxima experiência agroecológica, a Chácara Rodrigues.

Entrevista 04 – Agricultor Familiar

Data: 15 de Novembro de 2021 (Segunda-feira)

Hora: 14h

Local: Quaraí, Saladeiro – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção Chácara Rodrigues, em Quaraí/RS.

Na tarde do dia 15 de novembro, segui caminho pelo município de Quaraí, indo em direção à localidade conhecida como Saladeiro, pois abrigava uma charqueada no começo dos

anos 1900, quase na divisa com Artigas, Uruguai. Passamos em frente às Ruínas do Saladeiro, fazendo a curva à direita, entrando num corredor estreito onde se localiza a Chácara Rodrigues, nosso entrevistado Florisvaldo.

O agricultor foi indicado pela EMATER do município, pois é uma referência no trabalho com agroecologia, principalmente com hortaliças. Seu Florisvaldo nos recebe e oferece cadeiras na sombra de uma amoreira, bem ao lado de sua casa. Como a área de sua UFP é reduzida, já temos uma visão geral de como são organizadas as atividades.

Começando de fato a entrevista. Seu Florisvaldo acompanhado de sua esposa, é de pouca conversa (até o momento), respondendo apenas o essencial de cada pergunta. Em algumas perguntas prefere nem responder, pulando a questão.

Enquanto conversamos, diversos pássaros cantam ao redor e galinhas também. Ainda durante a entrevista somos presenteados com rapaduras de leite caseiras, feitas pela esposa de Florisvaldo.

A entrevista durou cerca de 35 minutos, pois como dito, o agricultor não era de muita conversa, por vezes de expressão fechada. Logo após encerrar a gravação do áudio, peço permissão para realizar a travessia, acompanhado do agricultor e sua esposa.

Tão logo começamos a caminhada, bem no costado da casa, já tem os galinheiros. São algumas encerras com galinhas, frangos e galo. Os animais são para postura, que gera venda de ovos caseiros. Tem também criação de codornas, onde dos ovos são feitas compotas.

Logo adiante, passando por um pessegueiro, chegamos até uma estufa para alface hidropônica (única cultura que recebe insumos industrializados), que está começando a produzir e ainda não se pagou, como diz Florisvaldo. No pequeno e estreito cercado, há ainda outros cultivos como pimentão, beterrabas, milho, banana e abóboras. Tudo em pequenas quantidades, mas asseguram produção diversificada. De um lado da UFP é um corredor de estrada, de outro, uma linha de mato nativo bem fechada, que faz sombra e protege as plantações da família.

Seguindo a travessia, passamos novamente pela casa da família, entrando no cercado dos fundos. A diversidade de culturas é grande, em um colorido mosaico de canteiros e túneis. Alfaces, couve, acelga, beterraba, tomates, cebola, alho, milho, temperos, pimenta, entre outros tantos. Há pequenas áreas, no corredor das cercas, que são mais naturais, com presença de árvores nativas como a corticeira, além de arbustos.

Seu Florisvaldo conta sobre sua forma de cultivar e do empreendedorismo ao improvisar tratamentos culturais com poucos recursos disponíveis em menos de meio hectare. Na UFP há espaço para composteira de sobras orgânicas, bem como reserva para adubo com palhada e casca de arroz. Na frente da casa, tem pés de uva, árvores de sombra e até oliveiras.

Seu Florisvaldo e a família são pessoas simples, de roupas simples, moradia simples, mas de muito trabalho e envolvimento com a atividade de produzir alimentos. Seu Florisvaldo, a essa altura já bem falante, parece que se enturmou comigo, conta bastante sobre sua relação com a agricultura, com os recursos naturais e o amor pela atividade.

Nos contou também que antes de ser agricultor, era leiteiro e arrendava uma outra propriedade bem perto de sua atual. Sua UFP atual tem uma história curiosa, pois comprou de um terceiro e quando foi regularizar descobriu que era área verde, localizada nas margens de uma estrada de acesso ou corredor. Mas essa situação está bem encaminhada e resolvida junto à prefeitura, que está legalizando toda a questão.

Seu Florisvaldo é bem atuante no grupo dos feirantes, a feira ocorre na Praça Central, nas quartas e sábados. Além de toda a atividade, Seu Florisvaldo possui um canal no *Youtube* (Chácara Rodrigues), onde divulga seu dia a dia, seus trabalhos com a atividade, seus “inventos” sociais e até como fazer, como agir em determinada situação. Segundo ele, a intenção é mostrar para as pessoas como são produzidos os alimentos, criando relação de confiança entre o agricultor e o cliente, que passa a saber o que compra e o que come.

Finalizando a entrevista por volta das 17 horas, adquirimos alface e couve, além de uma bandeja de rapadura de leite, muito boa por sinal. Ganhamos ainda, uma garrafa de água de poço, direto do Aquífero Guarani, bem gelada para refrescar os quase 40 graus que faz nesta tarde ensolarada.

Seguimos em direção ao centro de Quaraí, chegando até a Rodovia BR 293, onde começamos o caminho de volta. Os quase 200 quilômetros depois de um dia movimentado por um lado, mas ao mesmo tempo, de muitas realizações e aprendizados com as experiências conhecidas.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Durante a realização da entrevista, foi possível ter algumas constatações. O agricultor e a família têm ampla aplicação e dedicação nas atividades de produção de alimentos.

Em questões de fatores e princípios agroecológicos, foi possível perceber que sim, são utilizados e aplicados. Principalmente em razão da propriedade ser pequena, cerca de meio hectare. A utilização dos recursos deve ser de maior utilidade possível, respeitando logicamente as questões ambientais e naturais.

Entretanto, no que diz respeito ao território, assim como na entrevista anterior (AF03), nota-se a falta de pertencimento, desconhecimento sobre atributos materiais e imateriais. Embora, estes elementos foram abordados de outra forma, distanciando o entrevistado do território.

O Pampa foi pouco citado pelo entrevistado, o que evidencia a falta de “raiz” com o território ou ainda outra questão. Como exemplo, quando o entrevistado não quis responder sobre o sentimento que sente ou poderia sentir em relação à sua UFP. Aqui talvez a reflexão deva ser feita em maior perspectiva, ou em outra abordagem.

=Bastidores desse trecho=

Ao sair de Quaraí, em direção à Livramento, dei uma olhada na gasolina e a princípio daria tranquilamente para fazer o trajeto. O veículo vinha tranquilo, cortando o Pampa pela BR 293, até que notei que o ponteiro estava baixando rápido demais.

Fui diminuindo a velocidade. Desliguei o ar, mas o carro entrou para reserva. Me apavorei! Não pegava sinal de telefone, nem internet... Mesmo assim, consegui chegar a Santana do Livramento, abastecer e seguir caminho à Dom Pedrito. Fim do dia e dos 400 quilômetros de estradas pela Pampa.

Entrevista 05 – Agricultora Familiar

Data: 18 de Novembro de 2021 (Quinta-feira)

Hora: 08h

Local: Santana do Livramento, Vigia – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção Rancho Canela do Mato, em Santana do Livramento/RS.

Na manhã do dia 18 de novembro, saí de Dom Pedrito bem cedo, por voltas das 6 horas da manhã de bonito dia. Tomei a BR293 em direção à Santana do Livramento, sentido Leste-Oeste, me deslocando cerca de 50 quilômetros até o Trevo da Faxina. Viro à esquerda e sigo pela BR158, percorrendo cerca de 40 quilômetros para chegar até próximo de Santana do Livramento.

A visita desta manhã, é uma unidade situada nas proximidades da Ferradura dos Vinhedos, na localidade de Vigia. Um fato curioso é que quase atrasou a entrevista, foi o de me perder na estrada, à procura do corredor que levaria até o Rancho. Superada esta pequena

adversidade, chego ao portão do Rancho e aguardo até ser recebida pela Keli, idealizadora do projeto e dona do empreendimento.

Logo de cara, me deparo com uma organizada, bem cuidada e muito bonita UFP. Uma pequena caminhada até a casa principal e fomos recepcionados pelo “Hugo”, Pastor Alemão, um filho de Keli.

Keli, uma pessoa muito educada e receptiva, nos convida a entrar e se sentar à mesa e assim iniciamos a entrevista. Ela nos conta sobre suas experiências, pessoais, profissionais e acadêmicas, e de como estas vivências influenciaram e ajudaram a ter a ideia do projeto agroecológico.

O fato de poder produzir sua própria comida e ter liberdade, ajudou a ideia a sair do papel e o projeto ganhou vida. Keli escolheu a agroecologia para balizar sua vida e sua produção, justamente pelas experiências que teve, ciente do caminho que estava começando a trilhar. Esta é uma diferença para os outros entrevistados até aqui, pois os meios levavam até a agroecologia. Neste caso, a agroecologia levou até os meios.

A entrevista durou cerca de 50 minutos, um pouco mais que isso, onde foi possível ver uma pessoa muito ligada à agroecologia e ao processo que ali na UFP é desenvolvido. Mas também se deixou perceber com pouco apego ou pertencimento ao Pampa Gaúcho, não se identificando com o território. Ela diz não pertencer, ou não criar raízes. Eu digo que ela me parece uma cidadã do mundo, que hoje vive no Pampa e tem um lindo projeto agroecológico.

Após a entrevista, Keli nos aponta alguns lugares para conhecer e permite que faça a caminhada pela UFP, começando assim a travessia. Saindo das casas, passo pelo campo de frutas, pêssego, amora, goiaba etc. Seguindo a caminhada em direção ao fundo da UFP, desço acompanhando o relevo inclinado, usando de uma “escada” de pedras até o lugar onde há um poço e uma piscina natural, como um reservatório de água. Água esta, potável, até bebi um copo, direto da fonte.

Segui rumo, em direção à uma estufa com cultivos de tomate, morango, abóboras... Havia muitos pássaros e abelhas, convivendo de forma tranquila e harmoniosa junto à produção de alimentos.

A travessia avança pela UFP, passando por uma construção antiga, parte em desuso e ruínas, que era de um antigo tambo. Caminhei até o alto da coxilha, que abriga os parreirais de um lado e as oliveiras de outro, se estendendo até a parte final do caminho. Ao final da UFP, um pequeno córrego, cercado por uma mata nativa e bem preservada, forma uma linha em meio ao campo, dividindo a cerca com os vizinhos.

Retorno, fazendo o mesmo trajeto até a piscina natural, onde tomo outro caminho em direção à loja container que funciona na UFP. Nesta área há muitas atrações para os visitantes, como: um bosque de eucaliptos em reflorestamento e manejo agroecológico, um jardim de temperos e especiarias, canteiros com diversas hortaliças entrelaçadas com a agrofloresta que já está em implantação, utilizando a metodologia SAF (Sistema Agroflorestal).

Neste espaço há também, áreas para oficinas sobre agroecologia, onde é possível viver um pouco da experiência, composteira, entre outras. Tudo muito bem-organizado, limpo e cuidado, dando um charme especial ao lugar.

Já na loja container, Keli nos mostra e explica sobre seus produtos: sucos, néctar, geleias, farinhas e por aí vai, uma infinidade de opções. Há também produtos de seus vizinhos e parceiros, como queijos (de ovelha inclusive), vinhos, frutas, temperos, artesanatos etc. Segundo Keli, uma parceria que dá certo.

Na oportunidade, degustamos queijos *Etchekoa*, *Feta* e o *Doble Chapa*, meio queijo ovino, meio queijo bovino, temperado com geleia de amora produzida no rancho. Até compras fiz!

Logo após, começamos a nos preparar para voltar a estrada, mas não sem antes ver outro projeto do Rancho, o plantio de árvores por crianças. Cada árvore tem o nome de quem plantou, eternizando a ligação entre homem e natureza.

Conhecemos boa parte da UFP, que tem área de 60 hectares, aproximadamente. Antes de voltar à cidade, seguimos pelo corredor até outro “canto” da UFP. Onde há um bonito pasto, bem verde, está a árvore que dá nome e é o símbolo do Rancho, uma Canela-do-mato. Enraizada em meio às lajes e blocos de pedras, um exemplo de resiliência no Pampa.

Retornamos assim, pela estrada do corredor da Vigia, até ao asfalto da Ferradura dos Vinhedos. Dali fomos para Livramento almoçar, pois a visita que estaria programada para durar duas horas, acabou durando a manhã inteira, dada a quantidade de atrações para ver e paisagens para admirar que encontrei. As conversas com a Keli foram muito interessantes e despertaram reflexões importantes, relatas a seguir.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Durante a realização da entrevista, pude conhecer uma pessoa dedicada e aplicada profundamente ao seu projeto, tornando este, sua vida. A unidade visitada é um lindo espaço de natureza, cuidado em cada cantinho e espaço disponível. Tudo tem uma função, um papel. Cada recurso tem sua importância no equilíbrio geral.

Assim, no que diz respeito à agroecologia, talvez essa seja uma unidade modelo, um exemplo a ser seguido. Isso em questões de como enxergar o território, aplicando-o à produção de alimentos agroecológicos.

Há um aproveitamento dos recursos, equilibrado ao mesmo tempo com a manutenção e preservação do local, do espaço, da vida no ambiente natural. Há também muitas atividades em curso no Rancho. Eventos, aulas, visitas, degustações, todos buscam estreitar o contato das pessoas com a agroecologia.

Cria-se assim, uma relação entre homem e ambiente, uma aproximação nítida no projeto de plantio de árvores por crianças, que ainda ganham placa de identificação junto à árvore plantada, criando uma ligação e relação de apego à sua “cria”. A proprietária, muito empreendedora, usa de sua experiência pessoal, acadêmica e profissional, para ousar em suas atividades, coordenando de forma muito clara e concisa o projeto.

Em tempo, no quesito “território”, notei uma questão específica, que chama a atenção. Ela (proprietária) não se sente parte do território, no sentido de pertencer. Fato um pouco estranho, até mesmo por toda experiência aliada ao conhecimento que possui. Ela tem clareza sobre o Pampa Gaúcho, como um território, mas não tem raízes. Comentou que se precisar sair de seu lugar, sairá sem grandes problemas.

Embora, ciente dessa questão, em uma espécie de autocrítica, reconheça esse caso e tenha ciência da importância do Pampa para a sociedade local, economia e ambiente. É uma forma diferente de território, como se onde ela estiver, leve os seus próprios territórios, o seu lugar.

=Bastidores desse trecho=

Me passei da entrada para o Rancho. Mesmo próximo da cidade não há sinal de telefone ou internet. Não há território sem conexão, sem ligação, sem rede. Essa questão fica para reflexão, em se tratando de zonas rurais.

Entrevista 06 – Agricultor Familiar

Data: 18 de Novembro de 2021 (Quinta-feira)

Hora: 16 h

Local: Santana do Livramento, Palomas – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, em Santana do Livramento/RS.

Na tarde do dia 18 de novembro, seguindo o dia de compromissos em Santana do Livramento, no final do dia saio do centro urbano, mais precisamente da sede da UNIPAMPA, em direção à Rosário do Sul, pela BR 158, sentido Sul-Norte. Percorrendo cerca de 18 quilômetros até a localidade de Palomas, próximo ao Cerro de Palomas. A UFP fica localizada às margens da rodovia, de fácil e tranquilo acesso.

Ao chegar no local fui recebido pela proprietária, que logo chamou seu marido para atender a visita. Seu Leonel estava trabalhando na “lavoura” em sua unidade, que tem área de um hectare. No local há uma bonita casa, bem construída e segura (por ser próxima à BR).

Fomos bem recebidos e iniciamos a entrevista. Sentamos na varanda da casa, que dava de frente para a estrada e aos fundos, a lavoura e bonitas coxilhas desenhando o relevo levemente inclinado.

Seu Leonel se mostra tranquilo, mas um pouco encabulado ao responder algumas questões da entrevista. De forma geral, suas respostas foram curtas e objetivas. Sendo instigado a falar, dava um pouco mais assunto, nada mais do que isso.

De origens do centro do estado, colonização europeia, o agricultor veio para região em busca de oportunidades, trabalhando na agricultura por longa data. Já teve extensas áreas de cultivo, às quais se dedicava ao cultivo de arroz ou soja, que hoje não pratica mais. Esse é um fato interessante, no caso desse agricultor.

Ele comentou sobre motivos que o levaram a sair desta atividade. Posso citar a questão dos custos altos associados aos riscos da atividade. O custo para produzir seguindo o padrão de modernidade e industrialização é alto, segundo S. Leonel. Inclusive foram muitas dívidas resultantes desses tempos.

Não fazendo mais sentido, o casal troca essa rotina de riscos, por uma vida mais tranquila, mas não menos trabalhosa. Considerando ainda a questão de produzir alimentos saudáveis para seu próprio consumo.

Terminamos a entrevista, de certa forma rapidamente, com cerca de 35 minutos de gravação. Como já relatado, o agricultor falou apenas o essencial.

Começamos assim a travessia, caminhando da frente de sua unidade até o fundo. Logo ao sair da casa já começam os canteiros de hortaliças e temperos. Nesse momento o equipamento de irrigação liga e ameniza o calor forte, sob o sol de verão.

Na unidade, a produção é muito diversificada, respeitando as épocas de cada cultura. Uma pequena unidade, mas que produz frutas (como pêssego, morango, uva, melão, figo, dentre outros), hortaliças (alface, couve, cebolas, batata, beterrabas, radiche, rúcula etc.) e temperos diversos. Tudo é para consumo e comercialização, feita de forma tradicional, inclusive em cidades vizinhas como Dom Pedrito.

Seguimos caminhando, descendo a coxilha. Há encerras para animais, porcos, que servem para consumo da família. São criados também bovinos, para alimentação. Isso tudo na parte de baixo da unidade, onde passa uma pequena e tímida sanga. A água é utilizada para o trato das culturas agrícolas e para o consumo da casa.

Já no fundo da propriedade, na parte mais alta, tem um cercado, já com terra e canteiros prontos para plantio de milho e melão. O agricultor comenta que arrenda outra pequena área para abrigar bovinos e/ou plantio de cultivos. Essa área fica próximo de sua casa, também nas margens da rodovia.

Para terminar a travessia, voltamos pelo mesmo caminho e já com o sol querendo se pôr, Seu Leonel nos leva a conhecer as parreiras e nos conta sobre suco e vinho que produz. É impressionante a quantidade de alimentos que produz em apenas um hectare. No porão da casa, há muitas cebolas e batatas, esperando o momento de serem vendidas ou consumidas. Ao findar a travessia, adquire alguns produtos como: suco, rúcula, doce de figo, cebola e mandioca.

Saindo da UFP, sigo em direção à Rosário até o Trevo da Faxina, cerca de 20 quilômetros, de onde viro à direita tomando a direção de Dom Pedrito, sentido Oeste-Leste, agora pela BR 293. Já é noite, reduzo a velocidade e chego em Dom Pedrito perto das 21 horas do dia 18, encerrando a jornada do dia.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

A entrevista foi mais rápida, comparada às outras. O agricultor muitas vezes durante os questionamentos se distanciava da conversa, respondendo de forma simples, até mesmo com gestos. Curto e grosso, como diz o gaúcho.

Percebo padrões se repetindo, ao passo que quando o ator vem de fora do Pampa Gaúcho, não há consigo um forte sentimento, uma forte emoção que o ligue ao território. Principalmente no que diz respeito aos atributos imateriais, como cultura, tradição e modo de vida do gaúcho nativo.

Cabe relatar, que o agricultor está ligado e ciente da importância dos fatores físicos e materiais disponíveis no território. Muito embora a união de termos como: território e Pampa Gaúcho, não me parecem fazer sentido na realidade deste entrevistado.

Talvez esse fato possa ser explicado, por suas raízes alemãs, que acabam cultuando seu modo de vida particular e não se integrando aos costumes do Pampa. Isso se vê nas roupas, na fala, nos produtos, nos hábitos do casal. O que não os desqualifica, de forma alguma, mas de certa forma os distancia do território e todo imaginário Pampeano.

Quanto à questão sobre agroecologia, percebe-se que esta ciência dita o ritmo da unidade, desde a utilização dos recursos disponíveis, até a forma de pensar e “tocar” a atividade feita pelo casal. Há de tudo um pouco, produção muito diversificada, que ainda carrega traços familiares (mesmo conflitando com o território, como já mencionado). Uso de adubação orgânica, aproveitamento de palhadas, sobras para incorporação de matéria orgânica ao solo, rotação de culturas, uso de nível do terreno, cuidado com a água, dentre outras ações práticas na atividade.

Assim, a agroecologia, ou ainda uma transição agroecológica, faz muito sentido nessa UFP. Mas os fatores imateriais, presentes no Pampa Gaúcho, não são sentidos nesse momento.

Ressalto o semblante do agricultor, calmo, tranquilo e sereno ao ser entrevistado. Mais falante ao acompanhar durante a travessia. Comportamento este, já notado em outras entrevistas / visitas.

=Bastidores desse trecho=

Ao retornar, peguei a estrada já noite. O que me presenteou com um belo retrato da lua cheia sob o Cerro de Palomas, recompensando toda a correria deste dia. Mas durante a noite, minha visão fica curta e turva, principalmente com os faróis contra. Assim a velocidade foi reduzida e a noite contemplada, enquanto a lua acompanhava a jornada. Coisas da vida de um pesquisador.

Entrevista 07 – Pecuarista Familiar

Data: 20 de Novembro de 2021 (Sábado)

Hora: 8 h

Local: Dom Pedrito, Sanga Preta – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, Bioma Tacuarembó, em Dom Pedrito/RS, próximo à divisa com Lavras do Sul.

Na manhã do dia 20 de novembro de 2021, pego a estrada que liga Dom Pedrito a São Gabriel, via RS 630, sentido Sul-Norte, por cerca de 20 quilômetros de uma estrada de chão e

bem “empedrada”. Alguns quilômetros antes da Ponte do Guterres, sobre o Rio Tacuarembó que separa Dom Pedrito de Lavras do Sul, viro à direita em uma estrada de acesso, rodando cerca de mais dois quilômetros até a porteira da unidade alvo da visita.

A sequência da estrada leva à uma região conhecida como Rincão do Inferno, não pela aparência, pois o lugar compõe uma paisagem incrível, mas sim por ser de difícil acesso e isolada. Entro pela porteira e sigo uma estrada pelo pasto, subindo e descendo coxilhas.

No alto de uma dessas coxilhas, há dois pés de tunas (cactos), um de cada lado da estrada, em meio às pedras. Desse lugar, avistou a casa de Seu Paulo, sede de sua unidade. Ao chegar à casa, o local parecia meio abandonado, pelo visual rústico ou integrado à natureza dali.

Seu Paulo, pecuarista, logo sai de sua casa e pega o grito. Um simpático e muito educado jovem senhor. Em frente à casa, há um gramado cercado, bem arborizado, duas cadeiras de madeira e uma mesa de toco de cinamomo. Esse é o local da entrevista, local das reuniões na unidade, contemplando a paisagem pampeana à frente.

Começamos a entrevista de forma tranquila. O entrevistado fala calmo e pausadamente. Explicando e perguntando, sobre a pesquisa e as perguntas. Neste momento, toma nota de meu nome, universidade e tema: “*é pra registro*” – diz ele. E que costuma anotar tudo.

O pecuarista veste roupas simples, de campo, um lenço no pescoço e uma boina. Nos fala um pouco de sua experiência, caminhadas e ideias, começando assim a entender um pouco de seu jeito de tocar a atividade. O homem nos fala sobre a natureza, sobre sua relação com a natureza e que, não é dono ou soberano, mas sim parte daquele espaço, parte de um todo e complexo sistema, ecossistema de vida.

Os preceitos de agroecologia, fervem neste momento, ao vê-lo falar que cada planta, animal ou coisa tem sua função, sua utilidade no ambiente e que cabe a nós, humanos, entendermos essa relação. Assim como nosso papel nesse cenário.

Ele descreve uma cena interessante, que se passa na casa, já antiga com quase 100 anos, em meio a árvores e no meio do campo: “*no umbu moram tatus, no galpão os lagartos, embaixo das casas uma família de zorrilhos. Nas árvores, pica-paus, sabiás, cardeais. A saracura tá no ninho. De vez em quando os capinchos e as emas vem pastar aqui na frente*”.

Seu Paulo conta sobre o respeito aos animais e que não os “come” e nem caça: “*Aqui não se caça e nem pesca, já nem me pede isso!*”. Ele nos conta sobre árvores, são muitas as espécies que rodeiam a casa. Angico, Umbu, Ipês, Cinamomos, Curunilha, dentre outras tantas. Diz que plantou citros como limão e laranja, mas que não vingaram. “*Lógico!*” - diz ele, não são deste ambiente. Então, estão ali as árvores que ali nascem e pertencem.

Assim no que diz respeito à agroecologia, sente-se muito ao estar neste lugar. Aqui se mantém uma relação de parte, parte de um todo, de um grande sistema de vida no campo. Há também, entendimento dos ciclos, de animais e plantas, das épocas de frio e das de calor. Ao respeitar tais relações, o pecuarista cria ou mantém um ambiente equilibrado.

No campo já não há intervenção de máquinas há mais de uma década. Os animais são criados no pasto nativo, com uso de insumos homeopáticos e em casos urgentes, medicamentos. - “*Ciência é ciência e não podemos ir contra*”, diz ele.

Quando se fala em território, a conversa ganha novos ares e um fôlego gigante. Seu Paulo se diz pertencido, enraizado ao seu pedaço de chão pampeano. Tem muito apreço e cuidado por tudo e todos que ali vivem e sobrevivem, respeitando toda e qualquer tipo de relação.

Ele se mostra surpreso com o andamento de minhas perguntas. Diz que todos que o visitam só querem falar de produção, produtos e negócios, como um modelo de receita pronta. O homem comenta que antes de mais nada, é preciso entender o lugar, saber que é um ambiente único e raro.

Ele, emocionado, diz que ali é o bioma dele, o Bioma Tacuarembó! Classifica como um lugar único, entre dois rios, com clima, solo, vegetação própria. Quase uma exceção ou oásis no Pampa.

A conversa flui por muitos assuntos. Inclusive pelos fatores imateriais, que ele diz valorizar e herdar de seus antepassados, cultuando assim sua história e replicando sua família e origens.

No final da entrevista, ele classifica meu estudo como filosófico e diz ter despertado muitas inquietações e ideias e que não tinha vivido essa experiência. “*O que eu sinto por isso tudo? Ótima pergunta, vou anotar!*”. Finalizando a entrevista com aproximadamente 1h e 40min, passamos por uma caminhada por volta das casas, pelo pátio, galpão e mangueira.

A casa, como já descrito, é uma casa antiga, de telha, janelas e portas de madeira, de cor desbotada. Uma história viva! Há um galpão que tem de tudo, ferramentas, equipamentos, arames... Todo serviço é feito por ele e seu filho. Disse que trocou mil metros de arame e tramas, aos poucos, “*não podemos se judiar*” – conta ele.

Por tudo inventos, adaptações à vida do dia a dia, como na mangueira. Desde coisas simples, ao estender uma manga de plástico (tira) para evitar o estresse do animal, à porteira 180°, para facilitar o manuseio do gado e por aí vai.

Retornando a casa, conversamos mais um pouco, disse que hoje não convidaria para almoçar, porque ia vir para cidade. Aos risos. Assim me despeço de Seu Paulo e pago caminho por sua unidade, parando diversas vezes para contemplar a vista e fazer fotos.

Paisagens do Pampa, com gado, com pedras, cactos e arbustos, caraguatá. Aves de diversas espécies, de tudo se vê! Próximo a porteira, paro o carro, caminho até abrir e vejo aquele reboleto nos arbustos. Um baita lagarto correndo pro outro lado da estrada. Retorno assim pela mesma estrada, agora em sentido Norte-Sul, chegando na cidade por volta das 13h de um dia de sol forte e muito calor.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

A experiência de visitar Seu Paulo é gratificante. Homem de muita experiência e observação, de um empreendedorismo nato em sua unidade, cheia de inovações.

Fala muito em ecologia, em entender a vida como ela é, em respeitar as plantas e animais, aplicando isso tudo ao seu negócio, sua atividade produtiva, a pecuária bovina. Aliás, a única atividade, que sustenta toda família.

Ao resistir à modelos prontos, engessados, que desconsideram toda a vida particular de cada espaço e, ao mesmo tempo, suportar pressões de técnicos, vizinhos, sociedade, a família tem um trabalho singular ao que diz respeito ao Pampa Gaúcho, ao seu próprio Bioma Tacuarembó, como ele classificou. Essa talvez, foi a fala mais marcante dessa manhã. Ao ver a emoção, a entoação que o calmo senhor fala e descreve sua vida e seu lugar.

Em tempo, preciso relatar uma de suas preocupações, o futuro de sua propriedade, A questão da sucessão familiar. Ele entende que é difícil resistir ao avanço da modernização e que com o tempo, talvez seu bioma perca para o mundo financeiro da soja.

Como argumento, ele coloca que cada cabeça, cada pessoa, tem um pensamento e uma forma de planejar a vida. Durante boa parte da sua, ele dedicou-se a entender a natureza como um todo. Esse talvez seja o grande desejo dele. Que sua propriedade continue assim, produzindo boi gordo, mas acima de tudo, respeitando todas as relações de formas de vida existentes. E assim desejamos...

Sem dúvida alguma, uma aula à céu aberto do Pampa Gaúcho. Para ouvir e ver, apreciar e sentir um território único, entre os rios Tacuarembós.

=Bastidores desse trecho=

Por todo caminho vi muita vida. Plantas, animais, distância da modernização. Vi sorros, lebres, muitas aves, muitos lagartos e até um capincho, pegando sol no banhado, bem ao pé de uma escola rural abandonada.

Vi descaso também, para com a fauna. Vários animais mortos na estrada, pela rotina do homem ou pela falta de apreço à vida.

Entrevista 08 – Pecuarista Familiar

Data: 20 de Novembro de 2021 (Sábado)

Hora: 16 h

Local: Dom Pedrito, Santa Maria Chico – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, Sítio dos Plátanos, em Dom Pedrito/RS.

Na tarde de sábado, céu azul e sol forte, saio de Dom Pedrito, via BR 293, sentido Bagé, Oeste-Leste, percorrendo 20 quilômetros de asfalto pela rodovia. Viro à direita e sigo por mais um quilômetro e meio, até o local da entrevista / visita, o Sítio dos Plátanos.

Quem nos recebe é Dona Sandra, proprietária do estabelecimento, junto a seu marido. Ela nos cumprimenta sorridente e convida a entrar e tomar uma água, pois o calor é forte. Logo, pegamos cadeiras de madeira e sentamos à sombra de um pequeno galpão. Na estrutura de madeira zangões nos dão as boas-vindas, com uma leve zunida nos ouvidos.

Dona Sandra usa roupas simples, falando de forma tranquila e serena. Mas muito falante e espontânea. Serve um mate, para refrescar o calor, costume do gaúcho. Pra lembrar, no interior da charmosa casa de mais de 100 anos, vejo muitos livros, inclusive de agroecologia.

Ao começarmos a entrevista, ela nos conta o motivo de coordenar suas atividades pautadas na agroecologia. Nos diz que tudo começou no curso de graduação em Licenciatura em Ciências do Campo, concluído em 2018. Nessa época, ela acessou os preceitos da agroecologia e a possibilidade de entendimento das relações de vida no campo. Muito além de um lugar de produção, um complexo ecossistema de vida.

Nos conta que mudou para o campo tempos antes da pandemia Covid-19, e que isso foi uma boa mudança em sua vida. Que o campo a ajudou a enfrentar este momento difícil, o qual ainda vivenciamos, desde o final de 2019. Já estamos no final de 2021.

Aqui na unidade, a atividade principal é a pecuária ovina, criação de ovelhas para produção de lã. O artesanato da lã também é uma das atividades que Dona Sandra desempenha. São aproximadamente 30 anos como artesã. São produzidos casacos, mantas, palas, boinas, fios de lã, dentre outros diversos produtos. Todos carregando a essência do Pampa e a cultura gaúcha. Aliás, a lã é a atividade da família há décadas, atuando no comércio, compra e venda de lã como matéria-prima. Atividade mais relacionada ao marido.

Dona Sandra cuida dos artesanatos, que os chama de “Lã do Pampa”, e da criação dos ovinos em sua unidade de 12 hectares. Também estão começando um projeto de cabanha, para aprimorar e vender genética dos animais para lã.

Outra atividade que está em curso, é o turismo rural. Ainda no início, mas já recebendo visitantes para vivenciar a experiência com as ovelhas, degustar almoço ou cafés e ainda, acampar ou se refrescar no Rio Santa Maria Chico, que passa na parte baixa de sua UFP. Rio este que dá nome à localidade e é um afluente do Rio Santa Maria, de grande importância na região e para Dom Pedrito. A unidade está para ser incluída no projeto Rota do Pampa, que visa desenvolver o turismo no Pampa Gaúcho.

Falando em agroecologia, está presente nas atividades, na forma de pensar e ver o mundo como ele é. Enquanto conversamos um simpático lagarto passeia pelo gramado. Tem vários morando aqui e os proprietários do sítio zelam pelos animais.

Isso faz parte do entendimento das relações existentes no ecossistema. Ela diz – “*temos que saber que aqui somos mais um, junto com animais e plantas!*”. Entre um mate e outro, a entrevista já chega aos finais, com cerca de 1 hora e 40 minutos.

Assim ela nos convida a conhecer sua UFP. Uma bonita e bem cuidada residência rural, uma casa clássica gaúcha, amarela de janelas na cor vinho e telhas de barro.

Um potreiro em frente às casas, é onde as ovelhas passam a noite. Neste local, há dois pés de Almo Plátano, que dão nome ao sítio. Dona Sandra conta que é um espetáculo quando a lua se alinha entre eles, bem na frente da casa, abrilhantando as noites estreladas: - “*Tu precisa ver!*” – Diz ela.

Seguimos a travessia, passando por uma área de visitação, onde são servidas refeições e degustações. Uma área de capim batido, com móveis rústicos e objetos gaúchos, dão um ar nostálgico à visita.

Passamos pelos galpões, onde ficam armazenadas lãs e pelegos, além de equipamentos de uso na atividade. Há também, máquinas de esquila à martelo. Dona Sandra quer fazer o museu da lã, para contar e preservar a história da lã e de sua família.

Caminhamos coxilha abaixo, pelo campo nativo, com caraguatás, costeando o mato nativo até o pequeno rio. Um lugar incrível e muito preservado, com muita sombra e uma água calma e gelada. Aqui vem os visitantes, se integrar a natureza, descansar ou comer um assado tipicamente gaúcho. Ela nos conta de várias ideias que tem para o lugar, como trilhas e passeios, além do ensino sobre preservação do meio-ambiente e agroecologia.

A tarde se finda lentamente e está na hora de voltarmos à casa, apreciando um belo pôr do sol, alaranjado, pintando um lindo quadro na paisagem pampeana. No caminho, ela chama suas ovelhas. Alguns assovios e a movimentação começa. Rapidamente os animais sobem a coxilha até a parte alta do sítio, onde recebem alimentação e passam a noite. É possível alimentar as ovelhas, tocar e interagir com os animais.

“*Se quiser ajudar, sempre tem bastante trabalho*” - diz a mulher sorrindo. Faço uma pequena contribuição, ajudando a dar comida aos machos na cabanha, pessoal agitado esse aqui.

Ao chegar na residência estamos sem luz, nada novo para a região. Mas enquanto tem um pouquinho de claridade visitamos o jardim e uma agrofloresta, ainda bem no começo, na parte de traz da casa, dividindo espaço com pereiras e outras espécies que estão ali há muitas décadas. Um zorrinho caminha lentamente, indicando seu território.

Na casa, elas nos serve um café, na verdade, uma salada de frutas. Ao luxo de luz de velas, pois continuamos sem energia elétrica. Assim, me despeço de Dona Sandra, já à noite e recebendo muitos convites para voltar.

Ah! Sobre o território, faz muito sentido aqui, nos fatores materiais base para atividade, como o campo nativo, solo, água e animais. Mas muito nos fatores imateriais, nos costumes, tradições, crenças e valores. Dona Sandra é benzedeira, típica de povos tradicionais do Pampa. Ela fala em um imaginário fantástico, dando materialismo ao intangível. Um culto às tradições gaúchas.

Assim, atravesso o sítio, passando pelos pés de Plátanos até a porteira da UFP, pego a estrada de acesso e logo chego na BR293. Volto na direção a Dom Pedrito, sentido Leste-Oeste e em alguns minutos chego à zona urbana do município, finalizando assim o dia de pesquisas e experiências.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Ao conhecer a UFP e vivenciar um pouco do mundo particular de Dona Sandra, pude perceber importantes questões. A mudança de padrão da atividade produtiva, a partir da educação e estudos desenvolvidos em uma universidade pública, em um curso voltado para o ensino. Mas o que é a vida, a não ser uma grande lição, um grande aprendizado.

A anfitriã da tarde, aplica conceitos e preceitos da agroecologia para guiar suas atividades e lidas, por entender que assim pode usar de melhor forma os recursos que ali estão disponíveis. Aliando agroecologia à ovinocultura e ao Pampa Gaúcho, tem-se uma receita única, um complemento de todas as partes, integrando atributos materiais e imateriais.

Durante toda a visita, sempre foi possível perceber a emoção na fala e gestos da entrevistada. Tanto ao abordar a atividade em si, quanto às questões do território, da agroecologia, da vida como um todo.

O cuidado, o detalhe, o preciosismo em cada gesto, fala e objeto. O cuidado e respeito para com os animais, cientes da importância deles e da construção necessária para promover confiança. As ovelhas são chamadas por assobios, algumas até pelo nome.

Um imaginário muito grande e forte ficou hoje, e marcou a experiência de visitar o sítio. Uma pessoa receptiva, comunicativa e bem-humorada. Mulher gaúcha, pecuarista e artesã, que da lã tira seu sustento e vida, respeitando o Pampa, seu universo particular.

=Bastidores desse trecho=

O dia começou cedo, uma visita pela manhã e outra à tarde, retornando para casa já noite escura. Gratificante! Uma imersão ao Pampa, ao ambiente e às pessoas, onde a pecuária bovina e ovina se demonstram ser a “chave” da preservação e manutenção do território Pampa Gaúcho.

Entrevista 09 – Agricultor e Pecuarista Familiar

Data: 02 de Janeiro de 2022 (Domingo)

Hora: 9 h

Local: Lavras do Sul, Segundo de Lavras – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, no Passo da Pedra, em Lavras do Sul/RS.

Na manhã do dia 02 de janeiro de 2022, por volta das 7h, saio de casa rumo ao Segundo de Lavras. O deslocamento se dá por um curto trecho de rodovia asfaltada (BR293), até a entrada de São Sebastião, estrada de terra que leva até o Distrito de Torquato Severo, ainda em Dom Pedrito.

Logo na saída o tempo dá indícios de chuva, o que me deixa um pouco aflito, devido às condições da via em pontos específicos. Sigo nessa estrada, até então bem empedrada, em deslocamento sentido Sul- Norte. Próximo ao quilômetro 30 da viagem começam os primeiros pingos de chuva. Olho pelo espelho retrovisor e vejo o tempo “se armando”, como diz o gaúcho, numa cor azul muito bonita.

Por essa parte da estrada, há no alto de uma coxilha, uma antiga mangueira de pedra, herança de tempos passados, que guarda ainda hoje o gado do Pampa. A estrada já se torna de chão batido, com rastros para passagem de veículos, por isso a preocupação com a chuva.

Sigo neste caminho até o quilômetro 35, lugar conhecido como “Canas” pois há um mato de cana (ou taquara). Dobro à esquerda, saindo da estrada principal, agora trecho é de chão batido, com belas paisagens e coxilhas bem dobradas no horizonte.

Entre uma subida e outra, vejo muitos animais que são criados no corredor, pois seus donos não têm terra para criá-los. Esta é uma característica dessa localidade. Bovinos, ovelhas e equinos, pastando livremente sob a chuva, que agora aperta, fecha o tempo. Mas deixa o cheiro de terra molhada, coisa de campo!

Assim, percorridos mais 12 quilômetros, 47 ao total, chego na parte alta do trecho, de onde avisto uma pequena vila, cercada por um rio. O vilarejo se chama Passo da Pedra, tem cerca de 12 casas, divididas em pequenas frações de terra e é banhada pelo Rio Tacuarembó, o qual faz meia volta na vila e segue seu curso. Neste momento, ao cruzar a pequena

ponte já estou no município de Lavras do Sul. Seguindo a estrada, a localidade de Ibaré fica a 20 quilômetros da vila.

Entro na localidade através de um estreito corredor, depois de algumas curvas chego na unidade do Seu Dino, que não estava em casa, tinha ido ao Ibaré, comprar alguns mantimentos que faltavam. De pronto quem me recebe é Dona Odete, companheira de Seu Dino, junto a alguns familiares que foram passar o feriado de Ano Novo no pequeno sítio.

Me foi servido um belo café, feito por Dona Odete. Um café preto acompanhado de um pão caseiro com doce, tinha certeza de estar em casa.

Logo Seu Dino retorna e iniciamos uma longa e tranquila conversa. Uma prosa, como ele diz. Falamos um pouco sobre a vida no campo, sobre o Passo da Pedra, enfim, trocamos várias conversas que por si só já justificam a viagem.

Seu Dino, um pouco sem jeito para conversas formais, uma entrevista por exemplo, fica um pouco com o pé atrás, ao ver o equipamento de gravação de áudio, mesmo assim damos início à entrevista. A qual tive muito cuidado e zelo ao fazer os questionamentos, considerando o momento vivenciado.

Seu Dino, homem de mais de 80 anos, diz que nasceu no campo. Na conversa informal, o senhor me contou que nasceu no meio da pedra e do mato. Isso significa que nasceu ali mesmo, nos arredores da pequena vila.

Localidade esta que tem traços ou resquícios de um antigo quilombo ou povoado de povos tradicionais, dadas as características do lugar, de difícil acesso, entre coxilhas inclinadas, com matas fechadas e pedras, cercada por rios.

Cabe falar também sobre as origens da família negra. Provavelmente de antepassados escravos de estâncias, fugidos ou libertos, chegaram até o Passo da Pedra. Isso tudo colhi da conversa que antecedeu a gravação.

O homem conta que trabalhou toda a vida no campo, em duas frentes, ora de forma autônoma em seu rancho, ora nas estâncias de pecuária da região. Pois a renda não se fazia suficiente para o sustento da família. Por falar em pecuária, esse foi o trabalho, o ofício de uma vida inteira, onde Seu Dino construiu um vasto conhecimento prático da lida no campo.

Os traços de agroecologia ficam evidentes pelo manejo que ele descreve, pouco ou quase sem uso de insumos químicos. Só pasto nativo e piquetes para pastoreio etc. Logicamente, que o termo agroecologia é desconhecido pelo senhor, assim como outros conceitos abordados nesse estudo. Fato que deixa a entrevista mais empírica, ou menos formal, para assim coletar as informações necessárias.

No sítio de pouco mais de 2 hectares, o homem cria vacas de leite e terneiros, para ter o leite de consumo. A égua moura que lhe acompanhou durante muitos anos na lida campeira, além de pequenas aves, como galinhas e gansos, em número bem reduzido. Tinha algumas ovelhas, que já foram vendidas e não pretende mais criar ovino, dado o pequeno espaço que dispõe e o trabalho que os animais dão.

Assim, o senhor não pratica atividades com fins de comércio ou obtenção de renda, salvo algumas ocasiões ou oportunidades de troca. O escambo ainda é usado por estas bandas. Troca-se um produto por outro ou às vezes se dá um presente, diz ele.

Como o casal de idosos são aposentados rurais, se dedicam a atividades para produção de alimentos para o consumo, da forma como podem. Com pouco recurso e baixo nível de trabalho, dada a idade dos dois. Nos fundos da casa, cheia de peças e cômodos, tem uma bonita horta, que por hora sofre com a seca. O anfitrião se alegrou com minha visita, disse que eu levei a chuva (risos).

A horta é cultivada com traços muito fortes de agroecologia, principalmente quando da utilização dos recursos disponíveis, sem utilizar nada externo, só com a força da natureza. É inegável aproximações com um sistema agroflorestral (SAF), que junta pequenas plantas, hortaliças, com árvores frutíferas, chás, árvores de sombra.

E assim, enquanto conversamos, vejo pela porta de madeira uma chuva mansa, caindo na horta de Seu Dino. As plantas agradecem! Tem de tudo um pouco! Milho, abóbora e feijão (característicos de SAF), melão, batata, beterraba, hortaliças, tomates, temperos e chás, junto a pessegueiros, pitangueiras e árvores nativas, como o “*molio*”. Seu Dino ressalta que trabalha com a força da natureza e fé em Deus, que o que for para produzir, assim será.

Os traços sentidos nas práticas agrícolas e pecuárias praticados pelo senhor, estão muito próximos à agroecologia, feitos de empirismo e conhecimentos antigos e adquiridos, passados pelas gerações. Até as sementes, são reutilizadas das plantas da horta, guardadas para o próximo plantio.

Sobre o território, embora sem domínio do conceito, é possível senti-lo durante a entrevista. O pertencimento, o apego, a raiz ao Pampa, ficam evidentes na fala, nas vestes e nas histórias que o velho senhor conta neste pequeno espaço de tempo.

Assim, encerrando a entrevista, com aproximadamente 30 minutos, sou convidado a almoçar. Uma comida típica do campo. Arroz, feijão miúdo (da horta) e carne de ovelha, assada no fogão à lenha, pois a chuva segue caindo. É que coisa boa, sabores e cheiros do Pampa, acompanhados de um doce caseiro de leite e pessegada.

Depois do almoço, começo a travessia pela unidade, saindo pela horta ao lado da casa, caminhando pelo pasto nativo roçado, até o centro do campo, onde há um mato de taquara. Dali se vê todas as direções do sítio. A porteira ao leste, um açude à oeste, vizinhos ao sul e ao norte, abaixo das casas, mato e o Rio Tacuarembó. Os vizinhos estão por todos os lados, caracterizando de fato uma pequena comunidade rural, que tem até armazém.

Sigo a caminhada pelo campo, retorno, passo pela casa e vou em direção ao rio. Passo ainda pelas vacas de leite e seus terneiros. Descendo a coxilha até o mato, que logo fica fechado e tem apenas uma trilha, para chegar até o rio.

O lugar é fantástico, calmo e belo. Descendo um pequeno barranco está o Tacuarembó, de águas tranquilas, com pequenas corredeiras. A profundidade baixa, somada à limpeza da água e a luz do sol (que abriu à tarde), permite ver o fundo de areia do rio, com algumas pedras e pequenos peixes, Lambari eu acho.

Sem demora, entro no rio, com água muito gelada e até bebo um gole nas mãos. Água pura e límpida! Uma riqueza escondida pelas coxilhas dobradas e longínquas distâncias. Acredito que esses fatores inóspitos ajudam a manter e preservar o local.

Retorno a casa e logo me apronto para voltar, pois como choveu, corro risco de ficar na estrada em alguns pontos. Perto das 16 horas, saio do Passo da Pedra, agradecido pela experiência e conhecimentos.

Sigo pelo caminho com algumas dificuldades, o carro não para na estrada escorregadia, numa espécie de dança no barro de cor avermelhada. Sigo pelo corredor, pelo barro e pequenos banhados, passando por animais, pequenas casas, cemitérios antigos, até chegar na estrada de São Sebastião.

Ainda restam 35 quilômetros para chegar em Dom Pedrito. Nesta parte do trecho, a chuva não foi tão localizada, o que não “estragou” muito a estrada, permitindo seguir caminho tranquilamente.

Percorri belos caminhos e paisagens de uma região preservada, com poucos traços de modernização agrícola. Embora essa de faça presente em algumas propriedades. E assim, entre pedras, cactos e coxilhas, retorno para Dom Pedrito, depois de percorrer aproximadamente 90 quilômetros entre ida e vinda. Chegando assim, na cidade perto das 18 horas.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

A entrevista com Seu Dino, foi calma e tranquila. Digna de um senhor que já passou dos 80 anos. Contudo, foi uma experiência forte, ouvir as falas de um indivíduo, negro, que nasceu no meio do mato e da pedra, como ele próprio brincou em conversa preliminar. Cabe

destacar essa questão, de ser uma pessoa oriunda do Pampa e de suas raízes, sempre ligadas à questão rural e a vida no campo.

Outra situação interessante, é o fato de ser uma pessoa rural aposentada. Assim a aposentaria é sua renda, enquanto a produção, tanto agrícola, quanto pecuária, fica em caráter de subsistência ou complemento para a alimentação e manutenção do casal e da casa, no geral.

Esta condição não o desqualifica como agricultor ou pecuarista familiar. É óbvio que não! O seu modo de vida diz muito sobre essas categorias sociais e representa diversos atores do cenário rural, que são negligenciados ou invisíveis aos processos e movimentos da agropecuária. Mas quantos Dinos há por estes pagos? Eu diria, um número indefinido.

No que diz respeito ao território, embora sem conhecimento algum de conceitos, vejo forte ligação. Principalmente no pertencimento, no sentimento do homem para com o seu pedaço de chão. O seu rincão. Vivera por décadas como peão de estância, campeando coxilhas e boiadas, trajado no capricho, com respeito ao serviço. Isso tudo dito por ele.

Já a agroecologia, é espontânea e natural em sua vida. São coisas que os antepassados e a vida lhe ensinaram. O trato com a terra, plantas e a lida com animais. Tudo é natureza, disse ele várias vezes, a natureza de Deus. E claro, do Pampa Gaúcho!

=*Bastidores desse trecho*=

Um dia que começou nublado e cinza, eu levei a chuva até o rincão. Ganhei de presente uma bela experiência, um bueno de um almoço e um banho de rio.

E a volta? É sabido que a estrada não é das melhores e as vezes se fica pelo caminho. O que não aconteceu, deu tudo certo. São e salvo!

Entrevista 10 – Agricultora Familiar

Data: 09 de Janeiro de 2022 (Domingo)

Hora: 9 h

Local: Hulha Negra, Assentamento Conquista da Fronteira – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, no Assentamento Conquista da Fronteira, em Hulha Negra/RS.

Na manhã, cedinho de domingo, dia 09 de janeiro de 2022, saio de minha casa, próximo das 6 horas, em direção à Bagé, sentido Oeste/Leste pela BR 293, percorrendo 70 quilômetros até Bagé. Passo, sigo na BR 293 por mais 35 quilômetros até a entrada de Hulha Negra. Viro à direita e sigo em direção a Trigolândia. Sigo por mais 18 quilômetros de uma estrada de chão, tranquila, bem cascalhada, com algumas pequenas valetinhas, que chamamos de “costelas”.

Viro à direita, ando mais sete quilômetros até chegar ao local de destino, no Assentamento da Reforma Agrária Conquista da Fronteira. É preciso dizer que consegui chegar só com ajuda do GPS, dada a quantidade de estradas e dobras que tinha no caminho.

Mas antes disso, ao sair da área urbana, passando logo em seguida a Trigolândia, se pode ver uma realidade bem distinta, os assentamentos. E são muitos na região.

Cabe observar também muitos assentamentos fazendo cultivo de soja, meio que dominando muitas das paisagens da região. Logicamente, não é demérito ao agricultor que faz esse tipo de cultura. Mas, isso pode ir de encontro às suas raízes, as raízes do movimento, alicerçadas na produção de alimentos, na subsistência, na boa utilização dos recursos provenientes da natureza. Não de *commodities*.

Mas não é essa a intenção deste relato, de forma alguma. Além do mais, talvez seja a forma com que essas famílias encontram meios de se reproduzir, de se manter. E esse assunto por si só já daria um novo, amplo e complexo estudo. Cabe a reflexão.

Falando sobre a experiência que vim conhecer, cheguei cedo, o pessoal estava se arrumando... fui recebido por Dona Arlete, carinhosamente chamada de Dona Preta, por sua netinha Amora (que estava passando uns dias com a avó) e sua filha mais nova, Analu. Dona Preta disse que o companheiro, Seu Kiko, já estava chegando. Ele estava limpando os peixes da pesca da noite.

Assim, começamos a conversa, já dentro da casa de material com divisórias de madeira. Sentamos na sala-cozinha onde tinha uma parede pintada com uma linda paisagem, feita por um visitante.

Dona Preta serve um mate, enquanto proseamos. Ela nos conta das origens, das lutas pela terra, dos acampamentos que passou até ter o seu pedaço de chão, a sua terra. Contas dos perrengues, das vezes que passou trabalho e necessidades em prol de seus direitos, de sua terra.

Mas também conta sobre grandes experiências e aprendizados. Da partilha da comida: *“se tinha um pacote de açúcar, tinha que compartilhar com todos. Se era uma lata de óleo, virava um pouquinho pra cada família”*.

Nos contou também que foi lá, que ainda jovem conheceu Seu Kiko, companheiro de lutas e de vida. Ela me mostrou uma fotografia que guarda com muito apreço, na parte alta da parede da cozinha. Essa foto retrata a primeira moradia do casal, já em Hulha Negra.

Um pequeno barraco, improvisado. Pois como ela disse, quando chegaram aqui não tinham nada! Só um pedaço de lona, um cobertor... Mas uma vontade imensa de trabalhar e batalhar pela vida. E foi o que se passou nos anos seguintes, desde 89, e a luta segue.

Dona Petra responde aos questionamentos, muito atenta, juntamente com Seu Kiko, que fez questão de também responder e isso só engrandece as respostas. E assim, entre um mate e uma conversa, Dona Arlete fazia café para as meninas e servia mate para seu esposo.

A entrevista deixa claro, diversas vezes, a questão da alimentação, da segurança alimentar, da necessidade de produzir comida. Produzir comida antes do dinheiro. Seu Kiko, sempre atento à conversa, sempre complementa ou exemplifica as questões.

O casal nos conta que, o movimento foi a base de toda sua vida, muito além de ter sua terra, mas uma filosofia de vida. Isso está presente nas falas deles, na casa, na unidade, no imaterial que aqui existe. Eles sempre lembram do compromisso com a causa.

Falando nisso, contam que um de seus filhos (três ao total), formou-se agrônomo, graças ao movimento e pautou seu trabalho única e exclusivamente na agroecologia. Por acreditar nos preceitos inerentes a esta filosofia de vida e de trabalho. Hoje ele está na Venezuela, onde presta assistência aos necessitados, ensinando agronomia, a partir da agroecologia e replicando a experiência de sua família, aqui em Hulha Negra.

A atividade comercial principal está ligada à produção de sementes de forrageira, entregues à cooperativa. Mas o primeiro destino dos produtos do campo, é a mesa da família. E produzem de tudo, trigo, milho, arroz, feijão. Inclusive, moem o trigo para fazer seus pães.

Hortaliças, as mais diversas possíveis, sendo até difícil de citar todos os cultivos. Frutas da mesma forma. Dona Preta transforma muitos desses produtos em geleias, doces, compotas, chimia etc. O que garante renda extra à família.

O mesmo ocorre com o queijo, já que as vezes sobra leite. Assim se produz mais um alimento e possibilita mais uma renda, com a venda de queijo e doces derivados do leite.

No que diz respeito ao território, eles vieram pra cá para reterritorializar! Criar um novo território, a partir da reforma agrária, baseada na produção de alimentos, sustento da família e cuidados com a Mãe-terra. Dona Preta inclusive, falas diversas vezes, se referindo à Mãe-terra, em respeito à terra e ao ambiente.

Assim chegamos ao final da gravação, ainda antes do meio-dia. E começamos nosso passeio, fazendo a travessia pela unidade da família.

Logo na saída pela lateral da casa, encontramos parreiras e ameixeiras. Provamos as frutas, muito doces e saborosas. Nos fundos da casa tem um grande quiosque, em formato circular, com estrutura de madeira, cobertura de telha de barro e piso de cimento.

Dona Preta explica, que ali é o local dos almoços, das reuniões, dos eventos. Anexo ao quiosque, está sendo construída uma peça, que vai abrigar a agroindústria familiar de Dona Arlete, um desejo antigo e projeto saindo do papel, que vai gerar mais renda ao casal, possibilitando o alcance de novos mercados.

Caminhamos em direção à direita da UFP, indo para o lado dos cultivos agrícolas em horta, estufas/viveiros e uma pequena agrofloresta. Muita comida sendo produzida aqui, inclusive um tomate que foi desenvolvido por uma integrante do assentamento. Aqui temos legumes, verduras, temperos e ervas, sendo produzidos próximos a frutas e árvores de madeira, lenha e sombra. O que configura uma agrofloresta.

Voltamos, caminho até a frente da casa, bem arborizada e que abriga por inúmeras espécies de árvores nativas e introduzidas. Caminho até a estrada, que passa na frente da unidade e vejo dois açudes, um de cada lado da estrada de acesso, já castigados pela seca que se faz presente na atualidade do Pampa Gaúcho.

Retorno a casa, caminhando pelo pátio e vou até o fundo da área doméstica, digamos assim. Aqui tem área de lazer para as crianças, galpão para utensílios, ferramentas e estoque, acesso ao galinheiro, área do tambo de leite e área de criação dos suínos. Tudo para consumo da família, vendendo o excedente.

Daqui do fundo, tenho vista de grande parte da UFP. Vejo o campo de sementes, as pequenas áreas de cereais, o gado pastando próximo à casa e lá no fundo, áreas de mato, chamadas por Seu Kiko de “barrocas”.

Como nem tudo são flores, a família trocou parte, lá do fundo de seu lote, por outra de mais fácil acesso e protegida da modernidade e efeitos da cultura da soja, praticada pelo vizinho de lote. Uma forma de assegurar a reprodução e a produção de alimentos encontrada pelo casal, mesmo com a não concordância de seu filho, e com caráter provisório.

Já passado do meio-dia, volto ao quiosque onde Dona Preta vai servir o almoço e fez questão que ficássemos. Uma comida produzida na unidade, um almoço autossustentável. Saladas verdes (folhas), saladas de tomate e outros, feijão temperado, uma forma de carne assada, de gado e frango, junto com batatas. Somente o arroz foi comprado, porque não conseguiram produzir na safra passada. Para acompanhar, suco de morango, da UFP é claro. A sobremesa foi uvas e ameixas, uma delícia!

Depois do almoço, paramos para mais uma prosa e pedi para Seu Kiko tocar sua gaita. Prontamente ele foi a casa e trouxe, junto também, um violão. Pronto! Feito os cantores! Tocamos algumas músicas dele, outras minhas, de forma improvisada, mas divertida. Já na hora de seguir caminho, por volta das 4 horas da tarde, ganho ameixas, uvas e tomates, arrancados no ato.

Pego a estrada de chão, saindo do assentamento, retornando logo à cidade de Hulha Negra para então acessar a BR 293, fazendo o trajeto de volta à Dom Pedrito. Cheguei perto das 18:30h, ao fim dos 110 quilômetros, fechando 220 ao total da andança.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Ao realizar a entrevista, estive com pessoas muito sérias e dedicadas à vida. Isso se reproduziu em sua família, casa, unidade familiar de produção, comercialização dos produtos, melhor dizendo, alimentos, relações sociais e por aí vai.

No que tange a agroecologia, é nítida que está pautada e é a base de toda e qualquer atividade feita pela família. Ou da melhor forma como eles podem fazer, obedecendo aos ciclos, as variedades, as espécies. Produzindo alimentos e gerando renda com o excedente. Engajados

política e socialmente com a comunidade do assentamento, lembrando das lutas, dos acampamentos, mas olhando para frente, para o novo.

Por falar em novo, esse é o papel que percebo neles, de promover o novo, que aqui vieram reterritorializar ou territorializar. Quebrar a dinâmica existente num território estagnado, de grandes latifúndios e fazendas.

Justamente por isso, pela vinda de fora, por ser o agente de mudança, há pouca ligação com o imaterial gaúcho propriamente dito. Eles trouxeram a cultura deles, as raízes alemãs e italianas de Seu Kiko e as raízes indígenas e negras de Dona Preta.

Cabe salientar que o fato de não estarem intimamente ligados à cultura Pampeana não os diminui, mas os faz diferentes, os novos, que vieram para restaurar o espaço. Donos de conceitos e das opiniões, ricos de natureza e autossustentáveis, preferem o alimento ao dinheiro, mas também precisam deste para viver. Com nós todos!

=*Bastidores desse trecho*=

A parte descontraída ficou nas músicas, do sertanejo raiz que o casal tocou e cantou, passando pelo rock de Raul Seixas e as gaúchas, como “Guri”. A música é universal.

Entrevista 11 – Pecuarista Familiar

Data: 15 de Janeiro de 2022 (Domingo)

Hora: 8h

Local: Rosário do Sul, 3 Picadas, Serra do Caverá – UFP

Nome do observador: Joélio Farias Maia

Visita a Unidade Familiar de Produção, Chácara Santa Maria, em Rosário do Sul/RS.

Bem cedo, por volta das 6 horas do dia 15/01/2022 saio de casa, num começo de manhã de certa forma nublado, o que me fez por um instante repensar se seguia adiante, pois não conhecia o trecho final da estrada. Mesmo assim fui, indo, indo...

Segui pela BR 293, sentido Leste-Oeste, cerca de 50 quilômetros até o Trevo da Faxina. Ali tomei a direita entrando na BR 158, sentido Sul-Norte, em direção ao município de Rosário do Sul, mais 76 quilômetros.

Um pouco antes do trevo com a BR 290 viro à esquerda numa estrada de chão, que sigo por mais 30 quilômetros (aproximadamente). Um bonito caminho, com a estrada de terra, por vezes vermelha, por outras amarela. Lá no fundo no horizonte, começo a avistar a Serra do Caverá, com alguns cerros se destacando e ficando mais próximos.

A instrução era seguir sempre reto, passar a primeira direita e entrar na segunda. E assim fiz, passando por muitas pequenas casas em meio aos cerros verdes, com a ponta em pedras. São formações bem íngremes, lembrando uma pirâmide, em sua aparência.

Indo pelo caminho, me topo com uma boiada, de frente. Paro e espero os animais passarem por mim, tocados pelos cachorros e por um guri a cavalo. Ando por mais alguns quilômetros e aos 144 percorridos chego ao local da visita.

Ao lado esquerdo da estrada, uma bonita chácara que se destaca na paisagem verde, é a Chácara Santa Maria, de propriedade de Seu Gilberto e família. Se destaca pelo capricho, a cerca de madeira, uma porteira bem gaúcha, com mata-burro e tudo. Tudo pintado de branco, num capricho extremo.

Quem nos recebe é D. Silvana (esposa de S. Gilberto). Ela nos oferece uma cadeira, embaixo de um Tarumã, árvore de copa muito exuberante e bonita. Logo Seu Gilberto chega, rodeado dos cachorros, nove ao total. São perto das 8 horas, quando começamos a conversar. Falar de tudo um pouco, com um apreço pelo campo, pela natureza e por seu lugar.

Como já comentei, o lugar é muito bonito! Na sombra descansa uma velha carreta de bois. A casa, toda branca está bem em destaque. Daqui pro fundo, tem dois bonitos cerros,

muito altos e grandes, que me fazem imaginar a paisagem à frente, pois a visão não é permitido daqui.

Junto à casa, Seu Gilberto tem um PTG – Piquete de Tradições Gaúchas, de nome “Querência Xucra”, que depois vou conhecer. Ao solicitar o começo da entrevista, Seu Gilberto diz que ainda não, que quer conversar mais “*tché!*” E que está muito cedo pra essas coisas. Assim passamos toda a manhã, conversando e debatendo sobre Seu Gilberto, sua família, sua UFP, sua relação com o campo, com os animais, com a natureza, enfim, com a vida do lugar todo.

Seu Gilberto conta que é a terceira geração no lugar, que ele tenha conhecimento de fato. Mas acredita que a relação é mais antiga, lá dos antepassados. Por falar em relação ou vínculo, ele faz questão de sempre deixar isso bem claro. Seu pertencimento, seu amor, seu afeto por este rico pedaço de chão, no meio do Pampa Gaúcho, nos pés da Serra do Caverá, literalmente, nas Três Picadas.

Por falar em história e cultura, isto está por toda a parte, nas carretas, nas rodas de carroças... mas quando se entra no galpão do PTG, é quase uma viagem no tempo. Galpão de madeira, bem simples e com muitos objetos do cotidiano gaúcho, relíquias como ele diz, guardados e cuidados pela família.

Vamos até os fundos das casas, Seu Gilberto quer mostrar um feito, muito entusiasmado. Trata-se de um galpão, feito de tijolo, pintado de branco, de nome “João Maria”, homenageando ao seus pais, que preserva a história de moradas e objetos antigos da família, que não posso descrever de tão numerosos e diversos.

Seu Gilberto conta que é músico, gaiteiro desde os seis anos, nos mostra seu primeiro CD, de título “Alma de Gaitero”, com músicas feitas por ele, contando um pouco da sua vida, sua história e de seu Pampa. Com muito apreço, recebo um disco como ele diz, de presente. O tempo passa rápido nessas bandas e já é quase meio-dia. Somos convidados a almoçar e à tarde seguir as atividades.

Mas antes, Seu Gilberto pega sua gaita e vamos até o PTG, ouvir um pouco de música gaúcha, - “*aqui é só gaúcha*”, diz ele com um sorriso no rosto. A canção escolhida é “Tributo a João e Maria”, que fala sobre seus pais e a preservação do galpão, de mesmo nome, muito bonita e harmoniosa por sinal.

Assim, chegamos ao meio-dia e é hora de degustar um almoço campeiro. Arroz, feijão, salada, mogango e pepino. Não podia faltar, é claro, o cordeiro. Seu Gilberto diz: - “*Prova o cordeiro, criado nas Três Picadas, gosto igual a esse tu não vai encontrar!*” De fato! Muito saboroso.

Após o almoço e as lidas da louça, Seu Gilberto diz que precisa “sestear”, dormir um cochilo, costume antigo dele, por pelo menos 15 minutos. Me oferece até uma cama, agradeço, mas aproveito para fazer mais uma parte da travessia pela UFP.

Por um dos lados da casa, tem um campo baixo, com terneiros já grandes pastando no campo nativo e na pastagem de milheto. Por outro lado, temos uma horta, com abóbora, batata, milho, entre outros diversos.

Ao fundo, um piquete com ovelhas junto à mangueira, bem ao pé da serra, formando uma bonita paisagem. Mais além, começa o mato nativo, onde as ovelhas se abrigam do sol forte e do tempo. Chego até um açude de reservatório de água, perto do campo de milheto e mais perto ainda da serra.

Essa por sinal, de nome Cerro do Pilar, é um grande monumento, coberto por mata com alguns afloramentos de pedra. Entre o campo baixo e a serra, tem cursos d'água que não visito, devido ao tempo e ao longo trajeto, mas pra lá é onde fica o gado.

Retorno às casas e logo Seu Gilberto está pronto para fazermos a entrevista. A conversa segue tranquila e em muito bom tom.

No que diz respeito ao território, este faz parte da vida, faz parte dele. Isso claramente em todas as suas falas. Muito enraizado no lugar e no imaginário, que aflora como as rochas do Cerro do Pilar.

Já sobre a agroecologia, fica nítido o estreitamento dos conceitos ou preceitos, ao cotidiano do entrevistado, expresso na sua fala. Só pela questão de usar os recursos da natureza, mas preservá-los e mantê-los ao mesmo tempo. Observar o campo, os ciclos, respeitar a vida. Valores agroecológicos. Ele se posicionou diversas vezes, a favor da ecologia e contra a modernização, do campo e das pessoas, a alteração do ciclo da vida.

Assim, juntando o ambiente e o imaterial, têm-se e muito a construção do território aqui neste chão. Muito pelas forças e ideias de Seu Gilberto e da família, aliado ao sentimento pelo campo, pela natureza, pelos animais e assim por diante.

No final da entrevista, uma bonita cena. Seu Gilberto sentado num banco de madeira, os cachorros na volta e seu cavalo, fazendo pose para foto. Ao fundo o Cerro, fechando a paisagem única no Pampa.

Como já escrevi aqui, o tempo passa rápido e já são por volta das 4 horas da tarde, hora de retornar à Dom Pedrito. Agradeço, me despeço, recebendo convites para voltar. E assim faço o compromisso. De resto é estrada até minha casa.

Algumas reflexões sobre a atividade, feitas durante a observação

Durante essa vivência, essa experiência, conheci pessoas incríveis, de muito valor, sérias e engajadas ao território Pampa Gaúcho. Essa coisa de raiz, de berço, de criação. Preservar a história, pensando no futuro, eis a questão!

A agroecologia, ele até conceituou. Usar os princípios e nortes da ecologia, aplicados à agricultura, pecuária neste caso. Saber que cada coisa, cada ser, tem seu papel no ambiente. Cuidar o pasto, os cachorros, o cavalo, a mata, a água... Cuidar da vida. É nítida essa questão pra ele.

História é outro fator primordial. Está nos objetos, nas fotos antigas, na música, na gaita. Mas acima de tudo, está viva e sendo escrita por Seu Gilberto, dia após dia! Sendo até cantada e repetida por este Rio Grande *véio*. Sinto neste momento que o território aqui construído transcende, salta aos olhos, parece que está no vento, no campo e nos bonitos cerros que cercam o local.

Assim, enquanto dirijo, reflito profundamente sobre a experiência vivenciada. Forte, densa e marcante, como o sabor do cordeiro, como o retrato da serra, como a música tocada por Seu Gilberto.

Donos dos conceitos, aplicador de ideias, defensor da causa, ele reflete e diz: - “*mas então tchê! Tenho meu próprio território!*” Todos os níveis foram alcançados, a legítima troca de conhecimento.

=*Bastidores desse trecho*=

No retorno, na BR 158, compro caldo de cana dos agricultores locais. Me deparo ainda com um foco de incêndio, que castiga o seco campo nativo, já próximo à Dom Pedrito. Uma tristeza.

Diário da Observação

=*Algumas considerações*=

Data: 25 de janeiro de 2022

Local: Minha casa, Dom Pedrito/RS.

Me permito neste espaço, traçar ou esboçar algumas considerações, que não tem a pretensão de tirar conclusões, tão pouco de finalizar o estudo que está em desenvolvimento.

Mas sim, de contar com maior liberdade, resumidamente um pouco das experiências que vivenciei.

Antes de tudo, cabe lembrar que este diário de campo faz parte de um trabalho maior e que compõe as técnicas de coleta de dados de minha futura dissertação. A qual já salta do papel, ou da tela do notebook.

Ao total, vivenciei onze experiências, espalhadas pelo Pampa Gaúcho, na Campanha Meridional, Central e Ocidental. Pelas anotações e visualizações no mapa, foram percorridos aproximadamente 1.600 quilômetros de estradas, asfalto, terra, pedra, barro e campo. Na companhia inseparável de “*Toro Roso*”, meu carro.

Na primeira visita em outubro/2021, aqui em Dom Pedrito, conheci o Campo dos Moranguinhos. Visitei melhor dizendo, um exemplo de agricultura familiar, fruticultura, produção de flores e inovação no Pampa Gaúcho. O sabor dos morangos é inconfundível.

Logo, peguei a estrada até o Alto Camaquã, nas Palmas. Me topei com uma festa gaúcha de marcação dos terneiros. Era gaúcho e gaúcha pra todo lado. Um churrasco de chão, com espeto na volta, um sabor marcante de ovelha, num território único em meio às pedras, matas e serras.

Na sequência, no mês de novembro/2021, peguei forte a estrada. Fui até Quaraí, conhecer duas experiências de agricultura, pessoas simples e muito dedicadas ao trabalho e a produção de alimentos. Fiz amizade com o Samuca (cordeiro guacho), provei legumes, rapadura (muito boa por sinal) e uma água de poço, bem gelada.

Depois chegamos à Livramento, mais duas visitas. Uma, agroecologia propriamente dita, o Rancho Canela do Mato, e outra por adaptação, mas que produz de tudo. Por lá provei queijos, sucos e geleias. Além de pêssegos, mandioca, cebola e por aí vai! Comida de pôr na mesa.

De volta a Dom Pedrito, visitei um Bioma, um território único, o Tacuarembó. Delimitado por dois rios e muito, mas muito peculiar. Por lá fui servido de conhecimento e natureza pura, livre e exuberante.

Ainda em Dom Pedrito, foi hora de ver os ovinos. O cuidado, o respeito com a natureza no Sítio dos Plátanos. O saboroso café em forma de salada de frutas, à luz de velas, pois tinha acabado a energia elétrica.

Já em janeiro/2022, peguei a estrada de chão até Lavras. Visitei um simpático e muito simples homem do campo, que nasceu na pedra e no mato, trabalhou a vida nas estâncias e hoje vive em seu rancho, plantando e criando com a força da natureza e de Deus!

Voltamos ao trecho de asfalto, dessa vez num assentamento em Hulha Negra. Apego à terra, produção de comida, história de vida. Ao final, música para acompanhar uma bela experiência vivida.

Por fim, toquei a Rosário do Sul, até o pé da Serra do Caverá, na Chácara Santa Maria. Tive aulas de Pampa, tanto físico, quanto imaterial. Eu vi e toquei na história, ouvi também, na música cantada pelo anfitrião. Um lugar singular.

Assim, com um pequeno trecho pelas costas, percorrido durante quatro meses, através do Pampa Gaúcho, acumulei terra, barro e pedras em minha pele. Mas vivi! Vivenciei muita coisa boa nessas experiências. Muita gente hospitaleira, humilde e dedicada, que faz do trabalho a vida, ou da vida o trabalho.

Alguns ligados ao ambiente, ao Bioma e todos os recursos disponíveis, os físicos e naturais, como é o caso da agricultura. Outros bem mais entrelaçados ao espaço, extremamente ligados e vinculados ao imaginário gaúcho e pampeano. Isso na pecuária, mas sem desconsiderar o ambiente, muito pelo contrário.

Mas como este texto não pretende tirar conclusões e nem é de fato minha intenção, aqui quis contar, registrar em palavras um pouco do muito que vivi, que aprendi, que troquei e que vou carregar comigo daqui pra frente. Em qualquer lugar que eu vá!

Se um dia tive acesso à preceitos, definições ou conceitos, nestes ricos dias eu os vi na prática, eu os vivi! Foi como se os textos dos livros saltassem da terra do Pampa, construindo e montando tudo, ali mesmo em minha cabeça.

Sou infinitamente grato à oportunidade! Grato aos agricultores e pecuaristas familiares, que muitas vezes paravam suas atividades para me receber, contar um pouco de suas vidas, ideias e sentimentos. Ao fazer meu trabalho, ganhei amigos!

Neste sentido, finalizo o texto e o diário de campo. Com a certeza de que adquiri muito por estes tempos e que não sou o mesmo que escreveu a primeira frase do projeto. Pois agora, vivenciei tudo o que li e escrevi. E vou escrever esta pequena história, as minhas andanças pelo Pampa Gaúcho, cada vez mais convencido sobre o território.

No Pampa Gaúcho, andei no sol, senti o vento, caminhei pelos campos, tomei banho de rio. Vi o sol nascer e a lua brilhar, clara como um dia. Ouvi histórias, memórias e músicas. E até toquei algumas. Eu juntei o material ao imaterial, eu construí o território, o toquei, o vivi, o senti. Muito além do Bioma, de um mapa, do campo. Um território!

FIM!